00141115

THE

ASIATIC SOCIETY OF BOMBAY

Town Hall, Bombay.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 16 June, 2016

CONTIN
DA AS
DE
JOÃO DE BARROS
POR
DIOGO DE COUTO.

Silva delin. *Froi sculp.*

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO
Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descubrimento das terras, e mares do Oriente.

DECADA QUARTA
PARTE PRIMEIRA.

Vol 4 Pt 1
B 1975
14.115
ac.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

00141115

VIDA
DE
DIOGO DE COUTO
Chroniſta do Eſtado da India, e Guarda mór da Torre do Tombo della.

Por MANOEL SEVERIM DE FARIA.

TEM tanta força as obras dos Homens doutos para fazer eſtimar ſeus Authores em toda a parte, que não ſómente ganham com particular affeição as vontades dos que os vem; mas ainda levam após ſi os deſejos dos auſentes para pertenderem ſua communicação. Eſtes me fizeram procurar com cartas deſde eſte Reyno a amizade de Diogo de Couto na India; e agora me obrigam a que ponha em lembrança a noticia, que alcancei de ſuas couſas, aſſi por cumprir em parte neſte officio com o que lhe devo, como por entender, que com iſſo faço huma obra agradavel a todo eſte Reyno, de que pelo muito que trabalhou no ſerviço público, com razão he tido por merecedor de outras avantajadas memorias.

Foi Diogo de Couto filho de Gaſpar de Couto, e de Iſábel Serrão de Calvos, peſſoas nobres, e ella foi filha de Vaſco Serrão de Calvos, por cuja via ficava Diogo

go

go de Couto segundo primo daquelle insigne Prégador, e grande Religioso o P. Luiz Alvares da Companhia de Jesus. Nasceo Diogo de Couto em Lisboa no anno de 1542. estando seu pai Gaspar de Couto em serviço do Infante D. Luiz, a quem o dera ElRey D. Manoel. Por esta razão entrou Diogo de Couto, como teve idade, no serviço do Infante, o qual o mandou estudar em Lisboa, e de onze annos começou a ouvir Grammatica entre os primeiros estudantes do Collegio de Santo Antão da Cidade, que foi o primeiro Collegio que a Religião da Companhia teve em toda Europa. Seu Mestre na lingua Latina foi o P. Manoel Alvares, célebre Humanista, e Author da Arte da Grammatica, que hoje se lê em todas as Universidades, e estudos; que a Companhia tem a seu cargo. A Rhetorica ouvio do P. Cypriano Soares, que compoz a Rhetorica, perque se ensina esta Arte nas escolas da Companhia. E se he verdadeira aquella Sentença, que o primeiro fervor, e motivo da sabedoria he a excellencia dos Mestres, com razão se podem ter em muito as obras de Diogo de Couto, pois além de serem nascidas de seu grande engenho, foi elle cultivado per tão célebres, e doutos varões daquelle tempo.

Acabados os estudos da Humanidade,

pa-

parou Diogo de Couto na continuação das escolas, porque ainda então se não liam em Lisboa mais que as letras humanas, e assi ficou continuando no serviço do Infante; o qual mandando algum tempo depois o Senhor D. Antonio seu filho ao Mosteiro de Bemfica para ouvir a Filosofia do santo varão Fr. Bartholomeu dos Martyres, que depois foi Arcebispo de Braga, vendo a boa, e natural habilidade, que já em Diogo de Couto se descubria, lho deo por condiscipulo. Aprendeo Diogo de Couto deste insigne Mestre não sómente as Artes liberaes, em que elle foi eruditissimo, mas juntamente as virtudes, que nelle mais resplandeciam, como bem o mostrou depois na temperança, modestia, e piedade, que em toda sua vida guardou, assi no estado de soldado, como no de Cidadão, sem lhe as delicias da India poderem fazer mudança nos costumes em tão largos annos, como teve de vida.

Falleceo o Infante ao tempo que Diogo de Couto acabava a Filosofia, e pouco depois desta perda recebeo a segunda com a morte de seu pai, e assi cortando-se-lhe o curso de suas esperanças, foi constrangido a mudar estado, e deixando as letras, seguio as armas, a que seu animo não pouco o inclinava. E como já naquelle tempo

não

não havia outra conquista, senão a do Oriente, por quanto ElRey D. João III. tinha largado os lugares de Africa, sustentando sómente aquelles que podiam servir de fronteira de Hespanha, determinou passar á India, como o fazia então a mór parte da nobreza de Portugal, por nesta empreza terem muitos em breve tempo ganhado honra, e proveito, o que sempre assi acontecêra, se os que depois vieram quizeram continuar no valor, e virtudes dos primeiros, que áquellas partes passáram, e não seguíram os vicios da sensualidade, e avareza, com que corrompêram aquelle tão bom procedimento antigo.

Embarcou-se Diogo de Couto no anno de 1556. militou na India oito annos, achando-se nos mais dos feitos assinalados de seu tempo, mostrando com particular valor, que as letras não impedem, antes favorecem as armas, como deram a entender antigamente os Gregos na imagem de Apollo, a quem pintavam armado de arco, e settas, e o veneravam juntamente por Deos das sciencias. Cumpridos dez annos de milicia contínua, tornou ao Reyno a requerer o premio de seus trabalhos; e ainda que chegou a Lisboa, quando com maior força ardia o mal de peste, que vulgarmente se chama grande, foi brevemente, e bem

despachado. Com este despacho se partio logo para a India, onde se casou na Cidade de Goa com Luiza de Mello, pessoa nobre, cujo irmão foi o P. Fr. Adeodato da Trindade, da Religião de Santo Agostinho, que depois cá no Reyno lhe assistio á impressão das suas Decadas.

Tanto que o estado de Cidadão pacifico, e livre das occupações da guerra, lhe deo lugar para se lograr do ocio, tornou a renovar no animo os antigos estudos das letras humanas; e assi por estas, como por sua cortezia, e boa condição, se fez mui conhecido na India, e amado de todos os doutos, nobres, e curiosos, e até dos Principes Pagãos daquellas partes.

Foi Diogo de Couto mui douto nas Mathematicas, e particularmente na Geografia; soube bem a lingua Latina, e Italiana, nas quaes compoz alguns Poemas, e assi na nossa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras lyricas, e pastoris; de que deixou hum grande tomo de Elegias, Eglogas, Canções, Sonetos, e Grosas. Teve particular amizade com o nosso excellente Poeta Luiz de Camões, o qual o consultou muitas vezes, e tomou seu parecer em alguns lugares dos seus Lusiadas, e a seu rogo commentou Diogo de Couto este seu heroico Poema, chegando com os

Com-

Commentarios até o quinto Canto, o qual não acabou de todo por outros impedimentos que lhe ocorrêram. Porém nem por isso deixam de ser muito estimados estes seus fragmentos; e em poder de D. Fernando de Castro Conego de Evora está o volume original delles, que foi de seu tio D. Fernando de Castro Pereira, a quem Diogo de Couto o inviou, por ser particular amigo seu.

Succedendo ElRey D. Filippe I. na Coroa destes Reynos, como era Principe tão prudente, e que sempre trazia nos olhos o bem commum de seus vassallos, desejou de mandar proseguir a historia da India, do tempo em que a deixou o nosso João de Barros, e que se continuassem as suas Decadas com o mesmo titulo, e estilo, pelo grande applauso, com que as tres primeiras foram recebidas em toda Europa. Para tão grande empreza foi nomeado a ElRey Diogo de Couto, ainda que estava morador em Goa, abrangendo tão longe a fama de suas partes. Encarregou-o ElRey desta obra com titulo de Chronista da India, a qual Diogo de Couto acceitou animosamente, e a trouxe a tão perfeito fim, como depois se vio.

A primeira cousa em que poz a mão, foi a decima Decada, por começar do dia; em

em que o mesmo Rey foi jurado, e recebido naquelle Estado, e assi lho mandar Sua Mágestade, mais, segundo parece, por pagar primeiro a divida em que estava aos Vassallos que o servíram naquellas partes, que pelo gosto que Tullio confessava ter ao historiador Luceio de ver suas proprias acções escritas em historia ainda em vida sua.

Por esta razão acabou a decima Decada, concluindo-a com o governo de Manoel de Sousa. Estimou ElRey muito esta obra, e a agradeceo a Diogo de Couto por carta sua, encommendando-lhe de novo, que tornando atrás com a historia continuasse as Decadas do tempo, em que João de Barros as deixára. Obedeceo Diogo de Couto, e com grande brevidade compoz a quarta Decada, e assi a quinta, sexta, e setima, undecima, e duodecima.

A oitava, e nona acabou no anno de 1614. no qual querendo-as mandar ao Reyno, enfermou tão gravemente, que esteve desconfiado da vida. Com esta occasião lhe desapparecêram estes dous volumes de casa, tomando-os alguem para se depois aproveitar dos trabalhos alheios. Mas foi Deos servido de dar saude, e forças a Diogo de Couto (que já neste tempo era de setenta e dous annos) para das lembranças, que lhe ficáram, e da memoria, que a tinha felicissi-

ſima, ajuntár outra vez o que naquellas duas Decadas tratava; de que fez hum ſó volume; recupilando nelle as couſas de mór importancia, e relatando as maiores mais largamente, com que ſe remediou eſte furto de maneira, que quando alguma hora apparecerem, aſſi pela ordem, como pela materia, publicaráõ claramente ſeu Author.

Deſtas Decadas eſtam ſómente até agora impreſſas a quarta, quinta, ſexta, ſetima; porém á ſexta ſuccedeo hum grande deſaſtre, e foi, que eſtando a impreſsão acabada em caſa do impreſſor, ſe accendeo o fogo nas caſas, e ardêram todos os volumes, eſcapando ſómente ſeis delles, que acaſo eſtavam já em o Convento de Santo Agoſtinho de Lisboa. As mais Decadas não ſahíram ainda á luz, e quando faleceo Diogo de Couto ficáram em poder do P. Fr. Adeodato da Trindade ſeu cunhado.

O eſtilo, que neſtas Decadas guardou Diogo de Couto, he muito claro, e chão, mas cheio de ſentenças, e com que julga as acções de cada hum, e moſtra as cauſas dos ſucceſſos adverſos, e proſperos, que naquellas partes tiveram os Portuguezes. Porém ainda que neſta parte póde ſer com outros comparado na verdade do que eſcreve, que he a alma da hiſtoria, no que trata dos Principes do Oriente, nos coſtumes

da-

daquelles póvos; e remotas Provincias, na ſituação da ſua verdadeira Geografia, levou a muitos conhecida vantagem; como ſe póde claramente ver das ſuas Decadas, nas quaes ſe moſtram os erros, que neſtas materias tiveram os que antes delle eſcrevêram as couſas do Oriente. Para eſta noticia, além da grande applicação, com que ſe deo ao eſtudo dos Geografos antigos, e modernos, lhe valeo a aſſiſtencia, que teve naquellas partes por mais de ſincoenta annos, nos quaes vio por razão da milicia, e commercio muitos daquelles Reynos; e depois ſendo Cidadão de Goa, cabeça daquelle Eſtado, pode bem alcançar a verdade dos ſucceſſos que refere, pois naquella Cidade aſſiſtem todos os Viſo-Reys, e della ſahem todas as Armadas, e a ella ſe tornam a recolher, de maneira, que recebeo as informações dos meſmos que ſe acháram nas emprezas, e a tempo que as teſtemunhas de viſta, que na meſma Cidade havia, os obrigavam a fallar verdade. A eſta razão ſe lhe accreſcentou outra, que foi a do officio de Guarda mór da Torre do Tombo do Eſtado da India, o qual cargo lhe deo ElRey D. Filippe I. quando mandou ordenar eſte arquivo pelo Viſo-Rey Mathias d'Alboquerque, no qual ſe recolhêram todos os contratos de Pazes, Proviſões, Regiſtos de Chan-

Chancellaria; e os mais papeis de importancia, que costumavam andar em poder do Secretario, e de outras pessoas daquelle Estado, com que lhe ficou huma noticia original de tudo o tocante áquella historia, donde com razão podemos ter esta por não menos verdadeira, que a de Polibio, e Salustio, a quem este desejo levou de Grecia a Italia, e de Italia a Numidia, para verem os sitios das Provincias, de que haviam de escrever, e alcançar as informações dos feitos, de que tratavam; dos quaes (por serem passados muitos annos antes) de força lhe faltaria a noticia em muitas partes essenciaes; tendo juntamente o mesmo tempo mudada a face das terras, e lugares, como cada dia vemos.

Não he menos de estimar esta obra por sua grandeza; porque além de escrever Diogo de Couto noventa livros nestas nove Decadas, numero a que raros Escritores chegáram, foi toda esta historia escrita por elle novamente, e não tomada de outros Authores, no que se mostra bem a grandeza, e valor de seu engenho, a que não chegou Livio, ainda que lhe excedeo no numero dos volumes, por quanto a maior parte de sua historia foi tomada de outros, e principalmente de Polibio, o qual tambem confessa de si, que das obras que muitos Escri-

to-

toires tinham publicado de cada conquista dos Romanos em particular, compuzera a sua universal historia. Mas Diogo de Couto foi o primeiro que tirou á luz a historia da India, do tempo, em que a deixou João de Barros, (senão foi o que até o principio do governo de Nuno da Cunha tinha escrito Fernão de Castanheda;) por quanto a quarta Decada de João de Barros, que acaba com o governo do mesmo Nuno da Cunha, sahio muitos annos depois.

Para aperfeiçoar esta obra, e dar huma consummada noticia do Oriente, compoz outro livro, a que chamou *Epilogo da historia da India*, no qual, tratando de cada fortaleza nossa, aponta as cousas principaes que alli acontecêram, as em que faltáram os nossos Historiadores, e outras, que de novo foram succedendo, de maneira, que neste volume está summariamente tudo o que toca á historia, commercio, e policia Oriental, accommodando o estilo a este compendio com muita clareza, e brevidade. Não foi menos eloquente no estilo Oratorio; porque além do que se vê nas suas Decadas, que não he pouco, por insigne nesta faculdade foi escolhido para fazer as praticas aos mais dos Governadores, e Viso-Reys, que em seu tempo entráram em Goa; mas isto não era só pela linguagem, e ornato de

pa-

palavras com que fallava; mas pela verdade, e desengano com que as dizia, das quaes algumas andam impressas; que não desdizem de seu Author.

Acompanhou a Diogo de Couto desde seus primeiros annos hum grande zelo do bem público da patria; que junto com o entendimento, e experiencia, de que era dotado, lhe fez considerar ás causas de alguns inconvenientes, que havia no governo da Républica, e principalmente no estado da India, onde elle assistia, e onde por ausencia dos Reys, e excessos dos Ministros hiam as desordens a maior crescimento. Para remediar este mal, vivendo ainda ElRey D. Sebastião, compoz hum livro, a que chamou o *Soldado pratico*; no qual introduzio per modo de Dialogo hum Viso-Rey novamente eleito, fallando com certo soldado velho da India, que andava na Corte em seus requerimentos; para se informar das cousas que lhe importavam para a jornada, e do mais que tocava ao governo da Fazenda Real, e milicia daquelle Estado; e em todas estas cousas aponta com cortezão estilo, e brevidade o que se deve seguir, ou evitar, dando os exemplos, e razões fundamentaes de maneira, que póde ser huma excellente instrucção para aquelle governo. Porém antes de aper-

fei-

feiçoar esta obra, lhe foi furtado o original della, e sem mais o poder haver ás mãos, chegou a este Reyno sem nome de Author, aonde se trasladáram algumas copias, que foram tidas em grande estima dos que as puderam haver. Sendo disto advertido no anno de 1610. por hum amigo seu, tornou a reformar esta obra, ou quasi a fazella de novo, porque introduzio por pessoas do Dialogo hum Governador, que tinha sido da India, com hum Soldado pratico della, ambos em casa de hum despachador, tratando sobre as cousas daquelle Estado, trazendo-as ao tempo presente, com tanta ponderação, e juizo, que não sómente póde servir de norte aos que o governarem, mas em todo o tempo de claro desengano das cousas delle. Esta obra dedicou ao Marquez de Alemquer, e o original está na livraria de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, a quem elle o mandou.

Este zelo da honra da patria lhe fez escrever hum livro, contra o que compoz o P. Fr. Luiz de Urreta Dominico, da historia, e policia do Reyno da Ethiopia, a que vulgarmente chamamos *Preste João*, no qual o Padre com a pouca noticia que tinha do Oriente, e sem ler as historias da India, nem deste Reyno, (como quem escreveo entre os bosques, e delicias de Valen-

ça, ſem ver mais que hum ſó homem, que o informou, e a quem (creo) diſſe muitas couſas contra toda a verdade da hiſtoria, ſendo todo o ſeu livro huma obra fabuloſa, e temeraria. E poſto que os Padres Fernão Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia tinham reſpondido ao P. Urreta com particulares Apologias; os meſmos Padres da Companhia de Goa pedíram a Diogo de Couto reſpondeſſe tambem pela honra deſte Reyno, o que elle fez, eſtando já quaſi com o corpo na ſepultura; mas com tanto vigor de animo, que bem parece que ſe lhe faltavam as forças corporaes, que as do entendimento hiam ſempre em maior perfeição. Eſte livro trouxeram os Padres da India ao Arcebiſpo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes per ordem de ſeu Author.

Com eſtas occupações não pode acabar de todo outra empreza, que deixou começada para luz do commercio da India, em que tratava de todos os tempos, e monções, em que ſe navega para todas as partes do Oriente, e dos pezos, medidas, e moedas, com todas as mais couſas que a eſte particular pertenciam.

Neſtas taes obras gaſtou Diogo de Couto a maior parte de ſua idade, exercitando o talento que lhe foi entregue, como bom, e util ſervo, até o anno de 1616. no qual ſendo de 74. annos o levou Deos para ſi,

ſab-

ſabbado a 10. de Dezembro, para lhe dar o premio que ſuas obras merecêram. Foi Diogo de Couto, homem de meã eſtatura, de alegre, e veneravel preſença, olhos vivos, côr atereciada, o nariz algum tanto aquilino; mui laborioſo, como o moſtra a multidão de ſeus eſcritos, teve grande conſelho, e por eſſa cauſa era chamado muitas vezes dos Vice-Reys a elle nos negocios de mór importancia. Era pouco cubiçoſo, que para homem, que viveo tantos annos na India, he grande maravilha, e aſſi foi mais rico de partes, e merecimentos que de fazenda, poſto que eſta lhe não faltou em ſeu eſtado, com que ſempre paſſou honradamente.

De ſua mulher, com que viveo largos annos, teve huma ſó filha, que morreo antes de caſar, donde não ficou delle geração, o que os antigos julgavam por infelicidade, porém não tal, que lhe poſſa tirar a bemaventurança, que os meſmos antigos tinham por grande, que era eſcrever feitos alheios, e dar materia para que ſe eſcreveſſem os ſeus proprios, o que elle fez na ſua milicia, e hiſtoria, compondo, e pelejando. Pelo que com razão lhe puzeram aquelle Diſtico ao pé de ſeu retrato, que como eſtava immortal, lhe imprimíram nas ſuas Decadas, que diz:

Exprimit effigies, quod ſolum in Cæſare viſum eſt.
Hiſtoriam calamo tractat, & arma manu.

NOTICIA DOS AUTHORES, QUE ESCREVERAM DE

DIOGO DE COUTO,

E Catalogo das Obras, que compoz, extrahidas da Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado Tom. 1. pag. 648. até 649. e Tom. 4. pag. 98.

ESCreveo a sua Vida o douto Manoel Severim de Faria nos discursos varios desde *pag.* 148. *até* 157. Nicoláo Antonio *Bibl. Hisp. T.* 1. *pag.* 215. *col.* 1. fallando delle, diz: *Studiis denuo se restituens rebus quidem per totos quinquaginta annos terra, marique in isto Orientis orbe gestis sive miles prius, sive Proregum familiaris, & ad negotiorum momenta subinde admissus non sine magno rerum Lusitanarum incremento haud minus animo; attentaque observatione, quam præsentia interfuit.* João Soares de Brito *in Theatr. Lusit. Lit. D. num.* 12. *Hist. da Etiop. Alt. Liv.* 1. *Cap.* 27. *e Liv.* 2. *Cap.* 7. *insigne Historiador.* Niceron *Memor. pour servir a l'Hist. des Hom. Illust. Tom.* 12. *pag.* 94. Sousa *Flor. de Hespan. Cap.* 8. *excell.* 11. *num.* 7. Morery *Diccion.* verb. *Couto.* Antonio de Leão *Bibl. Ind. Tit.* 3. Faria Elencho dos Authores Portug. no principio do Tom. I. da *Asia Portug.* D. Francisco Manoel na *Carta dos Authores Portug.* escrita ao Doutor Themudo.

Ca-

Catalogo das obras, que sahíram á luz pública da impressão.

Decada quarta da Asia dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descubrimento das terras, e mares do Oriente, em quanto governáram a India Lopo Vaz de Sampaio, e parte de Nuno da Cunha. Lisboa por Pedro Crasbeeck no Collegio de Santo Agostinho 1602. fol.

Decada quinta da Asia, &c. em quanto governáram a India Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Estevão da Gama, Martim Affonso de Sousa. Lisboa pelo dito Impressor 1612. fol.

Decada sexta da Asia, &c. em quanto governáram a India D. João de Castro, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e D. Affonso de Noronha. Lisboa pelo dito Impressor 1614. fol.

Decada setima da Asia, &c. em quanto governáram D. Pedro Mascarenhas, Francisco Barreto, D. Constantino, o Conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, e João de Mendoça. Lisboa pelo dito Impressor 1616. fol.

Decada oitava da Asia, &c. em quanto governáram a India D. Antão de Noronha, e D. Luiz de Ataide. Lisboa por João da Costa, e Diogo Soares 1673. fol.

Sin-

Sinco livros da Decada Duodecima da historia da India. París 1645. fol. Comprehende o governo do Vice-Rey D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira, que sahio á luz pública por diligencia do Capitão Manoel Fernandes Villa-real, Consul dos Portuguezes na Corte de París.

Todas estas Decadas com a Nona, que nunca foi impressa, sahíram novamente á luz pública em 3. Tomos com Indices muito copiosos na Officina da Musica. Anno 1736. fol.

Da Decada Decima foram sómente impressas 120. paginas, e de toda ella ha algumas cópias, que constão de dez livros.

A Undecima Decada nunca se descubrio, applicando-se infructuosamente multiplicadas diligencias para que apparecesse, a qual certamente escreveo, como testemunha o grave Antiquario Manoel Severim de Faria na Vida *de Diogo de Couto*, pag. 152.

Falla que fez em nome da Camera de Goa a André Furtado de Mendoça, indo por Governador da India em successão do Conde da Feira D. João Pereira, dia do Espirito Santo de 1609. Lisboa por Vicente Alvares 1610. fol.

Relação do naufragio da não S. Thomé na terra dos Fumos no anno de 1589. e dos grandes trabalhos, que passou D. Paulo de Li-

Lima nas terras da Cafraria até sua morte. Sahio impressa *na historia Tragico-Maritima*, Tom. 2. a pag. 155. até 213. Foi escrita esta relação em o anno de 1611. á instancia de D. Anna de Lima irmã do dito D. Paulo de Lima.

Vida de D. Paulo de Lima Pereira Capitão mór de Armadas do Estado da India, com huma descripção desde a terra dos Fumos até ao Cabo das Correntes. Lisboa por José Filippe 1765. 8.

Obras Manuscritas.

Epilogo da historia da India. Nelle trata de cada fortaleza nossa, e o que succedeo mais digno de memoria.

Soldado perfeito. Nesta obra introduz por modo de Dialogo hum Vice-Rey novamente eleito, fallando com hum soldado veterano da India, que andava na Corte requerendo para se informar de tudo, que pertence á arrecadação da fazenda Real, e milicia daquelle Estado, sendo huma excellente instrucção para o que deve obrar hum Vice-Rey. Antes de pôr a ultima mão a esta obra lhe desappareceo o original, o qual chegando a este Reyno sem nome do seu Author, se extrahíram delle algumas cópias; porém sendo advertido por hum seu amigo, a reformou em o anno de 1610. e

sa-

ſahio com eſte titulo : *Dialogo entre hum Fidalgo, e hum Soldado da India.* Dedicado ao Marquez de Alemquer. O original ſe conſerva na livraria do Conde do Vimieiro.

Hiſtoria do Reyno da Ethiopia, chamado vulgarmente Preſte João, contra as falſidades, que neſta materia eſcreveo Fr. Luiz Urreta Dominicano. Foi offerecida eſta obra pelos Padres Jeſuitas ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes.

Commento ás Luſiadas de Luiz de Camões feito á petição deſte incomparavel Poeta, em cuja empreza não paſſou do quinto Canto, que conſervava D. Fernando de Caſtro Conego de Evora por lho ter deixado ſeu tio D. Fernando de Caſtro Pereira, a quem o Author o tinha remettido.

Poezias varias. Conſtavam de Elegias, Eglogas, Sonetos, Canções, e Glozas.

Falla que fez na Camera de Goa ao Conde D. Franciſco da Gama, quando nella puzeram o retrato de ſeu biſavô D. Vaſco da Gama. Começa: *A couſa de que ſe prezavam aquellas famoſas Républicas, &c.*

Falla que fez ao Vice-Rey Ayres de Saldanha, quando entrou em Goa a rogo da Cidade. Começa: *Aquelle grande Theopompo Rey dos Lacedemonios, &c.*

Oração que tinha feito para o dia que

ſe

ſe levantaſſe a Eſtatua do Conde Almirante a ſegunda vez que ſe reſtituio a ſeu lugar donde a tiráram, a qual não houve effeito. Começa: *Aquelle Principe de toda a eloquencia Latina M. Tullio Cicerão, &c.*

Oração que fez a rogo da Cidade de Goa ao Vice-Rey D. Martim Affonſo de Caſtro, quando entrou na Cidade de Goa. Começa: *Daquelle grande Alexandre Monarca do Mundo, &c.*

Oração que fez ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando por morte do Vice-Rey D. Martim Affonſo de Caſtro ſuccedeo na governança da India em 11 *de Fevereiro de* 1608. Começa: *Eſcrevem graviſſimos Authores, &c.*

Oração que fez ao Vice-Rey Lourenço Pires de Tavora, quando entrou na Cidade de Goa. Começa: *Hoje que me era neceſſario hum animo arrebatado, hum eſpirito fervoroſo, &c.*

Oração que tinha feito pera o dia da entrada do Vice-Rey D. Jeronymo de Azevedo. Todas eſtas orações conſervava na ſua grande Bibliotheca o inſigne Antiquario Manoel Severim de Faria.

Tratado de todas as couſas ſuccedidas ao valoroſo Capitão D. Vaſco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India no deſcubrimento, e

con-

conquiſta do mar , e terras do Oriente , e de todas as vezes , que á India paſſou , e das couſas , que ſuccedêram nella a todos ſeus filhos. Dirigido a D. Franciſco da Gama , Conde da Vidigueira , Almirante do mar Indio , e Vice-Rey da India. Fol. Ms. Conſta de duas partes , a primeira comprehende vinte e oito capitulos , e a ſegunda trinta. Foi feito em Goa a 16. de Novembro de 1599.

De todos os tempos , e monções , em que ſe navega para todas as partes do Oriente , e dos pezos , medidas , e moedas , com tudo o mais pertencente a eſte argumento. Eſta obra não acabou impedido pela morte.

AO INVICTISSIMO MONARCA DE HESPANHA D. FILIPPE REY DE PORTUGAL O PRIMEIRO DESTE NOME.

EPISTOLA.

A COUSA a que a Natureza mais inclinou todas as creaturas assi racionaes, como irracionaes (segundo os Filosofos affirmam, INVICTISSIMO MONARCA) foi a conservação de sua propria especie, trabalhando por produzirem outras semelhantes a si. Mas ao homem como mais excellente de todas lhe deo além disto hum appetite quasi sobrenatural, que he desejar, e solicitar mais que tudo a conservação de seu proprio nome, trabalhando por deixar delle huma memoria eterna por feitos, e obras he-

heroicas, antes que por imperios, Reynos, e ſenhorios. Diſto temos hum muito claro exemplo no grande Alexandre, que ſendo já ſenhor do Mundo, quando parecia que a cubiça humana eſtavá ſatisfeita, então lhe entrâram novas invejas, vendo o ſepulcro de Achiles, porque não tinha outro Homero pera lhe acabar de rematar ſua bemaventurança, pera em tudo ſer maior que todos. E por tanto maior tinha eſta gloria de ficar no Mundo vivendo por fama, que o imperio de todo elle; pois eſtando pera morrer, não deixou ſeus Reynos a ſeu filho polo não achar digno delles, ſenão ao virtuoſo Perdica, porque aſſi accreſcentava mais em ſua fama, que não quiz arriſcar no filho pola inclinação que lhe ſintio. A meſma opinião teve Phartes Rey dos Parthos, que tendo tambem filhos deixou ſeus Reynos ao famoſo Mithridates, porque eſperava com ſeus feitos perpetuar mais ſua memoria. Apôs eſte appetite natural corriam aquelles famo-

ſos

ſos Capitães Themiſtocles, e Julio Ceſar, quando hum muito penſativo dizia, que os troféos de Milciades o não deixavam quietar; e o outro quando vio em hum templo eſculpidas algumas façanhas de Alexandre, entriſteceo-ſe, por ſe ver em idade em que o outro conquiſtou o Mundo, e elle não tinha feito nada. E aſſi he na verdade; porque nenhuma couſa puxa mais por hum varão de honra, que eſtes deſejos de gloria, e fama, porque tantos obráram, e fizeram tantas, e tão altas maravilhas, que pareciam paſſar os termos, e limites da natureza humana. Iſto ſintio muito bem Thucidides, quando dizia que aquelle ſería famoſo, e grande que correſſe após aquillo que andava mais perto da inveja; entendendo que neceſſariamente havia ella de andar após a virtude; que he o meſmo que Plutarco affirma. Deſta gloria eram os antigos Gregos tão amigos, que o mór galardão, que davam aos ſeus famoſos, eram eſtatuas, que ſe punham em lu-

gares publicos pera memoria. E assi custumavam a dar a seus noveis escudos brancos, pera que fazendo façanhas tão notaveis, que merecessem ficar em memoria, as pudessem pintar nelles, pera com isso os obrigarem a fazerem feitos dignos de serem por elles eternizados. Isto significou Virgilio no quarto livro de sua Æneida fallando de Heleno, dizendo que morreo na guerra com seu escudo branco sem gloria; porque o matáram tão moço, que não teve tempo de fazer cousa digna de se pintar nelle. E este tão glorioso costume guardáram aquelles famosos Principes D. Reimão de S. Gil de Proença, D. Reimão de Tolosa, e Dom Henrique seu sobrinho, de quem VOSSA MAGESTADE direitamente descende. Que sahindo juntos pelo Mundo a ganhar fama, leváram os escudos brancos, e com elles chegáram ao Reyno de Castella, e ajudáram a ElRey D. Affonso o Sexto contra os Mouros, e pelos galardoar os casou com tres filhas. E des-

tas

tas coube em ſorte a D. Henrique o ſenhorio de Portugal, que ſeu filho Dom Affonſo Henriques tanto dilatou. Eſte valeroſo Principe depois daquella tão famoſa, e milagroſa vitoria do Campo de Ourique, em que venceo os ſinco Reys Mouros, logo pintou em ſeu eſcudo, que ainda era branco, aquelle ſinal de noſſa Redempção, que noſſo Senhor por muito particular mimo, e mercê lhe quiz moſtrar no ceo por lhe dar eſperanças da vitoria. Eſtas armas, por ſerem tão glorioſamente ganhadas, deixou por herança aos Reys de Portugal, como VOSSA MAGESTADE as tem. Eſta gloria das eſtatuas, e dos eſcudos brancos paſſáram depois os Athenienſes ás eſcrituras, por verem que as imagens, e pinturas eram mudas, e não podiam recitar ſeus feitos. Daqui ſe eſtendêram aos Romanos, e a todas as mais nações do Mundo, tão deſejoſas todas de huma perpétua fama, que lhe não fica couſa, que não ſeja logo por muitos, e varios modos eſcrita. Só

a eſ-

a esta nossa nação Portugueza faltou esta gloria, como se fora menos merecedora della, de que nós mesmos temos a culpa, parecendo-nos que só o obrar feitos illustres, e insignes nos basta; não vendo que esta gloria em cada hum se passa, e que estoutra vive em todos eternamente; e que assi ficam sendo suas obras mortas, como o estavam muitas, e mui dignas de grandes escrituras, que neste Oriente passáram; que em toda a outra nação haviam de andar em mil volumes por espantosas ao Mundo. Esta perda, que tanto nos deve envergonhar, quiz VOSSA MAGESTADE remediar com me mandar proseguisse a Historia da India, começando donde João de Barros acabou, pera que sahissem á luz os feitos, que estes vassallos Portuguezes tem obrado nestes Estados. E tanta ventagem faz esta mercê a todas as que fez a todos, depois que herdou essa Coroa de Portugal, quanto vai da vida á morte, e do que sempre dura ao que logo se acaba. Porque os

juros, as fortalezas, as commendas, as tenças, e tudo mais de que encheo todos os Portuguezes assi desses Reynos, como destes Estados, cousas foram que acabáram já em muitos, e não tardará muito que o faça em os mais. Mas ter VOSSA MAGESTADE tanta lembrança de todos, que até os que acabáram, já ha tantos annos, quiz que participassem da grandeza de suas mercês, mandando-me que lhe traga seus feitos á luz, cousa foi em que parece quiz imitar a Deos, que he em resuscitar mortos pera tornarem a viver em fama outra vida, que nunca se acabará em quanto durar o Mundo. E nisto quiz VOSSA MAGESTADE tambem remediar o descuido Portuguez tanto pera estranhar, que as Decadas de João de Barros nosso natural (que assi por sua muita erudição, como pelos grandes feitos que de seus naturaes escreveo, são dignas de muita estima) áffi foram estimadas de nós, que não houve mais que a primeira impressão, que o tem-

po tem tão consumida, que não sei se ha em Portugal dez volumes, e na India hum só. O que não he em Italia; onde andam traduzidas por Affonso Ulhoa, e dirigidas a Guilhermo Gonzaga terceiro Duque de Mantua. E foram tão estimadas delle, e o são hoje de todos os Grandes, que as trazem ás cabeceiras das camas, como Alexandre trazia a Iliada de Homero. E certo, que vendo tamanho esquecimento, puderamos cuidar que por algum occulto juizo de Deos não merecemos andar na memoria dos homens; não negando, que o mesmo Senhor nos tem feito muito particulares mercês nas muitas, e raras vitorias, que dos inimigos de sua Santa Fé cada dia alcançamos, como pelo decurso da historia se verá. Fui ainda continuando por Decadas por seguir a João de Barros, como VOSSA MAGESTADE me mandou. E porque elle acabou com a morte do Governador D. Henrique de Menezes, que na governança da India succedeo ao Conde

Al-

Almirante, comecei com a succeſsão de Pero Maſcarenhas, e differenças que teve com Lopo Vaz de Sampaio, que neſta Decada ſe verão. E tenho acabadas ſeis Decadas, as tres cumprindo o tempo de 28. annos, e nove Governadores. Pero Maſcarenhas; e Lopo Vaz de Sampaio, que conto por hum, por governarem ambos juntos, e de Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Eſtevão da Gama, Martim Affonſo de Souſa, D. João de Caſtro, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e D. Affonſo de Noronha. As outras tres Decadas começam no dia que VOSSA MAGESTADE foi jurado por Rey neſtes Eſtados; e a primeira contém o tempo de tres Governadores, ſc. Fernão Teles, D. Franciſco Maſcarenhas, e D. Duarte de Menezes. Eſtas tinha feitas quando VOSSA MAGESTADE me mandou tornar atrás. O tempo que fica em meio (tendo vida, e favor de VOSSA MAGESTADE) trabalharei por eſcrever. Eſte volume, que contém em ſi a quarta Decada,

offereço humilmente aos pés de VOSSA MAGESTADE. E só com pôr os olhos nelle haverei por muito bem empregadas todas as despezas, e trabalhos de tantos annos quantos gastei, e despendi em ajuntar cousas tão esquecidas. Ahi verá VOSSA MAGESTADE as muito grandes, e admiraveis façanhas feitas por aquelles antigos Governadores, que com haver tão poucos annos que foram, parecem cousas sonhadas, assi pelo esquecimento em que estavam, como pela mudança que o tempo tem feito em tudo. E he bem saiba VOSSA MAGESTADE a causa dellas, que verá pelo decurso da historia. E esta era a razão, porque Demetrio Falereo aconselhava a ElRey Ptolomeu que se occupasse em ler livros, porque nelles achavam os Reys cousas, que ninguem lhes ousava dizer pessoalmente. Pelo decurso destas Decadas verá VOSSA MAGESTADE nos raros, e espantosos feitos, que estes seus vassallos tem feito, e cada dia fazem, com quanta mais razão póde dizer por elles o que dizia

Pir-

Pirro, que ſe tivera os Romanos por ſoldados, que facilmente fora ſenhor do Mundo, ou elles ſe o tiveram a elle por Capitão. E pois nós temos em VOSSA MAGESTADE outro Pirro, e elle neſtes ſeus vaſſallos Portuguezes outros Romanos; mande-os, porque elles lhe levaráõ ſuas columnas mais adiante, e pollas-hão onde Semiramis, e Alexandre não chegáram. E elles com a eſpada, e eu com a penna moſtraremos ao Mundo, que aſſi como em VOSSA MAGESTADE ſe acha a ventura de Ceſar, a prudencia de Fabio, o esforço de Scipião; aſſi lhe não falta a humanidade, e clemencia de Filippo pera com os ſeus, com o que romperáõ com hum animo ſeguro por todos os perigos da vida, até arvorarem as Reaes bandeiras da milicia de Chriſto, e as pôrem nos mais altos coruchéos da nefanda caſa de Mafamede; pera que no lugar de ſuas torpezas, e abominações, offereçam ao Altiſſimo Deos muitos ſacrificios de louvor, com que o nome de VOSSA MAGES-

TADE fique muito aſſima de todos os que celébra a Fama. Deſta Cidade de Goa a vinte de Novembro de 1597. annos.

Diogo de Couto.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA IV.

LIVRO I.

CAP. I. *De como por morte do Governador D. Henrique de Menezes succedeo na governança da India Pero Mascarenhas, que estava por Capitão de Malaca: e do modo por que Affonso Mexia Veador da fazenda abrio a terceira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio.* Pag. 1.

CAP. II. *De como Affonso Mexia entregou a India a Lopo Vaz de Sampaio: e de como o Governador se partio pera Goa: e da grande vitoria que houve de huma Armada do Çamory no rio de Bacanor.* 7.

CAP. III. *Do que o Governador passou em Goa com Francisco Deça, Capitão daquella Cidade, sobre o não querer receber nella: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de como o Governador partio pera Ormuz.* 18.

CAP IV. *Do que aconteceo a Eitor da Silveira no estreito de Méca: e de como foi ter a Maçuá, e mandou buscar D. Rodri-*

drigo de Lima ao Preste João: e do que lhe succedeo na viagem de Ormuz. 24.

CAP. V. *Do que aconteceo a Eitor da Silveira na viagem até Ormuz: e de como o Governador recebeo o Embaixador do Preste João.* 31.

CAP. VI. *De como Affonso Mexia mandou a Malaca chamar o Governador Pero Mascarenhas: e do que elle fez depois que soube as novas: e do que aconteceo na jornada a Martim Affonso Jusarte, e a Francisco de Sá.* 37.

CAP. VII. *De como Eitor da Silveira partio de Ormuz a esperar ás náos de Méca: e de como Melique Az Capitão de Dio tratou de dar aquella fortaleza aos Portuguezes. Do fundamento daquella Ilha, e do tempo em que os Mouros conquistáram aquelle Reyno: e do que passou Eitor da Silveira com Melique Az.* 42.

CAP. VIII. *De como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Silveira, e elle se foi pera Chaul sem concluir em nada: e de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traição, e a entregou a ElRey de Cambaya.* 52.

CAP. IX. *Da Armada que este anno de vinte e seis partio do Reyno: e das novas successões que ElRey mandou: e de co-*

como Affonso Mexia Veador da fazenda abrio a primeira succeſsão, em que ſuccedeo Lopo Vaz de Sampaio. 61.

CAP. X. *Do que fez o Governador em Cochim; e das náos que partíram pera o Reyno; e de como ElRey D. João recebeo o Embaixador Abexi.* 71.

LIVRO II.

CAP. I. *Da origem, e principio do Reyno, e Reys de Malaca: e do tempo em que recebêram a lei de Mafamede: e do fundamento, e deſcripção da Ilha de Bintão.* Pag. 80.

CAP. II. *De como Pero Maſcarenhas partio pera Bintão, e de como desbaratou huma Armada d'ElRey de Pão: e do grande trabalho que os noſſos tiveram na entrada do rio.* 87.

CAP. III. *De como os inimigos commettêram o navio de Fernão Serrão, e do riſco em que ſe vio: e de como o Governador o ſoccorreo, e commetteo a Cidade de Bintão, e a tomou.* 92.

CAP. IV. *Do alvoroço que havia na gente da India ſobre o governo de Lopo Vaz de Sampaio: e de como ſe elle fez preſtes pera ir buſcar as galés dos Rumes.* 103.

CAP. V. *Do que aconteceo a Pero Maſca-*

ca-

carenhas até chegar a Cochim: e de como Affonso Mexia lhe defendeo a desembarcação: e do que passou em Cananor, e de como se partio em hum catú pera Goa. 110.

CAP. VI. *Do que fez Lopo Vaz de Sampaio tanto que teve novas de Pero Mascarenhas: e de como o mandou esperar na barra, e o prendêram em ferros, e o levâram a Cananor.* 117.

CAP. VII. *Do que Christovão de Sousa Capitão de Chaul escreveo a Lopo Vaz de Sampaio sobre as cousas de Pero Mascarenhas: e de como chegou a Goa prezo Rax Xarrafo Guazil de Ormuz: e dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampaio.* 125.

CAP. VIII. *Das revoltas, que em Goa houve sobre as cousas dos dous Governadores: e de como Eitor da Silveira, e Diogo da Silveira se lançáram da parte de Pero Mascarenhas.* 133.

CAP. IX. *Do protesto, que Pero Mascarenhas mandou aos Vereadores, e Fidalgos de Goa: e de como os apresentáram a Lopo Vaz de Sampaio.* 139.

CAP. X. *Do que Lopo Vaz respondeo aos protestos de Pero Mascarenhas.* 147.

CAP. XI. *De como os do bando de Pero*

Mas-

Mascarenhas tratáram de prender Lopo Vaz, e das uniões que sobre isso houve: e de como Lopo Vaz os foi prender a todos. 155.

LIVRO III.

CAP. I. *Do que aconteceo na jornada de Francisco de Sá, e da descripção da Ilha de Jaoa, e de qual he a maior, e menor de Marco Polo: e de como Francisco de Mello rendeo huma náo de Turcos na barra de Achem.* Pag. 163.

CAP. II. *De como D. Garcia Henriques fez pazes com ElRey de Tidore, e a razão porque logo as quebrou, e de como faleceo aquelle Rey: e das suspeitas que houve ser ajudado a isso com peçonha que se lhe deo.* 173.

CAP. III. *Do que aconteceo a D. Jorge de Menezes na jornada de Maluco; e de como descubrio as Ilhas dos Papuas: e da Armada que partio de Castella pera aquellas Ilhas de Maluco, e da derrota que levou até chegar a ellas.* 178.

CAP. IV. *De como D. Jorge de Menezes chegou a Maluco, e de como fez tregoas com os Castelhanos, que se quebráram logo: e de como faleceo ElRey Bayano, e succedeo seu Irmão Ayalo. E de como El-*

ElRey de Lobu matou os Portuguezes que estavam em seu porto, e tomou huma galé por engano. 192.

CAP. V. *De como D. Simão de Menezes soltou Pero Mascarenhas: e dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz: e da Armada que este anno de vinte e sete partio de Portugal: e de como duas náos della se perdêram na Ilha de S. Lourenço.* 199.

CAP. VI. *Da Armada, que o Turco Soleimão mandava contra os Portuguezes: e das differenças que houve entre os Capitães: e de como matáram o General, e a Armada se desfez.* 208.

CAP. VII. *De hum assinado, que Antonio de Miranda de Azevedo deo a Pero Mascarenhas de lhe obedecer: e do que assentáram o mesmo Antonio de Miranda, e Christovão de Sousa sobre as cousas dantre os Governadores.* 218.

CAP. VIII. *De como se mostrou a pauta a Lopo Vaz, e de como jurou de a cumprir, e se partio pera Cochim, aonde se havia de julgar a contenda: e do que passou em Cananor com Pero Mascarenhas.* 227.

CAP. IX. *De algumas desavenças, que houve em Cochim entre os Governadores: e de como se accrescentáram mais dous* Jui-

Juizes por parte de Lopo Vaz, e do que mais passou. 235.

LIVRO IV.

CAP. I. *Dos Juizes que se accrescentáram de novo: e de como se deo a sentença por Lopo Vaz de Sampaio: e de como Pero Mascarenhas se embarcou pera o Reyno.* Pag. 241.

CAP. II. *Do que passou D. Jorge Capitão de Maluco com D. Garcia Henrique sobre certos apontamentos que levava, e de como mandou a Malaca pedir soccorro, e prendeo D. Garcia em ferros.* 250.

CAP. III. *De como os de D. Garcia o induzíram que prendesse D. Jorge: e de como o fez, e se metteo na fortaleza.* 257.

CAP. IV. *Do que fizeram os amigos de D. Jorge sabendo sua prizão: e das cousas que succedêram até o soltarem: e do que aconteceo aos que D. Jorge tinha mandado a Borneo.* 263.

CAP. V. *Das cousas em que o Governador provêo, em quanto esteve em Cochim: e das Armadas, que despachou pera fóra: e da grande vitoria, que D. João Deça houve de huma Armada de Calecut: e de*

de como Christovão de Mendoça foi entrar na fortaleza de Ormuz, e da morte do Guazil Rax Hamede. 272.

CAP. VI. *Do que aconteceo a Antonio de Miranda no estreito do mar Roxo, e das prezas que fez.* 278.

CAP. VII. *De como Simão de Sousa Galvão, que hia pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem: e da grande, e espantosa batalha que teve com huma Armada sua, em que foi morto, e a galé tomada.* 282.

CAP. VIII. *De como Gonçalo Gomes de Azevedo, que hia pera Maluco, chegou a Banda, e do que alli passou com D. Garcia Henriques: e de como chegou a Tidore Alvaro de Sayavedra Ceron, que partio da nova Hespanha, e do que aconteceo a D. Jorge com elle.* 292.

CAP. IX. *Do que aconteceo a Antonio de Miranda, que invernou em Ormuz: e de como Diogo de Mesquita foi cativo da Armada de Cambaya, e foi mettido em huma bombarda, pera que se fizesse Mouro, e da grande constancia que teve: e de como esta Armada pelejou com Henrique de Macedo, e da brava batalha que tiveram.* 304.

CAP. X. *Do que aconteceo na jornada a Martim Affonso de Mello Juzarte: e de co-*

como se perdeo na costa de Bengala: e dos grandes trabalhos que passou até ser cativo. 312.

LIVRO V.

CAP. I. *De como ElRey D. João mandou por Governador da India Nuno da Cunha: e do que aconteceo na jornada.* Pag. 325.

CAP. II. *Do que succedeo ás mais náos da companhia do Governador Nuno da Cunha: e de como elle se perdeo na Ilha de S. Lourenço: e do que aconteceo á gente da companhia de Manoel de Lacerda.* 333.

CAP. III. *De huma Armada nossa, que partio de Cochim, e se perdeo no rio de Chatuá: e de como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio pera Cochim, e desbaratou huma grande Armada do Çamorim.* 339.

CAP. IV. *De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio destruio o Arel de Porca: e da Armada que do Reyno partio: e do que lhes aconteceo na jornada até chegar a Cochim.* 348.

CAP. V. *De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio foi avisado de huma Armada de Cambaya que andava fóra: e de co-*

como a foi buscar, e pelejou com ella, e a desbaratou de todo. 352.

CAP. VI. *Da guerra que Heitor da Silveira fez na costa de Cambaya: e de como destruio a Cidade de Baçaim, e as Villas de Taná, Bombaim, e outras: e do que o Governador Lopo Vaz de Sampaio fez em Goa, e do que aconteceo no Malavar.* 362.

CAP. VII. *De como Christovão de Mendoça Capitão de Ormuz mandou Antonio Tenreyro por terra ao Reyno com as novas das galés, e da jornada que este homem fez pelo deserto de Arabia: e de como chegou ao Reyno, e ElRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz a prender Rax Xarrafo.* 370.

CAP. VIII. *Das cousas que acontecêram em Malaca até chegar Garcia de Sá: dos ardís de que o Achem usou com Pero de Faria, por ver se podia colher em seu porto algum navio: e de outras cousas que mais passáram.* 378.

CAP. IX. *De como ElRey do Achem tomou por engano hum galeão, de que era Capitão Manoel Pacheco: e de como foram descubertos huns tratos que Sinaya de Raya Chely de Malaca trazia com o do Achem, e de como foi morto.* 385.

DE-

DECADA QUARTA.

LIVRO I.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente, em quanto governáram a India Lopo Vaz de Sampaio, e parte de Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

De como por morte do Governador Dom Henrique de Menezes succedeo na governança da India Pero Mascarenhas, que estava por Capitão de Malaca: e do modo por que Affonso Mexia Veador da fazenda abrio a terceira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio.

FALECIDO o Governador Dom Henrique de Menezes na fortaleza de Cananor, no fim de Janeiro deste anno de 1526, em que com o favor Divino entramos, como no fim da terceira Decada

de João de Barros se conta, estando seu corpo depositado na Capella da Igreja, sendo presentes D. Simão de Menezes Capitão de Cananor, Affonso Mexia Veador da fazenda, Vicente Pegado Secretario do Estado, o Licenciado João de Osouro Ouvidor Geral, D. Vasco Deça, Ruy Vaz Pereira, Dom Affonso de Menezes filho do Conde de Cantanhede, Manoel de Brito, Antonio da Silva de Campo maior, Lopo de Mesquita, e Diogo de Mesquita ambos irmãos, Diogo da Silveira, Manoel de Macedo, Antonio de Miranda de Azevedo, Dom Vasco de Lima, Martim Affonso de Mello Jusarte, D. Jorge de Menezes, D. Antonio da Silveira, D. Jorge de Castro, Francisco de Ataíde, e outros Fidalgos, e cavalleiros. E presentes todos, abrio o Veador da fazenda hum cofre, em que estavam guardadas as succefsões da governança da India, que eram tres, que trouxe comsigo o Conde Almirante D. Vasco da Gama quando veio por Viso-Rey, que foram as primeiras que á India vieram; porque antes delle não havia esta ordem, nem nós pudemos saber a que ElRey D. Manoel tinha dado, sendo caso que falecesse o Governador da India; porque nem João de Barros, nem Damião de Goes o declararam. Aberto o cofre, tirou o Veador da fazenda delle a segunda succef-

cessão, porque a primeira fora aberta por morte do mesmo Conde Almirante, na qual tinha succedido D. Henrique de Menezes; cujo corpo estava presente; e dando a successão ao Secretario, elle a amostrou a todos pera que vissem que estava serrada, e sellada com o sêllo das armas Reaes sem se nella bolir, nem tocar, e a deo ao Capitão, e ao Ouvidor geral pera que a examinassem bem, e elles a tornáram ao Secretario que a abrio, e achou-se nella Pero Mascarenhas, que estava por Capitão de Malaca. Este Alvará de successão mostrava ser feito em Evora aos 10. dias de Fevereiro de 1524. Nomeado Pero Mascarenhas por Governador, ficáram todos embaraçados; porque não podia vir de Malaca senão dalli a quatorze mezes. E porque se não pudéram logo determinar no que se devia fazer; enterráram o corpo do Governador D. Henrique de Menezes. Ao outro dia se ajuntáram todos em casa do Capitão, onde o Veador da fazenda lhes fez huma breve falla; em que lhes representava as necessidades em que o Estado estava; assi pelas novas que havia de galés de Rumes, como pela guerra que estava aberta com Cambaya, e com o Çamorim; pera o que era necessario tomar-se determinação sobre aquelle negocio do Governador, pois Pero Mascarenhas estava

tão longe. Sobre isto se movêram grandes alterações, sendo quasi todos de parecer que se esperasse por Pero Mascarenhas, e que entretanto se ordenassem regentes, que governassem em seu lugar. Estando a cousa assi baralhada em porfias, disse o Licenciado João de Osouro, que se se pudera saber qual era o Fidalgo da terceira successão, que esse se poderia eleger pera aquelle negocio. Affonso Mexia deitando a orelha áquelle ponto disse: *Que máo seria, Senhores, abrir-se a terceira successão, e entregar-se este governo ao que nella estiver, jurando primeiro todos os que aqui estam, que qualquer, que se achar nella governará a India até vir Pero Mascarenhas, a quem a tornará a entregar; e que tanto que elle chegasse, nenhum conheceria mais outro Governador senão a elle?* Não pareceo mal aquillo a alguns Fidalgos, que cuidavam poderiam succeder naquelle lugar, dizendo, que o melhor meio, que naquelle negocio se pudéra tomar, era aquelle; mas só D. Vasco Deça, reprovando aquelle parecer, fallou muito alto, dizendo, que nas successões da India se não podia bulir senão pela ordem que ElRey mandava, que era por falecimento da pessoa que governasse o Estado; e que Pero Mascarenhas, que succederá per morte do Governador D. Henrique, estava vivo,

e que

e que abrindo-ſe outra ſucceſsão, ſe daria materia a grandes divisões; porque pela ventura que o homem, que ſuccedeſſe na outra via, não quereria depois entregar a India a Pero Maſcarenhas, no que forçado havia de haver deſconcertos, e bandos; porque Pero Maſcarenhas era hum Fidalgo muito cavalleiro, de grandes merecimentos, e muito aparentado, e que das deſavenças que diſſo ſuccedeſſem, todos os que preſentes eſtavam haviam de dar conta a ElRey. Pareceo iſto tão bem a alguns que eſtavam do outro parecer, que ſe retratáram, e diſſeram, que aquillo, que D. Vaſco Deça tinha dito, era o que cumpria ao ſerviço de Deos, e d'ElRey, e que elles eram do meſmo parecer. Mas o Veador da fazenda como ficava então ſendo a primeira peſſoa da India pelos poderes de ſeu cargo, diſſe, que elle tomava ſobre ſi aquelle negocio, e que ſe abriria a ſucceſsão, e o que nella ſe achaſſe aſſinaria hum auto, em que ſe obrigaſſe a entregar a India a Pero Maſcarenhas; e que elle Veador da fazenda com todos os Fidalgos, e Officiaes, que alli eſtavam, fariam hum juramento ſolemne, que lhe fariam entregar a India tanto que chegaſſe de Malaca. E logo o Ouvidor geral deo juramento a todos, que obedeceriam a Pero Maſcarenhas tanto que vieſſe, e não ao que gover-

naſ-

naſſe pela terceira ſucceſsão, porque não havia de ſer Governador mais que até ſua vinda. Diſto tudo fez o Secretario Vicente Pegado hum auto, em que ſe aſſináram todos, e juntos na Igreja tiráram a terceira ſucceſsão, e abrindo-a, achou-ſe nella Lopo Vaz de Sampaio, que eſtava por Capitão de Cochim. Eſte Alvará moſtrava ſer tambem feito em Evora aos 26. de Fevereiro do anno de 1524. dezeſeis dias depois do de Pero Maſcarenhas, e logo alli o Veador da fazenda, e todos os que tinham aſſinado no auto, tornáram a ratificar o paſſado, jurando de novo de não obedecerem a Lopo Vaz mais que até á hora que chegaſſe Pero Maſcarenhas, a que logo fariam entregar a India. Diſto tornou o Secretario fazer outro auto, em que todos ſe tornáram a aſſinar, que foi feito aos 3. de Fevereiro de 1526. e logo ſe embarcáram todos pera Cochim pera irem entregar o governo a Lopo Vaz de Sampaio.

CA-

CAPITULO II.

De como Affonſo Mexia entregou a India a Lopo Vaz de Sampaio: e de como o Governador ſe partio pera Goa: e da grande vitoria que houve de huma Armada do Çamory no rio de Bacanor.

POucos dias puzeram o Veador da fazenda, e todos aquelles Fidalgos até Cochim, e deſembarcando em terra, ſe ajuntáram logo na Sé, onde mandáram chamar Lopo Vaz de Sampaio, e o Veador da fazenda lhe deo conta do que eſtava aſſentado, e lhe leo os autos, e juramentos que eſtavam feitos entre todos aquelles Fidalgos, e Capitães primeiro que ſe abriſſe a terceira ſucceſsão em que elle eſtava, notificando-lhe o modo de como havia de ter o governo, que era até vir Pero Maſcarenhas, a quem todos haviam de obedecer como a verdadeiro Governador. E acceitando Lopo Vaz a ſucceſsão por aquelle modo, logo alli ſe lhe deo juramento em hum Miſſal, que tanto que Pero Maſcarenhas vieſſe lhe entregaria a governança, e elle ficaria depois como peſſoa privada, e debaixo de ſua jurdição: e de tudo iſto fez o Secretario outro auto em que Lopo Vaz ſe aſſinou,

nou, e com elle o Veador da fazenda, Fidalgos, Capitães, e todos os Officiaes da juſtiça, e fazenda, os quaes tornáram a jurar de novo de obedecer a Pero Maſcarenhas tanto que chegaſſe de Malaca. Acabado eſte auto, foi logo Lopo Vaz entregue da governança da India, dando a omenagem della pela fórma coſtumada nos Reynos de Portugal, declarando nella que governaria até chegar Pero Maſcarenhas, que era o legitimo Governador, a quem logo a entregaria. Daqui por diante começou Lopo Vaz de Sampaio a correr com ſuas obrigações, e a primeira couſa em que proveo foi na capitanía de Cochim, que deo a Dom Vaſco Deça, e em deſpachar pera Bengála Ruy Vaz Pereira, a quem deo aquella viagem, que era de muito proveito. E dando ordem a muitas couſas, embarcou-ſe com muita preſſa por ſer aviſado que no rio de Bacanor eſtava huma grande Armada de Calecut, de que era Capitão CotialeMarcá Mouro grande coſſairo. Levava o Governador alguns galeões, de que eram Capitães Diogo da Silveira da Tereva, D. Affonſo de Menezes, D. Pedro Manoel, Manoel de Brito, Manoel de Macedo, Antonio da Silva, Diogo de Meſquita, Lopo de Meſquita, a fóra alguns catures, e navios de remo, cuja cópia, e Capitães não achámos.

O Governador hia embarcado na galé baſtarda, de que era Capitão D. Vaſco de Lima, e com toda eſta Armada ſe fez á véla a dezeſeis de Fevereiro; e tomando Cananor, achou cartas de D. Jorge Téllo, e de Pero de Faria, que eſtavam com dous galeões no Malavar, em que lhe faziam a ſaber que ficavam ſobre a barra do rio Bacanor, e que tinham dentro encerrada huma Armada do Camori de mais de ſetenta vélas, em que havia mais de tres mil Mouros, e que eſtavam favorecidos de hum Capitão d'ElRey de Narſinga, cuja a terra era, que tinha derredor de vinte mil homens. Tanto que o Governador vio as cartas, e que ſoube o poder dos inimigos, vendo que em toda a ſua Armada não haveria mais de ſetecentos homens, deſpedio hum catúr muito ligeiro pera Goa com cartas a Chriſtovão de Souſa, e a Antonio da Silveira, que lá eſtavam com ſeus galeões, pera que logo ſe foſſem pera elle; e deſpedio Manoel de Brito no ſeu galeão, pera que ſe foſſe ajuntar com D. Jorge, e Pero de Faria no rio de Bacanor, pera que a Armada dos inimigos não pudeſſe ſahir pera fóra. Partidos eſtes navios, tomou o Governador alguns mantimentos, e agua, e logo ſe fez á véla. Cotiale Capitão mór da Armada Malavar logo foi aviſado de como o Governador era partido de Cochim em

em busca delle; e não se atrevendo a pelejar com os galeões, que estavam sobre a barra, determinou de o esperar em terra, pera o que mandou com muita brevidade fazer defronte da Cidade, onde tinha a Armada, algumas tranqueiras, em que assestou muita artilheria, e no rio de huma, e de outra parte mandou atravessar muitas estacadas de páos grossos pera impedir a passagem aos nossos navios, deixando-lhe pelo meio hum canal tão estreito, que não pudessem por elle entrar senão hum, e hum a fio, pera das tranqueiras os metterem no fundo; e de humas estacadas a outras mandou atravessar viradores grossos por de baixo da agua, pera que os navios encalhassem nelles. O Governador foi seguindo sua viagem até chegar a Bacanor, onde surgio, e soube daquelles Capitães o modo de como os inimigos estavam fortificados, fazendo-lhes a entrada duvidosa; mas o Governador como era muito cavalleiro, e fóra de todo o medo, sem embargo de todas as difficuldades que lhe representavam, determinou de entrar o rio, e pelejar com os inimigos em terra, sem esperar pelos Capitães que tinha mandado chamar a Goa, e mandou logo ordenar em quatro batéis grandes, e fortes, mantas, e arrombadas, e em cada hum mandou metter hum camelo de marca grande

pe-

pera baterem as eſtancias; e pondo eſte negocio em conſelho, diſſe nelle a todos os Capitães, que a elle lhe parecia bem commetter os inimigos ſem eſperar pela Armada de Goa, porque não era credito do eſtado deixar-ſe eſtar ſóbre aquella barra ſem a entrar, e ir commetter os inimigos em ſuas tranqueiras, porque haveriam elles que os receava, que o eſtado da India não ſe havia de ſuſtentar, e dilatar ſenão com a reputação, e opinião com que ſe ganhou, a qual tanto que os Portuguezes a perdeſſem com os inimigos, logo ſe perderia tudo, e que ſobre iſto lhe podiam livremente dizer o que lhes parecia. E votando aquelles Capitães, fôram todos de parecer, que ſe não arriſcaſſe o eſtado da India em hum feito tão duvidoſo, e em que nada ſe ganhava, antes ſe perderia muito, acontecendo hum deſaſtre, que o tempo não fugia, que os inimigos dentro os tinham ſeguros, que ſe eſperaſſe pelos Capitães que tinha mandado chamar a Goa, e que então ſe commetteſſem os inimigos, e que Deos lhe daria a vitoria; mas que era neceſſario ter-ſe primeiro alguns cumprimentos com o Capitão d'ElRey de Biſnagá que alli eſtava, pois era amigo do Eſtado. Alguns cuidáram, que alguns deſtes Capitães de inveja de Lopo Vaz governar a India lhe queriam tirar aquella vitoria, e honra das

das mãos. E Fernão Lopes de Caſtanheda diz, que andavam os mais delles pejados no governo de Lopo Vaz, porque cuidava cada hum que lhe cabia àquelle lugar melhor que a elle: o que parece foi imaginação, porque primeiro que Lopo Vaz foſſe entregue da India, podiam elles eſtorvallo, por ſerem muitos, e muito principaes Fidalgos; que ſe quizeram, não conſentíram a Affonſo Mexia o que fez, nem acceitáram em Cochim a Lopo Vaz por Governador; mas a verdade he, que o feito era temerario, que na vitoria todos haviam de ter tamanho quinhão como Lopo Vaz. Vendo elle todos aquelles Capitães daquelle voto, diſſe, que ficaſſe a couſa ſem ſe reſumir até ver o rio, o que elle em peſſoa queria fazer de madrugada, e até mandar recado ao Capitão d'ElRey de Biſnagá. E logo deſpedio hum Mouro, que ſe lançou em terra com recado áquelle Capitão, em que lhe fazia a ſaber, que elle era alli chegado pera pelejar com aquella Armada do Camorim, que era inimigo do Eſtado da India, e que ſoubera eſtar elle Capitão alli; e como ElRey de Portugal era grande amigo do de Biſnagá, e elle como quem eſtava em ſeu lugar não queria deſervillo em nada, lhe pedia que lhe mandaſſe entregar aquelles navios que eſtavam dentro, pois eram de Mouros ſeus ini-

inimigos, senão que soubesse de certo que os havia de ir buscar, e que não quizesse elle romper a paz, que estava feita entre seus Reys, porque o de Bisnagá não se haveria por servido delle. Este recado se deo ao Capitão, que respondeo, que aquella Armada se recolhêra naquelle rio, e que não era licito entregalla elle, pois se recolhêram alli de baixo do amparo, e favor d'ElRey de Bisnagá: e que ainda que elle os quizesse entregar, os Mouros estavam tão fortes que se não atrevia com elles: que se elle os queria ir tomar, que muito bem o podia fazer, porque elle se não sahiria da sua Cidade, nem lhe daria favor, e ajuda. Esta resposta veio já de noite, com a qual o Governador se determinou de ir pelejar com os Mouros. E sendo meio quarto d'alva rendido, escolheo tres catúres os mais ligeiros de todos, e embarcando-se em hum, levou comsigo os outros, dos quaes eram Capitães Manoel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo, e com a enchente foi entrando pelo rio, e notando o modo das estacadas: isto não pode ser em tanto silencio, que não fossem sentidos dos Mouros, que descarregáram nelles huma tempestade de bombardas, que lhes não fizeram damno, por irem os catúres cosidos com a terra. O Governador foi passando por todos os pelouros até chegar

a ver

a ver as tranqueiras, que esteve reconhecendo á sua vontade, sem as bombardadas que choviam sobre elle o divertirem. Depois de bem notado tudo, tornou a voltar pelo rio a baixo, e mandou por homens de confiança cortar os cabos, que atravessavam as estacadas, deixando o caminho desimpedido. Chegada a Armada, mandou chamar os Capitães, e lhes deo conta do que vio, facilitando-lhes a desembarcação, e vitoria; mas nem com isso deixáram de lhe dizer, que se esperasse pela gente de Goa, com o que o Governador sobreesteve, porque não quiz commetter este feito contra vontade dos homens, porque o gosto, e o desgosto delles algumas, e muitas vezes dá, e tira a vitoria; mas todavia não tardáram os de Goa dous dias que não chegassem, trazendo Christovão de Sousa, e Antonio da Silveira nos seus galeões de ventagem de trezentos homens. O Governador fez novo ajuntamento, e tornou a tratar o negocio, dando de novo informação do que víra, para aquelles Capitães que eram chegados de novo saberem o que passava. E tornando a votar sobre aquillo, foram os mais dos primeiros de parecer, que se havia de dissimular com aquelle negocio, assi pelo feito ser temerario, como por não romper com o Rey de Bisnagá, cuja a terra era; mas Chris-

to-

tovão de Sousa, e Antonio da Silveira dis-
seram, que em nenhum modo deixassem de
commetter os inimigos de toda a maneira que
estivessem, ainda que se arriscasse tudo; por-
que se deixassem de o fazer, cobrariam os
Mouros tanto brio, que os iriam commet-
ter dentro a Goa; que pera o Governador da
India dissimular, não havia de tomar aquel-
la barra; mas já que estava sobre ella, e ti-
nha mandado recado ao Capitão d'ElRey
de Bisnagá de cumprimentos, que não con-
vinha ao credito, e reputação dos Portugue-
zes, e do Estado deixar de commetter os inimi-
gos. Assentado nisto, em que quasi todos
tornáram a conformar, deo-lhes o Gover-
nador recado: que se fizessem prestes pera o
outro dia, que eram vinte e cinco de Fe-
vereiro, ordenando alli com os Capitães o
modo que se havia de ter na desembarca-
ção, que havia de ser por esta maneira. As
quatro barcaças na dianteira, pera investi-
rem as estacadas, e baterem as tranqueiras;
e nellas poz Capitães de muita confiança,
de que não acho os nomes mais que a Ma-
noel de Brito, e Paio Rodrigues de Arau-
jo. Após os batéis havia de entrar o Capi-
tão mór do Malavar D. Jorge Téllo com
todos os navios de remo, os Capitães dos
galeões em seus batéis, e em outros navios;
e detrás de todos o Governador com alguns
Ca-

Capitães velhos. E fazendo-ſe todos preſtes no quarto d'alva, foram entrando o rio com grande eſtrondo de pifaros, tambores, trombetas, e outros inſtrumentos de guerra, paſſando as barcaças pelas eſtacadas, fazendo caminho aos catúres até pojarem de fronte das tranqueiras, indo rompendo por meio de nuvens de bombardadas, e eſpingardadas, e fréchadas; e pondo-ſe a tiro de eſpingarda, começáram a bater as eſtancias dos Mouros, em que fizeram grande damno até chegar toda a Armada. D. Jorge Téllo, que levava a dianteira, endireitou com a terra por meio daquella infernalidade, indo já de miſtura com elles Manoel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo, que ſe paſſáram a navios pequenos, deixando as barcaças á bateria, e pojando em terra ſaltáram dos dianteiros Manoel de Brito, e Paio Rodrigues com huma companhia de ſoldados, e apôs elles o Capitão mór com perto de quinhentos homens, e poſtos em terra, acháram os Mouros fóra das tranqueiras, que os eſperavam com grande determinação; e travando com elles huma formoſa batalha, em que houve damno de parte a parte, foram os noſſos lançando os inimigos do campo, e mettendo-os pelas tranqueiras, onde ſe defendêram com muito valor muito grande eſpaço. Mas como os noſſos

ſos hiam com aquelle furor, e determinação, paſſando por todos aquelles impedimentos, e riſcos, cavalgáram as tranqueiras; onde fizeram nos inimigos grande eſtrago, e vendo-ſe tão apertados, largáram tudo, e acolhêram-ſe á Cidade, que eſtava hum pouco pelo ſertão, na qual eſtava o Capitão d'ElRey de Narſinga com toda a gente poſta em armas pera a defender, ſe os noſſos a quizeſſem commetter. O Governador, que vio noſſas bandeiras arvoradas nas tranqueiras, chegou a ellas, e mandou tocar a recolher, e diſſe aos Fidalgos velhos que ſe puzeſſem nas portas que hiam pera o ſertão, pera que não deixaſſem ſahir ninguem pera fóra, porque receou que houveſſe algum deſarranjo, e que quizeſſem os ſoldados ſeguir os Mouros até á Cidade, onde eſtava o Capitão d'ElRey de Narſinga, já que lhe elle teve tanto reſpeito que não ſahio della. Depois de ter iſto ſeguro, mandou dar fogo ás tranqueiras, e a todas as embarcações dos Mouros, e a hum grande armazem de todas as drogas que eſtavam pera carregar, mandando embarcar oitenta peças de artilheria que havia nas tranqueiras, e navios. Feito eſte negocio, que foi hum dos grandes da India, e de menos perda, porque não morrêram mais de quatro Portuguezes, embarcou-ſe o Governador, e deo á véla pe-

ra Goa. Andava neste tempo de Armada nas Ilhas de Maldiva Jorge Cabral, que o Governador D. Henrique tinha despedido de Cochim a esperar as náos de Méca, como se vê na terceira Decada de João de Barros. Andando este Fidalgo entre aquellas Ilhas, chegáram-lhe novas de Cochim da successão de Pero Mascarenhas, e como era muito seu amigo, determinou de o avisar, e entregando a Armada, que era de sete navios de remo, a hum dos Capitães, elle na sua galeota deo á véla pera Malaca, e de sua jornada adiante daremos razão.

CAPITULO III.

Do que o Governador passou em Goa com Francisco de Sá, Capitão daquella Cidade, sobre o não querer receber nella: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de como o Governador partio pera Ormuz.

ESTAVA por Capitão da Cidade de Goa hum Fidalgo velho de muitos serviços chamado Francisco de Sá Veador da fazenda da Cidade do Porto, filho do segundo João Rodrigues de Sá Alcaide mór daquella Cidade, e senhor de Matosinhos, e das terras de Sever, Baltar, e Paiva. O qual Francisco de Sá tinha ElRey D. João man-

da-

dado em companhia do Conde Almirante, quando veio por Viſo-Rey, pera ir fazer huma fortaleza no porto da Sunda, por ſer aviſado que em Sevilha ſe tratava de mandar fazer alli outra por caſo do trato da pimẽnta, por ſer alli huma grande eſcala della. E porque o Conde Almirante não teve tempo de o aviar, quando ſuccedeo o Governador D. Henrique, lhe deo a capitanía de Goa. Eſte Fidalgo como era grande peſſoa na India, ſabendo o que ſe fizera em Cananor nas ſucceſsões, e como o Veador da fazenda, ſem conſultar os Fidalgos, e Capitães da India abríra a terceira ſucceſsão, eſtando declarado na primeira Pero Maſcarenhas, teve-o muito a mal, e houve que Affonſo Mexia tomára mais do que era ſeu, e que fora contra o ſerviço d'ElRey; e conſultando eſtas couſas com os Vereadores da Cidade, e com as peſſoas principaes della, aſſentáram que o Veador da fazenda, no abrir da terceira ſucceſsão, tinha deſacertado, e que não eſtavam obrigados á obedecer por Governador da India, ſenão a Pero Maſcarenhas. Concluidos niſto, ſabendo que Lopo Vaz hia pera aquella Cidade, aſſentáram de o não recolherem, e de lhe fazerem ſeus proteſtos, porque o não conheciam por Governador; porque não eſtavam obrigados nem por juramento, nem por al-

guma outra cousa a isso, e assi fecháram as portas da Cidade, e puzeram nellas grandes guardas, e vigias, e mandáram pôr huma fusta na barra com hum Tabellião pera notificar a Lopo Vaz o que estava assentado. Não tardou muitos dias que elle chegasse, e entrando pelo rio, lhe sahio o navio, e o official lhe notificou hum protesto que levava, requerendo-lhe que não entrasse dentro, que o não haviam de recolher na Cidade, porque não conheciam por Governador senão a Pero Mascarenhas, que era feito por ElRey, e não a elle, que era feito pelo Veador da fazenda, sem ordem, nem instrucção d'ElRey. Lopo Vaz ficou enfadado, e sem responder cousa alguma, foi entrando pelo rio acima até surgir defronte da Cidade. Alli lhe tornáram a fazer o mesmo requerimento, e elle mandou outro á Cidade, no que se gastou grande espaço, resumindo-se os da Cidade em lhe não abrirem as portas. Os Fidalgos, e Capitães da companhia de Lopo Vaz vendo a cousa daquella feição, receando hum desastre, commettêram aquelle negocio a Christovão de Sousa por ser hum Fidalgo muito respeitado de todos, e desembarcando em terra, foi-se ver com a Cidade, e com o Capitão, que estavam postos em armas, e de tal maneira os persuadio, que os abrandou,

dou, e consentíram na entrada de Lopo Vaz, que logo desembarcou, e se aposentou em terra, e começou a correr com as cousas do governo. E porque se receou que vindo Pero Mascarenhas fosse Francisco de Sá da sua parcialidade, determinou de o fastar de si, e tratou logo com elle de o mandar a Sunda a fazer a fortaleza que ElRey mandava; e porque achou tambem cartas daquelle Rey, em que pedia ao Governador da India, que mandasse fazer huma fortaleza naquelle seu porto, que lhe daria pera ella sitio, e todo o necessario, porque desejava muito de ter commercio, e amizade com os Portuguezes; Francisco de Sá folgou muito com a jornada, pois viera do Reyno assinado pera ella, e assi fez seus apontamentos, concedendo-lhe o Governador tudo o que lhe pedio, que foi hum galeão, huma náo, duas caravelas, duas galeotas, cinco fustas, e quatrocentos homens. Com esta Armada começou a correr Francisco de Sá, e Lopo Vaz deo a capitanía de Goa a Antonio da Silveira, que depois teve aquelle espantoso cerco de Dio, o qual antes de Lopo Vaz succeder no governo, o tinha desposado com huma filha sua por palavras de futuro. E porque D. Jorge de Menezes filho de D. Rodrigo de Menezes estava provído pelo Governador D. Henrique

que da capitanía de Maluco, o deſpachou pera ir entrar nella, dando-lhe dous navios com cem homens, e muitos provimentos, e com elle pera Capitão mór daquelle Archipélago Simão de Souſa Galvão filho de Duarte Galvão. E por ter já recado que Jorge Cabral era partido pera Malaca, e que ficavam aquelles canaes das Ilhas de Maldiva ſem guarda, deſpachou com muita preſſa Martim Affonſo de Mello Juſarte, a que deo huma Armada de cinco fuſtas, e huma caravela em que elle hia. Todos eſtes Capitães deſpedio em Março, indo D. Jorge de baixo da capitanía de Franciſco de Sá até Malaca. Partidas eſtas Armadas, vendo-ſe o Governador vago, determinou de ir a Ormuz a temperar as couſas de Diogo de Mello com o guazil Rax Xarafo, por lhe virem cartas que o tinha prezo, avexado, e tyrannizado ſobre o que já o Governador D. Henrique lhe tinha eſcrito, ſem lhe dar nada de ſuas cartas, nem ſe moderar em ſua condição, por ſer hum Fidalgo forte de natureza. Tinha prezo o guazil em huma aſperiſſima prizão debaixo de huma eſcada, em tempo das calmas de Ormux, (cuja quentura ſe ha couſa na terra que ſe poſſa comparar a huma ſemelhança do inferno, aquella ſó o he) não lhe dando de comer ſenão muito mal, e de beber peior. O que lhe

não

não perdoáram os praguentos da India, em huns porquês que fizeram, fallando hum com Diogo de Mello, fobre o que Xarafo, e ElRey de Ormuz efcrevêram muitas cartas ao Governador D. Henrique, que foram aquella moução ter ás mãos de Lopo Vaz. E parecendo-lhe que lhe convinha acudir áquellas coufas primeiro que vieffe Pero Mafcarenhas, porque o conhecia por homem muito inteiro na juftiça, e que não havia de foffrer aquellas coufas a Diogo de Mello, que era feu tio irmão de fua mãi, determinou de o ir fazer amigo com o guazil, e atalhar aquellas defordens. Efta idá poz em confelho dos Capitães, que lho eftranháram, lembrando-lhe que o Malavar eftava de guerra, e que fe fallava em galés de Rumes, e que era neceffario, fe foffem as novas certas, tomarem-no em Goa, pera fe preparar contra ellas, e não fóra da India, e em parte que não podia vir fenão com monções, no que fe arrifcava a muito; mas fem embargo deftas razões fe embarcou, deixando nomeado por Capitão mór do mar a Antonio de Miranda de Azevedo, a quem deixou todos os navios de remo, e elle por fim de Março fe fez á véla, levando a galé baftarda, de que era Capitão D. Vafco de Lima, em que elle hia embarcado, e quatro galeões, de que eram Capi-

pitães D. Affonſo de Menezes, Diogo da Silveira, Manoel de Macedo, e Manoel de Brito, deſpachando primeiro Chriſtovão de Souſa pera ir entrar na capitanía de Chaul, de que era provído.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo a Eitor da Silveira no eſtreito de Méca: e de como foi ter a Maçuá, e mandou buſcar D. Rodrigo de Lima ao Preſte João: e do que lhe ſuccedeo na viagem de Ormuz.

NA terceira Decada de João de Barros ſe conta, como o Governador Dom Henrique de Menezes primeiro que faleceſſe, deſpedio pera o eſtreito de Méca Eitor da Silveira por Capitão mór de huma Armada groſſa, levando por regimento, que foſſe eſperar as náos de Méca a monte de Felix, e que alli eſperaſſe por elle até meado Março, (porque tinha elle determinado ir áquelle eſtreito por haver novas de galés.) E que tardando elle até então, ſe foſſe a Maçuá eſperar D. Rodrigo de Lima, que eſtava por Embaixador na Corte do Emperador da Abaſſia, ao qual tinha eſcrito que eſte Abril o mandaria buſcar, e depois de o recolher ſe foſſe invernar a Ormuz. Partio Eitor da Silveira, e ſem achar contraſ-

te

te chegou ao cabo de Gardafui, onde se deixou andar até meado Março, sem lhe acontecer cousa digna de escritura; e vendo que o Governador tardava, por cumprir com seu regimento se fez á véla, e entrando as portas do estreito, foi demandar a Ilha de Daleça, onde chegou o primeiro de Abril: dalli despedio hum correio com cartas a D. Rodrigo de Lima, em que lhe fazia a saber de sua chegada, e de como o esperava alli. Esta carta mandou ao Capitão de Arquico, pera que lha désse, ou mandasse. Estava D. Rodrigo de Lima em Barvá, onde havia pouco era chegado com hum Embaixador do Emperador de Ethiopia chamado Zagazabo, o que tinha despachado pera ir a Portugal com cartas, e presentes pera ElRey D. João, e pera dalli passar a Roma em companhia do P. Francisco Alvares, a quem vinha entregue pera o apresentar a Sua Santidade pera em seu nome lhe dar obediencia, como filho Catholico. Estavam D. Rodrigo, e os mais muito tristes receando houvesse algum estorvo ainda este anno pera não ir a Armada por elles, como o Governador lhe tinha promettido, e dalli despedíram dous Portuguezes pera estarem no porto de Arquico esperando a Armada, que havia de vir da India, pera tanto que a vissem lhe mandarem

rem

rem recado. Eſtando eſtes vigiando o mar, chegáram áquelle porto humas náos dos Mouros com grandes feſtas, e tangeres, dando por novas que os Portuguezes eram todos mortos, e que tinham perdida a India. Com eſtas novas que pela terra ſe eſpalháram houve grandes alegrias, e alvoroços entre os Mouros. Os Portuguezes que alli eſtavam tanto que víram as feſtas, e ouvíram as novas, com grande dor, e triſteza de ſeus corações, ſe partíram logo pera Barvá, e as deram a D. Rodrigo de Lima. Era eſte dia do ſabbado Santo veſpera de Paſcoa, em que todos eſtavam mui alvoroçados pera feſtejarem a Reſurreição do Senhor, e em ouvindo as novas aſſi ficáram cortados, que como homens paſmados não ſabiam o que fizeſſem; mas como já não havia outro remedio, fizeram ſeus diſcurſos, aſſentando de ſe tornarem pera a Corte do Preſte João, e alli acabarem ſuas vidas, e buſcarem recolhimento, e quietação conforme ao que lhes o tempo offereceſſe; mas como Deos Noſſo Senhor Pai de miſericordia, e conſolação via que ſeus ſervos andavam em ſeu ſerviço naquella Chriſtandade tão eſcondida ao Mundo, não quiz que ſua triſteza duraſſe muito; e ordenou que o dia de Paſcoa á noite, dia todo de mercês ſuas, lhes vieſſem differentes novas,

que

que foram ſer chegada a noſſa Armada a Maçuá, e logo após ellas chegáram as cartas de Eitor da Silveira, com o que todos como doudos de alegria não ſabiam o que fizeſſem. D. Rodrigo quizera logo partir, mas o P. Franciſco Alvares lho impedio, dizendo, que pois Deos naquelle dia lhes fizera huma tão aſſinalada mercê, que eſperaſſem até paſſarem aquelles dias de feſta, em que era razão deſſem muitas graças ao Altiſſimo Deos, pois em tempo de tanta mágoa, e dor (como tão pouco havia tiveram) lhes mandára novas tão alegres. Paſſada a Paſcoa, em que todos ſe confeſſáram, e commungáram com grandes alegrias das almas, e dos corpos, logo ſe puzeram ao caminho hum dia que foi aos nove de Abril, indo o Viſo-Rey de Barvá em ſua companhia com mil homens de mullas, e alguns poucos de cavallo. Aquelle dia foram dormir a Darigil hum pouco duas leguas de Barvá, alli ſe coſtumavam ás ſegundas, e terças feiras ajuntar as cafilas, que haviam de ir pera Arquico, por amor dos alarves, que ha muitos por aquelle caminho; aqui ſe ajuntáram dous mil homens, e todos juntos foram caminhando pera Arquico, que era quatorze leguas de jornada. Neſte caminho gaſtáram até o ſabbado ſeguinte, e chegando a Arquico, apouſentáram-

ram-ſe fóra por ſer noite, porque quiz o Viſo-Rey entrar com elles de dia, e entregallos ao Capitão mór. Ao outro dia chegáram á praia, onde Eitor da Silveira os recebeo com grandes feſtas, ſalvas de artilheria, e com todos os inſtrumentos de paz, e de guerra. O Viſo-Rey lhe entregou Dom Rodrigo de Lima, e o Embaixador Zagazabo, e todos os Portuguezes, e os preſentes que levavam aſſi pera o Governador, e Rey de Portugal, como pera o Summo, e Santo Pontifice. Eitor da Silveira deſpedio-ſe logo do Viſo-Rey, que mandou dar á Armada cincoenta vaccas, muitos carneiros, gallinhas, e outros mantimentos, e a oito de Abril deram á véla, e foram ſeguindo ſua viagem, e ao primeiro de Maio chegáram á Ilha de Camarão pera fazerem aguada. Alli deſenterrou o P. Franciſco Alvares muito ſecretamente a oſſada de Duarte Galvão, que elle meſmo tinha enterrada, como na terceira Decada ſe diſſe, e a embarcou no galeão em que hia, com tenção de a levar ao Reyno; dalli ſe fizeram á véla para irem invernar a Ormuz, como levavam por regimento; e deixallos-hemos em ſua viagem, por continuarmos com a do Governador. Partido logo Lopo Vaz de Sampaio de Goa, como atrás diſſemos, foi atraveſſando o golfo de Ormuz, em que achou

gran-

grandes calmarias, que foram causa de gastar muitos dias, e lhe morrer muita gente, e entrando-lhe o tempo, foi ferrar o porto de Calayate, cujo Xeque estava alevantado contra os Portuguezes, por mandado d'El-Rey de Ormuz, e de Rax Xarrafo, porque pelas avexações que padeceo, e recebiam de Diogo de Mello, escrevêram a toda aquella costa que se levantassem contra os Portuguezes, que foi quasi outra como a que o mesmo Xarrafo fez em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, (como na terceira Decada de João de Barros se conta.) Lopo Vaz tanto que soube do negocio, pezou-lhe em estremo das desordens de Diogo de Mello, e tratou de quietar o Xeque, o que fez com lhe affirmar que a nenhuma outra cousa hia a Ormuz, mais que a soltar Xarrafo, e a lhe fazer justiça, e pera castigar Diogo de Mello, se o merecesse. Com isto se compoz o Xeque, e se quietou, mandando refrescos ao Governador. Fazendo-se dalli á véla, chegando á aguada de Teive, achou o galeão de Francisco de Mendoça, hum dos Capitães da conserva de Eitor da Silveira, que com tempo se apartou da Armada: delle soube as novas de Dom Rodrigo de Lima, e do Embaixador, que o Emperador da Ethiopia mandava a Portugal, do que levou estranho contentamen-

to,

to, e tomando o galeão comſigo, foi ter a Maſcate, que tambem eſtava alevantado, e trabalhou por quietar o Xeque como fez, e deixando tudo pacifico chegou a Ormuz, onde foi mui bem recebido do Capitão, e ſe agazalhou na fortaleza. A primeira couſa que fez foi mandar ſoltar Rax Xarrafo, e levallo diante de ſi, e fazendo-lhe muitas honras, lhe diſſe, que elle era alli vindo a lhe fazer juſtiça, que a requereſſe contra Diogo de Mello, que ſem embargo de ſer ſeu tio, lha havia de fazer muito inteiramente. O Governador foi dahi a tres dias viſitar ElRey de Ormuz, affirmando-lhe que não hia áquella fortaleza a mais que a fazer juſtiça ao Guazil, e a caſtigar Diogo de Mello. O Guazil tanto que ſoube que o Governador era ſobrinho do Capitão, e que o punha á cabeceira da ſua meza, houve que lhe não faria juſtiça em nada, e fazendo da neceſſidade virtude, diſſe ao Governador a ſegunda vez que o viſitou, que elle não queria couſa alguma de Diogo de Mello, que lhe pedia o fizeſſe amigo com elle: o Governador chamou Diogo de Mello, e o reconciliou com o Guazil, e elle lhe pedio muitos perdões, e teve com elle muitos comprimentos.

CAPITULO V.

Do que aconteceo a Eitor da Silveira na viagem até Ormuz: e de como o Governador recebeo o Embaixador do Preste João.

PArtido Eitor da Silveira da Ilha de Camarão, foi navegando dez dias com vento em popa até sahirem do estreito pera fóra, e na paragem de Adem deo hum tempo tão rijo, e forte, que não puderam soffrer as vélas, e com sós os papafigos foram correndo á vontade dos ventos; e a segunda noite, que foi de grandissima sarração, se apartou toda a Armada, e foi cada hum correndo pera sua parte a Deos misericordia, e quasi alagados. Durou-lhe este trabalho quatro dias, nos quaes o galeão São Leão perdeo o batel com hum grumete Francez, não dormindo em todos elles pessoa alguma, porque não largáram os aldropes das bombas das mãos por irem alagados, e desapparelhados de feição, que quasi hiam desconfiados; mas Deos, que sempre acode nas mores necessidades, os encaminhou até embocarem o estreito da Persia, do cabo de Iasques pera dentro, e o primeiro que foi tomar a aguada de Teive foi Francisco de Mendoça, que alli tinha chegado pou-

cos

cos dias antes do Governador, que alli o achou, como atrás dissemos. Os mais navios tirando o Capitão mór foram tomar Mascate a vinte e oito de Maio. O Capitão mór com quem hia embarcado D. Rodrigo de Lima, e o Embaixador Abexi, foi correndo tempo com o mesmo trabalho que os outros, governado-se tão mal, que não podendo tomar o estreito da Persia, foi correndo com os ponentes pera a costa da India com tenção de tomar terra aonde pudesse; e quando cuidou que ferrasse a costa de Chaul, achou-se na enseada de Cambaya já com o inverno cerrado, pelo que lhe foi forçado tornar a voltar pera Ormuz, o que fez com muito trabalho de todos, bordeando de huma parte pera a outra, com os mantimentos já gastados, e a agua quasi de todo, porque com o trapear do galeão se lhe abríram as vasilhas; e sendo já entrada de Junho sem esperança de poderem tomar porto, houveram-se todos por perdidos. Eitor da Silveira sem mostrar hum ponto de desconfiança, animava, e consolava a todos, sendo o que dormia menos, e comia peior, e o primeiro que ferrava do trabalho; e todavia vendo-se tão apertado, tomou parecer com os officiaes sobre o que fariam, e assentáram que já se não podia ir demandar senão Ormuz, porque como o

inverno era entrado, e os Suduestes cursavam, ainda que fosse com trabalho, que melhor era marear pera lá. Com isto mandou recolher todo o mantimento que havia na náo, e agua, (que tudo era bem pouco,) dentro na sua camara, e começou a repartir isto com grande tento, acudindo aos mais necessitados; mas como tudo era pouco, e a gente muita, logo se lhe acabou, ficando sem nenhum remedio, nem esperanças delle, senão as de Deos, em que sempre foram muito seguros, e assi sem comer, nem beber navegáram tres dias, sendo Eitor da Silveira, e D. Rodrigo de Lima os que nestes trabalhos se mostráram sempre muito alegres a todos; porque como todos traziam os olhos nelles, era-lhes assi necessario, porque com isso se animavam, e continuavam no trabalho, porque se fora doutra maneira, largáram tudo, e sem dúvida se perdêram. Mas Eitor da Silveira com hum animo muito grande, e com hum primor nunca usado, procedeo nesta viagem de feição, que confundia a todos, porque desque recolheo na sua camara a agua, e o mantimento, nunca mais entrou nella, e se agazalhou na tolda por dar exemplo a todos, visitando duas vezes no dia os doentes, que eram muitos, dando-lhes em quanto houve que, alguma cousa pouca, não tomando

nunca mais pera si; e certo que era este Fidalgo de tanta bondade, que mais sentia ver aquelles enfermos, sem ter com que lhes soccorrer, que o risco, e perigo em que hia. Indo assi nesta desconsolação, aos sete dias do mez de Junho á tarde houveram vista de Mascate, porque Deos os encaminhou pelo estreito dentro sem o elles saberem, e já a este tempo hiam tão fracos, e debilitados, que não podiam comsigo. E porque o vento era escasso, e não puderam ferrar o porto, começáram a bordear já com tanto alento, que os doentes que estavam para morrer, parecia que resuscitavam, e acudiam a ver a terra. Foi o galeão logo visto de duas fustas, que andavam alli de Armada, que acudíram a elle, e entrando dentro os que andavam nellas, foram festejados de todos, como homens que lhes traziam o remedio; e vendo o destroço, e miseria daquelle galeão, ficáram pasmados, e mandáram levar toda a agua que traziam, e algumas conservas, e biscouto, que repartíram por todos, e com muita pressa se tornáram a Mascate, e carregando de agua, e mantimentos, voltáram o mesmo dia pera o galeão, e tudo se repartio por todos. Aquella noite foi pera elles a melhor, e mais alegre da vida, porque os ais, as dores, os gemidos, e suspiros passados se convertêram

em folias, festas, e alegrias, em que passáram toda a noite. Ao outro dia acudíram de terra muitos batéis esquipados, e tomando o galeão á toa o mettêram em Mascate, onde acháram alguns navios de sua companhia, porque os mais eram passados a Ormuz. Aqui se deixou Eitor da Silveira ficar alguns dias, em quanto os doentes refrescáram, e convalecêram de todo; e como se puderam embarcar, deo á véla pera Ormuz, e foi surgir no pouso defronte da fortaleza. O Governador foi logo avisado de sua chegada, e mandou-os visitar, e pedir que se não desembarcassem senão ao outro dia, mandando-lhes despejar em terra casas pera todos, e armar, e negociar as do Embaixador do Abexi, e prover de todas as cousas necessarias. Ao outro dia pela manhã desembarcáram todos, levando Eitor da Silveira, e D. Rodrigo de Lima o Embaixador Zagazabo no meio, cada hum por sua mão, desfazendo-se a fortaleza, e a Armada toda em bombardadas, e em estrondos de alegria. E entrados na fortaleza, *foram* á Igreja a dar graças a Deos *Nosso Senhor: alli* foi o Governador buscallos, e os abraçou a todos com grandes mostras de prazer, e alegria, *alli* estiveram hum pouco até que os mandou recolher pera suas casas, e logo mandou a Eitor da

Silveira, e a D. Rodrigo de Lima, e ao Embaixador Abexi duzentos cruzados a cada hum, e ao P. Francisco Alvares cento. Ao outro dia foram todos á fortaleza, e o Governador os esperou na porta da Igreja, e estiveram a huma Missa, que se disse com muita solemnidade. Acabada ella, foram-se pera os aposentos do Governador, levando D. Rodrigo sempre pela mão ao Embaixador, que hia acompanhado de alguns Frades Abexis, e os presentes em mãos de seus criados, que o Embaixador apresentou ao Governador, e lhe deo as cartas. O presente pera o Governador era huma roupa de seda, com cinco chapas de ouro diante, e outras cinco detrás, e em cada hombro huma, e todas seriam do tamanho da palma da mão, muito formosas, e lavradas, a carta era em resposta da que lhe escreveo o Governador Diogo Lopes de Siqueira, que nós temos em nosso poder, e por ser muito comprida deixamos de a relatar. Lopo Vaz estimou muito o presente, e teve com o Embaixador grandes cumprimentos, e mandou aos Officiaes d'ElRey que corressem dalli por diante com a despeza de sua casa, pera a qual assinou hum tanto cada dia; e assi mesmo mandou pagar geralmente a toda a gente da Armada, e dar-lhes mezas. Aqui os deixaremos, porque he ne-

cessario continuarmos com as cousas que suc-cedêram na India, depois do Governador partir pera Ormuz.

CAPITULO VI.

De como Affonso Mexia mandou a Malaca chamar o Governador Pero Mascarenhas: e do que elle fez depois que soube as novas: e do que aconteceo na jornada a Martim Affonso Jusarte, e a Francisco de Sá.

PArtido Lopo Vaz de Sampaio de Cochim, tratou Affonso Mexia de mandar avisar a Pero Mascarenhas de sua successão, e mandou negociar o galeão de que Antonio da Silva de Menezes era Capitão, o qual Lopo Vaz deixou em companhia de D. Jorge Tello de Armada na costa do Malavar, e entregou a Antonio da Silva o traslado dos autos, papeis, e successões pera as dar ao Governador Pero Mascarenhas, a quem escreveo que se fosse logo pera a India. Este galeão deo á véla meado Março, e foi seguindo sua viagem, a quem logo tornaremos, porque he necessario continuar com os Capitães que Lopo Vaz despedio pera fóra, e seja primeiro com Martim Affonso de Mello Jusarte. Partido este Capitão de Goa, foi seguindo sua viagem até che-

chegar as Ilhas de Maldiva, e elle ſe poz em hum daquelles canaes mais ordinario das náos, e mandou os navios de remo tomar outro; e em Março foi dar com elle huma náo de Rumes, que hia de Tanacari pera Méca, que levava trezentos homens brancos de peleja, e muito bem artilhada, e petrechada de tudo, como aquella que hia mui rica, e proſpera. Martim Affonſo tanto que houve viſta della, levou ancora, e deo o traquete, pondo-ſe em armas, e preparando ſua artilheria mui bem. Tanto que chegou a tiro, deſcarregou nella ſua munição, arrombando-a por algumas partes, e logo a foi inveſtir, e lhe lançou ſeus arpéos. Levava Martim Affonſo cincoenta bons ſoldados a fóra os Officiaes. Ferrada a náo, começou-ſe ſobre a entrada della huma muito cruel batalha, em que pelejáram muito bem de ambas as partes; e ainda que dos Mouros cahiam muitos feridos dos golpes dos noſſos, eram elles tantos, que onde derrubavam dous, ſe punham logo quatro. Màrtim Affonſo como era muito cavalleiro, com ver a deſigualdade que havia, determinou ou de morrer, ou de render a náo, fazendo por ſeu braço mui grandes cavallerias. Os ſeus animados com o que lhe viam fazer, traballhavam pelo imitar, lançando entre os Mouros muitas panellas de polvora, com

que

que os abrazavam, mas não largavam os lugares. E como a náo era grande, poderosa, e com tanta gente, por muito que os nossos trabalháram, a não puderam entrar, ficando assi abordados todo aquelle dia, e noite, pelejando de ambas as partes sem tomarem descanço. Ao outro dia, posto que os nossos estavam cansados, e a mór parte feridos, tanto trabalháram, tão altas proezas fizeram, que com grande damno dos inimigos entráram a náo, e mettêram todos os della á espada, sem lhe ficar algum. Rendida a náo, (não sem custo dos nossos, de que tambem morrêram alguns,) lançáram ao mar os mortos, e surgíram com a náo que estava cheia de fazendas. Alli se deixáram estar até meado de Abril que deram á véla pera Goa, levando a náo comsigo, e chegados áquella Cidade foi descarregada, e vendida a fazenda, e deram as partes aos soldados, ficando huma grande somma a ElRey. Agora continuaremos com Jorge Cabral, que (como dissemos) partio das Ilhas de Maldiva pera Malaca a dar as novas a Pero Mascarenhas de sua succesſão; e indo seguindo sua jornada com bom tempo, chegou áquella fortaleza, e foi muito bem recebido de Pero Mascarenhas, a quem deo as novas, que elle estimou muito, por ver a conta que ElRey tinha com seus merecimen-

mentos, e prometteo á Jorge Cabral aquella capitanía de alviçaras. E porque não tinha papeis, nem cartas do Veador da fazenda, não tomou titulo de Governador, e foi correndo com o cargo de sua capitanía, esperando que lhe viesse tudo na monção, o que não tardou; porque hum mez depois da chegada de Jorge Cabral surgio naquelle porto o galeão de Antonio da Silva, e desembarcando deo a Pero Mascarenhas as cartas, e papeis que levava, mandando-lhe notificar que fosse logo tomar entrega da governança da India. Com estes papeis se ajuntáram todos os Fidalgos, Capitães, Cidadões, e Officiaes de justiça, e fazenda, e logo por todos foi havido por Governador da India, fazendo-se disso hum termo, em que todos se assináram. O Governador Pero Mascarenhas começou a correr como Governador, e determinou de se ir a esperar os levantes aos ilheos de Pulopuar pera ver se em Outubro podia passar á India. E posto que teve contrariedades da parte dos Pilotos, todavia entrada de Agosto se embarcou no galeão em que foi Antonio da Silva, e metteo de posse daquella capitanía a Jorge Cabral, ao que veio com embargos Aires da Cunha; porque, conforme ao Regimento que alli deixou Affonso d'Alboquerque, a elle pertencia aquella capita-

nía,

nía por Capitão mór daquelle mar, o que ElRey depois confirmou por hum Alvará, pelo qual Nuno Vaz Pereira por morte de Jorge de Brito houve ſentença contra Antonio Pacheco que era Alcaide mór. A tudo reſpondeo Pero Maſcarenhas Governador, que elle não quebrava Regimentos, que aquella fortaleza não vagava por ſua morte, ſenão por ſucceder na governança da India, e que o ſeu tempo que lhe faltava por ſervir o podia dar a quem quizeſſe: ſobre iſto proteſtou Aires da Cunha por ſeus ordenados contra elle. Partido o Governador de Malaca, foi tomar os ilheos de Pulopuar, onde ſurgio pera eſperar pelos levantes; e eſtando aqui, lhe deo hum tempo tão groſſo que eſteve perdido, e lhe foi forçado fazer-ſe á véla pera Malaca, aonde chegou com o maſto quebrado por tres partes. Aqui achou Franciſco de Sá, e Dom Jorge de Menezes, que por acharem tempos contrarios, tardáram até então, os quaes o recebêram como a Governador da India, dandolhe a obediencia. E ſabendo elle que D. Jorge levava a capitanía de Maluco, por lha ter dada o Governador, D. Henrique lha confirmou, e o deſpachou, dando-lhe mais hum navio, e o deſpedio com Regimento que ſe foſſe por via de Borneo, por ſer a jornada mais curta, que pela Jaoa,

por

por onde era forçado invernar em Amboino. Simão de Sousa Galvão, que hia pera Capitão mór do mar de Maluco, deixou-se ficar em Malaca, assi por saber alli que o que levava era cousa pouca, como porque Pero Mascarenhas tratava de ir sobre Bintão, em quanto Francisco de Sá alli estava com sua Armada, por ser muito necessario pera a quietação daquella fortaleza tirar dalli aquelle inimigo: pelo que tinha mandado preparar muitas cousas pera aquella jornada, de que adiante daremos razão.

CAPITULO VII.

De como Eitor da Silveira partio de Ormuz a esperar as náos de Méca: e de como Melique Az Capitão de Dio tratou de dar aquella fortaleza aos Portuguezes. Do fundamento daquella Ilha, e do tempo em que os Mouros conquistáram aquelle Reyno, e do que passou Eitor da Silveira com Melique Az.

DEixámos o Governador Lopo Vaz de Sampaio invernando em Ormuz, onde proveo em muitas cousas daquelle Reyno; e tanto que se acabou o mez de Agosto, despedio Eitor da Silveira por Capitão mór de quatro galeões, e duas caravelas pera ir esperar as náos que haviam de ir de

Mé-

Méca pera Cambaya, que ſempre hiam demandar á ponta de Dio, onde lhe deo por Regimento que eſperaſſe por ellas. Os Capitães de ſua companhia eram Franciſco de Mendoça, Manoel de Brito, e Manoel de Macedo, que hiam em galeões: os das caravelas não achámos os nomes. Partido Eitor da Silveira de Ormuz, logo o Governador deo á véla apôs elle pera Goa. Eitor da Silveira chegando á ponta de Dio, deixou-ſe alli andar eſperando pelas náos, e huns, e outros deixaremos por hum pouco, porque he neceſſario darmos razão das couſas que neſte tempo ſuccedêram no Reyno de Cambaya, que fazem ao fio da noſſa hiſtoria; e primeiro que tudo, diremos de ſua origem, e fundamento, poſto que João de Barros o tenha muito bem feito na ſua terceira Decada. Mas porque algumas couſas lhe ficáram, as quaes nós alcançámos de mais perto, que não ſerão de pouco goſto pera os curioſos, as tornaremos a recitar, porque com o favor Divino havemos de ir continuando com todos os Reys, que foram ſuccédendo nelle até vir a poder de Magores. Pelo que he de ſaber, que eſte Reyno, que chamamos de Cambaya, he o do Guzarate, que os mais dos Geografos lançam erradamente do Indo pera fóra, como em outra parte moſtraremos. Eſte Reyno foi ſempre

pre povoado de dous generos de Gentios, Guzarates, e Baneanes, todos muito superſticioſos, como em ſeu lugar ſe verá, quando fallarmos de toda eſta gentilidade da India. Os Guzarates todos são dados á mecanica, em que ſe eſtremáram de todos os do Oriente, cujas louçainhas já em tempo dos Romanos eram muito eſtimadas; as quaes hiam ter a elles por via do mar Roxo, como ſe vê em Arriano Author Grego no tratado que fez ſobre aquella navegação, no qual nomea muitas, e diverſas ſortes de roupas, como são, ganiſe, monoche, ſagmatogene, milochini, que diz ſerem muito finas, e de algodão: pelo que quanto a nós parece, que eram os canequis, bofetás, beirames, ſabagagis, e outras, que ſe acham eſcritas nos livros das leis dos Romanos, dos quaes coſtumavam a pagar grandes direitos, e ainda hoje entre nós, com aquelle Reyno eſtar deſtruido, pelas mudanças que nelle houve, a fineza de ſuas roupas de muitas ſortes, a delicadeza de ſuas obras são tidas em mais perfeição que todas as da India. Os Baneanes são todos dados á mercancia, em que tambem precedêram a todos por ſua grande habilidade, e agudeza, pela qual, e per outras partes que nelles ſe notam, preſumem os Theologos Chriſtãos da India, que deſcendem de algum dos tri-

bus de Israel, que são desaparecidos; e ainda mais o parecem no grande estudo, e cuidado que todos põem em enganar os Christãos, como cousa que tem por preceito. Ambas estas nações de gentes são tão fraquissimas, e affeminadas, que não fazem differença a mulheres, mais que nas barbas. Vivêram estes homens muitas centenas de annos sem sentirem jugo alheio até quasi os de nossa Redempção de cento, que descêram desses desertos debaixo do Norte hum grande enxame de Gentios repartidos em tribus, huns Magores, outros Tartaros, outros Chacatais, e outros Resbutos, que vieram conquistando tudo o que jaz do Caucaso pera baixo até este Reyno de Cambaya, repartindo-se estes tribus por estas Provincias; ficando-as senhoreando, e aquellas do Agara, Mandou, e outras por derredor ficáram em poder de Magores, cujos Reys as senhoreáram muitos annos, e ainda hoje na Cidade do Mandou se vem tres, ou quatro sepulturas de Reys que alli reináram; cujos letreiros dizem serem Magores. E ainda se presume mais, que estes Magores foram senhores de toda a India até o maritimo della, onde ainda hoje se vem duas formosas Cidades fundadas por elles, huma na costa de Dio, e outra na do Canará, chamadas Mangalor, cujo verdadeiro nome he

Mon-

Mongulor, porque assi se chamam estas gentes, e não Magores; e na da costa do Canará se vem tambem sepulturas antiquissimas, por cujos letreiros se vê que jazem alli Reys Magores, segundo nos affirmáram alguns Canarás doutos, e antigos. Depois foi este Reyno Guzarate senhoreado de Resbutos, homens muito dados ás armas, mas grandes ladrões, e tyrannos. Estes parece que tiráram este Reyno das mãos dos Magores, e repartíram todas aquellas Provincias entre si, tomando as cabeças o titulo de Raiáz, que he o mesmo que Governadores. Estes ficáram senhores de todo o Industão até mui perto dos annos mil e trezentos, que tornou a fortuna a desandar esta roda, (como tem feito em todas as Monarquias, e não poderão deixar de o fazer em quanto durar o Mundo, por ser naturalmente variavel, e inconstante.) Vieram todos estes Raiáz a serem conquistados de hum Rey do Dely chamado Soltão Nosaradi, que se alevantou no Mundo quasi cem annos primeiro que o grão Tamurlang, e foi maior que elle, assi em forças, como em estados, porque veio a senhorear désdo rio Indio até o Gange, e tem mais de quarenta gráos de latitud pera o Norte. Neste Reyno do Guzarate deixou hum Governador, e em todos os do Decan outro, de quem em seu

lu-

lugar fallaremos, e recolhido pera o Dely; faleceo em poucos tempos. Tanto que sua morte foi sabida, logo se lhe rebeláram todos os Estados, e levantáram-se com elles os Capitães tomando titulos de Reys: este do Guzarate se intitulou Soltão Maamed; que foi homem valeroso, e soube-se sustentar naquelle imperio, deixando-o a seu filho Daudarcan muito engrandecido. Este Daudarcan não foi de menos animo que seu pai, e engrandeceo em seu Reyno tudo o que pode, e foi o que edificou a Cidade de Dio naquella Ilha, que antigamente era habitada de pescadores: tendo assi nisto, como em tudo o mais a que depois chegou a mesma fortuna que a Cidade de Veneza, tão pequena em seu principio; tamanha depois em grandeza, riqueza, e poder. Reinou este Rey muitos annos, e succedeo-lhe seu filho Soltão Mahamede, que havia já mais de quarenta annos que reinava, quando aquelle valeroso Capitão Vasco da Gama descubrio a India. Este foi o que deo aquella Ilha á Melique Az, (como se vê na terceira Decada de João de Barros.) Por sua morte herdou o Reyno seu filho Amodofar, que teve muitos filhos; e o primogenito se chamou Soltan Bador, e não Badur, como ás historias da India lhe chamam. Este sendo ainda moço, ou por di-

ze-

zerem a seu pai os Astrologos, que em poder do filho mais velho se perderia aquelle Reyno, ou (o que parece mais certo) que por desejar de o dar ao outro filho mais moço, a que estava afeiçoado, parece que mostrava má vontade ao Bador, que ou porque fosse avisado disto, ou porque entendesse no pai que lhe desejava a morte, furtou-lhe o corpo, e foi-se por esse Industão acima em trajos de peregrino, a que elles chamam Calandar, e assi andou muitos annos aprendendo differentes linguas, vendo, e notando novos ritos, e costumes, e cousas muito novas, e peregrinas. Em quanto elle assi andou faleceo o pai, e succedeo no Reyno o irmão a que o pai desejava de o dar, que durou pouco, e deixou o Reyno ao outro irmão mais moço, a que não soubemos os nomes. Correndo as novas por esse Industão da morte de Modofar, chegáram ao Bador, que logo voltou pera vir requerer o seu Reyno, e assi em trajos de Calandar, dizem, que entrou na Corte do Amadabá, onde estava ainda sua mãi viva, e o Rey seu filho, que era ainda mancebo; e sem se dar a conhecer a pessoa alguma, entrou com a mãi, e se lhe descubrio, pedindo-lhe que quizesse ordenar com que houvesse o seu Reyno. A Raynha (póde muito bem ser que não fosse sua mãi, senão sua madrasta,

e que

e que os Guzarates que isto contão se embaraſſem) lhe disse, que se fosse, porque se seu irmão soubesse delle, que o mandaria matar, do que nós inferimos que ella sería mãi do Rey, e não do Bador. Elle vendo seu desengano, foi-se pera o Rey do Mandou, e se lhe descubrio, pedindo-lhe ajuda, e favor pera cobrar seu Reyno. E como os grandes do Mundo nenhuma cousa mais os move, que miserias de hum Principe desterrado, prometteo-lhe todo o favor até ir em pessoa ajudallo; e pera isso solicitou alguns Reys vizinhos, que se ajuntáram com elle com grande poder. Alguns Escritores nossos dizem, que o Bador que se fora ver com a Raynha de Chitor, que se chamava Crementi, que havia pouco viuvára, e lhe ficára hum filho menino, em cujo lugar ella governava aquelle Reyno, e que ella fora a authora da liga com o Rey do Mandou, e outros pera restituirem Bador no seu Reyno, no que se enganáram; antes o mór inimigo que esta senhora teve foi o Bador, porque depois de estar quieto no Reyno de Cambaya, lhe foi tomar o seu, como na quinta Decada diremos. Em fim juntos aquelles Reys com o Bador, que tambem solicitou por cartas alguns Senhores de Cambaya pera serem de sua parte, foi contra o irmão, e entrou conquis-

tando aquelle Reyno, e sahindo-lhe o irmão ao encontro em huma batalha campal, foi morto, e desbaratado, e o Bador se apoderou daquelle Reyno. Succedeo isto no anno de vinte e cinco atrás passado. O Bador, como era máo, cruel, e fraco, (cousas que andam sempre juntas fraqueza a crueza;) começou a matar todos os Capitães que favorecêram o irmão, e o quiz fazer a outro só que lhe ficava, que era o menor de todos, que por ser avisado, se acolheo em trajos mudados, e se foi por essa terra dentro, e dahi a alguns annos por via do Cinde foi ter a Ormuz, sendo Capitão daquella fortaleza Antonio da Silveira, que teve rebate delle, e o tomou, e embarcou pera Goa, e o mandou ao Governador Nuno da Cunha, como na quinta Decada diremos. Estava naquelle tempo por Capitão de Dio Melique Saca filho de Melique Az, a quem o Soltão Mamude tinha dado aquella Ilha. Este receando-se das muitas cruezas que o Bador usava com todos, não se havendo por seguro delle, determinou preitear-se com os Portuguezes, e dar-lhes aquella fortaleza pera segurar sua vida, e a de sua mulher, e filhos, e seus thesouros. Pelo que logo despedio recado a Christovão de Sousa Capitão de Chaul, pedindo-lhe lhe mandasse hum homem honrado pera

tra-

tratar com elle cousas que cumpriam ao serviço d'ElRey de Portugal. Chegou este homem a Chaul, e deo o recado a Christovão de Sousa, que o deteve, porque cada dia esperava pelo Governador. Poucos dias depois chegou áquella Cidade Eitor da Silveira com tres náos de Méca, que tomou na ponta de Dio, cujos quintos só pera ElRey montáram sessenta mil pardáos; e logo a quinze de Setembro hum dia, ou dous depois, chegou o Governador, que foi bem recebido da Cidade, e aposentando-se na fortaleza, lhe apresentou Christovão de Sousa o Embaixador do Melique Saca, e elle lhe deo o seu recado. O Governador vendo que o negocio era de importancia, determinou de ir em pessoa a Dio, mas foi contrariado dos Capitães, dizendo-lhe, que não convinha abalar-se pera cousa que não sabiam se seria invenção, mas que mandasse huma pessoa de confiança, e que se detivesse naquella Cidade té ver o em que aquillo parava. Com isto despedio o Governador Eitor da Silveira com alguns navios ligeiros, e huma galé, em que elle hia, e surgio na bahia de Dio, mandando pelo Embaixador pedir a Melique Saca que se vissem sós, o que Melique Saca fez, e de noite foi Eitor da Silveira á porta da fortaleza, e á borda da agua veio

Melique Saca fallar-lhe: e nas praticas que teve com elle lhe disse, que elle desejava muito de entregar aquella fortaleza ao Governador da India, mas que havia de ser com condição, que o havia de mandar pôr em Jaquete com toda a artilheria della, que havia de levar; e que lhe haviam de dar ametade do rendimento da Alfandega daquella Ilha. Eitor da Silveira lhe louvou sua determinação, e se lhe offereceo ao pôr livremente na parte que quizesse, e que pera as condições, que lhe punha, elle trazia poderes do Governador, em cujo nome tudo lhe concedia. Concluidos nisto, tornou-se Eitor da Silveira pera a Armada, porque Melique Saca lhe pedio que se detivesse alguns dias em quanto negociava suas cousas.

CAPITULO VIII.

De como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Silveira, e elle se foi pera Chaul sem concluir em nada: e de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traição, e a entregou a ElRey de Cambaya.

Estava com Melique Saca hum Mouro seu parente chamado Hag Mamude, homem máo, perverso, e muito ambicioso: es-

este sabendo dos tratos que o parente trazia com Eitor da Silveira, porque se fiou delle, e entendendo nelle o grande medo que tinha d'ElRey, concebeo em seu animo desejo de se fazer senhor daquella Ilha, e nas praticas que tiveram sobre o negocio, sempre lhe gabou a determinação que tinha tomado na entrega da fortaleza; mas que huma só cousa receava, e era, que como Eitor da Silveira o tivesse em seu poder, com a cubiça do muito thesouro que tinha, lhe quebrasse a fé, e elle ficasse sem fortaleza, sem fazenda, e sem liberdade. Não soou isto mal ao Melique Saca; porque, como todos os Mouros são falsos, e fementidos, sempre imaginam nos outros o que elles fariam, e pedio ao Hag Mamude, que o aconselhasse naquelle negocio. O Hag Mamude como tinha já traçado na fantasia a malicia, e traição, que com elle depois usou, disse-lhe, que era de parecer, que respondesse a Eitor da Silveira, que pera maior dissimulação daquelle negocio, se fosse elle pera Chaul, e que entre tanto ficaria negociando suas cousas, e embarcando sua fazenda em algumas cotias que pera isso tinha, fazendo-lhe crer que já na Cidade havia sobre isso algum reboliço; e que depois de embarcar a artilheria, pera que havia mister vagar, entregaria a fortaleza a elle

Hag

Hag Mamude, e que depois delle ido pera Jaquete elle o mandaria chamar, e lhe entregaria a fortaleza. O Melique Saca não entendendo o amargoz que hia debaixo deſte dourado, pareceo-lhe aquelle conſelho bem, e pedio-lhe que foſſe elle o portador daquelle recado. Hag Mamude foi-ſe huma noite á galé de Eitor da Silveira, e lhe pintou aquillo como lhe pareceo convinha á ſua tenção. Eitor da Silveira parecendo-lhe que o Melique Saca eſtava já arrependido, lhe diſſe, que do alvoroço da Cidade lhe não déſſe couſa alguma, porque como a fortaleza eſtava ſobre o mar, facilmente ſe podia embarcar com tudo o que quizeſſe, e elle ficar logo de poſſe da fortaleza, ſem lho ninguem poder eſtorvar. Hag Mamude lhe diſſe, que aquillo não podia ſer, porque pera embarcar toda a artilheria, e fazenda, havia miſter muitos dias, e muito vagar, e que ſe aquella Armada eſtiveſſe alli todo aquelle tempo, não faria mais que encher aos da Cidade de ſuſpeitas, porque já traziam algumas; que o bom ſeria deſapparecer dalli, e que como Melique Saca tiveſſe tudo embarcado, logo o mandaria chamar a Chaul; e que tudo eram mais dez, ou doze dias. Eitor da Silveira vendo aquellas cautelas acabou de aſſentar, que o Melique Saca eſtava de to-

do

do arrependido, e que o meſmo Hag Mamude o aconſelharia, e o divertiria de ſua determinação. Hag Mamude ſe deſpedio de Eitor da Silveira, que logo deſpachou hum navio muito ligeiro com cartas ao Governador, em que lhe dava conta de tudo o que paſſava, pedindo que lhe mandaſſe dizer o que faria naquella materia. Eſta carta a moſtrou o Governador em conſelho aos Capitães, pera lhe aconſelharem o que reſponderia, e debatido entre elles aquelle negocio, ficou o conſelho partido em differentes pareceres; porque huns diziam, que ninguem melhor que o meſmo Eitor da Silveira, que lá eſtava com o negocio entre as mãos, ſe poderia determinar naquelle, que era de tanta importancia, e de que tanta honra poderia reſultar ao Eſtado da India, que ſe lhe remetteſſe toda a reſolução delle. Outros, em que a inveja parece tinha entrado, por ſer aquelle o mór negocio, e mais honroſo da India, diſſeram, que pois Eitor da Silveira eſtando lá onde via tudo, mandava pedir conſelho, ſem ſe ſaber determinar, que o bom ſeria mandar lá outro Capitão, que foſſe homem, que não ficaſſe dependurado de parecer alheio, ſenão, que ſe pudeſſe reſumir com o ſeu proprio, cuidando cada hum dos que niſto votáram, que poderia ſer eleito pera aquillo, e fazer

na-

naquelle negocio mais que Eitor da Silveira, que era hum dos Capitães de esforço, conselho, e experiencia, que em seu tempo houve. Isto foi sempre muito antigo na India entre os Fidalgos; vituperarem huns aos outros que estam em melhor lugar, e que são mais pera elle, só por verem se os podem abater pera se elles alevantarem: tendo muitas vezes no votar mais respeitos aos seus particulares, que ao serviço de Deos, e d'ElRey, pelo que alguns foram causa de se perderem grandes occasiões, e de succederem muitos desastres, e grandes desaventuras. E tornando a nosso fio, vendo o Governador aquella confusão, foi com os que votáram que se remettesse o negocio a Eitor da Silveira, e logo lhe respondeo pelo mesmo navio, que fizesse elle o que lhe melhor parecesse, pois estava com o jogo na mão. Disto tambem houve entre elles algumas murmurações, dizendo, que tambem o Governador tivera naquillo respeito ao seu particular, e que queria grangear Eitor da Silveira pera o ter da sua parte, porque parece que já entendiam nelle aguas de não entregar o governo a Pero Mascarenhas. Dada esta carta a Eitor da Silveira, como o tomou já desconfiado, e enfadado das dilações do Mouro, parecendolhe que nunca entregaria a fortaleza, lar-

gou.

gou tudo, e deo á véla pera Chaul, sem outras occasiões mais que as de suas suspeitas, em que se enganou, como depois se verá. Chegado Eitor da Silveira a Chaul, pelas informações que deo ao Governador desistio do negocio, e determinou de o mandar ao estreito de Méca, por haver algumas novas de galés, de que tambem quiz avisar ElRey, e mandou com muita brevidade negociar hum daquelles galeões, de que deo a capitanía a Francisco de Mendoça, e o despedio pera o Reyno em fim de Outubro, escrevendo a ElRey tudo o que até então tinha succedido, e certificando-lhe fazerem-se em Suéz prestes muitas galés pera passarem á India, pedindo gente, munições, e outras cousas, porque já de Ormuz tinha escrito de sua succesão, encommendando muito a Francisco de Mendoça, que trabalhasse por tomar as náos antes que partissem do Reyno. Despedio dalli tambem o Governador o navio do trato de Çofala, de que era Capitão Nuno Vaz de Castello-branco, dando-lhe por regimento désse as novas das galés por toda a costa de Melinde, e Moçambique, porque estivessem sobre aviso, e o mesmo escreveo a Ormuz, e ás mais Cidades da India, pedindo-lhes que o quizessem ajudar com alguns navios, porque determinava de ir buscar os Rumes,

e pe-

e peleijar com elles, o que todas fizeram mui bem, porque a Cidade de Goa armou logo hum galeão, huma caravela, e huma galé no estaleiro, e as fizeram á custa dos moradores com muita brevidade. A Cidade de Chaul fez outra galé. O Governador despedio dalli gente, e munições pera Ormuz, e escreveo a Diogo de Mello, que mandasse ter na boca do estreito Persico navios ligeiros perá o avisarem se houvesse galés. Providas estas cousas, e outras, querendo o Governador embarcar-se pera Goa, tornou a tomar parecer sobre as cousas de Dio, e assentou-se que deixasse alli Eitor da Silveira com Armada, e que mandasse saber de Melique Saca sua determinação; mas Eitor da Silveira, que se achou no mesmo conselho, affirmou que tudo o de Melique Saca eram invenções, e enganos, e que elle sabia muito certo que nunca entregaria a fortaleza; e assi certificou isto, que desistio o Governador da empreza, e deo á véla pera Goa. E em quanto faz esta jornada, continuaremos com Melique Saca, que como fallava verdade, e sua tenção foi sempre entregar aquella fortaleza aos Portuguezes, por segurar sua vida, em Eitor da Silveira dando á véla pera Chaul, começou a embarcar a artilheria, e sua fazenda, e passalla a Jaquete pouco, e pouco.

Hag.

Hag Mamude como trazia máos pensamentos, e era inimigo dos Portuguezes, como todos os Mouros o são por natureza, vendo a pressa que Melique Saca dava no despejar da fortaleza, começou em segredo a ajuntar gente, e sendo o Melique Saca a folgar a huma quinta sua que tinha da outra banda duas leguas pela terra dentro, (que inda hoje guarda seu nome, e se chama a quinta do Melique,) metteo-se Hag Mamude na Cidade com muita gente armada, e começou appellidalla por d'ElRey de Cambaya: e logo lhe despedio recados mui apressados do que tinha feito, e da determinação de Melique Saca. Dando-se este recado a ElRey, logo se partio pera Dio aforrado com dez, ou doze mil cavallos. Melique Saca que estava na quinta soube logo a traição que lhe o parente ordenou, e então entendeo a malicia, e tenção com que o aconselhára naquellas cousas, e partindo-se apressado pera Dio, passou-se á Ilha, e foi desembarcar á porta da fortaleza, em que ainda estava sua mulher, filhos, e familia, e mettendo-se dentro sem ninguem lho poder estorvar, despedio logo recado mui apressado a Chaul a chamar Eitor da Silveira pera lhe entregar a fortaleza. Este recado foi dado a Christovão de Sousa, que por não ter navios não foi em pessoa, mas

despedio huma almadia ligeira com recado ao Governador, e entre tanto foi entretendo o Melique Saca cinco, ou seis dias, mandando-lhe affirmar que logo sería com elle. ElRey de Cambaya como hia pela posta, chegou á outra banda de Dio tres dias depois que o Melique Saca despedio o recado a Chaul, o qual sabendo da chegada d'ElRey, logo se embarcou com sua familia, e se passou a Jaquete, deixando a fortaleza despejada. ElRey de Cambaya passou-se á Ilha, e deo a capitanía daquella fortaleza a Hag Mamude, reservando pera si as rendas da Alfandega. Este Mouro foi depois o mór inimigo que o estado teve, como pelo decurso da historia se verá, donde se vê claro quanto póde hum descuido, e quanta força tem hum respeito particular, que muitas vezes foram causa de grandes damnos, e fizeram perder grandes occasiões, como vimos neste negocio, de que resultou perderem os Portuguezes desta vez esta fortaleza, e vir a poder do mór inimigo que a India teve, e custar depois tantas mortes de Fidalgos, e Cavalleiros, tantas despezas em Armadas primeiro que tornasse a vir a nosso poder, tendo-a desta vez na mão sem custo, e sem trabalho.

CAPITULO IX.

Da Armada que este anno de vinte e seis partio do Reyno: e das novas succeſsões que ElRey mandou: e de como Affonſo Mexia Veador da fazenda abrio a primeira ſucceſsão, em que ſuccedeo Lopo Vaz de Sampaio.

PElas cartas que o Governador D. Henrique de Menezes mandou per terra ao Reyno, em que dava conta a ElRey da morte do Conde Almirante, e de ſua ſucceſsão, e do eſtado em que a India ficava, que foram dadas a ElRey eſte Outubro paſſado de vinte e cinco, ſoube elle as novas do que na India paſſava. E ſem embargo de andar occupado em ſuas vodas, por caſar com a Raynha D. Catharina Irmã do Emperador Carlos V. não ſe deſcuidou de prover nas couſas da India, mandando negociar cinco náos com muita preſſa, que deſpedio eſte Março de vinte e ſeis, provendo em muitas couſas neceſſarias ao bom governo da India, principalmente nas ſucceſsões da governança, em que fez mudança, como logo ſe verá. Eſta Armada não levou Capitão mór: os Capitães eram Franciſco de Anhaya, Triſtão Vaz da Veiga, Antonio de Abreu, (que levava a capita-

nia

nía mór do mar de Malaca,) e Vicente Gil filho de Duarte Triſtão armador das náos; o outro foi Antonio Galvão filho de Duarte Galvão, que por ſe negociar mais tarde, quando quiz ſahir pera fóra, faltou-lhe o tempo, e depois ſe fez á véla a dezeſeis de Maio tão tarde, que já ſe deſconfiava de poder paſſar á India. Eſta náo indo ſeguindo ſua viagem, entrando na coſta de Guiné, lhe deram tamanhas calmarias, que o detiveram por ella quarenta dias, e quando lhe deo o tempo, que já foi em fim de Junho, houve grandes requerimentos dos Officiaes que ſe tornaſſe pera o Reyno, porque além de ſer muito tarde, a náo era ruim, e ſoffria mal a véla; mas como Antonio Galvão era homem virtuoſo, e de grande animo, e esforço, quietou a todos com lhes dizer, que eſperava em Deos que lhe havia de dar muito boa viagem dalli por diante, e que os havia de levar á India juntamente com as outras náos; e pondo cobro na agua, e mantimentos, foi ſeguindo ſua viagem, ora com contraſtes, ora com bonanças até dobrar o Cabo de Boa Eſperança já no mez de Setembro. Dalli foi tomando ſua derrota com determinação de ir por fóra; mas o Piloto lhe requereo que foſſe tomar Moçambique, e que dalli iriam invernar á India em Abril, e que aſ-

ſi

ſi ſeguravam as vidas, e a náo, porque indo por fóra podiam-lhe entrar os levantes que era já tempo, que os podiam tomar em paragem, que quando quizeſſem voltar para Moçambique não pudeſſem. Antonio Galvão lhes diſſe, que eſperava na Virgem Noſſa Senhora, que os havia de levar a Cochim. E aſſi era tão devoto da Senhora, que quebrando-lhe hum dia ſeu a verga grande, não quiz que trabalhaſſem, e aquelle dia não fez viagem, aſſi ella teve particular cuidado de ſuas couſas. Antonio Galvão, porque o Piloto lhe encampou a náo, a tomou á ſua conta, mandando a via, tomando o Sol, e carteando, porque era niſto muito eſperto, e deo-lhe Noſſo Senhor tão bom tempo, que em fim de Outubro foram haver viſta das Ilhas de Maldiva, onde lhe ſahio huma embarcação da terra com hum Piloto que os encaminhou até os lançar fóra dellas; e em quinze de Novembro foram tomar Cochim, onde já eſtavam as náos de Triſtão Vaz da Veiga, e Franciſco de Anhaya, que tambem foram por fóra com tempos bem roins. As náos de Vicente Gil, e de Antonio de Abreu foram por dentro, e ficáram invernando em Moçambique. Chegadas as náos, deram ao Veador da fazenda os ſaccos das vias, e dentro achou duas ſucceſsões da governança da India, com

duas

duas cartas dirigidas ao Veador da fazenda; que continham o seguinte: *Affonso Mexia. Eu ElRey vos envio muito saudar. Por duas Vias, que vam nesta Armada, vos mando dous saccos de cartas, e despachos das cousas dessas partes, que ouve por meu serviço que agora fossem. Hum delles leva Tristão Vaz da Veiga, e outro Francisco de Anhaya: tomai as cartas que vam pera vós, e as do Capitão mór lhe dai, e assi a todas as outras pessoas pera quem vam, e não fique nenhuma por dar: aos que estiverem fóra donde vós estiverdes, mandai-lhas a muito bom recado, e nesta Armada me enviai hum rol do modo que tivestes em as dar, e em as enviar, e tomai disto bom cuidado, porque ei por muito meu serviço serem dadas todas as ditas cartas. As Provisões que aqui vam das successões da governança da India tende naquella boa guarda, e segredo, que cumpre a meu serviço, como de vós confio. Escrita em Almeirim a trinta de Março. Pero de Alcaçova Carneiro a fez anno de* 1526. Tinha outra particula mais abaixo, que dizia assi: *E das outras Provisões que já lá tendes, não se ha de usar, e as tereis em boa guarda, e mas trareis quando embora vierdes.* A outra Carta era escrita a quatro de Abril, cinco dias depois, e não tinha esta postilla, que falla no

abrir

ábrir das ſucceſsões. Viſtas eſtas Cartas pelo Veador da fazenda , e conſiderando eſta addição derradeira da primeira Via, que dizia que ſe não uſaſſe das ſucceſsões que na India eſtavam, determinou logo de abrir aquellas que hiam de novo. E ajuntando-ſe na Sé de Cochim com o Capitão D. Vaſco Deça , e Antonio Riquo, que naquellas náos tinha vindo com o cargo de Secretario, João de Oſouro Ouvidor geral , João Rabello Feitor , e Alcaide mór , Duarte Teixeira Theſoureiro das mercadorias , os Capitães das náos do Reyno, os Vereadores, e Officiaes da Camera ; e lendo-lhes a Carta d'ElRey , lhes diſſe, que por ella ſe moſtrava muito claro, que a tenção d'ElRey era não ſe uſar das ſucceſsões que na India eſtavam, ſenão daquellas que naquellas náos mandava , pelo que elle as queria abrir. A iſto atalhou D. Vaſco Deça, dizendo, que ſería muito grande deſerviço d'ElRey ſe tal fizeſſe, porque ſua tenção não era, nem podia ſer , que tendo-ſe já uſado das ſucceſsões que eſtavam na India , ſe abriſſem as outras, porque aſſi ficava ElRey affrontando o Fidalgo que tiveſſe ſuccedido , ficando em obrigação de lhe ſatisfazer ſua honra, porque os Reys a que mais eſtimavam era a de ſeus vaſſallos , porque ſe foſſe de outra maneira, não haveria quem arriſcaſſe

as vidas por ſeu ſerviço, (como os Fidalgos cada dia faziam) com eſperanças de elle os honrar, e lhes fazer mercês: Que ſe ElRey mandára por aquella particula, fora por cuidar não ſe ter ainda uſado das ſucceſsões; e que ſe ſua intenção fora abrirem-ſe eſtas, e não ſe uſar das que já lá eſtavam, forçado houvera de declarar, que poſto que ſe tiveſſe uſado das ſucceſsões que na India eſtavam, havia por bem abriſſem aquella, que de novo mandava; e que o homem que tiveſſe ſuccedido nas outras, ſe embarcaſſe pera o Reyno, mandando náo, e ordem pera iſſo: E que a tenção d'ElRey mandar ter em ſegredo as ſucceſsões, que na India dantes eſtavam, era por não ſaberem os Capitães que nellas eſtavam, ſe fazia elle nellas alguma mudança, pelos não eſcandalizar: Que lhe requeria da parte d'ElRey não boliſſe nas ſucceſsões, porque Pero Maſcarenhas era legitimo Governador, e não déſſe occaſião a divisões, e alterações em meio de tantos inimigos, e mais em tempo que eram tão certas as novas das galés de Rumes, que pera as eſperar era neceſſario eſtarem todos unidos, e conformes, e não em bandos, como eſtavam certos bolindo-ſe nas ſucceſsões. Deſte parecer foram a mór parte dos que alli eſtavam, e os outros do do Veador da fazenda, que ſe reſumio em

abrir

abrir a primeira ſucceſsão, dizendo, que elle tomava ſobre ſi aquelle negocio, e que elle daria conta a ElRey do que fizera. E abrindo a primeira ſucceſsão, a deo a Fernão Nunes Eſcrivão da fazenda, que a leo alto, e achou-ſe nella dizer ElRey, que havia por bem que por morte do Governador D. Henrique ſuccedeſſe em ſeu lugar Lopo Vaz de Sampaio com dez mil cruzados de ordenado, cinco mil em dinheiro, de que ſe pagaria na India, e outros cinco mil em pimenta comprado do ſeu dinheiro ao partido do meio. E que ſería Capitão mór do mar Antonio de Miranda de Azevedo com dous mil cruzados de ordenado cada anno, mil em dinheiro, e mil em pimenta ao partido do Governador; e que falecendo elle Lopo Vaz, depois de entrar na governança, em tal caſo havia por bem que ſucce-deſſe Pero Maſcarenhas com o meſmo ordenado. Eſta ſucceſsão foi feita em Almeirim por Jorge Rodrigues a quatro de Abril de 1526. O Veador da fazenda mandou alli fazer hum auto da publicação, em que ſe aſſinou com os que foram do ſeu parecer; mas todos os mais clamáram, e proteſtáram, dizendo ao Veador da fazenda, que elle roubava a honra a Pero Maſcarenhas, que era hum Fidalgo muito honrado, e de grandes merecimentos, e que já ſe não eſ-

cuſavam divisões, e bandos, de que elle havia de dar conta a ElRey. Affonſo Mexia deſpedio logo hum catúr, em que foi Dom Henrique Deça com recado a Lopo Vaz do que tinha feito, mandando-lhe a nova ſucceſsão, e o auto da poſſe da governança da India, que lhe dava, e eſcreveo á Cidade de Goa, requerendo-lhe, que conheceſſem Lopo Vaz por verdadeiro Governador, porque ElRey aſſi o mandára naquellas náos, e que houveſſem por bem o que eſtava feito. Deixemos D. Henrique Deça, e tornemos a continuar com o Governador Lopo Vaz, que deixámos partido pera Goa. Aos dous dias que partio de Chaul foi ſurgir ſobre a barra de Dabul, onde já trazia determinado de dar hum bom caſtigo, porque ſahiam de ſeu porto algumas fuſtas a roubar os mercadores que navegavam, e carregavam dentro algumas náos pera Méca, que levavam muita pimenta. Alli ordenou toda a ſua gente, e deo ordem á deſembarcação, dando a dianteira a Eitor da Silveira, e paſſou toda a gente aos navios ligeiros, e batéis dos galeões, e o Governador na galé baſtarda foi entrando pelo rio dentro com grandes eſtrondos de inſtrumentos; e ſendo a meio rio, chegou á galé do Governador huma embarcação, em que vinha o Tanadar da Cidade, e entrando na galé

apre-

aprefentou-fe diante do Governador com muita humildade, e lhe pedio perdão de fuas culpas, e que elle eftava muito preftes pera as fatisfazer, e de novo guardar as pázes com as condições que elle quizeffe. O Governador o recebeo humanamente, e lhe diffe, que lhe perdoava, porque os Governadores d'ElRey de Portugal tinham por obrigação recolherem, favorecerem, e perdoarem a todos os que fe lhe humilhaffem: que elle lhe perdoava com condição que logo mandaffe entregar todos os navios de remo com fua artilheria que houveffe naquelle porto, e affi mefmo huma náo que eftava á carga pera Méca por ter em fi muita pimenta. O Tanadar lhe diffe que em tudo o fatisfaria, que não paffaffe mais avante. O Governador mandou furgir no meio do rio: o Tanadar fem fahir da galé, mandou trazer tudo o que o Governador lhe pedio, e lhe entregou alguns navios, e a náo com a carga que tinha. O Governador lhe concedeo novas pazes, e favores, com que elle ficou fatisfeito. Aqui chegou hum Thomé Pires Capitão de hum catúr feu, muito apreffado, e pedio alviçaras ao Governador de como fuccedêra na governança pelas vias que ElRey mandára nas náos, e que D. Henrique Deça ficava em Goa, e os papeis. O Governador lhe deo alviçaras,

fen-

sentindo-se nelle grande alvoroço, porque havia que já ficava seguro na governança. Estas novas se espalháram logo pela Armada, estranhando todos o que Affonso Mexia fizera; e disseram publicamente, que Pero Mascarenhas era o verdadeiro Governador, e que a elle conheciam por esse. Lopo Vaz deo logo á véla pera Goa, onde foi recebido como Governador, e D. Henrique Deça lhe mostrou o traslado da successão, e outra da posse, pelo que entregou logo a capitanía mór do mar a Antonio de Miranda de Azevedo, e mandou preparar huma Armada de galeões pera irem ao estreito, e deo aquella jornada a Eitor da Silveira. E em quanto se ficou preparando, elle se embarcou pera Cochim pera ir fazer a carga ás náos do Reyno. Poucos dias depois do Governador partido se embarcou Eitor da Silveira, e dando á véla, logo á sahida de Goa achou o recado de Christovão de Sousa, em que o mandava chamar pera ir tomar posse da fortaleza de Dio. E apressando-se com estas novas, chegou a Chaul, onde já era chegado recado, que Melique Saca era fugido, e que ElRey de Cambaya ficava em Dio; e assi por hum navio que chegou de Adem, veio nova certa, como de Suez era partida huma grossa Armada de Rumes, que o Turco mandava á

In-

India contra os Portuguezes. Com eſtas novas requereo Chriſtovão de Souſa a Eitor da Silveira que ſe tornaſſe pera o Governador, porque não era bem foſſe ao eſtreito com aquella Armada, a riſco de dar com as galés, e perder-ſe, no que ſe arriſcava toda a India, porque não ficava ao Governador Armada com que poder pelejar com os Turcos. Eſte requerimento pareceo bem a Eitor da Silveira, e tornou a voltar pera Goa.

CAPITULO X.

Do que fez o Governador em Cochim: e das náos que partíram pera o Reyno: e de como ElRey D. João recebeo o Embaixador Abexi.

PArtido Lopo Vaz de Sampaio da Cidade de Goa, em poucos dias chegou a Cochim, onde foi muito bem recebido de Affonſo Mexia. E como naquella Cidade eſtava a mór parte da nobreza da India, em que entravam muitos parentes, e amigos de Pero Maſcarenhas, havia grandes murmurações ſobre a ſucceſsão de Lopo Vaz, e muitos ajuntamentos, e magotes públicos, com eſtrondos, e uniões, dizendo ſoltamente, que roubavam a honra a Pero Maſcarenhas, e que elle era o verdadeiro Go-

Governador da India; e como Lopo Vaz tambem tinha muitos do ſeu bando, hiamſe travando brigas, e inda alguns deſafios particulares; e o que mais avivou iſto, foi chegar hum Junco de Malaca pelas oitavas do Natal, em que dava novas de como Pero Maſcarenhas ficava embarcado pera a India, e obedecido por Governador pela poſſe, e autos que lhe mandou o Veador da fazenda por Antonio da Silva de Menezes. Diſto ficou Lopo Vaz de Sampaio muito enfadado, e determinou de atalhar algumas deſordens, com mandar aviſar Pero Maſcarenhas do que era ſuccedido, porque não cuidaſſe que vinha pera governar a India: e logo mandou o traslado da ſucceſsão que veio do Reyno, e o auto da poſſe a Henrique Ferreira Alcaide mór de Coulão, pera que vindo alli Pero Maſcarenhas, lho notificaſſe, mandando-lhe por huma Proviſão, que ſe quizeſſe obedecer áquelles autos, que o agazalhaſſe muito bem, e quando não, que deixaſſe cumprimentos, e o não recolheſſe na fortaleza. E porque as uniões creſciam cada vez mais, quiz o Governador juſtificar-ſe com os homens, principalmente com os Capitães das náos, porque em Portugal lhe não eſtranhaſſem o que fizera. E mandou chamar Baſtião de Souſa, a quem tinha dado a capitanía da náo de

An-

Antonio de Abreu, e Antonio Galvão, Francisco de Anhaya, Tristão Vaz da Veiga, e Filippe de Crasto, que alli invernou do anno passado; e presente o Secretario Antonio Rico, lhes disse, que da união que em Cochim havia sobre sua successão, não queria tomar o castigo que o caso merecia nos perturbadores do povo, porque desejava de os moderar, e quietar por bem: que lhes pedia muito, como Fidalgos honrados, e Capitães d'ElRey, e que o não haviam mister, pois se hiam pera o Reyno, que lhe dissessem livremente o que lhes parecia daquelle negocio, e se entendiam que por virtude da successão, que se abrio, podia elle ser Governador da India, e sobre isto lhes deo juramento dos Santos Evangelhos. E como elle lhes perguntou isto simplesmente; com a mesma simplicidade lhe respondêram que não tinham dúvida a elle ser Governador, porque da successão se entendia claramente ser essa a tenção d'ElRey: senão quanto Tristão Vaz passou adiante, e disse, que por se evitarem cousas em deserviço de Deos, e d'ElRey, elle devia de ser Governador da India, pois já estava de posse; e que quanto ao direito de Pero Mascarenhas era necessario ver todas as Provisões passadas, porque sem isso elle não podia resolvér-se em cousa alguma. De tudo àquillo mandou Lo-

po-

po Vaz fazer hum auto, em que todos se assináram. A mesma pergunta fez a hum Fr. João de Hayo, da Ordem dos Prégadores, homem bom Letrado, que lhe affirmou que era verdadeiro Governador; e que para ser mais notorio a todos, elle o affirmaria o dia seguinte, (que era da Circumcisão do Senhor,) em que havia de prégar; e assi o fez; porque no cabo do Sermão tratou das murmurações que na terra havia contra Lopo Vaz de Sampaio por parte de Pero Mascarenhas, estranhando-o muito, e affirmando, que Lopo Vaz de Sampaio estava legitimamente de posse da governança por assi ser a tenção d'ElRey, dando sobre isto muitas razões; e concluio com dizer, que o mesmo que alli dizia sustentaria em Salamanca, e París, e em Portugal, para onde aquelle anno hia, pelo que se devia de crer que fallava verdade sem suspeita, pois era Frade, que não tinha necessidade do Governador, affirmando, que era mór amigo de Pero Mascarenhas, que seu. E requereo a Lopo Vaz da parte de Deos, e d'ElRey, que lhe lembrasse que tinha entre mãos hum negocio de muita importancia, e de que se podia seguir hum grande trabalho á India, e que era obrigado a castigar os perturbadores da quietação, e que se degradassem de Cochim os homens, que

fal-

fallassem contra o seu direito. Lopo Vaz com estas cousas cobrou mais alento, e logo procedeo contra alguns, que tinham mais culpa, que foram Vicente Pegado, que acabára de ser Secretario, e Simão Toscano da obrigação de Pero Mascarenhas, que degradou hum pera Chaul, e outro pera Coulão. E dando expediente á carga das náos, as fez á véla até dez de Janeiro, embarcando o Governador na de Tristão Vaz da Veiga a D. Rodrigo de Lima com o Embaixador Zagazabo, a quem deo todas as cousas necessarias muito abastadamente. Na náo de Antonio Galvão se embarcou a ossada de seu pai, e o P. Francisco Alvares, que a trouxe de Camarão. Estas náos tiveram tão boa viagem, que chegáram a Lisboa vespera de Sant-Iago, estando ElRey em Coimbra fugido de hum rebate de peste; e por ter já novas do Embaixador por huma caravéla que das Ilhas terceiras lhe mandáram diante, tinha dado recado em Lisboa que logo o levassem a Santarem, e foram aposentados, elle, e D. Rodrigo de Lima em Alfange, onde lhe ElRey mandou dar todas as cousas necessarias pera ornamento de sua casa, pessoa, e criados. Aqui estiveram alguns dias até ElRey os mandar levar a Coimbra, com grande companhia de criados, mulas, e azemalas, e antes de

che-

chegarem á Cidade os foi esperar ao caminho Diogo Lopes de Siqueira Almotacé mór, que foi Governador da India, que era o mesmo que áquella embaixada mandára D. Rodrigo de Lima, que estava acompanhado de muitos parentes, amigos, e criados, o recebeo com muitos gazalhados. A' entrada da Cidade o mandou ElRey receber pelo Marquez de Villa Real, e por todos os Prelados, e Senhores que havia na Corte, que o leváram até o Paço. O Marquez entrou na casa onde ElRey estava, com o Embaixador Zagazabo por huma mão, e D. Rodrigo de Lima da outra parte por outra. Estava ElRey na sala ricamente armada, e tinha comsigo o Cardeal, e Infante: e ao entrar da porta desceo-se ElRey do estrado, e o recebeo á borda delle com grandes gazalhados, perguntando-lhe pela saude do Emperador seu Senhor, de sua mulher, e filhos. O Embaixador lhe respondeo, que todos ficavam bem, e desejosos de saberem novas da de S. A. Depois destes primeiros cumprimentos lhe disse ElRey, que recebia muito grande consolação com aquella embaixada; e que esperava que della se seguiria algum grande, e assinalado serviço de Deos Nosso Senhor, e do Emperador da Ethiopia seu irmão, e a elle muita honra. Zagazabo deo a ElRey duas cartas, huma pe-

pera ElRey D. Manoel, (porque inda era vivo quando o despachou,) e a outra pera elle; e assi lhe deo huma coroa de ouro, e prata, e lhe disse, que o Emperador seu Senhor mandava aquella coroa à ElRey Dom Manoel, porque de filho pera pai nunca vinha a coroa, senão de pai pera filho, e porque como o tinha por esse, tomára atrevimento pera lhe mandar aquella, pela qual era conhecido em seus Reynos, e assi queria que S. A. o fosse em todos os da Abassia; e que depois de o ter despachado pera ElRey D. Manoel, soubera de seu falecimento, e lhe mandára, que tudo o que trazia pera elle désse a S. A. pois era seu filho, e lhe ficava a elle em lugar de irmão. Juntamente com isto lhe entregou o P. Francisco Alvares duas cartas que levava a seu cargo pera o Summo Pontifice, pelas quaes lhe mandava dar aquelle Rey a obediencia como filho da Igreja Romana; e assi lhe entregou huma boceta pequena, em que hia huma cruz de ouro com o Santo Lenho, que se abrio, e ElRey de joelhos tomou a cruz, e a beijou, dando-a ao Secretario Antonio Carneiro com as cartas, pera se tornar tudo ao P. Francisco Alvares, quando o despedisse pera Roma; e disse ao Embaixador, que dava muitas graças a Deos, pois por seu meio chegava a ver sujeitar-

se

ſe o Imperio da Abaſſia á Igreja Romana. E deſpedindo o Embaixador, mandou-lhe dar caſa muito honradamente, com tres mulas, pera elle, e pera dous Frades que levava comſigo, e aſſinou-lhe pera a ſua meza dous cruzados cada dia, com hum toſtão pera cada cavalgadura, e aſſi lhe mandou huma rica cama, e huma baixella de prata de todo ſerviço pera ſua meza, e lhe deo pera ter cuidado de ſua caſa hum Franciſco Peres cavalleiro honrado. O anno ſeguinte deſpedio ElRey o Embaixador, entregue ao P. Franciſco Alvares, pera ir dar a obediencia ao Santo Padre; e porque eſta jornada he da eſſencia da Chronica d'ElRey D. João, a deixaremos, e sómente diremos a ſubſtancia da embaixada. Mandava aquelle Rey pedir ao Santo Padre que lhe concedeſſe dalli por diante Patriarcas pera os inſtruirem nos Eſtatutos Romanos, porque os que até então tinham, eram da Igreja Grega; e o que ao preſente vivia, que ſe chamava Marcos, era homem que paſſava de cem annos. Uſavam os Abexins por morte de ſeus Patriarcas mandar pedir outros a Jeruſalem, que ſe elegiam por todos os Frades que havia na Caſa Santa, de ſua nação, mas ſempre era eleito daquelles que ſeguem a Regra de Santo Antonio primeiro Ermitão, e havia de ſer natural de Alexan-

dria.

dria. Estes Patriarcas não tinham poderes pera mais que pera dar Ordens, e crismar, que os Bispados, e Beneficios só o Preste João os podia prover. O Summo Pontifice recebeo esta embaixada com grande alegria, dizendo por sua veneravel, e santa boca muitas palavras em louvor do Emperador da Abassia, e lhe concedeo tudo o que lhe mandou pedir; consagrando em Patriarca de Ethiopia hum Religioso douto nas letras Divinas, e na lingua Chaldea, e Grega, homem estrangeiro, e nunca achámos quem nos dissesse de que nação era, mas quanto a nós, havemos que era Armenio, de que adiante trataremos com o favor Divino.

DECADA QUARTA.

LIVRO II.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Da origem, e princípio do Reyno, e Reys de Malaca; e do tempo em que recebêram a lei de Mafamede; e do fundamento, e descripção da Ilha de Bintão.

AGORA continuaremos com Pero Mascarenhas, que deixámos fazendo-se prestes pera ir sobre Bintão. E primeiro que tratemos desta jornada, nos pareceo bem darmos razão do fundamento deste Reyno Malayo, e princípio de seus Reys, por guardarmos a ordem que levamos nesta nossa Historia, que he mostrar o tempo em que todos os Reys Mouros, com quem contendemos, recebêram a Lei de Mafamede. Pelo que se ha de saber, que estes Malayos sempre se tiveram por mais honrados, que

que todos os vizinhos, pela divindade que tem attribuido a sua genitura, e principio de que fabulam patranhas, que não tem fundamento algum. Dizem que hum Rey, que era senhor de todo o Mundo, desejando de saber os segredos do mar, mandára fazer hum caixão de ferro com algumas vidraças, em que se fizera lançar no pégo desse mar Oceano, e que o Rey das aguas o recebêra muito bem, e lhe dera huma filha em casamento, de que houvera dous filhos; e indo a visitar seus Reynos, nunca mais tornára: a mãi saudosa do marido, mandára os filhos em busca delle, e os cavalgára em golfinhos, em que aportáram ambos na Ilha de Çamatra na praia de Pleamba, a que corruptamente chamamos Palibão. Sendo estes moços (que eram muito perto de dez annos) vistos da gente da terra, vendo-os tão formosos, e tão ricamente ataviados, os leváram ao seu Rey, que os recolheo, e creou como filhos, e hum delles casou depois com huma filha d'ElRey de Japará, na costa da Jaoa, e outro com huma filha de huma senhora de Sincapúra viuva, chamada Milãotania. E deixando as fabulas que contam nesta creação, e casamentos, a verdade he que o Rey de Pleamba teve dous filhos, que casou com estas duas mulheres. Este que succedeo no Reyno de Sincapúra vi-

viveo muitos annos, e por sua morte lhe succedeo hum chamado Rajal Sabu, que foi o primeiro que povoou Malaca, como logo diremos. E assi João de Barros nas suas Decadas, como Affonso d'Alboquerque em seus Commentarios, e Damião de Gois na Chronica d'ElRey D. Manoel, lhe chamam Xaque Darxa, porém este nome não he conhecido entre os naturaes, nem este titulo de Xá, que propriamente quer dizer Rey, nem se usou entre estes Gentios senão depois que recebêram a lei de Mafamede; mas porque homens tão graves não haviam de escrever sem fundamento, querendo-os salvar a elles, a nós nos parece que teria ambos estes nomes: e que ElRey de Sincapúra se chamaria Rajal Sabu: e que depois de o ser de Malaca, se intitulasse do outro de Xá. E tambem se póde cuidar nascer esta confusão dos escritores Malayos; porque depois que aprendêram as letras Arabigas, em que renováram suas escrituras, tratando de todos os Reys, assi Gentios, como Mouros, os nomeariam com este titulo de Xá, sem fazerem differença dos Gentios, que antes de Mouros se chamavam Rajas; mas todavia algumas escrituras antigas ainda nomeam este por Rajal Sambu. Este, sendo Rey de Bintão, tomou huma filha a hum seu Veador da fazenda, e a teve por manceba

al-

alguns annos: e parece que depois tomando della alguns ſiumes, a envergonhou publicamente, e a deitou fóra. O pai affrontado daquillo, como era peſſoa principal, e de muita poſſe, carteou-ſe com alguns ſenhores da Coſta da Jaoa, que vieram em ſeu favor com poderoſas Armadas, e deſembarcando em Sincapúra, não ouſando o Rey aos eſperar, fugio, e paſſou-ſe á Coſta de Malaca pera hum lugar chamado Sencuder, junto de Ujantana, ficando o Reyno de Sincapúra, e Bintão em poder do vaſſallo, em cujos herdeiros andou muitos annos. Alli em Sencuder eſteve o Rey degradado alguns tempos, dando-ſe bem com os da terra, e ordenando Armadas com que ſalteava aquelles eſtreitos. E tendo a informação daquella parte onde depois ſe fundou Malaca, que então era huma pobre povoação de peſcadores, paſſando-ſe a ella, aſſentou alli ſua vivenda, e começou a fundar huma nova Cidade. E porque ſoube que a terra era d'ElRey de Sião, lhe mandou pedir que lha quizeſſe dar com o titulo de Rey, que elle ſe lhe obrigaria á vaſſallagem: o que elle fez aſſinando-lhe os limites, que na ſegunda Decada de João de Barros ſe verão. A eſta Cidade, que logo ſe começou a engrandecer, poz eſte Rey por nome Malaca; que em lingua propria quer dizer *de-*

gredo, porque foi ter a ella degradado, e deitado fóra de ſeu antigo Reyno, e aſſi foi creſcendo em poucos annos, que ſe fez maior que todos os vizinhos, aſſi em poder, como em riqueza, por acarretar áquelle porto todas as embarcações de todas as partes do Oriente, com o que veio a engroſſar, e a ter huma certa ſuperioridade ſobre os mais Reys vizinhos, como Emperador de todos. Teve eſte Rey dous filhos, o herdeiro chamado Manoar, o outro Cacemo: e depois do pai viver muitos annos, ſuccedeolhe o filho mais velho, que receando-ſe do Irmão, o degradou pera huma daquellas Ilhas do mar, onde viveo pobremente. Reynou Manoar alguns annos, e faleceo ſem filhos, pelo que os do Reyno foram buſcar o Irmão, e o juráram por Rey. Em tempo deſte foram ter a Malaca algumas náos dos portos de Arabia, e veio hum anno nellas hum Caſſiz pera ir prégar a Ley de Mafamede por aquellas partes. Eſte ficando alli com ElRey, aſſi ſe lhe affeiçoou, e elle lhe repreſentou a largueza de ſua ſeita, que o converteo a ella, e lhe mandou o nome, e lhe poz o de Mahamede por honra do ſeu Profeta, e lhe deo o titulo de Xá, chamando-lhe Xá Mahamede. Eſte foi o primeiro Rey Mouro, que Malaca teve, o que ſuccedeo mui perto aos annos do Senhor de 1384.

1384. em que começaremos a origem dos Reys Mouros. Viveo efte muitos annos, e fuccedeo-lhe feu filho Manfor Xá, e a elle feu filho Malafar Xá, a efte feu filho Alevidim, e a elle tambem feu filho Mahamede Xá, (que foi a quem Affonfo d'Alboquerque tomou a Cidade de Malaca,) que fe paffou pera Muár, até que Antonio Correa o lançou do Pago, como na fegunda Decada de João de Barros fe conta, e dalli fe paffou á Ilha de Bintão feffenta leguas ao nafcente de Malaca, fóra do eftreito de Sincapúra pegada a terra firme, da que a devide hum eftreito rio que fe vai metter no mar, e a cérca toda á roda: ao longo defte rio hum pedaço de fua foz eftá fituada a Cidade, que tambem fe chama Bintão, e córta pelo meio a Equinoccial. Na parte onde eftá a Cidade fe faz huma bahia, porque entra hum braço do rio, com hum canal que vai em muitas voltas, por onde entram os feus juncos, e embarcações. Nefte canal mandou ElRey fazer huma eftacada de maftos mui groffos, que tambem hia em caracol, como o canal, deixando hum tão eftreito, que não podia nelle virar huma galé, e a Cidade mandou-a cercar de huma tranqueira de duas fáces mui larga, e groffa, entulhada, com feus baluartes grandes, e formofos; e pera a banda que vai pera a ter-

a terra firme ſobre o rio armou huma ponte até a outra banda pera ſerventia da Ilha, em que mandou fabricar dous fortiſſimos baluartes, hum na entrada da ponte da banda da Ilha, e outro na da terra firme. Neſtes baluartes, e na fortificação da Cidade havia trezentas peças de artilheria de bronzo, de camellos até meios berços. Derredor da Cidade no lugar da cava havia tres ordens de eſtrepes poſtos em revés, huns pera defenderem a entrada, e outros a ſahida, todos muito crueis, e perigoſos, por ſerem hervados nas pontas. Eſta parte, em que eſtá a povoação, he toda muito apaúlada, e alagadiça: e eſta he a razão por que todas ſuas caſas são edificadas ſobre grandes eſteios de páo, levantadas no ar, e a ſerventia he por pontes, ſó as caſas d'ElRey são fundadas ſobre hum tezo; de ſorte, que com eſte modo de fortificação, e impedimento de canal, ficava a Cidade muito pera ſe recear, e ElRey nella muito ſeguro. Daqui lançava ſuas Armadas fóra, com que fazia muito grande guerra a Malaca, defendendo a navegação daquelles eſtreitos aos navios que hiam da Jaoa, e de outras partes carregados de fazendas, e mantimentos pera Malaca, com o que poz aquella Cidade muitas vezes em grandes trabalhos, e neceſſidades, principalmente em tem-

po

po do meſmo Pero Maſcarenhas, de que elle eſtava muito eſcandalizado. E vendo agora que forçado havia de eſperar a moução, que era em Dezembro, e que tinha alli a Armada de Franciſco de Sá, que hia pera a Sunda, determinou de ver ſe podia tirar aquelle inimigo daquella Ilha, e caſtigallo como merecia. Pelo que todo o tempo, depois que arribou de Pulopuar até então, gaſtou em apercebimentos pera a jornada. Diſto foi logo ElRey de Bintão aviſado, e mandou pedir ſoccorro a ElRey de Pão, que era ſeu genro, e elle ſe preparou pera eſperar Pero Maſcarenhas, que ſabia que lhe havia de dar muito trabalho pela experiencia que tinha de ſeu ſaber, e esforço.

CAPITULO II.

De como Pero Maſcarenhas partio pera Bintão, e de como desbaratou huma Armada d'ElRey de Pão: e do grande trabalho que os noſſos tiveram na entrada do rio.

EStando Pero Maſcarenhas preſtes pera a jornada, mandou fazer alardo da gente Portugueza, e Malaya, que havia de levar, e achou Portuguezes quinhentos e ſincoenta, em que entravam os quatrocentos da Armada de Franciſco de Sá, (poſto que

Caſ-

Caſtanheda diz, que não levou mais de trezentos; mas no proteſto que Pero Maſcarenhas mandou á Cidade de Goa contra Lopo Vaz de Sampaio, como adiante ſe verá, diz que quando fora a Bintão, levára quinhentos e ſincoenta Portuguezes, e naturaes ſeiscentos.) E embarcando-ſe, entregou a fortaleza a Jorge Cabral, e ſe fez á véla com dezenove embarcações, dous galeões, huma galé, quatro fuſtas, dous batéis grandes com mantas para baterem a Cidade, quatro lancharas, ſinco calaluzes, e dous bargantins. O Governador hia na galé, Franciſco de Sá em hum galeão, Aires da Cunha em huma fuſta, Fernão Serrão em huma caravela, Antonio da Cunha, Duarte Coelho, Simão de Souſa Galvão, João Pacheco, e outros pelas mais embarcações. Dos Malayos hiam por Capitães dous Bandaras principaes chamados Sina Raja, e Tuão Mafamede. Com eſta frota foi ſurgir de fronte da barra de Bintão, e vendo o canal, e as eſtacadas, bem entendeo que lhe haviam de dar trabalho, e logo mandou ſondar o canal da bahia por Duarte Coelho, que andou por todo elle com o prumo na mão, e notando o modo das eſtacadas, pareceo-lhe difficultoſo entrar por alli a Armada, ao menos ſem ſe arrancarem todas as eſtacadas; e voltando a Pero Maſcarenhas, lho

diſ-

disse assi, e lhe deo informação de tudo o que víra, e da fortificação da Cidade, que reconheceo com muito risco, affirmando-lhe que querendo desembarcar na face da Cidade, (porque não havia outra desembarcação,) custaria a vida á mór parte de sua gente, assi pela muita artilheria que tinha, como por causa da fortaleza da Cidade, e da altura de seus muros. O Governador Pero Mascarenhas ouvio tudo, presentes os Capitães, com cujo parecer assentou que se commettesse a Ilha pela ponte, por onde se servia pera a terra firme, que não havia de estar tão fortalecida, e que se arrancasse a estacada pera a Armada poder entrar dentro. Com esta resolução commetteo aquelle negocio a Fernão Serrão, por ser pera todo o feito arriscado, e prefez-lhe sincoenta homens pera o ajudarem naquelle trabalho. Fernão Serrão fortaleceo o seu navio com grandes, e fortes arrombadas pera defensão da artilheria dos inimigos; e estando prestes, tomáram alguns navios de remo a caravela á toa, e a embocáram por meio do canal, e chegando á estacada lhe lançáram aos páos grossos viradores, e guarnecendo-os aos cabrestantes, pondo todos nelles suas forças, foram arrancando huma, e huma com tanto trabalho, que lhes rebentou o sangue pelas bocas das forças que

nos

nos peitos punham. Nisto gastou oito dias por serem as estacadas muitas, e se deterem em cada huma grande espaço, e chegou a caravela a surgir defronte da Cidade, donde o começáram a varejar com a artilheria soberbissimamente, e elle tambem lhe deo sua bateria, mas senão foram as arrombadas, sempre fora mettido no fundo. O dia que isto succedeo chegou á vista da Armada huma de trinta e tres lancharas, que era o soccorro d'ElRey de Pão, que mandava a seu sogro, em que hiam embarcados perto de dous mil homens. O Governador Pero Mascarenhas receando-se, que se elle entrasse os canaes, sahisse a Armada de Bintão de dentro, e estoutra pela banda de fóra, e que o tomassem no meio, por caso daquellas estreituras, e que lhe dessem muito trabalho; pelo que determinou de mandar commetter esta Armada em mar largo, e elegeo pera isso Duarte Coelho, a quem deo quatro lancharas, e sinco calaluzes, e elle na sua fusta. Duarte Coelho que era muito cavalleiro, tomando o remo em punho, foi demandar os inimigos, e chegando a tiro de berço, lhe deo sua salva de bombardadas, de que lhe desapparelhou algumas. Vendo os inimigos a determinação dos nossos, (posto que elles estavam muito de ventagem em número de embarcações, e gen-

e gente,) não ousando a esperar, voltáram a voga arrancada. Duarte Coelho vendo-os ir em disbarato os foi seguindo ás bombardadas, de que lhe matou muita gente, e tanto apertáram com elles, que fizeram varar vinte e tres das lancharas em huma daquellas Ilhas, lançando-se logo a gente a terra, deixando as embarcações anhotas, que os nossos tomáram com todo o seu recheio, sem lhe custar golpe de espada; as outras dez lancharas, por ficarem mais a balravento foram seu caminho, que Duarte Coelho foi seguindo com a sua galeota, e porque era pejada do remo, mudou-se a hum balanco com sinco, ou seis companheiros, e apertando o remo as foi seguindo. Chegando a tiro de espingarda, vendo os inimigos aquella embarcação só, e tão alongada das outras, voltáram a ella. Duarte Coelho bem entendeo que tinha feito grande erro em seguir os inimigos só, podendo-se contentar com a vitoria que tinha havido, mas não deixou de ir por diante com tenção de pelejar com todos, porque antes queria morrer que voltar. Os Mouros vendo que todavia aquella embarcação hia por diante sem voltar, paráram. Duarte Coelho vendo que não remavam, tambem levou o remo, os inimigos tornáram apertar o seu, e elle fez o mesmo sempre com a proa nelles,

les, elles todavia receando tornáram a parar, e Duarte Coelho fez o mesmo, fizeram esta querena por tres vezes, e como isto era já perto da noite, foi-se ella serrando, e cubrindo o ar, com o que os inimigos se fizeram em outra volta, e Duarte Coelho se tornou pera a Armada, e ajuntando as embarcações dos Mouros se foi com ellas por poppa, e entrou em Bintão, onde foi muito festejado Pero Mascarenhas, e houve aquella vitoria por bom prognostico. E assi disse a todos, que pois lhe Nosso Senhor começára a fazer mercês, que tivessem confiança, que tambem lhe daria Bintão.

CAPITULO III.

De como os inimigos commettêram o navio de Fernão Serrão, e do risco em que se vio: e de como o Governador o soccorreo, e commetteo a Cidade de Bintão, e a tomou.

SUrto Fernão Serrão no porto de Bintão, depois que (como dissemos) arrancou as estacas com hum trabalho, que só Portuguezes puderam aturar, vio-se em muito grande perigo, por ficar todo descuberto a bateria dos inimigos, que de todas as partes o perseguiam, desparando no costado

do ſeu navio aquella infernal multidão de pilouros de ferro coado, e de pedra, com que o esburacáram por muitas partes, começando por ellas a fazer tanta agua, que ſe hia ao fundo, e ſem dúvida ſe perdêra ſenão fora o grande esforço, e diligencia com que Fernão Serrão acudio a tudo, repartindo os homens pelo trabalho, com que venciam todos aquelles riſcos. E como tinha recado de Pero Maſcarenhas que ſe foſſe abarbar com a ponte, foi paſſando por todos eſtes perigos, em que gaſtou os mais medonhos, e eſpantoſos quinze dias que ſe podem imaginar, porque em todos elles foi ás toas, e não andavam em cada hum mais, que a compridão de hum virador; e todo o tempo que ſe gaſtára em eſcrever os muitos, e grandes trabalhos, e perigos, que eſte Capitão paſſou, fora mui bem empregado; mas não temos palavras com que o encarecer, baſta que elle fez tudo quanto hum valeroſo, e esforçado Capitão pudera fazer até que abarbou a ponte com huma grande grita, e alvoroço dos ſeus, dando no baluarte que alli eſtava huma formoſa ſalva de bombardadas, e eſpingardadas. El-Rey de Bintão ficou muito agaſtado daquelle negocio, affrontando, e deshonrando ſeus Capitães, que de corridos, e envergonhados não ouſavam apparecer diante delle.

E

E ajuntando-se todos, tratáram de fazer dar o navio á costa: e pera isso buscáram muitos ardiz até lhe irem cortar as amarras de noite, e de margulho; mas foram sentidos pela grande vigia que os nossos tinham, e logo surgíram com outra amarra, mandando-a guarnecer, e forrar com cadeias de ferro. Ao outro dia que isto passou, mandou ElRey Alacximena seu Capitão mór do mar, que negociasse todos os navios que pudesse, e fosse commetter a caravela: o que elle fez com perto de vinte lancharas, em que levava quinhentos homens, que elle pera isso escolheo; e remetteo com a caravela mui determinadamente, e a investio pela proa, e pela poppa, lançando-se logo dentro nella mais de duzentos Mouros. Fernão Serrão, que já estava preparado, os recebeo com grande animo, travando-se entre todos huma muito aspera batalha, e deixando a proa encommendada a homens de confiança, acudio á poppa por onde hiam entrando os inimigos, e com seu muito valor os deteve. As lancharas de fóra se puzeram ás bombardadas com a caravela, descarregando sobre ella espessas nuves de fréchas, de que o navio por todas as partes ficou empenado, e muitos dos nossos encravados. Os Mouros que entráram pela proa apertáram tanto com os nossos, que os leváram até o convés, onde

se

ſe travou huma muito cruel batalha. Fernão Serrão que andava de poppa, tanto que vio alli o negocio tão arriſcado, deixando naquelle lugar os companheiros, voltou ſó pera o convés, e como hum leão bravo ſe metteo entre os Mouros, fazendo nelles hum grande eſtrago, e com ſua chegada ſe detiveram, porque hiam encurralando os noſſos. O Governador Pero Maſcarenhas, que vio o trabalho em que a caravela eſtava, não querendo arriſcar as embarcações grandes pela muita artilheria que da fortaleza jugava em roda viva, pera defender que lhe não foſſe ſoccorro, chamou Duarte Coelho, e diſſe-lhe que ambos haviam de ir ſoccorrer aquella caravela; e mettendo-ſe cada hum em ſeu balanco, com dez, ou doze homens cada hum, tomáram o remo em punho, e foram paſſando por aquella furia infernal das bombardadas até chegarem ao navio; e pondo as proas nas lancharas que eſtavam a bordo, as axoráram com muitas panellas de polvora, fazendo lançar ao mar os que nellas eſtavam, e ſubindo á caravela acháram Fernão Serrão cahido daquella hora no chão com mais de vinte feridas, e derredor delle hum monte de mortos, e os Mouros mui accezos, e determinados, e remettendo a elles com aquelle impeto, e furor que a honra, e paixão lhes fazia levar, mettendo-ſe no

meio

meio, fizeram nelles tal estrago, que em pouco espaço mettêram a mór parte delles á espada, e os outros, cortados tambem dellos, e do medo, se lançáram ao mar; e o mesmo fizeram os da poppa, ficando a caravela despejada, e todos os nossos muito mal feridos. Pero Mascarenhas fez alevantar Fernão Serrão, e recolhello pera a camara, e o mandou curar perante si, e o mesmo fez a todos os soldados, e querendo prover a caravela, e deixar nella Duarte Coelho, e levar Fernão Serrão pera a Armada, o não consentio elle, dizendo a Pero Mascarenhas, que em quanto elle fosse vivo defenderia a sua caravela a todo o poder d'ElRey de Bintão, ainda que fosse assi lançado naquella cama, que as feridas logo sarariam, e que sobre ellas estava muito prestes pera receber outras de novo pelo serviço d'ElRey. O Governador Pero Mascarenhas lhe agradeceo muito aquillo, mandando embarcar nos balancos os soldados mais perigosos, porque os mais não quizeram largar o seu navio, nem o seu Capitão; e deixando na caravela alguns dos companheiros que leváram, tornáram-se pera a Armada. Passada esta vitoria, determinou o Governador Pero Mascarenhas de commetter a Cidade pela banda da terra firme, por onde estava assentado em conselho; e pera fazer isto mais a

seu.

ſeu ſalvo, fez moſtras de querer commetter a Cidade pela face della, pera embaraçar os inimigos, pera o que mandou preparar alguns ceſtões, e pipas, que já levava feitos de Malaca, e encommendou a Sina Raja, que com os ſeus Malayos, e quarenta Portuguezes, que lhe daria, deſembarcaſſe os ceſtões, e pipas na praia, e que logo as encheſſe de terra, e aſſentaſſem alguns falcões, e começaſſe a bater a Cidade, porque pela manhã a queria commetter por alli com todo o poder; deitando eſta fama, porque ſe pela ventura os Malayos tiveſſem algumas intelligencias com os de dentro, e aviſaſſem a ElRey da parte por onde elle determinava de commetter, ſe deſcuidaſſe das outras. Sina Raja fez o que o Governador lhe mandou, e pojou em terra de noite pelo eſcuro, e logo armou as pipas, e ceſtões, e encheo tudo de terra, e aſſentou os falcões, tudo com muita preſſa, e brevidade. Lac Ximena, que eſtava por Capitão naquella tranqueira, ſentio a obra, e mandou aviſar ElRey, e pedir-lhe mais gente, porque o queriam commetter por alli. Com eſte recado mandou ElRey tirar todos os Mouros que eſtavam repartidos pelas outras eſtancias, e os mandou paſſar pera aquella, pela confiança que nelles tinha. Foi na Cidade grande o alvoroço quando lhe diſſe-

ram que os Portuguezes queriam commetter por aquella parte, porque houveram que os tinham nas mãos, e que nenhum lhes escaparia. Pero Mascarenhas deo recado a Sina Raja, que tanto que no quarto d'alva visse fogo em alguma parte, fizesse que commettia a tranqueira com grandes estrondos, e alaridos, e deixando os navios em seu lugar (porque os da Cidade os não sentissem) embarcou-se com toda a gente em balancos, e batéis, e em muito silencio foi desembarcar na terra firme em parte que ficava huma legua da ponte, e dalli começou a marchar entrada do quarto d'alva, mettendo-se por huns caminhos apaulados, e todos de vasa, em que os nossos atolavam até as cintas, e além disso todos cheios de arvores bravas, em que hiam marrar por ser muito escuro, e foi de feição, que estiveram perdidos, e se Deos os não favorecêra, não era possivel corpos humanos poderem soffrer aquelles trabalhos, porque hiam todos taes, e tão envasados, e quebrantados, que não podiam comsigo, e passando por todos estes perigos chegáram á ponte huma hora ante manhã com tamanho alvoroço como se fossem descançar, e não tivessem por passar outros maiores riscos, e trabalhos. E como a ponte da banda da terra firme não tinha guarnição, por senão teme-

merem daquella parte, foram logo entrando por ella, dando o Governador a dianteira a Francisco de Sá, para quem se passáram alguns Fidalgos, e Cavalleiros desejosos de honra, e chegáram aonde estava Fernão Serrão, que já os esperava por estar avisado do negocio. E como estava abarbado com a ponte, saltou em terra com todos os seus soldados, ainda que não sãos das feridas, e de envolta com os da dianteira foram commetter o baluarte da entrada da ponte, que era de madeira como dissemos. Os que alli estavam de guarnição, como senão receavam daquella parte, dormiam descançadamente, e nunca sentíram cousa alguma. Os nossos commettêram o baluarte com muitas panellas de polvora, com que os inimigos despertáram em meio das labaredas, e ardendo nellas largáram o baluarte, e acudíram a baixo ao postigo por onde a ponte se servia, onde já estavam Aires da Cunha, João Pacheco, e outros, que com fogo, e vaivens arrombáram as portas por onde entráram. E posto que acháram nos inimigos grande resistencia, todavia escandalizados do fogo, e do ferro, largáram tudo, e foram fugindo pera a Cidade, ficando o baluarte despejado, a que logo puzeram fogo, que ardeo com muita braveza. Sina Raja o nosso Capitão Malayo,

que eſtava na praia, em vendo o fogo, começou a bater a Cidade, e com grandes gritas, e eſtrondos fez que commettia a entrada. Lac Ximena que eſtava ſobre aviſo, poz-ſe a eſperar os noſſos com grande alvoroço, porque havia que ſe ſatisfaria nelles da quebra paſſada, de quando commetteo Fernão Serrão, de que ſahio eſcalavrado, e corrido; e eſtando neſte fervor, foram dar com elle os que fogiam da ponte, e lhe deram novas do que por lá hia, com o que elle ficou ſobreſalteado, e o meſmo fez ElRey tanto que o ſoube. Os noſſos foram entrando a Cidade, indo-lhe pondo fogo em todas as caſas, que eram de madeira, de que ſe elle apoſſou com ſua braveza acoſtumada. Vendo ElRey, que cuidava que tudo era mentira, ſer tamanha verdade o que lhe diſſeram, não teve mais tempo que pera ſe pôr em hum elefante, e fugir, ſem levar mais que ſua peſſoa. Já neſte tempo hia amanhecendo, e os noſſos viam tudo muito bem, e hiam mais á ſua vontade fazendo pela Cidade grandes eſtragos. Pero Maſcarenhas que hia por huma parte, encontrou-ſe com hum Capitão chamado Laxa Raja, com perto de mil e quinhentos homens, e pondo o Governador o guião de Chriſto no meio, elle ſe poz diante dos ſeus com grande valor, e esforço pelejando, e animando-os,

e tal

e tal eſtrago fez nos inimigos, que foi eſpanto. Aqui ſe aſſinaláram muito Alvaro de Brito, e Antonio de Brito, Simão de Souſa Galvão, Aires da Cunha, Franciſco de Mello Pereira, João Pacheco, Franciſco de Sá, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que todos eſte dia deram grandes provas de ſuas peſſoas matando cada hum delles muitos Mouros. O Laxa Raja, que era grande Cavalleiro, teve ſempre o roſto aos noſſos, fazendo tambem grandes cavallerias, e quiz Deos que lhe deſſem duas eſpingardadas com que ſe foi logo recolhendo, e os ſeus ſe puzeram em disbarato. Pero Maſcarenhas lhe foi ſeguindo o alcance, em que os noſſos ſoldados fizeram grandes cruezas: Franciſco de Sá, Fernão Serrão, Duarte Coelho, e os mais que os ſeguiam, foram demandando os paſſos d'ElRey, e deram com Lac Ximena, que já ſabia da fogida d'ElRey, e tambem hia recolhendo-ſe com huma grande companhia de Mouros, e remettendo os noſſos a elles, traváram huma muito cruel batalha; em que houve grandes damnos; mas como Lac Ximena pelejava com deſconfiança, vendo o eſtrago que os noſſos faziam, largou tudo, e foi-ſe recolhendo, ficando deſta feita a Cidade em mãos dos noſſos. Sería, já quando ſe acabou de arrematar a vitoria, meio dia, e foi huma

das

14.115

das maiores que na India ſe alcançou, porque na Cidade havia ſete mil homens eſcolhidos, e muitos Mouros, de que morrêram quatrocentos a fóra muitos feridos, e dos noſſos não morrêram mais que dous, ou tres, e nenhum de nome. Havida a vitoria, mandou o Governador ſaquear a Cidade, em que ſe acháram muitos, e ricos deſpojos, porque eſtava com todo ſeu receio. Pelo muro, e baluarte ſe acháram trezentas peças de artilheria, que o Governador mandou recolher. Eſta noite ſe agazalhou o Governador nas caſas d'ElRey, mandando pôr Capitães nas portas que hiam pera o Sertão, e ao outro dia, e ſinco, ou ſeis mais, que durou o ſaco ſempre ſe achou que recolher: e nelles chegou ElRey de Linga, grande amigo dos Portuguezes, que vinha em ſeu ſoccorro, com dezoito lancharas, o que foi recebido muito bem do Governador, e mandou que com toda a ſua gente, e alguns Portuguezes foſſe correr a Ilha, e trabalhaſſem por haver aquelle Rey ás maõs, o que elle não aguardou, porque já ſe tinha paſſado a Viantava, onde fundou nova Cidade, e em que viveo pouco, porque logo faleceo, e lhe ſuccedeo ſeu filho Alaudim, que he o que Caſtanheda, e Pedro Mapheo dizem ſer eſte, que Pero Maſcarenhas lançou fóra de Bintão, ſendo

na

na verdade ſeu pai, como nós o averiguámos com os Embaixadores de Jor, que á India vieram: Pela Ilha foram mortos muitos Malayos, e cativas duas mil almas; e não tendo alli mais que fazer, mandou o Governador pôr fogo a toda a Cidade, que ardeo tres dias. Aqui veio ter com Pero Maſcarenhas o Senhor, que foi de Bintão, a quem aquelle Rey tomou aquella Ilha, e lhe pedio o reſtituiſſe nella, que elle queria ſer vaſſallo de Portugal: O Governador lha concedeo, e lhe paſſou carta de vaſſallagem, e de como lhe concedia aquella Ilha, com condição, que nunca mais elle, nem ſeus herdeiros fizeſſem alli fortaleza alguma, nem trariam Armadas no mar. Neſtas couſas gaſtou o Governador perto de hum mez, e deſpedio dalli Franciſco de Sá pera a Sunda, e elle ſe tornou pera Malaca a eſperar a moução pera ſe ir pera a India.

CAPITULO IV.

Do alvoroço que havia na gente da India ſobre o governo de Lopo Vaz de Sampaio: e de como ſe elle fez preſtes pera ir buſcar as galés dos Rumes.

TOrnando a continuar com o Governador Lopo Vaz de Sampaio, que deixamos em Cochim, dando expediente a muitas couſas,

ſas, deram-lhe cartas de Goa, e de Chaul, em que lhe certificavam eſtarem em Camarão as galés de Rumes com determinação de paſſarem a invernar a Dio, e dalli fazerem guerra a toda a India, e irem ſobre Goa, e não ſe recolherem até deitarem fóra todos os Portuguezes. Com eſtas novas ſe malenconizou o Governador, e ajuntando os Capitães, e Fidalgos a conſelho, foram os mais delles de parecer, que foſſe eſperar as galés á ponta de Dio, e que alli pelejaſſe com ellas, e que lhe ſería facil a vitoria, porque as tomaria com a artilheria abatida, e deſtroçadas, e desbaratadas da viagem; e que ſe lhes deſſem tempo pera ſe reformarem, e ajuntarem com a Armada de Cambaya, ſem dúvida nenhuma ſe fariam ſenhores da India. Com eſta reſolução ſe começou a fazer preſtes, e deſpedio hum catúr muito ligeiro a Choromandel, dirigido a Ambroſio do Rego, que alli eſtava por Feitor, a quem eſcreveo, e mandou grandes proviſões, pera mandar pregoar por toda aquella coſta, em que mandava a todos os Portuguezes que por ella andavam, que tanto que aquella viſſem ſe foſſem logo pera Cochim onde os eſperava, pera o acompanharem naquella jornada, ſob pena de ſerem havidos por traidores, e alevantados, e ſe proceder contra elles, e contra ſuas fazen-

zendas, onde quer que fossem achadas, como esses; e que a todos os que pera elle viessem perdoava quaesquer culpas que tivessem, e aos sentenciados já, todos os degredos, e penas crimes, em que estavam condemnados. Desta Provisão zombáram todos, porque por aquella costa não estava havido por verdadeiro Governador. Os apparatos da Armada hiam crescendo a mór pressa, e o Governador Lopo Vaz andava todos os dias na ribeira dando ordem, e aviamento a tudo, e como não cessavam as murmurações de seu governo, e da succesão que se abrio, havia muitos que publicamente diziam, que fingiam aquellas novas das galés, pera ter aquella occasião de as ir buscar por se affastar de Pero Mascarenhas, e não se encontrarem, por senão pôr com elle a direito, e que pera lhe ficar a elle melhor partido, queria levar toda a Armada que havia na India, em que consistia todo o poder della, porque não ficava algum outro a Pero Mascarenhas, e com isto diziam tambem publicamente que o não haviam de acompanhar, porque cada dia se esperava por Pero Mascarenhas. Tudo isto foi ás orelhas de Lopo Vaz, do que ficou muito enfadado, e de feito não queria a mór parte da gente receber soldo, nem embarcar-se, estando elle já de todo pera o fazer; e queren-

rendo atalhar eſtas deſordens, eſtando hum Domingo á Miſſa, em ſe levantando o Santiſſimo Sacramento, diſſe em alta voz: *Juro naquella Hoſtia conſagrada, em que eſtá o verdadeiro Corpo de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que neſta jornada não tive, nem tenho outra tenção, ſenão de ir buſcar a Armada do Turco, e pelejar com ella, porque ſe aſſi o não fizer, far-ſe-hão elles ſenhores de toda a India; e por eſta ſer minha tenção, mando a todo o homem Portuguez, tirando os da obrigação deſta fortaleza, que logo ſe embarquem comigo, e não o fazendo, ſaibam certo todos os que ficarem que os hei de caſtigar graviſſimamente.* Feita eſta diligencia, começou-ſe a embarcar, e o meſmo fizeram todos, por haverem que era verdadeira a ida em buſca dos Rumes, com quem todos deſejavam de ſe verem ás mãos. Poſto no mar deixou por regimento ao Veador da fazenda Affonſo Mexia, que quando Pero Maſcarenhas chegaſſe de Malaca áquelle porto, lhe mandaſſe notificar ſua ſucceſsão, pera que ſoubeſſe a mudança que El-Rey tinha feito, pera que não cuidaſſe que havia de deſembarcar como Governador: e que ſe o quizeſſe fazer como Fidalgo particular, o deixaſſe, e quando não, que lhe defendeſſe a deſembarcação ás lançadas. Com eſte regimento deixou huma carta pera Pero

Maſ-

Maſcarenhas pera lha mandar á barra quando alli chegaſſe, em que o conſolava da mudança que ElRey tinha feito nas ſucceſsões da governança, fazendo a elle ſegundo nas proximas, ſendo primeiro nas paſſadas, fazendo-lhe comprimentos largamente pera ver ſe com elles lhe podia tapar a boca. E dada á véla antes que Janeiro ſe acabaſſe, chegou a Cananor, aonde ſe vio com Dom Simão de Menezes, que alli eſtava por Capitão, e lhe deo o meſmo regimento ſobre as couſas de Pero Maſcarenhas, e deixou naquella coſta por Capitão mór Jorge de Souſa com dez, ou doze navios de remo, dalli ſe fez á véla pera Goa, e em Baticalá achou Eitor da Silveira, que (como atrás diſſemos) deixára de paſſar o eſtreito por conſelho de Chriſtovão de Souſa, pela certeza que havia das galés, e delle ſoube todas as novas, com que deſpedio hum catúr ligeiro a Chaul com cartas a Chriſtovão de Souſa, em que o aviſava de como hia eſperar os Rumes, e lhe pedia, que lhe tiveſſe preſtes todos os navios, e gente, que pudeſſe pera o acompanhar, porque ſenão detiveſſe alli. E indo na derrota de Goa, achou no caminho Fernão de Moraes em hum navio que vinha de Ormuz com cartas de Diogo de Mello, e d'ElRey, em que lhe faziam queixas muito grandes de Rax

Xar-

Xarrafo, e lhe requeriam que o mandasse levar daquella fortaleza, porque em quanto nella estivesse, não deixaria de tentar alguma novidade, como já fizera em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira. Com isto ficou o Governador muito enfadado, porque eram cousas, que podiam dar muito trabalho ao Estado. Chegando a Goa aposentou-se em S. Francisco, onde chamou a conselho todos os Capitães, Cidadões, Mestres, e Pilotos, e lhes propoz como os Rumes estavam na Ilha de Camarão, e que por alguns avisos que tivera sabia de certeza que haviam de invernar nella pera em Agosto passarem á India: e que sem embargo de estar assentado que os fosse esperar na ponta de Dio, a elle lhe parecia melhor illos buscar a Camarão, porque os tomaria em terra, e com as galés desemasteadas, e desguarnecidas, e que por nenhum caso lhes poderiam escapar: que vissem todos o que lhes parecia daquelle negocio. Debatido entre todos, tornáram a concordar em os ir esperar á ponta de Dio, aonde forçado haviam de ir demandar, e que inda pera o fazer, era necessario esperar pelas náos do Reyno, que haviam de vir na entrada de Setembro, porque não havia na India Armada, nem gente bastante pera os ir alli esperar, quanto mais illos buscar a Camarão,

aon-

aonde forçado havia de chegar com a Armada dividida, e deſtroçada, e mais tendo exemplos de caſa, dos deſaſtres, e perdições que paſſáram Affonſo d'Alboquerque; e Diogo Lopes de Sequeira quando entráram aquelle eſtreito, que quando elles eſtavam tão certos na paragem de Dio, pera que era canſar em os ir buſcar tão longe? De tudo iſto mandou o Governador fazer hum auto aſſinado por todos, e deſiſtio da ida, mandando recolher a Armada pera dentro. Tanto que ſe iſto vio, começáram a reſuſcitar as murmurações paſſadas, affirmando que ſempre fora entendido ſerem aquellas couſas do Governador cumprimentos, e ficções pera ſe ſahir de Cochim, por ſe não encontrar alli com Pero Maſcarenhas, e tornáram a haver novos bandos, e ajuntamentos. O Governador deſpedio Manoel de Macedo em huma caravela pera ir a Ormuz com Proviſões, e papeis pera prender Rax Xarrafo, e levallo pera Goa, dando-lhe por regimento que tornaſſe a invernar. E deſpedio Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar com ſua Armada pera Cochim, dando-lhe por regimento que levaſſe grandes vigias em Pero Maſcarenhas, e que encontrando-o lhe requereſſe da parte d'ElRey, e da ſua, que ſe foſſe invernar a Cananor, ou em Cochim;

e que

e que quando não quizesse senão passar a Goa, voltasse com elle até a barra, donde o não deixaria passar até lho fazer a saber, e deo-lhe huma carta pera lha dar, em que o consolava, e lhe dizia, que quizesse tornar por Capitão de Malaca, que lhe accrescentaria os ordenados, e faria muitas mercês. Isto tratava o Governador, porque lhe não vinha bem entrar Pero Mascarenhas em Goa, porque sabia mui bem a justiça que contra elle tinha, e como toda a gente era amiga de novidades, causaria hum grande alvoroço, e o fariam pôr com elle a direito, cousa que lhe não vinha bem.

CAPITULO V.

Do que aconteceo a Pero Mascarenhas até chegar a Cochim: e de como Affonso Mexia lhe defendeo a desembarcação: e do que passou em Cananor, e de como se partio em hum catúr pera Goa.

CHegado Pero Mascarenhas a Malaca, proveo em muitas cousas daquella fortaleza, e como entrou o mez de Dezembro, negociou os navios que havia de levar pera Goa, e mandou embarcar a fazenda que havia d'ElRey, e de vinte do mez por diante se fez á véla pera Goa com tres galeões carregados de drogas; e fazendo sua viagem,

gem, prosperamente chegou a Coulão, onde foi recebido do Feitor, e Alcaide mór como seu Governador: posto que tinha regimento de Lopo Vaz de Sampaio em contrario, e delle soube todas as cousas que eram passadas sobre as succesṡões, do que ficou assás apaixonado; e tomando alli conselho sobre o que faria, lhe disse hum Simão Caeiro, que elle fizera Ouvidor geral, que se fosse logo a Cochim, e castigasse rijamente o Veador da fazenda, porque abrio a succesṡão; e que posto que já estava aberta, lhe não prejudicava a seu direito, porque elle pela primeira era o verdadeiro Governador da India. Com isto partio Pero Mascarenhas, e surgio na barra de Cochim o derradeiro de Fevereiro, hum sabbado á tarde. O Veador da fazenda, que trazia suas vigias, sabendo de sua chegada, mandou logo dous Juizes, e em sua companhia Duarte Teixeira Thesoureiro das mercadorias d'ElRey, e Manoel Lobato seu Escrivão, pera que fossem á náo de Pero Mascarenhas a lhe notificar a nova succesṡão de Lopo Vaz de Sampaio, e o traslado do regimento que lhe deixára, e que lhe requeressem da parte d'ElRey, que obedecesse ao dito Lopo Vaz de Sampaio, pois era Governador da India. Entrados estes homens no galeão, fizeram suas notificações a Pero Masca-

re-

renhas, do que se elle apaixonou, e disse, que a succesão que se abríra era falsa, e que não estava assinada por ElRey D. João, e que elle estava de posse da governança, como se via por hum auto que elle mesmo Affonso Mexia lhe mandára a Malaca; e porque o seu Ouvidor geral lhe disse que não dissimulasse com aquellas cousas, que eram caso de traição, mandou logo Pero Mascarenhas fazer hum auto, em que ouvè os Juizes por suspensos, e prezos os mandou pera suas casas, e a Duarte Teixeira, e Manoel Lobato mandou logo lançar grilhões, e os deixou ficar prezos no galeão. Sabido isto pelo Veador da fazenda, mandou-lhe requerer, que lhe soltasse o Thesoureiro, e Escrivão das mercadorias, porque se poderia perder a fazenda d'ElRey, que estava em seu poder; mandando-lhe requerer de novo, que obedecesse a Lopo Vaz de Sampaio como a Governador, e que se fosse pera Goa onde o acharia, e requereria sua justiça. A isto respondeo Pero Mascarenhas, que ao outro dia lhe daria a resposta em terra. O Veador da fazenda temendo-se que elle desembarcasse de noite, e que se metesse na Cidade, repicando o sino ajuntou todos os casados, e armando-se foram vigiar a praia, como se nella houvessem de desembarçar os Rumes, que estavam em Cama-

marão, mandando o Veador da fazenda por vezes requerimentos a Pero Mascarenhas, que não desembarcasse, affirmando-lhe no derradeiro, que lhe havia de defender por armas a descmbarcação, porque assi lho mandava o Governador da India. O Governador Pero Mascarenhas esteve pera passar a Goa, mas os seus lhe aconselháram que em nenhum modo deixasse de desembarcar, com côr de dizer que hia ouvir Missa a terra por ser Domingo; porque tanto que puzesse os pés em terra, como era legitimo Governador, forçado lhe haviam de acudir todos os do povo, e que então poderia prender Affonso Mexia, e castigallo conforme a suas culpas. Com isto desembarcou ao outro dia pela manhã nos batéis das suas náos, não consentindo que algum dos seus levasse armas, levando Ouvidor geral, e Meirinho com suas varas. Chegando á praia, onde o Veador da fazenda andava em hum formoso cavallo acubertado, armado em coura de laminas, de lança, e adarga, e acompanhado de todos os casados, e vendo chegar os batéis, mandou que ferissem a todos os que nelles vinham, e que os matassem, se quizessem desembarcar, e assi arremettêram todos as embarcações, sem darem pelos brados que lhes Pero Mascarenhas dava, requerendo-lhes da parte de Deos, e d'ElRey

que estivessem quedos, porque elles vinham pacificamente como Christãos a ouvir Missa. Affonso Mexia dando-lhe pouco de tudo, mandava que os lanceassem, como começáram a fazer, sem os da parte de Pero Mascarenhas terem com que se defender. Todos os naturaes da terra acudíram á praia, e vendo fazer aquillo a hum homem, que hia com nome de Governador, estavam passmados de cousa tão feia. Pero Mascarenhas primeiro que se pudesse recolher foi mui bem esparcado, e ferido em hum braço, aquelle a que tanto número de inimigos em Bintão não pudera fazer nojo, virem os amigos em sua propria Cidade desembarcando pacificamente ao affrontarem, e maltratarem, cousa foi nunca imaginada de Portuguezes, e menos castigada de todas as que vimos, sendo ella dina de hum exemplar castigo; porque quando nesta nossa historia se lesse hum caso tão abominavel, se achasse logo junto delle a justiça, pera que visse o Mundo quão inteiramente os Reys de Portugal a guardam com todos, e que assi como sabem remunerar serviços, assi tem por obrigação castigar culpas, e delictos. Em fim os da companhia de Pero Mascarenhas se affastáram pera fóra, e se tornáram pera as náos bem moidos, e escalavrados, sahindo ferido de huma chussada roim Jorge Mas-

carenhas ſobrinho de Pero Maſcarenhas. E ſendo nas náos, mandou o Governador Pero Maſcarenhas fazer hum auto pelo Ouvidor geral daquella reſiſtencia, mandando apregoar pela Armada ao Veador da fazenda, e moradores de Cochim por traidores, e alevantados contra a Coroa Real. Affonſo Mexia deſpedio logo hum catúr ligeiro pera Goa com cartas pera o Governador Lopo Vaz de tudo o ſuccedido, em que foi Aires da Cunha, que tambem levou cartas de Pero Maſcarenhas pera elle, e pera todos os Fidalgos, em que lhes dava conta do que lhe Affonſo Mexia fizera, pedindo aos Fidalgos todos, que determinaſſem qual era o verdadeiro Governador, porque elle não queria ſenão juſtiça. Affonſo Mexia mandou requerer ao Governador Pero Maſcarenhas, que lhe mandaſſe entregar os galeões d'ElRey com toda ſua fazenda pera ſe vender, e ſe quizeſſe ir pera Goa, lhe daria huma caravela: diſto foi contente Pero Maſcarenhas, porque depois que ſe lhe paſſou aquelle grande accidente de paixão, determinou de levar o negocio por termos de paciencia, por imitar Affonſo d'Alboquerque nas couſas, que lhe ſuccedêram com o Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida. O Veador da fazenda mandou a caravela a Pero Maſcarenhas, á que ſe paſſou, e recolheo

comſigo os que quizeram, os mais ſe foram pera terra, e entre elles foi Jorge Maſcarenhas, porque eſtava mal, a quem o Veador da fazenda mandou logo levar prezo a Coulão, e aſſi prendeo em ferros todos os mais que ſe deſembarcáram. Pero Maſcarenhas ſe fez á véla, com determinação de ir a Cananor eſperar reſpoſta de ſuas cartas; e porque D. Simão de Menezes era ſeu amigo, onde podia ſer achaſſe melhor gazalhado que em Cochim, e ſurgindo naquella barra, mandou recado a D. Simão de ſua chegada, que lhe mandou dizer, que lhe pezava muito de ſua vinda ſer em tempo, em que lhe não podia fazer ſerviço algum, como ſeu ſervidor que era, porque tinha ordem do Governador Lopo Vaz de Sampaio, em que lhe mandava, que ſe foſſe ter áquella fortaleza, e nella quizeſſe deſembarcar como Fidalgo particular, tão honrado, e de tanto merecimento, que o recebeſſe conforme a ſua peſſoa; mas que ſe o quizeſſe fazer com nome de Governador, que lho não conſentiſſe, e elle pela que devia a ſua lealdade, não podia fazer outra couſa, porque Lopo Vaz eſtava havido por Governador da India, e eſtava em lugar d'ElRey. Pero Maſcarenhas lhe mandou dizer que fazia naquillo muito bem, que não queria delle mais que hum catúr pera ir nelle para

Goa;

Goa, por ir ainda mais razo, e com menos ſuſpeitas de querer alguma couſa por força, ſenão por juſtiça, o que lhe D. Simão louvou muito, e lhe mandou hum catúr muito bem negociado, em que não levou mais que Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas, e dous pagens que o ſerviſſem, e aſſi ſe partio pera Goa, parecendo-lhe, que os Fidalgos, e Capitães da India, quando Lopo Vaz ſe não quizeſſe pôr em juſtiça com elle, lho fariam fazer, porque havia que tanto que Lopo Vaz ſe puzeſſe com elle a direito, pelo muito que tinha, não podia deixar de haver ſentença contra elle.

CAPITULO VI.

Do que fez Lopo Vaz de Sampaio tanto que teve novas de Pero Maſcarenhas: e de como o mandou eſperar na barra, e o prendêram em ferros, e o leváram a Cananor.

Ires da Cunha, que atrás diſſemos, que partio de Cochim com as cartas pera Lopo Vaz de Sampaio, deo-ſe tanta preſſa, que chegou a Goa a quatro dias de Março, e deſembarcando, deo ao Governador as cartas, e papeis que Affonſo Mexia lhe mandava, em que lhe dava conta de tudo o que era paſſado com Pero Maſ-

ca-

carenhas, com o que ſe houve por ſeguro na governança. E dando conta do caſo a Eitor da Silveira, a Pero de Faria, e a outros Fidalgos ſeus amigos, lhe aconſelháram que em nenhum caſo conſentiſſe vir Pero Maſcarenhas a Goa; porque ſegundo a gente andava alterada das couſas paſſadas, e haviam que Pero Maſcarenhas era o verdadeiro Governador, lhe acudiriam todos, e ſe levantariam contra elle. Pareceo-lhe ao Governador Lopo Vaz de Sampaio muito bem iſto, e logo eſcreveo a Antonio de Miranda, Capitão mór do mar, que pelos grandes inconvenientes que havia ao ſerviço d'ElRey vir Pero Maſcarenhas a Goa, que o eſperaſſe no caminho, e o fizeſſe tornar pera Cananor, donde não ſahiria ſem ſeu mandado; e não lhe querendo obedecer, o prenderia, e levaria em ferros, e o entregaria a D. Simão, de quem cobraria conhecimento de ſua entrega; e que ſe elle ſe quizeſſe defender, o metteſſe no fundo, fazendo-lhe primeiro todos os proteſtos, e requerimentos neceſſarios, com o que tornou a mandar o meſmo Aires da Cunha, por quem reſpondeo a Pero Maſcarenhas por huma carta, cujo theor he o ſeguinte: *Senhor, pela carta do Veador da fazenda, e pela voſſa ſoube o que vos aconteceo em Cochim, de que vós, Senhor, tendes toda*

a cul-

a culpa, pois não quizeſtes obedecer aos meus regimentos, que vos Affonſo Mexia mandou notificar, pelo que não tenho razão de o caſtigar, do que me muito peza; e quanto, Senhor, a vos virdes ver comigo, todos os Fidalgos que eſtão neſta Cidade são de parecer o não conſinta, por me haverem por verdadeiro Governador, e não terdes juſtiça pera ſobre eſta materia ſerdes ouvido; pelo que não ſervia voſſa vinda de mais, que de dar torvação a ſe fazer o que he neceſſario pera o recebimento dos Rumes que eſperamos, de que ha novas muito certas: pelo que vos requeiro da parte d'El-Rey Noſſo Senhor, e da minha vos peço muito vos queirais quietar, e recolher pera a fortaleza de Cananor, como o Capitão mór do mar vos dirá, e dahi podeis mandar requerer o que quizerdes. De Goa hoje vinte e ſete. E a Aires da Cunha, que levou eſtas cartas, deo a Feitoria, e Alcaideria mór de Coulão, mandando prender Henrique Figueira, que nella eſtava por El-Rey, porque contra fórma de ſeu regimento agazalhou Pero Maſcarenhas. Aires da Cunha deo eſtas cartas ao Capitão mór, que ſe deſencontrou com Pero Maſcarenhas. Tanto que em Goa ſoou a ſua vinda, começouſe a alvoroçar toda a Cidade, e diziam que elle era o verdadeiro Governador, e que co-

mo

mo a eſſe lhe haviam todos de obedecer, ſobre o que houve uniões, e deſconcertos; e por ſe recear Lopo Vaz que com ſua chegada a Goa houveſſe grandes deſaventuras, e que foſſe elle depoſto da governança, o que quiz atalhar com mandar Simão de Mello ſeu ſobrinho, e Antonio da Silveira, que havia de ſer ſeu genro, com grande Armada de fuſtas pera tomarem ambas as barras de Goa, e chegando Pero Maſcarenhas, o prendeſſem, e o levaſſe Simão de Mello a Cananor, e iſto fez por lho aconſelharem os Fidalgos de ſua parcialidade, de que o principal era Eitor da Silveira, a quem elle quiz encommendar eſta execução, de que ſe elle eſcuſou, porque lhe ſeria mui tachado. Eſta diligencia eſcandalizou mais a todos, que tudo o paſſado, e diziam publicamente, que Lopo Vaz trabalhava por Pero Maſcarenhas não vir a Goa pela muita juſtiça que tinha, e que o mandava eſperar com tamanha Armada, como ſe foram buſcar os Rumes. Iſto, e outras couſas lhe hiam de noite em magotes dizer de baixo da ſua janella, onde o elle ouviſſe. Hum Domingo eſtando o Governador em S. Franciſco á Miſſa com os mais dos Capitães, Fidalgos, Cavalleiros, e Povo, prégou o Guardião, que era homem letrado, e no cabo da prégação leo em alta voz a ſucceſsão, por

on-

onde Lopo Vaz de Sampaio era Governador, e logo provou com muitas razões, que eſtava legitimamente no cargo, e que toda a peſſoa que dizia que elle tomava por força a governança a Pero Maſcarenhas, não ſó lhe alevantava falſo teſtemunho, mas commettia traição contra ElRey, couſa muito eſtranhada entre os Portuguezes, que na fidelidade eram eſtremados ſobre todas as outras nações do Mundo: o que elle ſe não envergonhava de dizer, ſendo Caſtelhano, porque era fallar verdade; e que haviam de cuidar os que duvidavam da juſtiça de Lopo Vaz de Sampaio, que havia elle de fallar naquella materia deſintereſſado, pois nem com hum, nem com outro tinha razão alguma. E que ſe naquelle negocio não fallava toda a verdade que entendia, que alli aonde elle eſtava o confundiſſe Noſſo Senhor. Que requeria da parte do Santo Padre ao Vigairo Geral, que alli eſtava preſente, que logo paſſaſſe carta de excommunhão contra todos os que diſſeſſem que o Governador Lopo Vaz de Sampaio não era legitimamente Governador; e que cada peſſoa que foſſe comprendida, pagaſſe dez marcos de prata pera a Sé, e que não pudeſſem ſer abſolutos ſenão pelo Biſpo do Funchal, de baixo de cuja jurdição eſtava toda a India. E que tambem requeria ao Ouvi-

dor

dor geral, e a todos os Fidalgos, que olhassem por huma cousa tão importante ao serviço de Deos, e d'ElRey, e que soubessem todos, que as guardas que estavam nas barras não era por se o Governador temer de Pero Mascarenhas, senão por evitar alvoroços, e com isto acabou sua arenga. Logo Pero de Faria Capitão da Cidade, pedio a succesão ao Padre Prégador, e a beijou, e poz na cabeça, dizendo que elle a obedecia; e perguntando a todos os Fidalgos que presentes estavam, se faziam outro tanto, disseram que sim, do que logo mandou o Governador fazer hum auto, em que se todos assináram pera se aproveitar delle quando fosse necessario. Só D. Vasco de Lima, e Jorge de Lima não quizeram assinar nelle, pelo que os mandou o Governador prender em suas casas. E este auto mandou o Governador assinar pelos Capitães que estavam nas barras, que eram Antonio da Silveira, Simão de Mello, Dom Jorge de Noronha, Jorge de Mello, Dom João Lobo, D. Henrique Deça, João Pereira, Francisco Correa, Antonio Caldeira, Gomes do Souto-maior, Lopo Correa, Francisco de Brito, Paio Rodrigues de Araujo, Garcia de Mello, Antonio Mendes de Vasconcellos, Nuno Pereira, Francisco Ferreira, Gaspar da Silva, Fernão de Moraes,

Fer-

Fernão Rodrigues Barbas, e o mesmo assinou Antonio de Miranda Capitão mór do mar, que a este tempo chegou á barra. Pero Mascarenhas vindo seu caminho topou com Gonçalo Gomes de Azevedo, homem Fidalgo, de que soube a Armada que o esperava pera o prenderem; e como elle hia posto a soffrer tudo o que lhe fizessem, e não tratar mais que de requerer sua justiça, não lhe deo cousa alguma, antes passou adiante seu caminho. Chegando á barra de Goa aos dezeseis de Março, lhe sahíram os navios postos em armas, como se foram esperar Rax Soleimão Capitão mór das galés dos Turcos, e chegado Antonio da Silveira a elle, o fez amainar, e lhe notificou o mandado do Governador, pedindo-lhe lhe désse a menagem, e que de baixo della se fosse metter prezo em Cananor, donde não sahiria sem mandado do Governador Lopo Vaz de Sampaio; ao que elle respondeo, que elle era Governador por Provisão d'El-Rey, e que Lopo Vaz lhe fazia força, e estava alevantado com o estado da India, que elle vinha pacificamente naquelle catúr com sós dous pagens a requerer sua justiça, se ativesse, e quando não, que não tinha que fallar; e que vir pedir justiça não era culpa pera prizão, nem se podia recear de hum homem que tão só hia. Antonio da Sil-

vei-

veira vendo que não queria dar a menagem, o prendeo, e lhe mandou logo lançar huns grilhões como malfeitor. (Cousa vergonhosa certo tratarem tão mal hum tão bom vassallo d'ElRey de Portugal, e de tantos serviços, e merecimentos, vindo a pedir justiça em cousa que tão claramente a tinha; e se Lopo Vaz de Sampaio logo se puzera a direito com elle, como depois fez, não chegariam as cousas a tantas affrontas, nem a tantos riscos, como adiante se verão; porque Pero Mascarenhas não queria mais senão que se julgasse seu caso, e não tendo justiça ir-se pera Portugal a pedir satisfação de seus serviços; mas não o queriam ouvir nesta materia, porque não quiz Lopo Vaz de Sampaio fazer duvidoso o que tinha nas mãos.) Prezo Pero Mascarenhas, foi logo entregue a Simão de Mello pera o levar a Cananor. Simão Caciro, e Lançarote de Seixas, que com elle vinham, foram levados ao tronco de Goa, e carregados de ferros. Simão de Mello chegou a Cananor, e entregou Pero Mascarenhas a D. Simão de Menezes, de cuja entrega se fez hum auto, em que se assináram todos, e tornou a voltar pera Goa, onde deo conta ao Governador do que passava. Com isto se houve por quieto, e por seguro, e os homens se assocegáram com o medo do castigo.

CAPITULO VII.

Do que Christovão de Sousa Capitão de Chaul escreveo a Lopo Vaz de Sampaio sobre as cousas de Pero Mascarenhas: e de como chegou a Goa prezo Rax Xarrafo Guazil de Ormuz: e dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampaio.

CHristovão de Sousa Capitão de Chaul soube o modo de como Lopo Vaz de Sampaio queria proceder com Pero Mascarenhas, e de como o mandava esperar na barra pera o prenderem, e das uniões que em Goa havia entre os Fidalgos sobre esta materia, o que tudo estranhou muito, e o praticou com os Vereadores de Chaul, que lhe disseram, que elle, como era pessoa tão principal na India, estava obrigado acudir áquellas cousas pelo perigo que corriam em tempo que havia novas de Rumes, pelo que escreveo logo huma carta ao Governador Lopo Vaz de Sampaio, e a mandou a Francisco de Sousa Tavares seu sobrinho pera que lha désse, que chegou poucos dias depois da prizão de Pero Mascarenhas, e Francisco de Sousa Tavares a deo ao Governador, que a abrio, e vio que dizia assi: *Senhor. Muito espantado estou esperando-se cada*

da dia por Rumes, que ficam em Camarão com huma grossa Armada, e tamanho poder, e o nosso tão pouco, querello V. S. ainda diminuir com o dividir em duas partes, e dar occasião a bandos, que em todas as partes do Mundo he a mais abominavel cousa que póde ser, quanto mais na India, e neste tempo. E se lhe parece que a governança he sua, porque se não porá em justiça com Pero Mascarenhas, e não tratar de por armas se sustentar no lugar, e posse em que está: pelo que deve V. S. de querer que se dê o seu a seu dono, e que quem tiver direito fique por Governador. De mim lhe affirmo, que tanto me dá que o seja hum, como outro, só pretendo ver na India quietação, e paz entre os Fidalgos: pelo que lhe requeiro da parte d'ElRey que se ponha em direito com Pero Mascarenhas, porque lhe certifico que não hei de obedecer senão a quem se puzer em direito. De Chaul a dez de Março de mil quinhentos e vinte sete. O Governador com esta carta achou-se muito salteado pela qualidade, e partes de Christovão de Sousa, por ser a principal pessoa da India, a quem haviam de acudir os mais dos Fidalgos, e gente della, se se lançasse á parte de Pero Mascarenhas, o que estava certo fazer, como se declarava na carta, quando visse que elle usava de força,

e não

e não de justiça. Esta carta encubrio, e não mostrou senão a alguns Fidalgos muito amigos, que ficáram com ella abalados; e havendo sobre isso conselho, assentou-se, que escrevesse o Governador a Christovão de Sousa, e lhe notificasse a prizão de Pero Mascarenhas, e como se fizera por consentimento de todos os Fidalgos, sem estrondo, nem divisão alguma. E assi lho escreveo por huma carta, dando-lhe conta do que passava, pedindo, que pois o negocio estava quieto, e elle de todos era havido por Governador, que o quizesse elle conhecer por esse, e que escrevesse huma carta a Pero Mascarenhas, em que lhe fizesse a saber como havia sua prizão por boa, e lhe aconselhasse, que desistisse de pretender a governança, pois nella não tinha justiça. Esta carta se deo a Christovão de Sousa, que como não pretendia neste caso mais que a quietação, e socego entre os Fidalgos, folgou da cousa se fazer tão pacificamente, não deixando de lhe parecer em si mal a prizão de Pero Mascarenhas; mas callou-se pelo que convinha ao estado da India: que posto que a Pero Mascarenhas lhe tomassem o que era seu, convinha fazerem-lhe entender outra cousa, pera que se quietasse, e ElRey lhe satisfaria depois sua honra. E logo despedio o mesmo messageiro ao Governador, que era hum

Par-

Parſeo, com huma carta pera elle, e outra pera Pero Maſcarenhas aberta. O Parſeo tomou o caminho apreſſado, e em poucos dias chegou a Goa, e deo as cartas ao Governador, que abrindo a ſua vio que dizia: *Senhor. Por eſte Parſeo tive huma carta de V. S. em que largamente me dá conta do negocio dantre elle, e Pero Maſcarenhas: muito folgára de o ſaber primeiro, porque dera antes meu parecer ſem affeição, como V. S. deve crer, e eſperar. E quanto ao que diz, que todos obedeciam á ſua Provisão, eu tambem lhe obedeço; e ſei certo que he Governador da India por Provisão d'El-Rey Noſſo Senhor por morte do Governador D. Henrique de Menezes, que Deos perdoe. E quanto ao que he paſſado ſobre eſte caſo, me pareceo eſcuſado meu parecer, por ter eſſe negocio já fim (ſeja Deos louvado!) tanto ſem alvoroço, e divisão, o que ſempre pedi a Noſſo Senhor, e eſtava aſſás confiado ſe faria bem pelo V. S. ter entre mãos; e pois eſtá feito tanto em concordia, e paz; não fallo niſſo. A carta pera Pero Maſcarenhas vai aberta pera, ſe lhe parecer bem, mandar-lha, e ſenão faça o que quizer. Beijo as mãos de V. S. De Chaul hoje vinte e ſinco de Março.* Lida a carta, o fez tambem á de Pero Maſcarenhas, cujo theor he o ſeguinte: *Senhor.*

Fui

Fui informado do ſenhor Lopo Vaz de Sampaio de todo o caſo dantre vós, e elle, e aſſi vi ſuas Provisões, e os pareceres deſſes ſenhores, que ſe achâram em Cochim, e certo que tudo foi feito por ſeu eſtilo: e como eſtas couſas eſtem em pontos de Direito, que muito bem ſabem alguns dos que eſtavam preſentes, não vos deve de parecer, ſenão que ſe fez juſtiça, e que os Frades, nem eſſes ſenhores vo-la haviam de querer tomar, porquanto huns por ſeu habito, e outros por ſua fidalguia tinham obrigação haver tudo ſem ſuſpeita como víram. E certo a meu ver, a vontade de S. A. era ſello elle por falecimento de D. Henrique. Eu não fui informado ſenão a tempo que tudo eſtava feito, por iſſo foi eſcuſado meu parecer: e pois tudo eſtá pacífico, havei voſſa prizão em paciencia, porque foi neceſſaria: aſſi pelo que vos cumpre, como por evitar algumas ſuſpeitas de homens que deſejam divisões, o que pera o tempo em que eſtamos fora daninoſo, que muito melhor fora ſerdes ambos mortos. Quiz-vos, Senhor, eſcrever eſta, poſto que de vós não tenha recebido nenhuma depois de voſſa vinda, pera nella vos pedir por mercê, (como acima digo,) hajais paciencia com voſſas couſas, e queirais fazer eſte ſerviço a S. A. de vos não lembrardes agora de

vossa honra por não vingardes vossa prizão, cousa tão contraria a seu serviço, e certo que recebais delle por isso assinalada mercê: e não demovam vosso conselho algumas cartas de Fidalgos da India, porque quem o contrario aconselhar, não he vosso amigo, e não deseja de vossas cousas serem feitas conforme a vossa honra como eu. Veja, Senhor, o que de mim manda nesta terra, fallo-hei, não tocando nestes negocios, (por já terem fim) como seu servidor, e amigo que sou de muitos dias. Beijo, Senhor, vossas mãos. De Chaul, &c. E assi escreveo a D. Simão de Menezes, e a outros Fidalgos, cousa que o Governador estimou muito, e ficou desaliviado, parecendo-lhe que tinha Christovão de Sousa da sua parte. Esta carta despedio logo o Governador a Pero Mascarenhas, que tanto que a vio ficou satisfeito, porque entendeo della, que não havia Christovão de Sousa sua prizão por boa, senão por pacificação da India, e não porque não tivesse justiça, e ficáram-lhe grandes esperanças de elle ainda obrigar a Lopo Vaz a se pôr com elle a direito, e de D. Simão que o soltaria, porque tinha entendido delle, que como entrasse o inverno lhe tiraria os ferros. Tudo isto lhe deo ousadia pera mandar a Goa hum Diniz Camelo Tabellião público de Cananor com hum

re-

requerimento a Lopo Vaz, que ſe embarcou no meſmo navio que levou a carta. E chegando a Goa, eſtando o Governador ouvindo partes, lhe deo o Diniz Camelo o proteſto, e abrindo-o, o foi lendo, e vio que dizia aſſi: *Proteſto, que vós Diniz Camelo haveis de fazer ao ſenhor Lopo Vaz de Sampaio, em que lhe requerereis da parte d'ElRey Noſſo Senhor, que neſte negocio ſe ponha comigo em juſtiça, e não queira levar ao cabo a força que faz em me tomar a governança da India, que me ElRey deo por meus merecimentos; e não o querendo fazer, proteſto por todas as perdas, e damnos, que diſſo receber. E lhe requerereis que ſolte Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas pera requererem minha juſtiça, porque eſtam prezos ſem culpa, e me paſſareis deſte proteſto huma certidão com ſua reſpoſta, ou ſem ella, pera poder requerer por ella minha juſtiça no Reino.* O Governador em lendo o proteſto, o rompeo logo, e Diniz Camelo ou por palavras que lhe alli diſſe o Governador, ou porque o aviſáram, deſappareceo de Goa, e ſe tornou pera Cananor, ſem eſperar reſpoſta. O que ſabido por Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas, paſſando poucos dias logo o Governador por defronte da porta do tronco, de cima a grandes brados lhe requerêram

da parte d'ElRey que fizesse justiça a Pero Mascarenhas, e que os mandasse soltar pera a requererem por elle. Disto ficou o Governador tão agastado, que os mandou de novo carregar de ferros, e defendeo com graves penas, que nenhuma pessoa mais sobre este caso de Pero Mascarenhas lhe fizesse nenhum requerimento, senão o Secretario, porque elle lhe responderia. E mandou lançar pregão, que sob pena de morte nenhuma pessoa nomeasse Pero Mascarenhas por Governador. O Diniz Camelo foi ter a Cananor mui amedrontado, e delle soube Pero Mascarenhas o que passára, e como o Governador rompeo o seu protesto, e que lhe não déra resposta, do que lhe Pero Mascarenhas pedio hum instrumento em pública fórma. D. Simão de Menezes soou-lhe aquelle negocio mal, e bem entendeo que Lopo Vaz de Sampaio queria nelle usar de força, e não de justiça, cousa que muito o abalou, e determinou, se quizesse levar sua teima adiante, de lhe não obedecer, mas dissimulou por então com isto. Neste tempo chegou Manoel de Macedo, que o Governador mandou a Ormuz prender Rax Xarrafo, como atrás contámos, que chegando áquella fortaleza, por evitar alterações, dissimulando com o negocio, estando hum dia com o Capitão, mandáram chamar

mar o Guazil pera certas cousas, e como o tiveram na fortaleza, o recolhêram na torre da menagem, e o guazilado mandou o Governador dar a Rax Hamed, hum Mouro muito principal. Rax Xarrafo se fez prestes de tudo, e o embarcáram na náo de Manoel de Macedo, que voltou logo pera Goa, onde chegou neste proprio tempo em que andamos. O Governador o mandou prender na torre da menagem, e depois lhe deo a Cidade por prizão, e mandou que se livrasse.

CAPITULO VIII.

Das revoltas, que em Goa houve sobre as cousas dos dous Governadores: e de como Eitor da Silveira, e Diogo da Silveira se lançáram da parte de Pero Mascarenhas.

Estando as cousas neste estado, sendo entrada de Abril, pedio Eitor da Silveira ao Governador que mandasse Péro de Faria, (que era Capitão de Goa,) a servir a capitanía de Malaca, de que estava provído por ElRey, e que lhe désse a elle a de Goa, do que o Governador se escusou, porque Pero de Faria tinha tambem aquella capitanía de Goa por ElRey; e estava em sua escolha servilla, ou largalla, e que so-

ſobre tudo elle ſaberia delle ſe havia de ir a Malaca, e que querendo-o elle fazer, então lhe daria o que lhe pedia, e dizem que fallára a Pero de Faria, e que elle lhe diſſera, que não havia de ir a Malaca. E aſſi o diſſe o Governador a Eitor da Silveira; o que elle não creo, porque lhe pareceo que aquillo do Governador eram cumprimentos, e que queria ter comſigo Pero de Faria, porque era do ſeu bando, e fora de parecer que elle era o Governador, ſobre elle ter com elle muitos cumprimentos, ſobre os quaes lhe reſpondeo Eitor da Silveira, que bem ſabia delle a verdade, mas que não lhe pediria mais couſa alguma, nem lhe entraria em caſa, e ſe foi: o que tudo o Governador ſoffreo pelo tempo em que eſtava. Eitor da Silveira deo conta daquelle negocio a alguns muito amigos, principalmente a Diogo da Silveira, como muito ſeu parente, a quem aconſelhou pediſſe ao Governador a capitanía de Malaca, pois Pero de Faria não queria ir entrar nella. Diogo da Silveira o fez aſſi, e o Governador lhe reſpondeo, que muito folgára de lha dar; mas que era couſa que não podia ſer por eſtar nella Jorge Cabral da mão de Pero Maſcarenhas, a quem jurou por Governador, que não a havia de entregar a peſſoa alguma, ſenão por Proviſão do meſmo Pero

Maſ-

Mascarenhas, como tinha por obrigação, conforme a menagem que della lhe dera. Disto ficou tambem Diogo da Silveira tomado, e não querendo acceitar nenhuns cumprimentos do Governador, se foi escandalizado. E como todos haviam que elle Lopo Vaz não era o legitimo Governador, e que os havia mister a todos, todos se lhe queriam vender bem caros. E logo estes dous Silveiras começáram a publicar Pero Mascarenhas por verdadeiro Governador, e que Lopo Vaz pelo saber mui bem, senão queria pôr com elle em justiça, induzindo muitos Fidalgos a serem de sua opinião, e a tomarem a voz de Pero Mascarenhas, de que os principaes foram D. Antonio da Silveira, D. Tristão de Noronha, D. Jorge de Castro, Vasco da Cunha, Dom Henrique Deça, D. Francisco de Castro, João Fernandes Freire, Jorge da Silveira, Francisco de Taíde, Jorge de Mello, Diogo de Miranda, Aires Cabral, Simão Sodré, Martim Vaz Pacheco, e Simão Delgado Quadrilheiro mór, e despedíram por terra cartas a Pero Mascarenhas, em que o certificavam de suas tenções, por isso que trabalhasse por acabar com D. Simão que o soltasse, e que na entrada do verão se fosse pera Goa, porque elles fariam com Lopo Vaz que se puzesse com elle a direito.

Foi

Foi dada esta carta, em que todos estes assináram, a Pero Mascarenhas, que a amostrou a D. Simão, pedindo-lhe que pois aquelles Fidalgos estavam de sua parte, e apostados a lhe fazerem fazer justiça, que tambem o devia de favorecer, e soltallo pera a requerer; e que julgando-se-lhe a governança da India, elle lhe daria a capitanía mór do mar, porque então o não poderia ser Antonio de Miranda; porque a successão que se abrio, em que Lopo Vaz se achou, e que elle estava declarado por Capitão mór, não podia haver effeito. D. Simão lhe prometteo de o soltar, se aquelles Fidalgos se não mudassem de suas tenções; e que escrevesse elle aos amigos que tinha em Cochim pera saber se tinham ainda sua voz; e que requeresse a Antonio de Miranda, e ao Veador da fazenda, que pois eram na India pessoas tão principaes, fizessem com Lopo Vaz, que se puzesse com elle em justiça: e elle o fez assi, e lhes mandou sobre isso grandes requerimentos com cartas a seus amigos, que lhos apresentassem. E como o Veador da fazenda era muito recatado, temia de Pero Mascarenhas ter algumas intelligencias em Cochim, e por isso tinha suas espias pera lhe tomarem todas as cartas, e papeis, que lá mandasse. E acertáram de tomar huma carta, que tinha o sobrescrito tão risca-
do,

do, que se não podia ler, e por isso não se soube pera quem era, que dizia: *Senhor, agora novamente tórno a fazer certos requerimentos sobre a governança da India por me ser requerido que os faça, e lá, Senhor, vos ha de ser mostrado hum delles: sei de certo que vos ha de parecer bem fazellos, pois a todos estes senhores (digo pelos mais delles) parece mal o que se comigo usa, e desejam todos vir-lhe á mão, poderem alevantar o serviço d'ElRey Nosso Senhor, e não consentirem em cousas que passam contra seu Real estado, de que tem que se lhes póde dar muita culpa polas consentirem passar. E porém como em Goa não fui até qui visto, nem ouvido, e não passou o tempo de fazer o que agora faço, beijar-vos-hei as mãos, porque todos vejais, e ponhais ante vós, que Antonio de Miranda, nem Affonso Mexia lhes ha nunca de parecer bem governar eu a India, porque governando-a, não pertence a hum a capitanía mór do mar, nem ao outro a capitanía de Cochim, o que lhes pertence governando Lopo Vaz, e por isso o querem sustentar: e com tudo vejo que quer Deos tornar sobre isto como cumpre á seu serviço, e ao estado Real d'ElRey Nosso Senhor. De Cananor a vinte e tres de Abril de mil quinhentos e vinte e sete.* A esta carta

lhe

lhe respondeo Affonso Mexia, que aquelle requerimento fizesse ao Governador, e não a elle, porque não lhe podia requerer que se puzesse em justiça sobre a governança da India, que era sua por Provisão d'ElRey; e o mesmo respondeo Antonio de Miranda. Esta carta de Pero Mascarenhas mandáram logo ao Governador, pera que soubesse que Pero Mascarenhas não estava ainda fóra de sua opinião, porque cuidava que o tinha seguro na prizão, e que com ella não ousaria mais a fallar naquellas cousas. Pero Mascarenhas como tinha cobrado mais algum alento com as esperanças que aquelles Fidalgos lhe deram, começou a miudar os requerimentos com o Governador sobre se pôr com elle em justiça, e algumas pessoas que lhos deram mandou prender. Eitor da Silveira, e mais Fidalgos estavam tão determinados de obrigarem ao Governador a se pôr em direito com Pero Mascarenhas, que deixáram de o acompanhar, e favoreciam as cousas, e requerimentos de Pero Mascarenhas, a quem o Governador desenganou por huma carta que lhos não fizesse mais, porque era cançar-se, porque elle não havia de fazer duvidoso o que tinha por certo por Provisão d'ElRey, do que Pero Mascarenhas avisou a Eitor da Silveira, e aos da sua parcialidade, escrevendo-lhes,

que

que o obrigaſſem a lhe fazer juſtiça, ſenão que lhe deſobedeceſſem, como a homem que eſtava alevantado com a India; porque ſe antes de entrar o verão não concluiam aquelle negocio, eſtava certo mandallo Lopo Vaz embarcar pera o Reyno aſſi prezo. Sobre iſto conſultáram todos, e aſſentáram que ſe não fizeſſe mais couſa alguma ſenão depois de Pero Maſcarenhas eſtar preſente, porque então com elle o obrigariam a tudo, e aſſi lhe eſcrevêram que como entraſſe o verão ſe foſſe pera Goa.

CAPITULO IX.

Do proteſto, que Pero Maſcarenhas mandou aos Vereadores, e Fidalgos de Goa: e de como os apreſentáram a Lopo Vaz de Sampaio.

VEndo Pero Maſcarenhas, que o Governador lhe rompêra os ſeus requerimentos, fez outros de novo, com que deſpedio logo por terra hum Mem Vaz por quem mandou dous proteſtos, e requerimentos: hum delles pera a Cidade, e Camera de Goa, e outro pera todos os Fidalgos, e Capitães, com os traslados das ſucceſsões que ſe abríram; aſſi a em que elle ſuccedeo, como a de Lopo Vaz de Sampaio, com os autos que Affonſo Mexia fez ao tempo que

ſe

ſe abríram, em que todos, ou os mais dos Capitáes (a que mandava o tal proteſto) tinham feito juramento de fazer com Lopo Vaz que lhe entregaſſe a India, tanto que chegaſſe de Malaca, e que não conſentiriam mais a Lopo Vaz de Sampaio que foſſe Governador. Eſte Mem Vaz deo-ſe tanta preſſa, que chegou a Goa aos ſete dias do mez de Agoſto; e eſtando os Vereadores, e Officiaes em Camara, lhes apreſentou os papeis que trazia pera elles, e o requerimento que vinha dirigido ao Eſcrivão da Camara, pera que lho notificaſſe, como logo o fez; e dalli ſe foi correr as caſas dos Fidalgos, e Capitáes com hum Tabellião, que pera iſſo tomou, e lhes notificou a todos os requerimentos, e proteſtos de Pero Maſcarenhas, e lhes deo cópia, e viſta de todos os papeis, e apontamentos que levava pera ſe moſtrarem à Lopo Vaz de Sampaio. Nos proteſtos, e requerimentos, que a huns, e a outros mandava fazer, dizia:
» Como por morte do Governador D. Henrique de Menezes, que em Cananor falecêra, ſe abríra a ſegunda ſucceſsão, e que elle Pero Maſcarenhas ſuccedêra, e que por eſtar em Malaca, o Veador da fazenda com parecer de muitos abríra a terceira ſucceſsão, em que ſe achou Lopo Vaz de Sampaio, a quem o meſmo Veador
» da

» da fazenda não quizera entregar a India
» até não jurar, que a governaria em quan-
» to elle dito Pero Mascarenhas não viesse
» de Malaca, o que Lopo Vaz jurou, com
» o que ficára governando em sua ausencia,
» como já duas vezes o fizera D. Aleixo de
» Menezes, em quanto os Governadores
» Lopo Soares, e Diogo Lopes de Siquei-
» ra foram ao estreito: que agora o dito
» Lopo Vaz de Sampaio estava alevantado
» com a dita governança, e lha não queria
» entregar, como tinha jurado, mas antes
» mandára que o não consentissem entrar em
» Cochim, onde o Veador da fazenda lhe
» defendêra a desembarcação, espancando-o
» a elle, e a seus parentes, e criados. E
» querendo-se elle dito Pero Mascarenhas
» vir a esta Cidade de Goa requerer sua jus-
» tiça, o mandára Lopo Vaz esperar com
» huma Armada grossa, como amigo, e An-
» tonio da Silveira o prendêra, e lhe lan-
» çára ferros nos pés, como a malfeitor,
» e o mandára pera Cananor onde estava:
» e que mandando requerer Lopo Vaz que
» o ouvisse, e se puzesse com elle em direi-
» to, nunca o quizera fazer, antes lhe pren-
» dêra Lançarote de Seixas, e Simão Caei-
» ro por requererem sua justiça. Pelo que
» requeria a todos da parte d'ElRey Nosso
» Senhor requeressem ao dito Lopo Vaz de

» Sam-

» Sampaio, que se puzesse com elle em jus-
» tiça; e não o querendo fazer, que lhe des-
» obedecessem, e o conhecessem a elle Pe-
» ro Mascarenhas por Governador, segun-
» do a fórma de sua successão; e não o fa-
» zendo, que elle protestava contra elles to-
» dos, por todas as perdas, e damnos que
» nisto recebesse, e de darem conta a El-
» Rey daquelle negocio, e elle os castigar
» como fosse seu serviço: e porque em ne-
» nhum tempo allegassem ignorancia, e que
» lhe não obedeciam por nunca lho reque-
» rer, lho fazia agora, e lhes pedia notas-
» sem bem as razões que alli lhes manda-
» va, que eram as seguintes. Por esse auto,
» que vos mando da successão que se abrio
» em Cananor, vereis como sou legitimo Go-
» vernador da India, o que me querem usur-
» par por cartas missivas, que não tem for-
» ça contra o meu Alvará: quanto mais que
» ainda essas cartas são em meu favor, por-
» que em huma dellas (que he feita a trin-
» ta de Março) diz ElRey a Affonso Me-
» xia, que lhe mandava aquellas successões,
» que se abririam falecendo D. Henrique, e
» que das outras se não usaria, e as guar-
» daria: do que se via muito claro que pois
» já eram abertas, que se não podiam guar-
» dar, nem abrir as outras, que ElRey man-
» dava. E ainda mais claramente se via ser

» es-

» esta a vontade d'ElRey na outra carta mis-
» siva de quatro de Abril, sinco dias de-
» pois da primeira, em que não diz mais
» se não, que lhe mandava duas successões,
» e que falecendo D. Henrique se abrisse,
» e quando não, que a tivesse em segredo:
» e não tornou a dizer que se usasse destas,
» e das outras não: no que se via bem, que
» lembrando-se ElRey nesta carta derradei-
» ra, que as successões que cá estavam po-
» deriam ser abertas, não disse mais que
» aquillo que com justiça podia dizer. O
» que entendeo muito mal Affonso Mexia,
» porque das cartas missivas se cumprem as
» derradeiras palavras, e das successões as
» primeiras: que pois havia quasi hum anno
» que elle tinha succedido na governança,
» já se não podia abrir successão que dis-
» sesse, por morte de D. Henrique, senão
» de Pero Mascarenhas, e que tudo fizera
» Affonso Mexia por lhe querer mal, o que
» estava bem provado, porque o auto que
» fez ao pé das cartas d'ElRey diz, visto
» como he sua vontade que se use destas, e
» das outras não, ElRey tal não disse, prin-
» cipalmente na de Abril, que he a derra-
» deira, por onde está claro ter-me ElRey
» feito Governador da India por morte de
» D. Henrique, e tomei posse da governan-
» ça, e fui jurado por Governador, assi del-
» le

» le Lopo Vaz, como de todos os Fidal-
» gos, e Capitães, e não vejo cousa por
» onde haja de entregar a India a Lopo Vaz.
» Porque se ElRey soubera que eu estava
» de posse da governança, não mandára tal;
» e ainda no mesmo Alvará de Lopo Vaz
» me nomea ElRey por Governador da In-
» dia, por me haver por pessoa pera isso:
» e o que alguns dizem, por se quererem
» escusar, que posto que me tivesse nomeado
» primeiro ElRey, me tornava agora a re-
» vogar, tal não foi, porque ElRey ainda
» que tudo possa, e he seu, nunca faz se-
» não o que he justiça, como se vê de hu-
» ma Ordenação do primeiro livro, capitu-
» lo setenta e seis, onde diz, que sendo ca-
» so, que faça mercê de qualquer cargo da
» administração da justiça, fazenda, ou go-
» vernança de seus Reynos, e Senhorios,
» que os possa tirar sem nenhuma satisfação,
» fazendo nelles o que não devem a seu ser-
» viço. Do que se vê claro não me poder
» ElRey tirar o que me tinha dado, pois
» tem de mim tão boa informação, que ain-
» da nestas succesões de Lopo Vaz me no-
» mea por Governador, o que não houve-
» ra de fazer se se houvera por deservido
» de mim. E no segundo livro dos quaren-
» ta e nove capitulos está outra Ordenação,
» porque manda, que nenhum Alvará, nem
» Car-

» Cartas, e patentes ſe guarde huma em
» contrario da outra, ſendo da meſma ſub-
» ſtancia, poſto que diga ſem embargo da
» outra, ſalvo ſe ella declaradamente diſſer,
» que ſem embargo de ter paſſado outro a
» Joaõ de tal theor. Pelo que vos requeiro
» da parte d'ElRey Noſſo Senhor, que pois
» elle me tem feito ſeu Governador, e eſtou
» jurado por eſſe, por hum termo feito em
» Cochim, em que todos eſtais aſſinados,
» me queirais obedecer, e deſobedecer a el-
» le. E pera que vejais quanto ſerviço d'El-
» Rey, e quietação deſte eſtado pretendo,
» eu me quero pôr em juſtiça, e em direi-
» to com Lopo Vaz, e determine-ſe por
» vós meſmos qual de nós hè o verdadei-
» ro Governador. Mas tambem vos lem-
» bro, que quando ſe abrio a terceira ſuc-
» ceſsão em minha auſencia, (em que ſahio
» Lopo Vaz, que jurou de me entregar a
» India como eu vieſſe;) logo elle, e
» Affonſo Mexia determináram de me não
» obedecerem, e de ſe alevantarem com a
» governança; e alli logo fez mercê da ca-
» pitanía de Cochim a D. Vaſco Deça ſeu
» cunhado, com eſtar homiziado por mor-
» te de hum homem, tendo-a promettido
» a Diogo Fueira, hum Fidalgo de muitos
» ſerviços, e negando-a a Antonio de Mi-
» randa de Azevedo, e a Filippe de Craſto,

» e a Jeronymo de Sousa. E sem temor d'El-
» Rey se foi a Ormuz, deixando a India
» toda de guerra, e lá fez muitos deservi-
» ços a ElRey, e muitas mercês a muitos
» homens pera os ter de seu bando, o que
» não podia fazer por governar em meu lu-
» gar; e mercês não as póde fazer senão
» hum só Governador, especialmente de di-
» nheiro. Por tanto protesto de nada ser fei-
» to senão aquillo que for com justiça; e
» sobre tudo isto me mandou fazer as af-
» frontas que vistes, e me tem nesta prizão
» em que estou. Pelo que vos torno de no-
» vo a requerer, que façais com Lopo Vaz
» que se ponha comigo em direito; e quan-
» do o não quizer fazer, o hajais por ale-
» vantado, e me conheçais por Governa-
» dor da India. » Visto este protesto, e requerimento pelos Fidalgos todos, o mandáram tambem notificar á Camara de Goa, e visto pelos Vereadores, mandáram recado a Lopo Vaz, que elles tinham hum protesto pera lhe notificar, por ser cousa do serviço d'ElRey, que houvesse por bem que lho levassem; ao que Lopo Vaz disse, que lho fizessem, que elle lhes responderia.

ÇA-

CAPITULO X.

Do que Lopo Vaz respondeo aos protestos de Pero Mascarenhas.

COm a resposta de Lopo Vaz lhe mandáram os Vereadores notificar pelo Escrivão da Camara o protesto de Pero Mascarenhas, e os apontamentos que assima dissemos, mandando-lhe requerer da parte d'ElRey, que pois Pero Mascarenhas se compunha tanto, que queria pôr suas cousas em justiça, o quizesse elle tambem consentir, e não désse materia a se dizer, que usava de força, e poder, o que ElRey lhe havia de estranhar muito, porque até contra si proprio havia por bem requererem seus vassallos sua justiça. Lopo Vaz tomou os apontamentos de Pero Mascarenhas, e os foi lendo todos; e porque da resposta de Lopo Vaz se entenderá a substancia delles, os deixaremos por abbreviar. E vistos por Lopo Vaz, foi respondendo a todos por sua ordem na maneira seguinte.

» Quanto ao que diz Pero Mascarenhas,
» que quando os Governadores passados hiam
» fóra da India, deixavam em seu lugar
» quem a regesse, he verdade; mas não ti-
» nham nome de Governadores, e o meu ca-
» so he bem desviado: porque depois de

» aberta a ſucceſsão em que elle ſe achou,
» pareceo ao Veador da fazenda, e ao Ca-
» pitão de Cananor com todos os Officiaes
» que preſentes eſtavam, que pois elle eſta-
» va em Malaca, donde não podia vir tão
» cedo, que ſe elegeſſe Governador pera as
» neceſſidades da guerra, e da India: e pe-
» ra iſto ſer mais á vontade d'ElRey, acor-
» dáram de abrir a derradeira ſucceſsão, o
» que logo ſe fez, em que eu ſuccedi, e
» me entregáram a governança com tal en-
» tendimento, que vindo Pero Maſcarenhas
» lhe entregaria a India, como Governador
» por ſucceſsão, e não como commiſſario
» de outro, como ſe verá pelos autos.

» E quanto a dizer, que achou em Co-
» chim o Veador da fazenda alevantado con-
» tra elle, digo que o fez porque elle que-
» ria que lhe obedeceſſe como a Governa-
» dor, não o querendo elle fazer ás mi-
» nhas novas Proviſões d'ElRey, mandan-
» do prender os Officiaes que lhas foram
» notificar.

» E quanto ao que diz, que vinha a eſ-
» ta Cidade requerer ſua juſtiça, a iſſo di-
» go, que vinha mais pera fazer uniões,
» que pera iſſo, ſegundo conſtou por car-
» tas que eſcreveo a alguns Fidalgos, e por
» reſpoſtas ſuas que eu tenho, que moſtra-
» rei quando for tempo, e ſobre ſua vin-
» da,

» da, e prizão se fizeram autos, porque se
» mostra claramente ser serviço d'ElRey não
» entrar em Goa.

» E quanto á prizão de Lançarote de Sei-
» xas, e Simão Caeiro, foi por culpas que
» me delles mandáram de Cochim, e não
» por requererem sua justiça, mas antes lhe
» mandei requerer por Fernão de Aguiar, e
» Diniz Camelo Tabelliães, que requeressem
» tudo o que cumprisse a elle Pero Masca-
» renhas: e lhes mandei dessem todos os
» istromentos que pedissem com minhas re-
» spostas, como se verá pelos autos que dis-
» to se fizeram.

» E quanto a dizer Pero Mascarenhas,
» que as cartas d'ElRey eram missivas, di-
» go, que eu não governo senão por verda-
» deira succesão, que aqui dou tambem em
» resposta; e as succesões não são outra
» cousa, que cartas missivas, pois todas fal-
» lam por nós ElRey, e são assinadas por
» final raso; pois logo as declarações del-
» las como hão de ser senão assinadas pelo
» mesmo final raso? Estas cartas vieram a
» Affonso Mexia com declaração, que se
» abrissem as succesões que com ellas vi-
» nham, e que se não usasse mais das que
» estavam, e isto por quanto no regimento
» do Veador da fazenda está declarada esta
» derradeira vontade d'ElRey, em que hou-
» ve

» ve por bem governar eu a India, e que
» precedesse a Pero Mascarenhas, e que por
» meu falecimento succedesse elle Pero Mas-
» carenhas, e as mesmas cartas dou por re-
» sposta.

» E quanto ao que diz, que por ser aber-
» ta a sua succesção se não havia de abrir
» a minha, nem usar della, e que ElRey
» diz que se guardassem, e levassem, o que
» se não podia fazer sendo já abertas; re-
» spondo, que queria ElRey que se não abris-
» sem aquellas succesções por evitar escan-
» dalos, e escusar alterações. E se ElRey
» houvera por bem, que sendo abertas as
» succesções de Pero Mascarenhas, que das
» minhas se não usasse, forçado o havia de
» declarar nas mesmas cartas, por onde se
» mostra claro querer ElRey que se abris-
» sem as minhas succesções, posto que as
» de Pero Mascarenhas fossem já abertas. E
» quanto o que diz na carta derradeira não
» dizer ElRey que se abrisse a minha suc-
» cesção, basta dizello na primeira, pois
» todas vieram em hum anno, e em huma
» Armada.

» E quanto ao que diz, que ElRey ha-
» via de declarar que elle Pero Mascarenhas
» lhe entregasse a India, a isso digo, que
» como ma havia de entregar, se eu era
» Governador por succesção, e estava em
» pos-

» posse, e as Provisões d'ElRey vieram a » mim, a quem havia eu de entregar a In» dia senão a mim, pois della estava de pos» se, e desta maneira cumpri o juramento » que fiz, quando me entregou o Veador » da fazenda a India, em que me obriguei » a entregalla a Pero Mascarenhas, ou a » qualquer outro Governador que ElRey » mandasse. E quanto a dizer, que está de » posse, a sua foi mental, e civil, e a mi» nha real, actual, pessoal, e corporal; e » em quanto de mim a não teve, a sua pos» se era nenhuma, porque de mim a hou» vera de haver.

» E quanto a dizer, que se ElRey sou» bera a sua Provisão era aberta, mandára » que a minha senão abrisse, a isso digo que » he entendimento de adivinhar tão repro» vado em Direito, especialmente nos man» dados d'ElRey, cuja vontade he lei; se » elle quer adivinhar isso, tambem eu adi» vinho, que ainda que ElRey soubera que » suas Provisões eram abertas, me mandá» ra as minhas dobradas, pelo que fallou » por palavra nova, dizendo que das ou» tras se não usasse; mostrando claramente, » que ainda que dellas se tivesse usado, des» tas minhas queria que se usasse, ainda que » elle governasse a India, que esta he a mór » derogatoria, que dizer, sem embargo,

» por-

» porque he de ſua certa vontade. E quan-
» to á Ordenação que allega tenho-lho em
» mercê, porque faz por ElRey, por quan-
» to póde tomar os cargos, e officios a
» quem os tiver, ſem ſatisfação, nem en-
» cargo de conſciencia, e aſſi o tirou a Pe-
» ro Maſcarenhas por ſer aſſi ſua vontade.
» E quanto á outra Ordenação do ſegundo
» livro, digo, que por iſſo fallou ElRey
» por palavra nova, dizendo, que das de
» Pero Maſcarenhas ſe não uſaria, ſenão
» das minhas; e mais nas ſucceſsões não ha
» tempo atempado, e tudo he d'ElRey, e
» pode-o dar, e tirar a quem quizer, por-
» que todas as ſucceſsões vem até ſua mercê.

» E quanto a dizer que eſtou alevantado
» com a India, a iſſo reſpondo que lho ne-
» go, e que falla muito deſcortezmente, que
» eu tenho a India de bom titulo por Pro-
» visões d'ElRey mui claras, e mui boas,
» e approvadas por todas as peſſoas de que
» ElRey confia ſua fazenda, juſtiça, e for-
» talezas, e por todos eſtou obedecido por
» Governador natural, e verdadeiro. E en-
» tão o era tambem, e por ElRey gover-
» nava em ſua auſencia, (até elle vir, ou
» outro de Portugal.) E não era muito pa-
» recer a Affonſo Mexia, que não vieſſe
» Pero Maſcarenhas de Malaca, porque ſa-
» bia as neceſſidades que de ſua peſſoa ha-
» via

» via neſſas partes de Malaca, Sunda, Ma-
» luco, pera prover áquellas fortalezas, on-
» de elle melhor parecêra, e mais tendo no-
» vas certas dos Caſtelhanos que na ſua com-
» panhia vieram, e não vir-ſe á India com
» muitos navios, e gente (que lá era ne-
» ceſſaria) a fazer uniões, e deſobedecer ás
» Provisões d'ElRey, e inquietar a terra que
» eſtava muito quieta, e muito em juſtiça,
» e preſtes pera o ſerviço d'ElRey; e ſe ho-
» je ha alguns deſaſſocegos, ou eſcandalos,
» elle os cauſou com ſeus requerimentos.
» Pelo que bem ſe vê, que o faz mais por
» teima, que por cuidar que tem juſtiça,
» pois eſtamos em dez de Agoſto, e cada
» dia eſperamos por Governador do Reyno.

» E quanto a taixar minha ida a Ormuz,
» eu o fiz por cartas que tive daquella for-
» taleza, em que me requerêram que foſſe
» lá em peſſoa, por quanto o Guazil eſta-
» va alevantado contra ElRey, e com tudo
» não quiz ir lá, ſem deſpachar primeiro a
» Armada do eſtreito, e da Sunda, de Fran-
» ciſco de Sá, que ElRey mandava fazer;
» e depois com parecer dos Fidalgos, e Ca-
» pitães me embarquei, por haverem que era
» neceſſario pera ſegurança daquella forta-
» leza, fazendo naquella jornada muito ſer-
» viço a ElRey, deixando a terra mui ſe-
» gura, e quieta, não fazendo minha au-

» ſen-

» sencia falta na India, porque fui por fim
» de Março, e tornei em fim de Setembro,
» deixando Antonio de Miranda Capitão
» mór do mar com muito boa Armada, e
» gente, e as fortalezas mui bem provídas,
» em Goa mil e duzentos homens, em Chaul
» trezentos e sincoenta, em Cananor passan-
» te de duzentos, em Cochim mais de seis-
» centos, e não levei comigo algum navio,
» senão os que por força haviam de ir in-
» vernar fóra. Os serviços que tenho na In-
» dia feito, depois que sou Governador, to-
» dos os sabem. Este inverno concertei to-
» da a Armada que tenho prestes, e muito
» bem provída pera ir buscar os Rumes,
» que tenho por novas estarem em Cama-
» rão, e tenho pera isso muitas munições,
» porque só nesta Cidade estão cento e tan-
» tas pipas de pólvora, e cada mez se fa-
» zem dez, doze mil pelouros de falcão, e
» quatro mil desperas de ferro còado, com
» muitos outros artificios: e tenho toda a
» gente que ganha soldo na India, sem ne-
» nhuma ir a chatinar, e tenho pagos du-
» zentos mil pardáos de soldos, sem cousa
» alguma sahir do cofre, nem do dinheiro
» da carga. Pelo que vos mando, e requei-
» ro da parte d'ElRey, que mais não falleis
» nas cousas de Pero Mascarenhas, nem con-
» sintais fallar, nem recebais mais requeri-
» men-

» mentos, nem me façais mais alguns, por-
» que não ſerve iſſo de mais que de fazer
» união no povo, perturbar o ſerviço d'El-
» Rey, e dar cauſa aos vizinhos tentarem
» contra nós alguma maldade; e deſta mi-
» nha reſpoſta mandareis o traslado a Pero
» Maſcarenhas, e me dareis a mim outro
» pera o ter pera minha guarda. » E os mandou á Cidade, onde ainda hoje eſtam os proprios aſſinados por elle, e Pero Maſcarenhas, que nós vimos, e donde tirámos as forças ſubſtanciaes, por eſtarem em eſtilo judicial, que he mui prolixo, e comprido.

CAPITULO XI.

De como os do bando de Pero Maſcarenhas tratáram de prender Lopo Vaz: e das uniões que ſobre iſſo houve: e de como Lopo Vaz os foi prender a todos.

ESta reſpoſta de Lopo Vaz foi dada á Cidade, que a amoſtrou aos Fidalgos da India, por lho aſſi requererem, que lida por todos, vendo que Lopo Vaz de Sampaio em nenhuma maneira queria conſentir fazerem-lhe nenhum requerimento por parte de Pero Maſcarenhas, (no que claramente moſtrava que uſava de força, e que elle era o que não tinha juſtiça,) ajuntando-ſe todos os da conjuração ſobre eſte negocio em caſa de Ei-

Eitor da Silveira, aſſentáram que era caſo pera lhes ElRey pedir conta diſſo, e que lho eſtranharia muito, porque pera não conſentirem tamanhas ſem-razões tinha elle na India tantos, e tão honrados Fidalgos. Pelo que lhes pareceo que deviam de prender Lopo Vaz como alevantado. Aſſentado em ſer aſſi neceſſario, o conſultáram com os Vereadores, que lho louváram, e ordenáram o dia pera iſſo, em que todos haviam de acudir com ſuas armas pera eſte negocio, e começou-ſe logo hum grande rumor, e união por toda a Cidade. De todas eſtas couſas não faltou quem aviſaſſe ao Governador, pelo que determinou de prender Eitor da Silveira, e os mais, e o communicou com Pero de Faria, aſſentando o modo como havia de ſer, e deſte negocio deo conta a Antonio da Silveira, que tinha caſado de futuro com huma filha ſua, e a Simão de Mello, e a outros de ſua valia, a que aviſou, que ao outro dia ſe achaſſem armados na rua direita em favor de Pero de Faria, que havia de fazer a prizão. E aſſim ajuntando eſtes Fidalgos muita gente de ſua valia mui bem armada, tomáram as ruas direita, e a de S. Jorge, onde pouſava Eitor da Silveira: era iſto aos nove de Agoſto. O Governador cavalgou, e ſe foi pôr na rua direita, eſtando todos preſtes, e

ar-

armados, e dalli foi o Capitão da Cidade com o Ouvidor geral, e Meirinho a casa de Eitor da Silveira, que pousava na rua de S. Jorge, que he nas costas da rua direita; e entrando pela rua achou muita gente que acudio a Eitor da Silveira, porque suspeitavam que o Governador o mandava prender: e por a cousa ser tão supita, foram sós com as espadas que traziam nas cintas. Sabendo Eitor da Silveira que Pero de Faria estava á sua porta, assomou-se a hum balcão que fazia a escada pera a banda de fóra, e perguntou-lhe que queria: elle lhe disse, o Governador o mandava prender, e que lhe requeria da parte d'ElRey que lhe désse a menagem: ao que lhe elle respondeo, que subisse assima a lha tomar, que elle lhe faria o que elle merecia, pois era tão roim Fidalgo que acceitava isso prender. Pero de Faria mandou logo chamar o Governador, que acudio mui apressado com muitos que o seguiam; e chegando á rua de S. Jorge, vio mui grande revolta de gente, que acudia a Eitor da Silveira com muitas lanças, e alabardas, e já com Eitor da Silveira estavam todos os Fidalgos da liga. Vendo o Governador o risco em que aquelle negocio estava, como era homem de grande animo, foi rompendo por toda a gente até chegar defronte das casas. Diogo da Silvei-

veira chegou ao balcão, e disse aos da sua parcialidade que estavam na rua: *Não vedes, Senhores, isto, que quer Lopo Vaz que ahi está, tomar por força a governança da India a cuja he, não he bem que lho consintam*, (isto disse pera que os da rua começassem a travar a briga, por não serem elles os primeiros, pera lhes não ficar em culpa o mal que disso se seguisse.) Lopo Vaz ouvindo dizer a Diogo da Silveira, que elle governava a India por força, disse alto com ira: *Por força a governo, e por força a hei de governar.* E descendo-se do cavallo, embraçou huma adarga, e tomando huma lança nas mãos, foi commettendo a escada, bradando-lhes que se dessem á prizão, sem os da rua ousarem a bolir comsigo. (O que parece que permittio Deos, porque huma só espada que se arrancára, tudo se acabava, porque os mais dos que estavam na rua houveram de morrer na briga, de que Lopo Vaz não podia escapar, porque da outra parte eram todos os Fidalgos principaes que havia na India.) Lopo Vaz foi commettendo a escada, onde se lhe atravessou Antonio Rico Secretario do Estado, como homem mui acordado, e mui cavalleiro, e liando-se com o Governador, lhe disse: *Tende-vos, Senhor, e não subais, que não he serviço d'ElRey, de cuja parte vos requeiro,*

ro, que não queirais pôr hoje a India a risco de se perder, porque esses Fidalgos que em sima estam são muitos, e muito aparentados, e muito honrados, e eu por taes os tenho, que só pelo que cumpre ao serviço d'ElRey cortarão por si, e se darão por prezos. Bradando alto aos de sima: *Senhores, vede o que fazeis, não queirais deservir a ElRey, de cuja parte vos requeiro vos deis á prizão, porque se não perca hoje a India.* Eitor da Silveira ouvindo aquillo, cahindo na razão, pelo Deos mover, chegando ao peitoril da escada, disse ao Governador que se quietasse, e se recolhesse, que elle, e os outros Fidalgos se davam por prezos, por cumprir assi ao serviço d'ElRey, que elle lhe daria conta da força que fazia. O Capitão Pero de Faria, que estava pegado com o Governador, ouvindo aquillo, lhe pedio que se recolhesse; que elle levaria a todos prezos á fortaleza: fello o Governador assi, e Pero de Faria subio assima, e disse áquelles Fidalgos o muito grande serviço que naquelle negocio tinham feito a ElRey, que lhe fizessem mercê de se irem com elle pera a fortaleza, onde elle pousava, até se quietarem aquellas cousas: o que elles fizeram, e se foram com elle todos os que na casa estavam, que eram os seguintes: Eitor da Silveira, D. Antonio da Sil-

Silveira, Diogo da Silveira, D. Triſtão de Noronha, D. Jorge de Caſtro, Vaſco da Cunha, Martim Vaz Pacheco, Jorge da Silveira, D. Henrique Deça, Diogo de Miranda, Franciſco de Taíde, Simão Delgado Quadrilheiro mór, Nuno Fernandes Freire, D. Franciſco de Caſtro, Simão Sodré, Jorge de Mello, Aires Cabral. E mettidos na fortaleza, lhes tomou o Capitão as menagens, de que ſe fizeram autos aſſinados por elles, com o que Lopo Vaz lhe pareceo ficava ſeguro, indo-ſe reconciliar com elle os Officiaes da Camara, a quem mandou que reſpondeſſem ao proteſto de Pero Maſcarenhas, e lhe mandaſſem a reſpoſta ſua, e delles, e que deſpediſſem Mem Vaz, o que logo fizeram, reſpondendo a Pero Maſcarenhas por boca do Governador, que elles o não podiam obrigar, nem requerer que ſe puzeſſe em direito com elle ſobre a governança, por ſaberem que eſtava de poſſe, e obedecido por Governador por Proviſão d'ElRey, e que requerendo-lhe o que elle queria, parecia pôr em dúvida a Proviſão d'ElRey, que elle ſó era o que podia julgar eſtas couſas, e que lhe pediam não quizeſſe vir a Goa, porque não ſerviria de mais, que de fazer alvoroço na gente que era neceſſario eſtiveſſe quieta, e conforme pera peleijarem com os Rumes que eſperavam.

vam. Com esta resposta, e com a de Lopo Vaz, que lhe deram autentica, se partio Mem Vaz outra vez por terra, levando tambem cartas dos Fidalgos prezos pera Pero Mascarenhas, em que se remettiam à Mem Vaz nas cousas passadas, pedindo-lhe de novo, que em todo caso viesse a Goa, porque tudo se faria bem. Lopo Vaz por não querer ter todos os Fidalgos contra si, mandou soltar dos que estavam prezos os que tinham menos culpa, que eram, Vasco da Cunha, D. Tristão de Noronha, Martim Vaz Pacheco, Jorge da Silveira, D. Henrique Deça, Diogo de Miranda, Francisco de Taíde, Simão Delgado, Nuno Fernandes Freire, D. Francisco de Castro, Simão Sodré; deixando ficar prezos, Eitor da Silveira, Diogo Silveira, D. Antonio da Silveira, e D. Jorge de Castro, por serem cabeças da conjuração; e a Aires Cabral, e Jorge de Mello mandou levar prezos pera a fortaleza de Banestarim, por alvoroçadores do povo, mandando-lhes lançar ferros. E no fim do mez de Agosto, por se recear ainda dos Silveiras, tratou de os mandar prezos a Cochim em hum catur muito pequeno, de que elles foram avisados, entendendo mui bem que aquillo tratava o Governador mais pera ver se se podiam perder no mar, porque o tempo era muito verde, que por lhes

estreitar a prizão, e lhe mandáram sobre isso fazer protestos, e requerimentos, dizendo nelles, que eram os principaes Fidalgos, que ElRey tinha na India, e que não era razão que os arriscasse em tempo tão perigoso: e que acontecendo-lhes algum desastre, daria conta a ElRey de suas vidas: com o que Lopo Vaz desistio de os mandar, tendo sobre elles grandes vigias: e elles mui grande resguardo em si, porque se temiam de peçonha, e segundo a cousa estava damnada de parte a parte, tudo se podia recear.

DE-

DECADA QUARTA.

LIVRO III.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do que aconteceo na jornada de Francisco de Sá, e da descripção da Ilha de Jaoa, de qual he a maior, e menor de Marco Polo: e de como Francisco de Mello rendeo huma náo de Turcos na barra de Achem.

DEIXAREMOS por hum pouco as cousas d'antre Lopo Vaz, e Pero Mascarenhas, por darmos conta das que neste tempo atrás todo do verão acontecêram em Maluco: e primeiro trataremos da jornada de Francisco de Sá de Menezes, que como dissemos partio de Bintão a fazer huma fortaleza na Sunda, de que temos dado conta. E fazendo sua jornada, deo-lhe hum tamanho temporal, que foi correndo com hum bolso de véla á vontade dos ventos; e foi de sorte, que se apartou a Armada;

 que

que esteve perdido correndo cada hum por onde pode, porque o tempo foi rijo, e lhe durou muitos dias, em que Duarte Coelho, que hia em huma náo grande, e huma galé, de cujo Capitão não achámos o nome, e huma fusta, foram depois de muito trabalho tomar o porto da Sunda, e com tal temporal que a fusta deo á costa, e trinta Portuguezes, que nella hiam, sahíram a terra a nado, onde logo foram mortos pelos Mouros da terra, que eram inimigos; porque o Rey que queria dar fortaleza era morto, e o inimigo com quem tivera a guerra lhe tinha tomado o Reyno, e estava a este tempo na Cidade de Banta, principal do Reyno, com muita gente pera acabar de o sujeitar. O que tanto que vio a nossa Armada, como sabia que o Rey passado mandára offerecer aos Portuguezes fortaleza naquelle porto, quiz-se vingar nos nossos. A náo, e a galé estiveram tambem dadas á costa, se Deos milagrosamente os não salvára. Duarte Coelho soube logo o que fizera á gente da fusta, e como a terra estava em divisões, e houve que era tempo perdido esperar alli mais, porque não sabia que seria feito do Capitão mór: e assi abonançando o tempo se fez á véla pera Malaca. Francisco de Sá foi correndo o temporal com que ferrou a costa da Jaoa, por onde foi en-

encontrando os seus navios, que todos ajuntou no porto de Paneruca. E porque será razão darmos a conhecer esta terra, faremos della huma breve descripção, e mostraremos quaes são as Jaoas maior, e menor de Marco Polo, por tirarmos a confusão que disso houve antre os Geografos modernos. Pelo que se ha de saber, que esta Ilha da Jaoa quasi que quer imitar a figura de hum porco deitado sobre as mãos, por cujo focinho passa aquelle canal que chamam de Balabuão; e por de baixo dos pés o outro a que chamam o boqueirão da Sunda, que he mui continuado das nossas náos. Esta Ilha está lançada direitamente ao Rumo, a que os mareantes chamão Leste Oeste: terá de comprido cento e sessenta leguas, e de largura no mais largo setenta. Aquella parte das costas, que lhe ficam da banda do Sul, não he tratada de nós, nem se lhe sabem portos, nem bahias; mas da outra parte da barriga, que he a da banda do Norte, he mui tratada, e communicada de nossos navios, e tem muitos, e bons portos; e ainda que toda a costa he mui suja, e cheia de baixias, todavia, pela continuação são seus canaes, e sorgidouros mui sabidos, e raramente acontece desastre a navio algum. Tem muitos Reynos por esta banda do maritimo, huns sujeitos aos outros; e começando da cabe-

ça,

ça, ou da banda do Levante, iremos nomeando os de que temos conhecimento. O Valle, Paneruca, Agaſai, Sodayo, Panāo, (cujo Rey reſide pelo ſertão trinta leguas, e he como Emperador deſtes, e de outros adiante,) Tubão, Berodão, Cajoão, Japará, (cuja Cidade principal ſe chama Cerinhamá, tres leguas pela terra dentro, e a Cidade de Japará eſtá á borda da agua,) Damo, Margão, Banta, Sunda, Andreguir, onde ha muita pimenta. Eſte Reyno tem hum rio por onde ella ſahe chamado Jande, pelo ſertão tem muitos Reys que ſe chamam Gunos, que vivem em ſerras aſperiſſimas, são brutos, e ſalvagens, e muitos delles comem carne humana. Eſtas ſerras como diſſemos são altiſſimas, e algumas dellas lançam fogo pelos cumes, como a Ilha de Ternate: cada Rey deſtes que nomeamos tem lingua ſobre ſi, mas quaſi todos ſe entendem por ellas, como nós com os Gallegos, e Caſtelhanos. Eſte Reyno da Sunda, de que fallamos, he muito proſpero, e abaſtado, e fica lançado entre as terras de Jaoa, e Çamatra, porque por antre ambas ſe faz aquelle boqueirão que chamam da Sunda. Tem eſte Reyno muitas Ilhas adjacentes, que correm do longo delle para dentro do boqueirão, mui perto de quarenta leguas, e fica a Cidade de Banta no meio deſte eſtreito,

to,

to, que no mais largo terá vinte e cinco leguas, e em partes doze, e no mais estreito seis: todas as suas Ilhas tem muito pouca agua, mas muita, e boa madeira, algumas são povoadas; e huma pequena, que está na entrada do boqueirão da banda do Levante, que se chama Macar, affirmam que tem muito ouro. Os portos principaes do Reyno da Sunda são Banta, Aché, Xacatara, por outro nome Caravão, aos quaes vam todos os annos mui perto de vinte sommas, que são embarcações do Chincheo, huma das Provincias maritimas da China, a carregar de pimenta, porque dá este Reyno todos os annos oito mil bares della, que são trinta mil quintaes. A Cidade de Banta está em altura de seis gráos do Sul, situada em huma enceada tão larga, e formosa, que de ponta a ponta terá tres leguas; fica a Cidade em meio, que seria de comprido oitocentas e sincoenta braças, e de longo por huma das bandas, que he a do mar, quatrocentas, mas pelo sertão he mais comprida. Passa por meio da Cidade hum formoso rio, por que podem entrar juncos, e galés, que deita hum braço por huma ilharga da Cidade menos capaz, porque não entram por elle senão embarcações pequenas até catures. Tem a Cidade a huma parte huma fortaleza, cujo muro (que he de adobes)

bes) ſerá de largura de ſete palmos, e os baluartes de madeira de dous ſobrados, com boa artilheria: eſta enceada he limpa, em partes tem lama, e em outras areã: haverá por toda ella de ſeis até duas braças de fundo. E por entender ElRey D. João, que tendo alli huma fortaleza ſeria ſenhor de todo aquelle boqueirão, e de toda a pimenta daquelles Reynos, encommendou muito ao Conde Almirante a mandaſſe alli fazer por Franciſco de Sá, e ainda hoje ſe entende que ſerá mais importante, aſſi pera defender a entrada aos Inglezes, e Turcos, como pera ſegurança do trato, e commercio daquellas partes, que he o ſubſtancial da India. E aſſi ſe pratíca antre os homens velhos, e antigos, que tendo ElRey de Portugal tres fortalezas, huma neſta parte, outra na ponta do Achem, e outra na coſta de Pegú, ficariam fechadas com tres chaves as partes do Levante, e ſeria ſenhor de todas ſuas riquezas: e pera iſſo dam muitas razões, que nós deixamos por não ſer cumprido. Tornando á Ilha da Jaoa, he toda ella muito abaſtada de todas as couſas neceſſarias á vida humana, e tanto, que della ſe provè Malaca, Achem, e todos os mais vizinhos. São os naturaes daqui, a que chamam Jaos, homens tão ſoberbos, que cuidam que nenhuns outros lhes precedem, antes

tes

te que elles o fazem a todos ; em tanto, que passando hum Jao por huma rua, se acertar alguma pessoa de outra nação estar sobre algum poial, ou algum lugar mais alto, que aquelle por onde elle passar, se se logo não descer abaixo, até que elle passe, o matará, porque não consente cuidar alguem que póde ficar mais alto que elle: e assi não porá hum Jao sobre sua cabeça hum pezo, ou carga, ainda que por isso o matem. São homens cavalleiros, e tão determinados, que por qualquer offensa que se lhes faz, se fazem amoucos, pera se satisfazerem della; e posto que lhe ponhão huma lança nas barrigas, vam-se mettendo por ella sem receio algum até chegarem ao contrario. E porque destes amoucos em outra parte damos melhor razão, o deixamos agora. São todos homens mui exercitados na arte da navegação, em tanto, que se tem por mais antigos nella que todos, ainda que muitos dam esta honra aos Chins, e affirmam procederem delles os Jaos; mas he certo navegarem estes já até o Cabo de Boa Esperança, e terem communicação na Ilha de S. Lourenço da banda de fóra, aonde ha muitos naturaes Bassos, e Ajavados, que dizem procederem delles. E querendo nós inquirir de alguns Jaos praticos daquella arvore de que falla Nicoláo de Conti Venezea-

zeano achar-se na Ilha da Jaoa, em cujo amago diz nascer huma verga de ferro mui subtil, e de tanta virtude, que quem a trazia apar da carne não podia ser ferido com alguma arma, e que muitos Jaos faziam feridas em partes de seus corpos, e que mettiam pedacinhos deste ferro, e tornando-as a cozer, ficando dentro perpetuamente, nunca já eram feridos, do que estes Jaos a quem o perguntámos zombáram bem. E considerando em Marco Polo, o que falla de Jaoa maior, e menor, nos parece que esta de que tratamos he a menor, e que a Ilha de Çamatra he a que elle tem pela Jaoa maior; porque diz que a maior tem duas mil milhas em roda, e que não se vê nella a estrella do Norte, e que tem oito Reynos, Faleh, Basma, Camara, Dragojão, Lambri, Faõfur, do que se vê muito claro fallar da Ilha de Çamatra, porque quasi tem a mesma grandeza, que lhe elle dá, e nella senão vê o Polo Arctico, por ficar de baixo da Equinocial, o que não tem em nenhuma outra Ilha daquellas da banda do Norte, porque de todas ellas se vê aquella estrella. E ainda isto se vê mais claro nos Reynos que nomea, porque o de Camara, não ha dúvida senão que quiz dizer Çamatra, Dragojão, que he Andreguir, Lambri, ainda hoje conserva o nome naquella Ilha,

e to-

e todos os mais que nomea, que a corrupção, que nelles fez o tempo, os faz já desconhecer. E deixando isto pera outro lugar, (se nos cahir mais a proposito,) tornando a continuar com Francisco de Sá, depois de ajuntar os seus navios, foi seguindo sua derrota até tomar o porto de Bata, onde surgio, mandando á terra recado de amizades, e offerecimentos áquelle Rey, pedindo-lhe houvesse por bem deixar-lhe fazer huma fortaleza naquelle seu porto, como ElRey seu antecessor o mandára pedir, pera ficar o commercio entre elle, e os Portuguezes mais seguro, com o que seus Reynos enriqueceriam, como fizeram todos os do Oriente, que acceitáram a amizade d'ElRey de Portugal. O Rey, que era máo homem, parecendo-lhe que antes se o consentisse perderia o Reyno, (que isso tem os tyrannos, andarem sempre timidos, e reccosos de lhes tomarem o que elles usurpáram,) mandou-se escusar, com o que Francisco de Sá se resumio em desembarcar em terra, e fazer por força, o que não queria consentir por vontade. E commettendo a desembarcação achou tal resistencia, que com morte de quatro homens, e outros bem escalavrados, se tornou a recolher, e não querendo-a guardar alli mais, deo á véla pera Malaca, onde chegou pouco depois de Pero Mas-

Maſcarenhas embarcado, e deixando-ſe ficar alli, deſpedio logo Franciſco de Mello por Capitão de huma caravéla chamada a Pereirinha, pera levar cartas ao Governador, a quem mandava pedir mais gente, e Armada pera tornar a commetter aquelle negocio. Franciſco de Mello foi ſeguindo ſua jornada, correndo a coſta do Achem, e ſobre ſua barra vio eſtar ſurta huma náo á carga pera Méca, e tomando conſelho com os companheiros ſobre o que faria, aſſentáram que ſe commetteſſe, porque não ficaſſe aquella jornada ſem haver hum papo quente. E poſtos em armas foram commetter a náo aſſi á véla, que eſtava já preparada pera ſe defender, porque logo conhecêram a noſſa caravéla: Eſtavam os de dentro tão ſoberbos, que em nada eſtimáram os noſſos, porque eram trezentos homens d'armas Achens, e quarenta Rumes, e Turcos. Franciſco de Mello chegando perto della a começou a esbombardear, matando-lhe daquella primeira ſalva muita gente; e porque a víram tão creſpa, e cheia de gente, determináram de a baterem até a render, porque ſenão atrevêram a abordalla, e aſſi ſe puzeram á trinca batendo-a rijamente, e quiz a fortuna, que lhe acertáram com hum camelo ao lume d'agua que a varou dentro, por onde ſe encheo della, e os Mouros ſe lançáram ao

mar

mar pera se salvarem: os nossos fizeram nelles tal matança que escapáram bem poucos, ficando todos desconsolados de se não cevarem naquella náo, que estava cheia de fazendas, e seguindo seu caminho foram tomar Cochim tão tarde que não pudéram passar a Goa.

CAPITULO II.

De como D. Garcia Henriques fez pazes com ElRey de Tidore, e a razão porque logo as quebrou, e de como faleceo aquelle Rey: e das suspeitas que houve ser ajudado nisso com peçonha que se lhe deo.

ENtregue D. Garcia Henriques da capitania de Maluco, na vagante de Antonio de Brito, (que logo se partio pera Banda esperar a monção da India,) achando a fortaleza falta de todas as cousas, despedio logo Martim Correa em hum junco pera Banda, pera ver se achava naquellas Ilhas algumas embarcações de Portuguezes, em que se provesse do necessario, e fazendo sua jornada, teve hum tão grande temporal que esteve perdido, e chegou a Banda destroçado de todo, onde ainda achou Antonio de Brito, que o ajudou a reformar, e concertar. Poucos dias depois delle surgíram naquelle porto huma soma de juncos que hiam de

Ma-

Malaca, de que era Capitão mór hum Fidalgo chamado Manoel Falcão, que Pero Maſcarenhas depois do negocio de Bintão deſpedio pera Maluco com provimentos que levava Fernão Baldaia, que hia por Eſcrivão da feitoria de Ternate. Eſtes provimentos recolheo Martim Correa no ſeu navio com o Baldaia pera ſe logo ir pera Ternate, pela neceſſidade em que ficava. E antes que partiſſe foi aviſado da gente da terra de verem andar per antre aquellas Ilhas duas náos grandes da feição das noſſas, e não cuidando quaes podiam ſer, porque Manoel Falcão vinha de Malaca, (onde não havia couſa alguma pera poder partir pera aquellas Ilhas,) aſſentáram ſer de Caſtelhãnos, e que não deviam de ſer ſós, antes podia ſer da companhia de alguma grande Armada, o que os ſobreſaltou muito, porque ſe tal era, não hiam pera outra parte ſenão pera Ternate, com o que correria riſco aquella fortaleza pela pouca gente que tinha. Pelo que Martim Correa requereo a Antonio de Brito, e a Manoel Falcão da parte d'ElRey foſſem ſoccorrer aquella fortaleza, que eſtava arriſcada, ſe aquellas náos foſſem de Caſtelhanos, mandando fazer hum auto do tal requerimento. Antonio de Brito não quiz tornar-ſe, mas deo da gente, e munições, que levava a Martim Correa, que

que se fez á véla com Manoel Falcão, e ambos surgíram em Talangame, e vendo-se com D. Garcia lhe deram conta do que passava, que com o provimento, e gente que lhe veio, disse, que lhe dava muito pouco que viessem dez náos de Castelhanos. Andava D. Garcia neste tempo em contrato de pazes com ElRey Almansor de Tidore, o que encontrava muito Cachil Daroez tutor, e tio de Bohat filho mais velho do Boleife, que havia de herdar o Reyno como tivesse idade, porque depois da morte do Pai ficou governando o Daroez, que desejava de estorvar as pazes com Tidore, porque receava passar-se lá o commercio do cravo, e ficar Ternate com isso muito abatido; e elle homiziado com aquelle Rey pelo favor que sempre deo aos Portuguezes contra elle. E por muito que nisso trabalhou, as pazes se assentáram com condição, que tornaria o Rey de Tidore a fusta que nas guerras passadas tinha tomada com sua artilheria, e que entregaria todos os Portuguezes que lá andavam fogidos, e com outros pontos que não são substanciaes. E porque o Rey de Tidore soube o desgosto que tivera destas pazes Cachil Daroez, desejando de o conservar em amizade, (pera ficar mais seguro com a dos Portuguezes, pelo proveito que disso tinha;) tratou de o casar com hu-

huma filha ſua, por ſe liar com elle, porque tambem como eſtiveſſem liados, e conformes, teriam os noſſos enfreados, e não receberiam dos Capitães tantas offenſas. Dom Garcia foi logo aviſado deſtes tratos, de que lhe não vinha bem, porque depois de juntos com qualquer achaque ſe alterariam, e dariam trabalho á fortaleza, e trabalhou de eſtorvar aquellas lianças, o que não pode já ſer por eſtarem ambos ſatisfeitos: pelo que determinou de com alguma invenção quebrar as pazes (como logo fez) mandando pedir ao Rey de Tidore a artilheria da fuſta, que não era ainda entregue, nem o tempo era paſſado. A iſto ſe eſcuſou ElRey com dizer que a tinha empreſtada a ElRey de Bachão, que como a arrecadaſſe a entregaria. Eſtava neſte tempo eſte Rey de Tidore muito enfermo, e mandou pedir a Dom Garcia hum Medico pera o curar, elle lhe mandou hum boticario, mas aproveitou pouco; porque o Rey morreo daquella doença, e ſuſpeitou-ſe que o ajudáram a iſſo. O que ſabido por D. Garcia, e que eſtava toda a Cidade occupada em ſeu enterramento, embarcou-ſe com muita preſſa em algumas corocoras, e foi ſobre aquella Ilha, mandando diante recado aos Regedores que lhe mandaſſem a artilheria, ſenão que havia por quebrada a paz, e que aſſi lho noti-

tificaſſe. Eſte recado lhes déram, eſtando ainda o corpo d'ElRey por enterrar, ao que lhe reſpondêram que logo lha entregariam. E fazendo-lhes a notificação Fernão Baldaia, que a iſſo foi, tornou-ſe a D. Garcia que hia por caminho, e chegou a Tidore de madrugada. Como todos eſtavam deſcuidados de tal, deſembarcou D. Garcia com todos os que levava, e foi entrando á Cidade, e pondo-lhe fogo por algumas partes, que ateou braviſſimamente. Ao eſtrondo, e terremoto acordáram todos, não tendo o tento em mais que em ſalvar ſuas peſſoas, recolhendo-ſe pera os matos, ficando os noſſos ſenhores da Cidade, que ſaqueáram á ſua vontade, achando ſete peças de artilheria, que D. Garcia mandou recolher; e deixando a Cidade poſta a ferro, e a fogo, tornou-ſe a embarcar. Ficáram os noſſos deſte negocio com o credito perdido entre todos aquelles Reis daquelle Arquipelago, dizendo-ſe publicamente que não guardavamos a fé. Pelo que defendêram logo pela mór parte daquellas Ilhas noſſo commercio, não conſentindo os noſſos nellas. Os Tidores, tanto que ſe embarcou D. Garcia, tornáram-ſe pera a ſua Cidade, que acháram feita em cinza, e alevantáram logo por Rey Cachil Raxamira, filho d'ElRey Almanſor o morto, que por ſer muito moço ſe lhe deo por

tutor a Rade Cachil, ficando a guerra declarada com a noſſa fortaleza, que lhe deo bem de trabalho, como pelo decurſo da hiſtoria ſe verá.

CAPITULO III.

Do que aconteceo a D. Jorge de Menezes na jornada de Maluco, e de como deſcubrio as Ilhas dos Papuas: e da Armada que partio de Caſtella pera aquellas Ilhas de Maluco, e da derrota que levou até chegar a ellas.

PArtido Dom Jorge de Menezes de Malaca pera as Ilhas de Maluco, como atrás temos dito, (que foi a primeira couſa, em que proveo Pero Maſcarenhas, depois de ter recado que era Governador) foi ſeguindo ſua viagem pela via de Borneo, como levava por regimento. Chegando ás Ilhas do Moro ſetenta leguas de Ternate, indo demandar á terra pera ſurgir, não achou fundo por ſer tudo á roda daquellas Ilhas mui alcantilado, e não ſe poder ſurgir ſenão com os proizes em terra; e como D. Jorge não queria vizinhar-ſe tanto a ella, foi-ſe na volta do mar. Da Ilha foram logo viſtos, e ſahíram duas almadias ás náos; e porque não ſe determináram ſerem Portuguezes, ou Caſtelhanos, não ſe ouſáram a chegar. Dom

Jor-

Jorge lhes mandou capear, com o que huma das almadias se arriscou, e chegou a bordo. D. Jorge lhes mandou perguntar pelo Capitão de Maluco, e pelo estado em que a nossa fortaleza estava, de que lhe não souberam dar razão, e por anoitecer se affastáram com alguns pannos, que lhes mandou dar D. Jorge por irem contentes. De noite acalmou o vento, ficando os nossos navios anhotos; porque como não havia fundo pera surgir, nem vento pera governar, e as aguas por antre aquellas Ilhas corriam pera o Levante, como a pedra da mão, foram levados até os lançarem fóra de todas as Ilhas em hum golfo de mar mui grande, onde lhes deo hum temporal mui grosso, com que foram correndo quasi perdidos alguns dias, até haverem vista de huma terra que lhes pareceo Ilha, que estava em altura de ... gráos do Norte, e indo-a demandar foram surgir perto, e em muito bom fundo. Logo vieram algumas embarcações a elles, em que vinham alguns homens muito pretos, e de cabellos revoltos, como os Cafres de Jalofo, ou como os do Cabo de Boa Esperança pera Moçambique, e entrados nas náos lhes fizeram os nossos grandes gazalhados, mas não houve quem os entendesse; mandando com elles algumas pessoas a terra a fallar com o seu Rey, e haver o que

ella tinha, e achâram ElRey que tambem era preto, como os outros, que os recebeo bem, fallando-lhe por acenos, e víram a terra abaſtada de mantimentos, gados, e gallinhas, que os noſſos mandáram reſgatar por pannos, e por calaim. Vendo D. Jorge que não havia monção pera tornar pera Maluco, ſenão dalli a alguns mezes, deixou-ſe alli ficar commutando com os da terra tudo o de que tinham neceſſidade, achando aquelles moradores dalli domeſticos, poſto que diziam que pela terra dentro havia nações que comiam gentes. Aqui víram os noſſos alguns dos naturaes, aſſi homens, como mulheres, tão alvos, e louros como Alemães, e perguntando como ſe chamavam aquellas gentes, diſſeram que Papuas: e pelo pouco conhecimento que então tinhamos dáquella terra, cuidáram os noſſos ſerem Ilhas; mas quanto a nós pelo que depois ſe veio a alcançar, eſta terra he aquella a que Marco Polo Veneto chama Lochac, que diz ſer riquiſſima de ouro, que diz que eſtava ſetecentas milhas (que são mui perto de duzentas leguas noſſas) da Jaoa, e a põe da outra banda do Tropico, e diz que ao derredor eſtavam as Ilhas de Sodur, Pentan, Malayur, e outras, e do que dellas depois ſe ſoube, e deſcubrio, em outro lugar o diremos. E deixando a D. Jorge em quanto

to lhe tarda a monção, tornemos ás náos dos Castelhanos, de que em Ternate andava fama, e diremos que Armada era, e o que lhe aconteceo na jornada. Depois de chegar a Hespanha aquella formosa náo Vitoria da companhia de Fernão de Magalhães, dando razão ao Emperador Carlos V. Maximo (que já governava) do descubrimento que fizera das Ilhas de Maluco, fazendo-lhe crer ficarem na sua demarcação, encarecendo-lhe as riquezas dellas, mandou logo ordenar no porto da Corunha outra Armada de sete vélas, de que deo a capitanía a Frei Garcia de Loaíza Fidalgo Biscainho, Commendador de S. João. Esta Armada deo á véla vespera de Sant-Iago de mil e quinhentos e vinte e cinco annos: hia nella por sota-Capitão o mesmo João Sebastião del Cano. A Armada era de quatro náos, dous galeões, e hum pataxo. Os Capitães eram Frei Garcia, João Sebastião del Cano, D. Rodrigo da Cunha, e Diogo de Vera: estes hiam nas náos, os das caravelas não soubemos. Partidos da Corunha, foram tomar á Gomeira, e correndo a costa de Guiné, faltando-lhes o tempo pera dobrar o Cabo de Santo Agostinho, por conselho de todos determinou o General de fazer sua derrota pelo Cabo de Boa Esperança: e indo-o demandar, encontráram hum

na-

navio de Portuguezes, que entre algumas cousas que delles souberam, foi, que achá-ram huma Ilha chamada S. Mattheus, em que fizeram aguada, e acháram sinaes de já ser povoada em algum tempo, porque havia alli muitas larangeiras, e arvores de espinho, gallinhas, rasto de porcos, e em alguns troncos de arvores grandes acháram letras Portuguezas, em que se mostrava que havia oitenta e sete annos, que já alli estiveram gentes nossas, do que em nenhuma outra escritura achámos feito memoria. Em fim largando o navio, foram seguindo sua derrota até passarem o Cabo de Santo Agostinho: tornáram a demandar o estreito de Magalhães, porque lhes entrou bom vento; e indo correndo a costa, lhe deo hum tempo que apartou o General dos outros navios, que foram tomar hum rio formoso, e grande, a que mandáram o pataxo que arvorasse sobre a sua barra huma cruz, e assi lhe deram o nome do *rio de Santa Cruz*: ao pé della deixáram huma panella com cartas, em que contavam a jornada que fizeram até li, pera o seu General se alli fosse ter, dizendo-lhe que o hiam esperar ao estreito de Magalhães. Partidos dalli acháram outro rio, a que puzeram nome de *Santo Elefonso*, que era tamanho que cuidáram ser o estreito; e mandando João Sebastião del Ca-

no

no, ou indo elle meſmo a vello, deo na boca delle em ſecco, indo em hum batel, e hum parente ſeu em outro, e fez ſinal ás náos que hiam commettendo a entrada que tornáram a voltar, e Sebaſtião del Cano, e o outro paſſáram grandes trabalhos até tornarem ás náos. E correndo outra vez a coſta adiante deram com o eſtreito, onde ſurgíram ao pôr do Sol, pera ao outro dia commetterem a entrada, e buſcarem nelle porto pera eſperarem o ſeu General. A meſma noite lhes deo hum tempo mui rijo com que o pataxo ſe metteo em hum eſteiro, e João Sebaſtião del Cano indo caſſando muito, cortou a amarra, e deo o traquete; mas foi varar tão perto de terra, que da cevadeira ſaltáram cinco homens nella, e morrêram dezenove affogados. A outra náo de Diogo de Vera teve-ſe ſobre a amarra até paſſar o tempo, e como pode, deo á véla, e nunca mais appareceo. D. Rodrigo da Cunha, Capitão da outra náo, paſſado o tempo, deo á véla, e foi-ſe na volta de Caſtella, mas logo encontrou o General, e com pouca vontade voltou com elle, e embocando o eſtreito, víram a náo de Sebaſtião del Cano perdida, e a gente em terra que lhe fez ſinal, e mandou o batel a buſcar o Capitão; e a todos os companheiros mandou dizer que eſperaſſem, que logo os mandaria buſ-

buscar, porque hia demandar algum porto em que pudesse surgir: e entrando o estreito, surgio da banda de dentro no primeiro pouso que achou bom; e dalli tornou a mandar huma caravéla (que o acompanhou sempre) a buscar a gente da náo perdida. Esta caravéla tornou a sahir fóra do estreito, e recolheo a gente toda, e voltando com ella, antes de entrar o estreito, lhe deo hum tempo, com que desgarrou á outra costa. A capitánia cassou com todas as ancoras passante de huma legua, tocando muitas vezes em baixo com o arfar, pelo que abrio, e fez tanta agua, que lhe foi forçado alijarem muitas cousas ao mar. Frei Garcia de Loaíza, vendo que o tempo crescia, receando que a náo se perdesse, foi-se no batel pera terra, porque era perto, e o mesmo fez toda a mais companhia, ficando só os marinheiros. Passada a tormenta tornou-se a embarcar, e sahio-se fóra do estreito, e foi tomar o rio de Santa Cruz, que estava delle cincoenta leguas, pera concertar as náos que estavam destroçadas, nas marés que alli cresciam, e vasavam sete braças. Dalli mandou D. Rodrigo da Cunha a buscar o pataxo, que achou junto da náo perdida; e tomando-lhe a gente que quiz, não querendo mais proseguir naquella jornada, tornou-se pera Castella, e o pataxo se foi pera

o Ge-

o General, e lhe deo aquellas novas, porque sabiam sua determinação. Concertadas as náos, tornou o General cóm os galeões, e pataxo a entrar o estreito com determinação de invernar no meio delle, e acudindo-lhe bom tempo, sahio fóra delle, e sendo quatrocentas leguas da costa lhe deo hum temporal com que se perdêram os galeões, e o pataxo foi tomar a nova Hespanha. O General foi só seguindo sua derrota, e por conselho de João Sebastião del Cano passou a Equinocial, por lhe elle dizer, que em doze gráos estavam humas Ilhas mui ricas de ouro, e prata: e indo-as demandar adoecêram muitos, e falecêram em poucos dias o General, e o João Sebastião del Cano, e o Piloto, e Thesoureiro, e todos morrêram de humas nodoas pretas que lhes sahíram pelas pernas. Os que ficáram vivos elegêram por Capitão Toribio Alonso Salazar, que se tornou a metter de baixo da linha; e faleceo chegando ás Ilhas das Vélas, que agora chamam dos Ladrões. Por sua morte houve grande alvoroço sobre a capitanía entre Martim Inhegues de Carquicios Alguazil maior da Armada, e Fernão de Bustamente Thesoureiro da náo Santo Espirito, a perdida, de que foi Capitão João Sebastião, que tinha já ido a Maluco na náo Vitoria, e por evitarem contendas, concertá-

ram-

ram-se que ficassem ambos Capitáes, e mandassem igualmente, até chegarem a alguma das Ilhas de Maluco, onde se determinaria quem ficaria só: e seguindo sua derrota, foram haver vista de Mandanáo, onde foi Martim Inhegues julgado de todos por Capitão, que tambem era Fidalgo Biscainho. Martim Inhegues foi logo demandar Maluco, e chegando a Cope lugar do Morotay no Moro, tomou refresco, e agua, dalli se passou a outro lugar chamado Camafo, que he na Morotoja, cujo Sangage era vassallo de Tidore. Foi isto no proprio tempo que Dom Jorge de Menezes se affastou dellas, e se foi desgarrado com as correntes, e todavia foi visto dos Castelhanos, e conhecêram ser a náo Portugueza: pelo que se foram os Castelhanos mettendo bem dentro no golfo de Camafo, que he da outra banda do Levante da Ilha do Moro, onde surgíram. A gente da terra foi á náo a visitar o Capitão, e o leváram com todos os seus pera terra, e os agazalháram bem, pela amizade que sabiam tinham com o seu Rey. Alli souberam como os Portuguezes tinham fortaleza em Ternate, e todas as mais cousas que eram succedidas até então, e da guerra que Dom Garcia fizera ao seu Rey. Os Castelhanos usando de sua natureza, se lhes offerecêram pera ajudar o seu Rey contra os Portugue-

zes,

zes, lançando ſeus deſpechos, promettendo-lhes de os comerem todos aſſados. Com iſto lhes deram os da terra tudo o que haviam miſter, e não lhes queriam tomar dinheiro, porque eſſe ſeria o intento de ſuas promeſſas, que bem ſabiam elles que os Portuguezes eram máos de aſſar, e peiores de tragar. Eſtas novas deſta náo são as que deram a D. Garcia Henriques, (como atrás temos dito,) e certificando-ſe ſerem Caſtelhanos, deſpedio logo Martim Correa, e com elle Diogo da Guerra em huma corocora mui ligeira, pera irem ver o que aquillo era, e pera tomarem lingua da terra. Eſtes homens foram ter a hum lugar de Camafo, onde foram certificados da verdade, e de como ficava naquella Cidade aquella náo, e que partíram de Heſpanha ſete juntas, porque ſe eſperava, e aſſi o affirmavam os Caſtelhanos, e ſouberam que os da terra eſtavam com elles mui ſoberbos, e uſanos: com iſto ſe tornáram, e deram as novas a D. Garcia, que com muita preſſa armou dous navios de remo, em que mandou embarcar ſetenta Portuguezes, e pedio a Cachil Daroez, que ſe embarcaſſe em ſuas corocoras, como logo fez em dez, ou doze, e deſta Armada fez Capitão mór Manoel Falcão, dando-lhe por regimento, que chegaſſem á viſta da náo, e mandaſſem a ella o Ouvidor

dor que com elles mandou embarcar, pera ir fazer ao Capitão hum requerimento que lhe deo por eſcrito, e com iſſo huma breve carta pera o Capitão, e que não querendo deſirir a couſa alguma, pelejaſſem com ella, e lhe levaſſem todos os Caſtelhanos prezos. Manoel Falcão foi ſeguindo ſua jornada, e ao ſahir do golfo de Camafo encontrou a náo, e mandou a ella o Ouvidor em huma corocora pera ir fazer a diligencia. Chegado o Ouvidor a bordo da náo entrou dentro, e foi recebido mui honradamente de Martim Inhegues, a quem deo a carta que levava, em que D. Garcia lhe requeria da parte do Emperador Carlos Quinto, que ſe foſſe pera aquella fortaleza de Ternate, onde o agazalhariam como a vaſſallo de hum Senhor tão parente, e amigo d'ElRey de Portugal, e que dalli ſe tornaria pera Heſpanha, e que não quizeſſe andar por aquellas Ilhas, que eram da Coroa de Portugal, inquietando a paz que havia entre aquelles Reys, e com iſſo lhe fez o Ouvidor o proteſto, mandando fazer delle hum auto pelo ſeu Eſcrivão. Martim Inhegues lhe reſpondeo, que aquellas Ilhas eram do Emperador ſeu Senhor, por caberem em ſua demarcação, e que tinha ſobre iſſo havido ſentença contra ElRey de Portugal, pelo que requeria a elle D. Garcia, que não

foſ-

fosse elle o quebrantador da paz. Feitos os protestos de parte a parte, teve Martim Inhegues muitos cumprimentos com o Ouvidor, que notou muito devagar a náo, e a gente que levava, e despedindo-se delle se tornou pera Manoel Falcão, a quem deo conta do que passára com Martim Inhegues, e lhe affirmou que a náo estava muito forte, e que tinha em si trezentos homens, e muita artilheria; e vendo que era em vão commettella, tornáram-se pera Ternate, e informáram a D. Garcia do que era passado. A náo foi seu caminho, e surgio no porto de Tidore dia de Janeiro deste anno em que andamos de vinte e sete, havendo dous mezes que tinha chegado a Camafo, onde esteve até ElRey de Tidore o mandar chamar. Logo aquella noite poz a gente, e artilheria em terra, a que o ajudou ElRey, que o festejou muito. D. Garcia teve logo vista da náo, e mandou a mesma Armada, pera que lhe fosse dar huma salva, como fez, porque chegando-se de noite perto della a começáram a bater fortemente, matando-lhe dentro dous homens: e ao outro dia tambem continuáram a bateria, e quatro arreio mais, sem a poderem metter no fundo, por ser forte, pelo que se tornáram. Martim Inhegues mandou metter a náo dentro do arrecife, como se elles foram, e desembar-

barcou tudo em terra, e ordenou com muita pressa dous baluartes de pedra ençossa na fronteria da Cidade, e a náo posta em meio com sua artilheria, como outro baluarte, pera defensão do porto, com o que ficou bem seguro. D. Garcia não deixou de continuar com seus protestos, e requerimentos, sobre que corrêram recados de parte a parte sobre o direito daquellas Ilhas, que cada hum allegava pelo seu Rey. Martim Inhegues dizia, que Fernão de Magalhães vassallo d'ElRey D. Fernando de Castella descubríra aquellas Ilhas, D. Garcia allegava, que muito antes daquillo foram descubertas por Antonio de Brito, e que o Magalhães fora alevantado, e que os Reys daquellas Ilhas recebêram primeiro nellas os Portuguezes, e mandáram requerer a ElRey de Portugal, que mandasse fazer fortaleza em suas Ilhas, e assentar commercio em suas terras: mandando ElRey de Ternate, e indo em pessoa o de Tidore a Amboino buscar Francisco Serrão, que alli estava perdido da companhia de Lourenço de Brito, e sobre quem o agazalharia, e daria em terra lugar pera fortaleza aos Portuguezes, tiveram muitos desgostos hum com o outro, requerendo-lhe sempre D. Garcia, que se fosse pera aquella fortaleza, e que lhe daria hum lugar apartado, em que estivessem to-

dos

dos á sua vontade até ser tempo de se tornarem ; e que não comprasse nenhum cravo, nem danassem o preço que nelle estáva posto pelos Officiaes d'ElRey de Portugal ; e que não o querendo fazer, protestava por todas as perdas, e damnos que disso resultassem. Martim Inhegues tambem fez seus protestos, ficando assi o negocio travado em guerra, e deitáram suas corocoras ao mar com que andavam fazendo seus saltos. Poucos dias depois destes derradeiros protestos tomáram duas corocoras de Geilolo, e huma champana de Ternate, que hia carregada de cravo, e matáram hum Portuguez que nella hia, e alguns Ternatezes. Vendo-se os Tidores favorecidos dos Castelhanos, (que lhes faziam castellos de vento, e que lhes sahíra aquella preza bem,) armáram suas corocoras, e foram dar em hum lugar d'ElRey de Ternate chamado Gacca, e o roubáram, e queimáram: disto teve logo D. Garcia rebate, e armou algumas corocoras, em que mandou Martim Correa, e indo buscar os Tidores, deo com elles, vindo-se recolhendo com a preza, e investindo-os os axorou, e abalroou, e lhes tomou a mór parte das corocoras, e da preza que levavam. Aqui fizeram os Ternates, que foram com Martim Correa, grandes cavallerias, e cruezas.

CA-

CAPITULO IV.

De como D. Jorge de Menezes chegou a Maluco, e de como fez tregoas com os Castelhanos, que se quebráram logo: e de como faleceo ElRey Bayano, e succedeo seu Irmão Ayalo. E de como ElRey de Lobu matou os Portuguezes que estavam em seu porto, e tomou huma galé por engano.

OS Castelhanos dando-lhes pouco dos requerimentos de D. Garcia, que lhes mandou fazer por muitas vezes, começáram a resgatar cravo por essas Ilhas, danando o antigo preço, e fazendo-o subir em quatro vezes o dobro, com o que lhe acudio todo o daquellas Ilhas. Disto foi logo Dom Garcia avisado, o que sentio muito: e porque se lhe não acudisse sería destruição da fazenda d'ElRey, e do seu commercio daquellas Ilhas, mandou negociar algumas embarcações, e pedio a Cachil Darocz que o acompanhasse nas suas corocoras, do que se elle não escusou, e D. Garcia se embarcou com cem Portuguezes, e a gente de Daroez, e foi de noite demandar o porto de Tidore, e surgio a tiro de bateria da não, que logo começou a bater com tres cameletes, que levava em humas embarcações, que or-

de-

denou á maneira de barcaſſas com ſuas mantas, e arrombadas. Alli eſtiveram tres dias ſem fazerem mais que dar na náo, desfazendo-a por cima toda, e fazendo-lhe por baixo alguns rombos. E porque ſe lhe acabáram as munições, recolhêram-ſe pera huma enceada da meſma Ilha, em quanto foſſem buſcar outras, porque D. Garcia logo mandou com muita preſſa. Eſtando neſta enceada, mandou D. Garcia a Martim Correa, e a Cachil Daroez, que foſſem queimar hum lugar de Mouros, que eſtava ſobre hum tezo, aonde Martim Inhegues mandou por alguns Caſtelhanos a rogo d'ElRey, porque ſe receou daquillo. Partidos elles pera o lugar, deram nelle huma madrugada, e o queimáram, e aſſoláram. Os Caſtelhanos em ſentindo os noſſos ſahíram-ſe fóra do lugar, e embrenháram-ſe em hum mato perto, donde ao ſahir dos noſſos do lugar lhes atiráram muitos tiros, de que hum quadrelo deo a Martim Correa abaixo da orelha, de que cahio como morto, e foi recolhido: D. Garcia desgoſtoſo recolheo-ſe. Os Caſtelhanos ficáram tão ufanos, e ſoberbos, que diziam aos da terra, que os Portuguezes fugíram delles, e que não eſtariam naquella fortaleza mais que em quanto elles quizeſſem: e todavia a Villa em que elles eſtavam ficou aſſolada, e a náo da bateria

tão aberta, e destroçada que se foi ao fundo: o que elles sentíram muito, por lhe não ficar outro navio, e perdêram o orgulho com que estavam, e ficáram esperando por recado de Hespanha. D. Garcia Henriques negociou hum junco, em que mandou Martim Correa, e Manoel Lobo a Malaca a pedirem soccorro contra os Castelhanos, que partíram em Janeiro do anno de vinte e sete, e logo o Maio seguinte chegou áquella fortaleza D. Jorge de Menezes dos Papúas onde o deixámos, que trazia muito pouca gente, por lhe morrer a mór parte por aquellas Ilhas por onde invernou. D. Garcia lhe entregou a fortaleza. Tanto que Martim Inhegues soube de sua chegada o mandou visitar, e a voltas disso lhe mandou fazer queixume de D. Garcia, que nunca quizera com elle senão guerra, e que lhe mettêra a sua náo no fundo: pedindolhe quizesse correr com elle em amizade, pois eram Christãos, e quasi naturaes, e vassallos de dous Reis tão amigos, e parentes. D. Jorge lhe mandou dizer que folgava muito de ter chegado a tal tempo, porque esperava de o servir, que lhe pedia, que pois estava sem náo: que se fosse pera aquella fortaleza, onde o agazalharia, e serviria, e lhe daria embarcação pera se irem pera a nova Hespanha, ou pera

Cas-

Castella. A isto não defirio elle nada: o que visto por D. Jorge, mandou-lhe fazer protestos, e requerimentos pelo Alcaide mór, na fórma dos que lhe D. Garcia tinha feitos: e depois de passar em muitos recados de parte a parte, vieram a concluir em tregoas, que se assentáram até lhe vir recado de Portugal, e de Hespanha: e sempre os Castelhanos se passáram pera a fortaleza, se ElRey de Tidore lho não estorvára. Duráram estas tregoas pouco, porque logo se quebráram. Neste tempo faleceo ElRey Bayano, que estava reteudo na nossa fortaleza, e estando já pera morrer, lhe deo o Capitão licença pera se ir pera sua casa, onde logo faleceo, e o povo alevantou por Rey Cachil Dayalo seu Irmão, que D. Jorge tambem recolheo na fortaleza; e como nestas exequias funebres fazem estes grandes excessos, e duram muitos dias, ajuntandose a ellas muita gente, faltáram pera isto mantimentos, e Cachil Daroez Regedor do Reyno mandou ao Moro algumas embarcações a buscallos. Vindo estes navios de lá, lhes sahio Cachil Rade Regedor de Tidore, e as tomou, e cativou todas as pessoas que nellas vinham. Tanto que isto se soube, determinou Cachil Daroez de se desafrontar, e pedio ao Capitão D. Jorge alguma gente que lhe deo: e partindo huma

noite com huma boa Armada, chegáram a Tidore de madrugada, e desembarcáram em huma parte fóra dos fortes dos Castelhanos, e deram na Cidade, a que puzeram fogo, em que ardeo a mór parte, sem os Castelhanos lhe poderem valer, e os nossos se recolhêram muito a seu salvo: com isto ficáram quebradas as tregoas, e não por culpa dos nossos, (como dizem alguns Escritores Hespanhoes,) e deixallos-hemos aqui, e daremos conta das cousas que neste tempo succedêram em Malaca. ElRey de Lobu na costa de Çamatra era hum Mouro, que corria em grande amizade com os Capitães de Malaca, e de sua terra hiam áquella fortaleza comprar, e vender; e o mesmo faziam os mercadores Portuguezes a Lobu, sem nunca nelle, nem nos seus acharem engano, nem falsidade. Succedeo neste mesmo tempo, depois de Pero Mascarenhas embarcado pera Goa, ir áquelle porto hum navio de Portuguezes a fazer seu resgaste, os da terra, ou fosse por cubiça, ou pelo que quer que fosse, matáram todos os que hiam nelle. Disto foi Jorge Cabral Capitão de Malaca logo avisado, e querendo tomar satisfação daquelle negocio, mandou Alvaro de Brito por Capitão de huma galé, com setenta homens, pera se ir pôr sobre aquelle porto, e tomar todas as cousas que sahissem

ſem, e entraſſem nelle. Eſta galé foi a Lobu, onde os da terra matáram todos os Portuguezes della, e a tomáram, ſem ſe ſaber o como. Eſtas novas foram a Malaca, que Jorge Cabral ſentio muito, aſſi pela perda, como pela affronta; mas diſſimulou por não ter navios, nem gente pera ſe ir ſatisfazer. Eſtando com eſta mágoa, chegou poucos dias depois ao porto de Malaca Antonio de Brito, que vinha de Banda, como atrás diſſemos, (poſto que Caſtanheda diz que era Martim Correa, o que foi erro, porque iſto ſuccédeo no tempo em que elle eſtava ferido em Maluco do quadrelo, e Antonio de Brito deixamo-lo partido de Banda.) Eſte Fidalgo foi bem recebido de Jorge Cabral, que eſtava com a mágoa freſca, e lhe pedio quizeſſe ſatisfazer aquella affronta, o que elle acceitou de boa vontade, e armando algumas lancharas, mandou embarcar déſſa pouca gente que havia, e com a que Antonio de Brito trazia prefez cento e vinte ſoldados, e fazendo-ſe á véla atraveſſou a outra coſta de noite, e foi demandar o porto de Lobu, ſem delle terem viſta da terra. E ſendo paſſado o quarto da Modorra, embarcou-ſe nos navios ligeiros, porque hia na ſua náo, e entrou pelo rio, e ſem ſer ſentido deſembarcou na Cidade, mandando-lhe primeiro que tudo pôr o fogo

go por algumas partes; e como era de madeira, e palha, ateou-ſe em toda com tão grande eſtrondo, e terremoto, que foi couſa eſpantoſa. Como iſto tomou todos repouſando, e deſcuidados, não fizeram mais que ſaltar fóra das camas, e fugir pera as ruas, onde acháram os noſſos, que não faziam mais que matar, e andar, não perdoando a couſa alguma, fazendo tamanha deſtruição, e tomando tão cruel vingança da affronta paſſada, que ficou perpetuamente por memoria naquella Cidade. Depois de deixarem tudo poſto a ferro, e a fogo, embarcáram-ſe muito á ſua vontade, e tomáram a galé, que eſtava no rio com toda ſua artilheria, e outras muitas embarcações, e pondo o fogo a outra cópia dellas, que eſtavam em eſtaleiro, ſe foram pera Malaca, onde foram recebidos com triunfo. Jorge Cabral ſabendo de Antonio de Brito do eſtado em que Maluco eſtava, deſpedio logo duas navetas, e hum junco cheios de mantimentos, e munições, e dous mil cruzados em roupas, e cem homens Portuguezes pera irem de ſoccorro. A capitanía deſtas vélas deo a hum Fidalgo chamado Gonçalo Gomes de Azevedo. Eſte ſoccorro partio na entrada de Janeiro de vinte e ſete, quaſi no meſmo tempo que de Maluco partio Martim Correa a pedir ſoc-

ſoccorro, e da jornada de ambos adiante daremos razão.

CAPITULO V.

De como D. Simão de Menezes ſoltou Pero Maſcarenhas: e dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz: e da Armada que eſte anno de vinte e ſete partio de Portugal: e de como duas nãos della ſe perdêram na Ilha de S. Lourenço.

TOrnando a continuar com as couſas dos dous Governadores, que deixámos com a reſpoſta que Lopo Vaz deo aos requerimentos de Pero Maſcarenhas, com que chegou Mem Vaz a Cananor, e tanto que foi viſta por Pero Maſcarenhas, e que leo as cartas dos Fidalgos que ficavam prezos, bem vio que Lopo Vaz queria levar aquelle negocio por força, e ajuntando-ſe com Dom Simão, mandou chamar o Feitor, Eſcrivães, e mais Officiaes, e os caſados, e perante todos fez Pero Maſcarenhas hum proteſto a D. Simão, mandando-lhe ler os que mandára fazer a Lopo Vaz, e a reſpoſta que deo a elles, e mandou a Mem Vaz que recitaſſe alli tudo o que paſſára, e o modo de como fora a prizão daquelles Fidalgos. Depois de tudo iſto notificado, lhe requereo da parte d'ElRey, que pois Lopo Vaz ſe

se não queria pôr com elle á direito, antes mostrava usar de força, que o reconhecessem a elle Pero Mascarenhas por Governador da India, conforme áquella successão d'ElRey, e auto da posse, que fora dada naquella fortaleza, mandando-lhe ler tudo novamente; e que pois Lopo Vaz não queria justiça, que pera isso tinha ElRey os Fidalgos como elle na India, pera não consentirem cousas tanto contra seu serviço. D. Simão ficou de todo escandalizado do modo de Lopo Vaz, e logo mandou tirar os ferros a Pero Mascarenhas, e o levou á Igreja, e presente o povo todo mandou ler sua successão, em que elle succedeo por morte de D. Henrique de Menezes, e o auto da entrega da governança, que foi feita a Lopo Vaz até sua vinda de Malaca, e todos os mais que foram feitos, e das resistencias que lhe Affonso Mexia fez em Cochim, e todas as mais cousas passadas até aquelle dia. Depois de tudo lido, disse Pero Mascarenhas alto, que todos ouvíram; » Tudo aquillo, Senhores, vos foi » notificado, pera que saibais quão injusta- » mente fui injuriado, prezo, e maltrata- » do, como se eu fora algum malfeitor, e » que quizera entregar a India aos Mouros, » sobre a mercê que me fez ElRey da go- » vernança da India, pelos muitos, e mui

» gran-

» grandes ſerviços que nella, e em outras
» partes lhe tenho feitos; e agora por re-
» mate de todos, com lhes ſegurar Mala-
» ca, com toda a tomada de Bintão, cui-
» dando que vinha receber o galardão del-
» les, fui eſpancado de Affonſo Mexia,
» prezo em ferros de Lopo Vaz, couſa tão
» fea, que até os Mouros, e Gentios de
» todo o Oriente ſe eſcandalizam diſſo. Af-
» fonſo Mexia, que por razão de ſeu offi-
» cio era obrigado a favorecer o ſerviço
» d'ElRey, e não conſentir a Lopo Vaz
» fazer-me tamanha força, o fez tanto ao
» contrario, que como meu inimigo capi-
» tal ordio todas eſtas diſſensões, com que-
» rer dar entendimento á carta d'ElRey,
» differente do que era ſua tenção, e tem
» com iſſo poſta a India em bandos, e di-
» visões, e em perigo de ſe perder; e Lo-
» po Vaz o ajuda por ſua parte em ſe não
» querer pôr comigo a direito, e por não
» ir a requerer minha juſtiça (por ſaber que
» a tenho) me impedio a entrada de Goa,
» mandando-me prezo em ferros, como
» viſtes, pera eſta fortaleza, como ſe eu
» pretendêra entregar o eſtado da India ao
» Turco, e publicamente diz que por ar-
» mas ſe ha de ſuſtentar naquelle lugar, e
» aſſi parece que quer nellas pôr ſua juſti-
» ça, pois prende, e maltrata a todos, que

» por

» por minha parte lha requerem : e agora
» com a prizão daquelles Fidalgos, que
» são os principaes que ElRey tem na In-
» dia, ficou tão ufano, que segundo tenho
» por cartas, está apostado a vir cercar es-
» ta fortaleza, e prender o senhor D. Si-
» mão, que a mim já o tem feito em tem-
» po que ha tão certas novas de galés de
» Rumes. Todas estas cousas são mui cla-
» ros sinaes de homem alevantado, e que
» lhe dá pouco, assi da Provisão d'ElRey,
» como de tão honrados vassallos, como
» tem neste Estado; e a todos os que não
» são seus parentes, e criados, parece mal
» o modo de como procede neste negocio.
» Pelo que, Senhores, vos requeiro a to-
» dos os que presentes estais, e de novo o
» torno a fazer ao Senhor Capitão, e Of-
» ficiaes da justiça, e fazenda d'ElRey, que
» vista a contumacia de Lopo Vaz, e co-
» mo quer usar de força, e não de justiça,
» (pois trabalha tanto por eu não chegar
» com elle a direito sobre a governança
» da India, que ElRey me tem dado pri-
» meiro que a elle,) que todos me hajais
» por vosso Governador, e me entregueis
» a India por vossa parte, pois todos já
» me obedecestes, pera que com este fa-
» vor, e com outros que espero possa cons-
» tranger a Lopo Vaz a se pôr comigo a
» di-

» direito, pera que fique a governança a
» cuja for, porque não pretendo outra cou-
» sa mais, que paz, e quietação da India,
» porque se não perca vindo a ella a Ar-
» mada dos Turcos. E torno de novo a
» requerer, e a vos notificar, que consin-
» tais no que vos peço; e quando não,
» protesto d'ElRey vo-lo estranhar, e de
» lhe dardes conta dos males que succede-
» rem, e de haver por vossas fazendas to-
» das as perdas, e damnos que disso rece-
» ber. De tudo isto que tenho dito vós Ta-
» bellião me dareis hum estromento com
» suas respostas, ou sem ellas, e calou-se. »
Todos os que presentes estavam a huma voz disseram, que não tinha necessidade de cousa alguma, que elles o conheciam por seu Governador, e que como a tal estavam prestes pera lhe obedecerem; e logo se fez hum auto disso, em que todos se assináram, e D. Simão de Menezes o assentou na cadeira, e lhe deo a menagem da fortaleza em suas mãos, como a Governador da India, em nome de ElRey de Portugal, de que tudo se fizeram papeis, e o Governador se agazalhou na fortaleza com D. Simão, correndo com as cousas como Governador. E posto que o Castanheda não declara se ElRey de Cananor o houve por Governador, e o tratou, e visitou como

es-

esse, quanto a nós D. Simão lho fez primeiro a saber, como o fazia a todas as cousas que succediam, pela pontualidade com que corriam com elle em amizade. As novas disto chegáram logo a Cochim, que causáram em todos grande alvoroço, e Affonso Mexia ficou sobresaltado, porque já lhe não vinha bem governar Pero Mascarenhas pelas affrontas que lhe tinha feito, de que receava que se vingasse. O verão entrou logo, e de Cochim, e Coulão se vieram pera Pero Mascarenhas alguns Capitães de navios, e outras muitas pessoas, e lhe deram a obediencia, com o que elle ficou com mais confiança de Lopo Vaz se pôr com elle a direito; e quando por aqui não pudesse levar este negocio ao cabo, haveria que não era Deos servido disso, e tratou de não lhe ficar cousa alguma por fazer. E porque da carta de Christovão de Sousa (que atrás dissemos) entendeo que havia sua prizão por injusta, quiz dar-lhe conta do estado em que ficava, pera ver se o podia grangear pera o ter de sua parte; porque como era hum dos principaes Fidalgos da India, muito aparentado, e rico, e estava certo penderem todos á sua parte delle, com o que ficaria sendo sua justiça mais certa, logo despedio hum navio ligeiro pera Chaul, em que foi Francis-

cisco Mendes de Vasconcellos com cartas pera elle, e procurações bastantes pera o que fosse necessario, e os traslados dos autos de como ficava obedecido por Governador, pedindo-lhe que requeresse a Lopo Vaz, que se puzesse com elle a direito, e quando o recusasse, que lhe obedecesse a elle como tinha feito D. Simão, pois elle era o que queria justiça pera paz, e socego de toda a India: e mandou outro requerimento a Lopo Vaz, assi por sua parte, como pela de D. Simão, em que lhe requeriam soltasse os Fidalgos que tinha prezos; escrevendo a todos cartas de offerecimentos, e esperanças de cedo serem soltos. Francisco Mendes chegou a Goa, e deo os requerimentos que levava na mão do Secretario, e as cartas aos Fidalgos. O Secretario levou os papeis a Lopo Vaz, e por elles soube como Pero Mascarenhas ficava solto, e obedecido por Governador, e bravejando sobre isso, cahindo no erro que fizera em o confiar de ninguem, receando que lhe entrasse hum dia de supito em Goa, o que seria sua perdição, porque sabia de certo, que em pondo alli os pés, lhe haviam de acudir todos os Fidalgos. Pelo que despedio Simão de Mello em huma galeota, e hum bargantim pera se ir pôr em Goa a velha, porque não entrasse

por

por aquella barra. Era isto ainda entrada de Agosto, e poucos dias logo depois chegáram á barra as duas náos da invernada do anno passado, de que eram Capitães Vicente Gil, e Antonio de Abreu, que surgíram aos dezeseis daquelle mez, e desembarcando foram ao Governador, que lhes deo conta das cousas dantre elle, e Pero Mascarenhas, e lhes mostrou as succesšões, assi humas como outras, e todos os mais papeis, sobre o que lhes pedio seus pareceres, rogando-lhes, que livremente lhes dissessem se era por virtude daquellas Provisões verdadeiro Governador da India; e não se contentando com aquillo, lhes deo juramento dos Santos Evangelhos. Os outros como não tinham mais informação, que a que lhe elle mesmo deo, e os tomou depressa, pera que logo lhes respondessem, disseram, que pelo que lhes tinha dito, e por aquelles papeis, estava de muito boa posse. Disto mandou fazer hum termo, em que ambos se assináram. Passado isto, aos seis de Setembro chegáram á barra duas náos do Reyno, de cinco que tinham partido, de que era Capitão mór Manoel de Lacerda, que por culpa do seu Piloto varou na Ilha de S. Lourenço, e o mesmo fez outra náo que o seguia, de que era Capitão Aleixo de Abreu, que ambas jun-

juntas varáram na Bahia de Sant-Iago, que jaz da banda do Ponente em vinte gráos e meio, e foi em parte que se salváram todos em terra; e por se segurarem da gente della, ordenáram humas tranqueiras, em que se recolhêram com algumas armas que salváram, e com as cousas que tiráram das náos, e que depois o mar trouxe a terra, com o que se ficáram sustentando miseravelmente, commutando com os da terra (que era muito falta de mantimentos naquella parte) algumas cousas poucas, deixando-se ficar alli esperando que passasse alguma náo a que fizessem sinal pera os tomar. Deixallos-hemos aqui até tornarmos a elles. Das outras duas náos, que chegáram á barra, eram Capitães Balthazar da Silva, e Gaspar de Paiva, em que vinham embarcados D. João Deça, cunhado de Lopo Vaz de Sampaio, que vinha com a capitanía de Cananor apôs D. Simão, e Francisco Pereira de Berredo com a de Chaul. Estes Fidalgos foram mui bem recebidos de Lopo Vaz, e lhes mostrou os autos, e papeis, e deo conta de suas cousas, como fez aos Capitães da invernada; e perguntando-lhes o que lhes parecia, disseram que estava de boa posse, dando-lhe pera isso suas razões, de que elle mandou fazer hum termo assinado por elles. Depois disto já no

fim

fim do mez chegou a Goa outra náo que faltava, de que era Capitão Chriſtovão de Mendoça irmão de Dona Joanna Duqueza de Bragança, filho de Diogo de Mendoça, que vinha provído da fortaleza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello. Eſte anno de vinte e ſete foi mui trabalhoſo de grandes terremotos, e tremores de terra em Lisboa, de que cahio a mór parte daquella Cidade, e houve grandes damnos, mortes, ruinas, deſtruições, e andava a gente toda tão aſſombrada, que viviam pelos campos, e deſertos, e foi tambem o ſaco de Roma pelo Duque de Borbon.

CAPITULO VI.

Da Armada, que o Turco Soleimão mandava contra os Portuguezes: e das differenças que houve entre os Capitães: e de como matáram o General, e a Armada ſe desfez.

O Turco Soleimão, filho de Cely, que ſuccedeo no Imperio Othomano os annos do Senhor de 1510, o meſmo dia que o invencivel Emperador Carlos Quinto foi coroado em Aquiſgrana, o que parece ordenou Deos Noſſo Senhor pera enfrear a ſoberba daquelle barbaro, que tanto que tomou poſſe do governo, e começou a ſen-

tir

tir o pezo do Imperio, entre as cargas que lhe carregáram muito, foi a de nossas Armadas, que todos os annos lhe entravam pelo estreito do mar Roxo, fazendo por elle grandes damnos, destruindo-lhe seus vassallos, e impedindo-lhe a navegação, e romagem da sua casa da abominação de Mafamede, com o que o commercio, e rendas daquelle estreito estavám totalmente perdidas, sendo sempre as mais importantes que os Imperios Romano, e Egypcio tiveram pela grossidão de suas entradas, e continuação de muitas náos, que de todas as partes do Oriente hiam áquelles portos, carregadas de muitas, e ricas fazendas; querendo acudir a estas cousas, tinha os annos atrás passados mandado pera isso ordenar huma grossa Armada no porto de Sués pera mandar á India contra os Portuguezes, pera o que se levou huma grande somma de madeira dos Montes negros, e dessas partes de Satalia, muito ferro, cordoalha, carpinteiros, ferreiros, mestres de galés, e todos os mais officiaes dellas, o que tudo foi levado em muitas náos por vezes ao porto de Alexandria; ahi se desembarcáram, e em barcas foram levados pelo Nilo assima até o Cairo, onde se carregáram em Camelos, e por espaço de vinte e quatro leguas de terra deserta, e sem

agua, foi tudo passado a Suês com despezas mui excessivas, onde se começáram armar as vazilhas, e galés, em que gastáram sinco, ou seis annos pela incommodidade do porto, porque até a agua que haviam de beber os Officiaes, se levava em Camelos de muito longe, e pela mesma maneira todas as mais cousas que eram necessarias, que tudo alli chegava á custa de grande somma de ouro; porque como o Turco entrava neste negocio com o zelo de sua religião, pera desimpedir aquella romagem da casa de Méca, tinha mandado se gastassem todos seus thesouros, e assi a poder delles se armáram setenta e seis vélas de todas as sortes, que se acabáram este anno, nomeando pera General desta empreza a Soleimão Baxá Governador do Cairo, homem de grande conselho, e esforço, dando-lhe gente, dinheiro, monições, e artilheria, tirando tamanho cabedal de si, sem embargo de andar occupado contra El-Rey Luiz de Ungria, que com demaziado esforço, mas pouco conselho, lhe apresentou aquella batalha entre Buda, e Belgrado, em que foi morto, e desbaratado. Deo o Turco por regimento ao Baxá que fizesse primeiro que tudo huma fortaleza na Ilha de Camarão, porque não tentasse El-Rey de Portugal, como já fizera, mandar

fa-

fazella alli, e que depois ſe paſſaſſe á India, e lançaſſe della os Portuguezes. E querendo-o honrar por eſte negocio em que o occupava, lhe deo o cargo de Baxá de ſua camara, que he o mais a que ſe póde chegar, mandando com elle Eſcander Can por ſeu lugar Tenente, e mil Janizaros da ſua guarda, homens eſcolhidos, em que entravam Moſtafá Beran, ſobrinho do meſmo Baxá, filho de ſua irmã, Coge Çofar natural de Otranto, que já na Armada de Mir Ocem, (que o Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida desbaratou, e em Dio fora por Capitão de huma galé,) homem de ardiz, e invenções, porque veio a valer muito, e a eſte tempo era theſoureiro do Cairo, eſte trazia ſua mulher, e hum filho já homem, chamado Maarran, (que depois ſe chamou Rume Can, como em ſeu lugar diremos,) e duas filhas mais, huma caſada com Aſete Can, homem tão façanhoſo de corpo, e forças, que por ellas foi depois chamado Tigre do Mundo, de que algumas vezes havemos de fallar. Vinha mais neſta envolta Moſtafá Carmany Elaracen, que depois foi ſenhor de Baroche, e Acem Lancaſta Cherquez, que depois teve no Reyno de Cambaya o titulo de Madre Maluco, com quem pelo decurſo da hiſtoria

havemos de continuar muitas vezes. E na entrada deste Verão, em que andamos, partio o Baxá de Sués com esta potente Armada, cuja fama atroou o Mundo, com que os Mouros da India andavam alvoroçados, cuidando que nossas cousas eram acabadas de todo. O Baxá foi tomar a Ilha de Camarão, onde com muita pressa poz as mãos á obra da fortaleza, que acabou por todo mez de Agosto, e provendo-a de gente, e monições, se embarcou pera passar á India; mas quiz Deos Nosso Senhor que na boca do estreito lhe dessem os levantes de rosto tão rijos, que tornáram a voltar pera dentro, e tomando conselho sobre o que fariam, assentou-se que fossem esperar os ponentes de Abril em Cobit Sarif, porto do Reyno de Zabit, na terra de Arabia da outra banda da Ilha de Camarão, aonde desembarcáram em terra, e armáram suas tendas; e porque ficavam ociosos todo aquelle tempo, determinou o Baxá de conquistar aquelle Reyno, marchando contra a Cidade de Zebit, dez leguas pelo sertão. Sendo aquelle Rey, que se chamava Soltão Hamede, avisado da potencia do Baxá, largando a Cidade, fugio bem pera o sertão, ficando a Cidade só, que seus moradores tambem se quizeram segurar. O Baxá entrou nella, e mandou lan-

çar

çar pregões pelas aldeas vizinhas, pera que todos os da Cidade se tornassem livremente pera suas casas, promettendo-lhes honras, e favores, com o que acudíram logo. O Baxá proveo aquella Cidade de guarnição, pondo nella por Governador a Mir Escander, ficando alli esperando a moução pera passarem á India. Mas como Deos Nosso Senhor tinha os olhos nella, e a queria guardar, e defender, pera que por toda ella fosse dilatada sua Santa Fé, ordenou aquellas cousas de feição, que se desfez a Armada; porque se passára á India naquelle tempo de tantas divisões, sem dúvida se perdêra de todo. E foi a cousa desta maneira. Antre o Baxá, e Mir Escander começáram a haver alguns arrufos no principio, ainda que pequenos, que crescêram, e se viéram a accender por esta maneira. Tivéram os Janiçaros queixas do Baxá, ou sobre as prezas de Zebit, ou sobre a paga, de que elle fez pouco caso, e como sabiam o desgosto que Mir Mostafá tinha do Baxá, tratáram com elle em segredo de o matarem, o que fizeram, dando hum dia de supito nas suas tendas, que roubáram, e escaláram. Mostafá sobrinho do Baxá vendo o tio morto recolheo-se ás suas galés com os Janiçaros de sua valia, em que entravam os

que

que assima nomeámos, que eram Capitães das galés, e se apoderou do thesouro, e tratou de se fazer cabeça da Armada, solicitando a gente pera o seguirem na jornada da India, a que o tio hia enviado, promettendo-lhes grandes prezas, e riquezas, de que todos zombáram, porque hiam muito desgostosos naquella jornada por ser contra Portuguezes, cuja fama das vitorias que cada dia tinham na India, os trazia assombrados; o que visto por Mostafá com os Capitães de sua valia, que eram sinco, se foram em suas galés pera outro porto, levando nellas quatrocentos Turcos, a mór parte delles escravos, que foram do Baxá, e como tiveram tempo, e em Abril, se passáram a Xael, de que adiante fallaremos. Os mais Capitães das galés vendo-se sem cabeça embarcados nellas, se tornáram pera Sués, onde as varáram, levando nova ao Turco do successo, que em estremo sentio, porque lhe custou aquella jornada huma grande somma de ouro, ficando Mir Escander em Zebit com muitos Turcos que com elle quizeram ficar, e logo se appellidou Rey. Fernão Lopes de Castanheda, e Petro Mapheo dizem que Mostafá, e Coge Çofar matáram o Baxá, e que se foram pera Cambaya, no que foram mal informados; porque esta verdade nós a ave-

ri-

riguámos com Caracen, hum deſtes Janiçaros, eſtando por Capitão de Baroche, com quem converſámos naquella Cidade por ſer homem muito amigo dos Portuguezes; e depois que nos foi encommendada eſta hiſtoria, o tornámos a ratificar com hum Mouro Arabio chamado Benaoder, que neſte tempo eſtava em Adem, e nos contou neſta Cidade de Goa todas as particularidades deſta jornada, de que não fazemos menção, mais que das couſas ſubſtanciaes, que ſervem pera a noſſa hiſtoria. As novas deſte ſucceſſo chegáram a Chaul entrada de Setembro por algumas náos de Méca, que áquelle porto foram, com que Chriſtovão de Souſa ficou deſalivado, e logo as enviou a Lopo Vaz. Pouco depois chegou áquella fortaleza Franciſco Mendes de Vaſconcellos com as cartas de Pero Maſcarenhas, D. Simão, autos, e mais papeis que levava, porque ſoube ficar Pero Maſcarenhas obedecido por Governador em Cananor, apreſentando-lhe, e notificando-lhe com hum Tabellião o meſmo Franciſco Mendes hum proteſto, e requerimento por parte de Pero Maſcarenhas, em que requeria a elle Chriſtovão de Souſa que lhe obedeceſſe, e conheceſſe por Governador da India, conforme a ſucceſsão d'ElRey, que ſe abrio por mor-

te

te de D. Henrique, já que Lopo Vaz queria uſar de poder, e não ſe queria pôr com elle a direito, proteſtando de haver por elle Chriſtovão de Souſa (não lhe querendo obedecer) todas as perdas, e damnos que diſſo recebeſſe, e de dar conta a ElRey daquelle negocio, e elle lho eſtranhar, e caſtigar, por conſentir a Lopo Vaz uſar de força. Chriſtovão de Souſa vendo aquillo, chamou a conſelho o Feitor, Alcaide mór, Fidalgos, e Cavalleiros, que alli ſe achâram invernando com elle, que eram muitos, e lhes deo conta daquelle negocio, e da prizão dos Fidalgos, e do eſcandalo que antre todos havia della, e de Lopo Vaz querer uſar de força, e poder, e não ſe querer pôr a direito com Pero Maſcarenhas, moſtrando-lhe todos os requerimentos, e proteſtos, e todos os mais papeis, pedindo-lhes, que lhes diſſeſſem o que mais lhes pareceſſe cumpria ao ſerviço d'ElRey. Viſto por todos muito bem, aſſentáram que obedeceſſe a Pero Maſcarenhas por Governador da India, com declaração, que a todo tempo que Lopo Vaz ſe quizeſſe pôr a direito com elle, tornaſſe a couſa a ficar devoluta até ſe averiguar por juſtiça a qual delles pertencia a governança, e que logo ſe havia de acudir áquillo, antes que Lopo Vaz aquiriſſe maio-

res

res forças, com que se quizesse sustentar naquelle lugar por armas, dando pera isso muitas razões, com que Christovão de Sousa determinou obedecer a Pero Mascarenhas, mandando fazer hum auto de tudo o que se alli assentou, com que se assináram todos os que se acháram naquelle parecer; com declaração, que se notificasse a Lopo Vaz, que se puzesse a direito com Pero Mascarenhas, e que então se julgasse qual era o legitimo Governador: e assi logo começáram a nomear Pero Mascarenhas por esse, escrevendo-lhe Christovão de Sousa pelo mesmo Francisco Mendes de Vasconcellos de como ficava obedecido por Governador, mandando-lhe o traslado do auto que se fez. O mesmo escreveo a Lopo Vaz, de que elle se tornou muito, despedindo logo Antonio da Silveira com huma Armada a Chaul, dando-lhe por regimento, que requeresse a Christovão de Sousa, que lhe entregasse a Armada que tinha em Chaul, mandando embarcar com elle Francisco Pereira de Berredo pera o metter de posse daquella capitanía, de que era provído por ElRey. Antonio da Silveira chegou a Chaul, e á barra lhe mandou Christovão de Sousa requerer que não entrasse dentro, porque não havia de obedecer a nenhum mandado de Lopo Vaz, por-

porque só a Pero Maſcarenhas conhecia por Governador da India; que ſe ſe quizeſſe ver com elle, que elle iria em hum catúr, e que vieſſe elle em outro ao meio do rio, onde ſe ajuntariam, e ahi fallariam, e aſſi ſe fez. Antonio da Silveira lhe notificou o regimento de Lopo Vaz, a que Chriſtovão de Souſa reſpondeo, que lhe não havia de obedecer, porque tinha mandado em contrario do Governador Pero Maſcarenhas, e que não havia de entregar aquella fortaleza a ninguem, ſenão por Proviſão ſua, ſobre o que hum, e outro fizeram ſeus proteſtos, e requerimentos, e Franciſco Pereira outros contra Chriſtovão de Souſa pelos ordenados da capitanía, e de tudo tiráram ſeus inſtrumentos, e papeis.

CAPITULO VII.

De hum aſſinado, que Antonio de Miranda de Azevedo deo a Pero Maſcarenhas de lhe obedecer: e do que aſſentáram o meſmo Antonio de Miranda, e Chriſtovão de Souſa ſobre as couſas dantre os Governadores.

ANtonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar, que invernou em Cochim, tanto que foram quinze de Se-

tem-

tembro, que o tempo lhe deo lugar negociando ſua Armada, deo á véla pera Goa, tomando Cananor pera prover aquella fortaleza do que tiveſſe neceſſidade; e ſurgindo na Bahia, lhe mandou o Governador Pero Maſcarenhas fazer hum requerimento, a que foi D. Simão em peſſoa com hum Tabellião, em que lhe requeria da parte d'ElRey, que pois o meſmo Dom Simão, e Chriſtovão de Souſa, com a maior parte dos Fidalgos da India, o tinham havido, conhecido, e obedecido por Governador, por virtude de ſua ſucceſsão, fazendo elle primeiro tantos proteſtos, e requerimentos a Lopo Vaz, (que indevidamente ſe appellidava Governador, não o ſendo elle ſenão em ſua auſencia, porque a ſucceſsão em que elle ſuccedeo não podia ſer aberta, tendo-ſe já uſado da ſua,) e que Pero Maſcarenhas por paz, e ſocego da India queria pôr ſuas couſas em juſtiça, o que Lopo Vaz não queria conſentir, ſenão uſar de força, que pois elle requeria juſtiça, devia elle Antonio de Miranda, como Capitão mór do mar, obedecer-lhe, e entregar-lhe aquella Armada pera a tornar a receber de ſua mão, porque aſſi podia ſer que ſe moveſſe Lopo Vaz a ſe pôr com elle á direito quando ſe viſſe ſem Armada, que elle não

que-

queria mais, ſenão que ſe julgaſſe qual delles havia de ſer Governador da India; porque ſe o era Lopo Vaz, elle Pero Maſcarenhas ſe queria ir pera o Reyno a dar razão de ſi a ElRey, porque de outra maneira daria má conta de ſi: e quando elle Antonio de Miranda lhe não quizeſſe obedecer, que elle proteſtava de haver por elle ſeus ordenados, e de ElRey o caſtigar como lhe pareceſſe juſtiça, e o caſo requeria. Antonio de Miranda vendo as juſtificações de Pero Maſcarenhas, e que tudo o que requeria era juſtiça, de que Lopo Vaz fugia tanto, reſpondeo ao requerimento, que por ora elle não podia fazer mudança de ſi até ſe não ver com Lopo Vaz, e ſaber delle ſe ſe queria pôr a direito com elle; e que não o querendo fazer, então lhe obedeceria a elle Pero Maſcarenhas, e o haveria por Governador. Com eſta reſpoſta tornou D. Simão a Pero Maſcarenhas, que não ficou ſatisfeito della, e todavia tornou a mandar pedir por D. Simão, que lhe déſſe hum aſſinado daquillo que promettia, ſobre o que debateo com D. Simão, e por fim houve de o conceder, que continha o ſeguinte: » Digo eu Antonio de » Miranda de Azevedo Capitão mór do mar » da India, que eu me obrigo ao Senhor » Pero Maſcarenhas de fazer com o Senhor » Lo-

» Lopo Vaz de Sampaio, que ora he Go-
» vernador da India, que se ponha a di-
» reito com elle, (que tambem pretende sel-
» lo,) sobre qual delles deve de ficar com
» o governo; e não querendo elle pôr-se a
» juizo, por este dou minha fé, e faço
» preitomenagem ao dito senhor Pero Mas-
» carenhas de me ir pera elle, e lhe obe-
» decer como a verdadeiro Governador.
» Feito, e assinado por mim aos dezesete
» de Setembro de 1527.» Dado este assinado, soltou a véla pera Goa, onde chegou em breves dias, e vendo-se com o Governador lhe deo conta de tudo o que passou com Pero Mascarenhas, e do assinado que lhe deo, dizendo-lhe que pois Pero Mascarenhas não queria mais senão que se puzesse com elle a direito sobre qual delles havia de ser Governador, que parecia querer usar de força não o querer elle consentir; que se lhe parecia que tinha justiça, devia de o satisfazer, por se quietar, e se acabarem tantas divisões antre todos os Fidalgos. Lopo Vaz lhe estranhou muito o que tinha feito, affirmando-lhe que se não havia de pôr em direito com Pero Mascarenhas sobre a mercê que lhe ElRey fizera, e que bem se podia tornar pera elle como se lhe obrigára, porque não faltaria a quem dar a capitanía mór do mar da In-

India. Antonio de Miranda se desculpou, certificando-lhe que não déra aquelle assinado com tenção de o cumprir, senão por se livrar de Pero Mascarenhas pelo ver tão damnado, que receou algum desmancho. Lopo Vaz esbravejou, e disse a Antonio de Miranda, que logo se partisse pera Chaul, dando-lhe por regimento, que tomasse a Armada que lá estava, e fizesse metter de posse daquella fortaleza a Francisco Pereira de Berredo. Não faltáram homens amigos de novidades, que aconselhassem a Lopo Vaz, que prendesse Antonio de Miranda, e que lhe tirasse a Armada, o que pela ventura sería mais por cada hum delles a pertender, que por verem que havia pera isso razão. Lopo Vaz dissimulou aquelles conselhos por não fazer com isso mór união nos homens, porque não lhe vinha bem escandalizar tantos. Antonio de Miranda chegou a Chaul, aonde ainda achou Antonio da Silveira, que lhe deo conta do que tinha passado com Christovão de Sousa, elle lhe pedio se detivesse até se ver com elle, porque já se levava pera dar á véla. E logo mandou recado a Christovão de Sousa, que importava ao serviço d'ElRey verem-se; ao que lhe respondeo, que se era pera lhe entregar a Armada, e capitanía da fortaleza, que já tinha respondi-

dido sobre isso a Antonio da Silveira, e com isso lhe mandou fazer hum requerimento pelos Officiaes em companhia de todos os Fidalgos, que alli havia, em que dizia, que vissem bem a força que Lopo Vaz, e Affonso Mexia faziam a Pero Mascarenhas em lhe tomarem a governança da India, sem se querer Lopo Vaz pôr com elle em direito sobre a qual delles pertencia: que lhe requeria da parte d'ElRey, como a pessoa tão principal na India, e Capitão mór do mar, fizesse com Lopo Vaz, que não usasse naquelle negocio de poder absoluto, e que consentisse ficar em direito, e justiça, pera se fazer a quem a tivesse, e que em sua mão estava determinar-se este caso, e acabarem-se todas as dissensões que havia na India. De tudo que lhe notificáram se fez hum termo assinado por todos aquelles Fidalgos. Antonio de Miranda respondeo, que elle se iria ver com elle á fortaleza, como logo fez, indo só, e ambos em segredo praticáram sobre aquellas cousas, e por fim vieram a concluir fizessem com Lopo Vaz, que se puzesse a direito com Pero Mascarenhas, fazendo ambos huns apontamentos sobre o modo que se nisso teria, que era o seguinte: » Que se julgassem aquellas differenças » de antre ambos os Governadores por se-

» te

» te Juizes, que elles elegêram logo, e fi-
» zeram delles hum rol assinado por ambos
» pera ficar em suas mãos em segredo, sem
» pessoa alguma saber quaes eram, e que
» se não descubririam senão á hora que os
» chamassem pera a sentença, os quaes lo-
» go nomeáram, que eram Antonio de Mi-
» randa, D. João Deça, Francisco Pereira de
» Berredo, Balthazar da Silva, Gaspar de
» Paiva, Fr. João Dalvi da Ordem dos Me-
» nores, Fr. Luiz da Vitoria da Ordem
» dos Prégadores ambos Letrados. Nesta elei-
ção se começou logo a tomar a justiça a Pero Mascarenhas, porque todos aquelles Juizes, tirando aquelles Frades, tinham dado assinados a Lopo Vaz de como elle era verdadeiro Governador, e bem o entendêram elles, mas tratáram de quietar por alli a Lopo Vaz, porque ainda que se désse por elle a sentença, já estava de posse da governança; e Pero Mascarenhas ainda que por então lhe tomassem o direito, depois lhe ficaria resguardado pera ElRey o satisfazer, porque só tratáram estes Fidalgos de apaziguar a India. Christovão de Sousa não quiz que elle, nem Fidalgo algum seu parente entrasse na conta dos Juizes, porque não ficasse Lopo Vaz tendo pejo nelles, porque tudo aqui se tratava a seu gosto. Os apontamentos que se haviam de publi-

car

car eram estes. » Que Antonio de Miranda
» daria hum assinado a Christovão de Sousa
» tal como o que dera a Pero Mascarenhas,
» e outro em que se obrigasse a elle Chris-
» tovão de Sousa pera poder ir a Goa em
» sua companhia, e fallar seguramente com
» Lopo Vaz, sem perjuizo de sua fazenda,
» parentes, e amigos, pera que livremente
» lhe pudesse requerer o que lhe parecesse
» serviço d'ElRey, sem entervirem palavras
» fóra da materia; e que chegando todos a
» Goa, ficaria a Armada fóra da barra, e
» Antonio da Silveira genro de Lopo Vaz
» dentro nella em refens, em poder de pes-
» soas de confiança, e a Armada entregue a
» hum Fidalgo, que daria a menagem a el-
» le Capitão mór; e que declarasse, que sen-
» do caso que Lopo Vaz prendesse a elle
» Christovão de Sousa, que em tal caso o
» que ficasse na Armada se fosse com toda
» ella pera Pero Mascarenhas, e que lhe obe-
» decesse como a Governador; e que Chri-
» stovão de Sousa daria hum assinado assi
» por elle, como por todos os Fidalgos,
» que estavam com elle, em que se obrigas-
» sem a obedecer a elle Antonio de Miran-
» da com toda a Armada, que em seu po-
» der tinha, até chegarem a Goa; e que não
» querendo Pero Mascarenhas consentir no
» que elles tinham ordenado, se fossem to-

» dos pera Lopo Vaz, e lhe obedecessem,
» sem mais ser ouvido Pero Mascarenhas;
» e que o Alcaide mór que ficasse em Chaul,
» prometteria tambem de entregar aquella
» fortaleza a Lopo Vaz pela mesma manei-
» ra; e que consentindo ambos os preten-
» sores, que se puzesse sua causa em direito:
» que antes dos Juizes pronunciarem nella
» cousa alguma, prometteriam ambos com
» juramento, que o que delles ficasse no go-
» verno não entenderia na pessoa, fazen-
» da, parentes, amigos, e criados do ou-
» tro, nem desfaria o que outro tivesse já
» feito até então, e a qualquer delles, que
» nisto não consentisse, lhe desobedecessem.
» E que tanto que ambos chegassem a Goa,
» seriam logo soltos Eitor da Silveira, e os
» mais Fidalgos que estavam prezos, que
» tambem prometteriam de guardar o que
» alli determinavam; e que este negocio se
» determinaria em Cochim, onde se ajunta-
» riam ambos os pretensores, e que em par-
» tindo Lopo Vaz de Goa desistiria da go-
» vernança, e iria como pessoa privada em
» poder de Antonio de Miranda, e que che-
» gando a Cananor se entregaria tambem de
» Pero Mascarenhas, e que Lopo Vaz fica-
» ria entregue a Christovão de Sousa, ou a
» D. Simão de Menezes, pera que o levas-
» se nos navios em que fossem: que além
» do

» do ſeguro que Antonio de Miranda havia
» de haver pera Chriſtovão de Souſa do Go-
» vernador, lhe haveria outro do Capitão,
» e Vereadores da Cidade de Goa, que ju-
» rariam que não guardando Lopo Vaz o
» ſeguro, obedeceriam a Pero Maſcarenhas. »
Eſta pauta ſe leo a todos os que eſtavam na fortaleza, e Chriſtovão de Souſa lhes diſſe a cauſa porque a fizera, requerendo que lha ajudaſſem a pôr em effeito, e de tudo ſe fez termo, em que todos ſe aſſináram, feito por Gaſpar Affonſo Tabellião em quatro de Outubro de mil quinhentos e vinte e ſete annos.

CAPITULO VIII.

De como ſe moſtrou a pauta a Lopo Vaz, e de como jurou de a cumprir, e ſe partio pera Cochim, aonde ſe havia de julgar a contenda: e do que paſſou em Cananor com Pero Maſcarenhas.

CONcluido iſto, que foi o melhor modo que pode ſer pera a quietação da India, partíram todos aquelles Fidalgos pera Goa, ficando a fortaleza de Chaul entregue a Alvaro Pinto Alcaide mór della. Chegados a Goa, foi-ſe Antonio de Miranda ver com o Governador, e perante o Licencia-

do João de Souro Ouvidor geral, e o Secretario Antonio Rico, lhe moſtrou a pauta, dizendo-lhe que fizera aquillo por cumprir aſſi ao ſerviço de Deos, e d'ElRey, e ſe evitarem grandes males, que eſtavam ordenados; e que pelos muitos proteſtos que em Chaul lhe fizeram conſentíra naquillo muito contra ſua vontade, porque bem ſabia que elle era o verdadeiro Governador, e que pera ſua juſtiça trabalharia que os Juizes foſſem ſem ſuſpeita, e ſete ſómente, pera terem menos que apurar. O Governador ficou ſobreſaltado com aquillo, dizendo-lhe que elle tinha a culpa, pois ſe fiára mais delle depois que dera o aſſinado a Pero Maſcarenhas, e que ſe cuidára que fizera aquillo por evitar males, que agora ficavam elles mais prenhes; e querendo-lhe Antonio de Miranda dar mais razões, lhas não quiz ouvir, dizendo-lhe, que já que aſſi era, entendeſſe que os Juizes não haviam de ſer mais de ſete, como lhe tinha dito; e que lhe elle certificou que não ſeriam mais. E porque vio Lopo Vaz tão accezo, e cheio de paixão, ſem embargo do juramento que tinha feito, lhe deſcubrio os Juizes que eſtavam declarados, com o que Lopo Vaz ſe deſapaixonou, ficando mui deſaliviado, e lhe pedio lhe déſſe hum aſſinado ſeu de ſerem Juizes aquelles que lhe tinha dito, que lhe el-

elle deo, em que ſe aſſináram o Ouvidor geral, e o Secretario. Lopo Vaz moſtrou a pauta a Pero de Faria, e a ſeus amigos, que lhe aconſelháram conſentiſſe nella, porque não o fazendo ſe alevantariam todos contra elle, e perderia o direito que tinha na governança, e o meſmo lhe diſſeram os Vereadores, a quem deo conta daquelle negocio; e por fim de tudo diſſe a Antonio de Miranda que conſentia na pauta, mas que havia de ir como Governador até Cananor, e que a honra de Affonſo Mexia foſſe guardada, e que julgando-ſe o negocio por Pero Maſcarenhas, não o tiraria dos officios que tinha, do que Antonio de Miranda foi contente, e lhe paſſou diſſo ſeu aſſinado. Pelo que logo ſe ſoltáram os prezos, e paſſou ſeguro a Chriſtovão de Souſa pera poder entrar em Goa, porque até então eſtava na barra, (onde foi aviſado que Lopo Vaz tratava de o prender, e o meſmo a Antonio de Miranda,) e deixou-ſe ficar fóra ſem querer entrar dentro. Pelo que aſſentou com Antonio de Miranda, que diſſeſſem na aguada huma Miſſa, e que nella tornaſſem a ratificar o juramento que tinham feito, e de novo ſe obrigavam a Lopo Vaz ir até Cananor por Governador, e com a ſegurança de Affonſo Mexia, o que juráram de novo alevantando-ſe a Hoſtia, eſ-

eſtando preſentes por parte de Lopo Vaz D. João Deça, e o Secretario, que de tudo fez hum aſſento, em que ſe declarou, que tanto que Lopo Vaz chegaſſe a Cananor ſe deſembarcaria do galeão S. Diniz, (por ſer tão poderoſo que ſó com elle poderia pelejar com toda a Armada da India,) e que como reteudo ſe entregaria a Antonio de Miranda na ſua galé, do que Lopo Vaz foi contente, e o jurou eſtando em S. Franciſco ao levantar do Santo Sacramento, fazendo algumas declarações, e proteſtos que lhe convinham. Aos vinte e dous dias de Outubro ſe embarcáram todos, e chegáram a Cananor aos ſeis de Novembro; e deſembarcando Chriſtovão de Souſa, e Antonio de Miranda, foram dar conta a Pero Maſcarenhas de tudo o que era paſſado, dizendo-lhe elle, que tudo conſentiria por pacificação da India, poſto que tinha entendido que todos tratávam de lhe tomarem ſeu direito, porque já Antonio de Miranda tinha deſcuberto o ſegredo dos Juizes a Lopo Vaz, como víra por huma carta ſua que houvera ás mãos por ſuas intelligencias, eſcrita ao Veador da Fazenda, em que lhos nomeava, e antre elles a Fr. João Dalvi, que lhe tinha promettido de votar por elle, moſtrando-lhe logo a meſma carta, do que Antonio de Miranda ficou atalhado. Pero Maſ-

Maſcarenhas lhe requereo, que ſe lançaſſe fóra Fr. João Dalvi, pois era ſuſpeito, e declarára ſua tenção, e que em ſeu lugar entraſſe Chriſtovão de Souſa, e que bem podia ſer hum dos Juizes, pois o era elle Antonio de Miranda tambem; mas Chriſtovão de Souſa ſe eſcuſou com dizer, que Lopo Vaz o tinha por mais ſuſpeito que a todos, pelo que em lugar de Fr. João Dalvi noméaram aquelles Fidalgos em ſegredo entre ſi ſinco Juizes mais, que foram Lopo de Azevedo, Antonio de Brito, que fora Capitão de Maluco, Nuno Vaz de Caſtel-branco, Triſtão Dega, e Baſtião Pires Vigairo geral da India, o que ſe fez ſem embargo de Antonio de Miranda ter dado o aſſinado que diſſemos a Lopo Vaz de não ſerem mais de ſete. Aſſentado iſto, ao outro dia eſtando todos á Miſſa, virando-ſe Baſtião Pires Vigairo geral com o Santo Sacramento nas mãos pera o povo, jurou Pero Maſcarenhas de cumprir a pauta, em que havia por bem, que ficando Lopo Vaz por Governador o pudeſſe mandar prezo pera o Reyno, e o meſmo juráram todos os do ſeu bando, de que ſe fez termo aſſinado por elles. Acabado iſto, mandou Pero Maſcarenhas chamar o Secretario, e fez hum termo, em que declarava que os Juizes deputados não haviam de pronunciar mais na

cau-

causa, senão qual delles ambos havia de ficar por Governador, porque cuja era a governança por direito só ElRey com os seus Desembargadores o haviam de determinar; no que claramente deo a entender pela suspeição dos Juizes, que havia de ter sentença contra si; mas não podia al fazer, senão consentir no que estava ordenado, e queria que lhe ficasse acção pera requerer a ElRey sua justiça. Acabado isto, embarcou-se Pero Mascarenhas no galeão de Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda se passou ao galeão S. Diniz pera tomar entrega de Lopo Vaz, sendo obrigado o mesmo Lopo Vaz passar-se pera a sua galé, como estava assentado na pauta; e jurado por todos, do que se Pero Mascarenhas aggravou, dizendo a Christovão de Sousa, que já se quebravam os contratos que estavam feitos, pois Lopo Vaz se não queria sahir do galeão S. Diniz, nem desistir do mando, e governo, e levava ainda bandeira na gavea, como Governador. Sobre isto mandou Christovão de Sousa outro recado a Antonio de Miranda, que requereo a Lopo Vaz se mudasse á sua galé, como estava assentado, o que elle não quiz fazer, do que se todos escandalizáram, e começou a haver união de novo; o que visto por Lopo Vaz, mandou dizer a Pero Mascarenhas por D. João [illegible]

·ça,

ça, que pois a cauſa ſe havia de averiguar em Cochim ſem elles eſtarem preſentes, que o bom ſería ficarem naquella coſta com a Armada repartida, fazendo guerra ao Çamorim, e defendendo que não mandaſſe ſuas nãos a Méca, por não levarem a pimenta que fazia abater na d'ElRey, e que ſó os Juizes foſſem a Cochim, e que depois de dada a ſentença lha mandariam notificar. Iſto commetteo Lopo Vaz, porque houve, que ſe o negocio ficava em Affonſo Mexia, que era cabeça em Cochim, que elle ordenaria com que ſe déſſe a ſentença por elle, o que Pero Maſcarenhas entendeo mui bem, e reſpondeo que não vinha bem a nenhum delles, porque o que tiveſſe ſentença contra ſi ſe havia logo de embarcar pera o Reyno, pera o que era neceſſario eſtar em Cochim pera ſe negociar, mandando-lhe requerer que ſe ſahiſſe do galeão S. Diniz, ſobre o que ſe paſſáram alguns dias ſem Lopo Vaz querer defirir a ſeus proteſtos: a que acudio Chriſtovão de Souſa, e pedio por mercê a Pero Maſcarenhas, que deixaſſe ir Lopo Vaz aonde quizeſſe, porque niſſo hia pouco, pois os Juizes haviam de julgar a cauſa, e não os galeões, com o que houve de o conſentir; e dando ambos os pretenſores á véla, deſparáram cada hum ſeu tiro, a cujo ſinal os homens, que pera iſſo tinham

nas

nas gaveas, tiráram as bandeiras juntamente, pera que se entendesse, que por aquelle final desistiam ambos do mando, e governo, e que até se julgar a causa ficariam como pessoas privadas, e ao tirar das bandeiras protestáram ambos, que não desistiam da posse que tinham. Feito isto, Antonio de Miranda entregou Pero Mascarenhas a Christovão de Sousa pera no galeão S. Rafael, em que hia, o levar a Cochim, e lá lho entregar, e elle tomou entrega de Lopo Vaz, ficando então como Capitão mór que era da India, a primeira pessoa della, e ambos os Governadores de baixo de seu poder. E sendo eu moço, servindo a ElRey D. João na guarda-roupa, ouvi dizer áquelles Fidalgos velhos daquelle tempo, fallando nestas cousas, que dissera ElRey, que Antonio de Miranda não soubera ser Governador da India. E em huma falla que o mesmo Antonio de Miranda lhe fez sobre seus serviços, dizem, que lhe respondêra El-Rey, que de huma só cousa se não houvera por bem servido delle, que fora não lhe mandar prezos Lopo Vaz, e Pero Mascarenhas depois de os ter em seu poder, o que elle bem pudera fazer, ficando governando a India com titulo de Capitão mór até El-Rey a prover, como logo fez.

CA-

CAPITULO IX.

De algumas desavenças, que houve em Cochim entre os Governadores: e de como se accrescentáram mais dous Juizes por parte de Lopo Vaz; e do que mais passou.

SUrtos todos no porto de Cochim, foi Antonio de Miranda a terra, e deo conta a Affonso Mexia do que era passado, mostrando-lhe a pauta, e todos os mais papeis, que estavam feitos antre os Governadores, de que Affonso Mexia tomado disse, que tal não havia de consentir, pois se tratava tudo aquillo sem sua authoridade, sendo a segunda pessoa do Estado em cargo, que a elle havia ElRey de estranhar mais aquellas cousas que a todos elles. E com quantas razões Antonio de Miranda lhe deo, não o pôde mover a cousa alguma, porque era homem mui afferrado a seu parecer. O que sabido por Pero Mascarenhas, e pelos de sua valia, requerêram a Antonio de Miranda, e a Christovão de Sousa, que pois Affonso Mexia não queria jurar a pauta, nem consentir naquellas cousas, que eram pera paz, e socego do Estado, (no que se queria mostrar parte, e claramente suspeito a suas cousas,) que

que se não determinasse aquelle negocio em Cochim senão em Coulão, que era dalli hum dia de caminho. E entendendo elles que Lopo Vaz o não havia de querer, por terem sabido que toda sua esperança estáva no Affonso Mexia, porque quanto ao direito estava delle bem duvidoso, como na verdade estava, se o não tomáram tão claramente a Pero Mascarenhas todos quantos ordíram aquella tea; e como elles estavam apostados a fazerem em tudo a vontade a Lopo Vaz, e acabar-se já aquella contenda, fizeram com Pero Mascarenhas que deixasse sentencear aquelle negocio, posto que Affonso Mexia não assinasse a pauta: o que elle consentio, porque não viesse aquelle negocio ás armas pera mais justificação sua pera com ElRey. Com isto se foram a terra Antonio de Miranda, e Christovão de Sousa, e se recolhêram no Mosteiro de Santo Antonio pera nomearem os Juizes, insistindo Christovão de Sousa em se lançar fóra Fr. João Dalvi, e que em seu lugar se mettessem os que já estavam declarados, no que não quiz consentir Antonio de Miranda até o fazer a saber a Lopo Vaz, que tomou muito mal a mudança que se queria fazer nos Juizes, e disse bradando alto, que já não podia soffrer mais, e que bem escusado fora enganarem-no, e trazerem-no as-

de

de Goa, que elle tinha diſſo a culpa, e que a elle Antonio de Miranda, e a todos os mais eſpetaria em hum páo: e que ſe foſſem logo pera Pero Maſcarenhas, porque ſe não quizeſſe conſentir no que eſtava aſſentado, nem elle conſentia em algum dos Juizes, nem ſe queria pôr a direito com peſſoa alguma, que elle naquelle galeão pelejaria contra todos, e que a ventura diria quem era o Governador; e que elle Antonio de Miranda daria conta a Deos, e a ElRey de todas as deſaventuras que ſuccedeſſem, pois elle ſó fora a cauſa dellas. Antonio de Miranda affrontado daquellas palavras, lhe reſpondeo, que elle não enganava a ninguem, antes tinha feito o que devia ao ſerviço de Deos, e d'ElRey, e bem, e quietação naquelle Eſtado: que elle ſe queixaria a ſeu Rey das injúrias que lhe alli dizia, e que elle era o que não queria razão, nem juſtiça, deſentoando-ſe em palavras, que ſe não ouvíram bem com a grande revolta dos que ſe mettêram em meio: e aſſi apaixonado, e blazonando ſe ſahio do galeão, e ſe paſſou ao de Pero Maſcarenhas. Sabendo elle o que paſſava, lhe requereo que por virtude da pauta, e juramentos feitos, (pois Lopo Vaz quebrava as condições della, e não conſentia nos Juizes,) que o houveſſe por Governador, conforme aos aſſentos que eſ-

eſtavam feitos, ſem mais ſer ouvido Lopo Vaz, e o meſmo requerimento lhe fizeram os Fidalgos que alli eſtavam. Antonio de Miranda diſſe que lhe obedecia, mandando fazer hum auto, que pois Lopo Vaz quebrava os contratos, e juramentos feitos, que havia Pero Maſcarenhas por legitimo Governador da India; e logo lhe entregou toda a Armada que tinha a ſeu cargo, que era a galé baſtarda, em que eſtava Eitor da Silveira, e a náo de Nuno Vaz de Caſtelbranco, duas caravelas, de que eram Capitães Vicente Pegado, e João de Sá, hum galeão de que era Capitão Simão de Mello, que naquelle tempo não eſtava nelle, e alguns navios de remo, e o galeão S. Rafael, em que eſtava o meſmo Pero Maſcarenhas. Com Lopo Vaz ficáram os galeões S. Diniz, e S. Luiz, de que era Capitão Martim Affonſo de Mello Juzarte, e o Çamorim em que eſtava João de Mendoça, e ás galés de Ruy Pereira, e Antonio da Silveira, a caravela de Fernão de Moraes, e muita fuſtalha, que eſtava no porto de Cochim; e aſſi ſe apartou Pero Maſcarenhas com a ſua Armada a huma parte, pondoſe em ordem de peleja, o meſmo fez Lopo Vaz pera averiguarem aquelle negocio por armas, como já aconteceo antre Auguſto, e Marco Antonio ſobre o Imperio de

Ro-

Roma, levando todos ſua artilheria, e aſſacalando ſuas armas, como ſe cada hum deſtes Governadores houvera de pelejar com Rax Soleimão ſe paſſára á India. A gente ordinaria de Pero Maſcarenhas bradava por batalha, dizendo que já não era razão ſoffrer tanto a Lopo Vaz, de ſorte que tudo era huma confusão, e barbarice que mettia medo, e eſpanto, porque, ſegundo o poder de ambos eſtava igual, não pudéra deixar de haver a mór deſaventura do Mundo, porque eſtava certo não ſe apartarem ſem a vitoria de alguma das partes, e aſſi o que ficaſſe com o Imperio do Oriente, ſobre que contendiam, havia de ſer em eſtado que muito facilmente o poderia logo perder, porque ſó Çamorim com todos os Reys do Malavar eſtavam á mira com grande Armada, pera mandarem dar no que ficaſſe, e ſolicitáram os Reys de Cananor, e Coulão, pera ſe alevantarem logo contra aquellas fortalezas, e tudo ſe perdêra, ſe Deos o não atalhara. Os proteſtos corriam apreſſados de parte a parte, deſcarregando hum ſobre outro toda a culpa dos damnos que ſuccedeſſem. Antonio de Miranda ſentio-ſe muito culpado em ter deſcuberto a Lopo Vaz os Juizes, porque dahi naſceo todo o mal, e foi contra o juramento, e obrigação que tinha; porque ſe os tivera em ſegredo, nem

Lo-

Lopo Vaz ſoubera quem havia de julgar a cauſa, nem houvera mais que eſperar ſentença, porque á hora que ſe nomeaſſem, ſem ſe bulirem dalli, ſe havia de determinar o negocio; e por evitar tantos damnos, e deſaventuras, dizem, que mandára dizer em ſegredo a Lopo Vaz, que lhe dáva ſua palavra de votar por elle, por iſſo que ſe quietaſſe, como fez por conſelho de Affonſo Mexia; e mandando chamar Antonio de Miranda, pedio-lhe perdão das palavras que lhe diſſera, e depois de reconciliados fez hum termo em que conſentia nos Juizes, e a requerimento de Pero Maſcarenhas ſe mudou do galeão S. Diniz á náo S. Roque, e foi entregue a Antonio da Silveira, e Pero Maſcarenhas ſe mudou á náo Flor de la mar entregue a Diogo da Silveira, e ambos juráram de os entregar a Antonio de Miranda quando lhos pediſſe. Com iſto ſe foram a terra Antonio de Miranda, e Chriſtovão de Souſa com todos os Fidalgos pera nomearem os Juizes.

DECADA QUARTA.
LIVRO IV.
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Dos Juizes que ſe accreſcentáram de novo: e de como ſe deo a ſentença por Lopo Vaz de Sampaio: e de como Pero Maſcarenhas ſe embarcou pera o Reyno.

RECOLHIDOS Chriſtovão de Souſa, e Antonio de Miranda em Santo Antonio, hum dia pela manhã nomeáram os Juizes, que temos dito, eſtando na Capella da Igreja, onde logo ſe diſſe huma Miſſa, e alevantando o Santiſſimo Sacramento, juráram os Juizes de bem, e verdadeiramente julgarem aquella contenda; e o Secretario, que havia de tomar os votos, tambem jurou de ter em ſegredo os taes votos, que os Juizes lhe haviam de dar por ſeus aſſinados, e que os não moſtraria ſenão a ElRey em Portugal. Eſtando já a couſa deſ-

ta maneira, apartou Antonio de Miranda a Christovão de Sousa, e lhe disse, que elle queria accrescentar mais dous Juizes, que eram Fr. João Dalvi, e Braz da Silva de Azevedo, o que lhe Christovão de Sousa estranhou, debatendo com elle muito, até que lhe prometteo, se o consentisse, de dar seu voto por Pero Mascarenhas, e que o mesmo entendia que havia de fazer D. João Deça, porque a justiça estava muito clara por elle, e que não fazia aquillo senão por pacificar, e satisfazer a Lopo Vaz, e por quietação da India; e tantas cousas lhe disse sobre isso, que o consentio, sem dar conta a Pero Mascarenhas, que todos andavam a lhe tomar o que era seu: E certo que pareceo cousa escandalosa a deste Religioso Fr. João Dalvi querer-se quasi por força metter neste negocio, tanto, que a primeira vez que Pero Mascarenhas teve pejo nelle, logo se houvera de lançar de fóra, e segundo a instancia com que Lopo Vaz insistia em o metter por Juiz, parecia que lhe tinha promettido sentença, ou o seu voto, em que se mostrava ser bem suspeito, pois se affirmava que descubríra sua tenção contra a obrigação de sua profissão, de que se os Religiosos haviam muito de affastar, porque seu officio he rogar a Deos pela conservação dos Reynos, e das Républicas, e dei-

deixar o governo dellas a quem os Reys as encommendam, que são Capitães, e Cavalleiros, que com as armas defendem os Estados, e os dilatam, ganhando fama perpétua, e gloria eterna, pelejando pela Fé de Christo, que os bons Religiosos ganham com orações, e lagrimas. E deixando esta materia, tornando ás cousas dantre os dous Governadores Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda, deram juramento a Affonso Mexia, e a D. Vasco Deça, que entregariam aquella fortaleza de Cochim a qualquer dos dous por quem se julgasse a Governança, o que elles fizeram com condição, que jurassem todos os que alli estavam, que dando-se sentença por Pero Mascarenhas, tomavam sobre si a elles, e Aires da Cunha Capitão de Coulão, a Pero Vaz Travassos, e a Diogo Sancho, e aos moradores de Cochim, assi suas pessoas, como fazendas, e lhe fizessem dar a elle Affonso Mexia embarcação pera o Reyno, e que o não obrigassem a ficar na India, o que elles juráram juntos; e apartados os Juizes, deixou-se ficar dentro com elles Christovão de Sousa, sem embargo de não querer ser hum delles, o que lhe Antonio de Miranda estranhou, pedindo-lhe se sahisse pera fóra, tendo elles assentado ambos que estariam ao despacho, o que Christovão de

Souſa não quiz fazer, ſobre o que altercáram razões, e ſe ateáram em palavras, a que os Juizes acudíram mettendo-ſe em meio; e em fim Chriſtovão de Souſa ſe ſahio pera fóra, entendendo mui bem que ſe queria roubar a juſtiça a Pero Maſcarenhas, e ficou mui triſte, e arrependido dos dous Juizes, que deixou accreſcentar de novo; e vendo que a couſa toda ficava á vontade de Lopo Vaz, foi-ſe embarcar, e entrando no galeão de Pero Maſcarenhas, chegando a elle mui agaſtado, diſſe: *Sus, façamos alforges, e partamos, que tudo he por demais*, e calou-ſe pelo juramento que tinha. Bem entendeo Pero Maſcarenhas, que tudo ficava ſobornado por parte de Lopo Vaz; mas como não queria mais que paz, e quietação, deixou julgar o negocio como quizeſſem, porque bem ſabia que ElRey lhe faria juſtiça. E querendo os Juizes entrar na materia que levavam já bem eſtudada por parte de Lopo Vaz, chegáram D. Vaſcõ Deça, e Simão Caeiro procuradores de ambos os pretenſores, e offerecêram ſuas razões, e apôs elles entrou o Procurador da Cidade com hum requerimento dos Vereadores, em que lhes pediam da parte de Deos, e d'ElRey que não julgaſſem a Governança por Pero Maſcarenhas, porque ſe o faziam, juravam de deſpovoar a Cidade, e paſ-

e passarem-se a terra dos Mouros, offerecendo pera isso humas razões mui compridas, que por taes as deixamos, em que apontavam muitas cousas contra Pero Mascarenhas, porque diziam não poder ser Governador. Fechados os Juizes, começáram a debater a materia, em que gastáram parte do dia, e da noite, em que os casados todos de Cochim andáram pelas ruas em procissões descalços, com suas mulheres, e filhos, pedindo a Nosso Senhor os livrasse de Pero Mascarenhas governar, porque receavam, que sendo Governador se vingasse de todos pela resistencia que lhe fizeram. Vistas pelos Juizes as successões ambas, os autos das posses, e juramentos, e as razões de parte a parte, e depois apartados de dous em dous, descutíram a materia, e puzeram suas tenções em escrito, e assinando-se nelles, os deram ao Secretario, que depois de os ter todos, os apurou, e tomando os votos, achou-se mais hum por Lopo Vaz de Sampaio, que segundo ouvimos dizer a hum Fidalgo honrado, e muito velho na India, foi o do P. Fr. João Dalvi. Sendo vencidos os votos por parte de Lopo Vaz, pronunciáram os Juizes a Sentença nesta fórma: *Vistos estes autos, e o que por elles se mostra, julgamos por nossa definitiva Sentença; que Lopo Vaz de Sampaio seja Governador nes-*

tas

tas partes da India, e que Pero Mascarenhas se embarque pera o Reyno, dando-se-lhe embarcação conforme a sua pessoa; e quanto aos ordenados fique pera ElRey os julgar como lhe bem parecer, e assi todo o mais que cada hum quizer requerer. E assinados todos os Juizes, publicou-se logo a Sentença, que foi dada aos vinte e hum de Dezembro. Tanto que se publicou, embarcáram-se em hum bargantim Antonio de Miranda, D. João Deça, Braz da Silva, Tristão Dega, e foram á náo de Pero Mascarenhas, que estava com Christovão de Sousa, e D. Simão de Menezes, e presentes todos lhe notificou o Secretario a Sentença, que Pero Mascarenhas ouvio com hum rosto muito seguro, sem fazer mudança em cousa alguma; e depois de a ouvir não disse mais senão que ElRey lhe faria justiça. Dalli se foram á náo de Lopo Vaz, e lha publicáram tambem, que a ouvio com bem differentes exteriores de Pero Mascarenhas, porque logo nelle, e nos seus se enxergou mui sobeja alegria, dando publicamente os agradecimentos aos Juizes, e pedindo perdão a Antonio de Miranda; e porque aquillo era já de noite, a passáram toda no seu galeão em bailos, e tangeres; e pela manhã embarcando-se o Governador em hum bargantim, foi correndo todos os navios da Ar-

Armada pera ſegurar os Fidalgos, que foram do bando de Pero Maſcarenhas, porque receou que ſe quizeſſem ir pera o Reyno, e com todos ſe reconciliou, apazigou, e quietou. Dalli ſe foi a terra, onde foi recebido da Cidade com pallio, e grandes feſtas, dando logo ordem á carga das náos. Pero Maſcarenhas não ſe deſembarcou, antes ficou ſempre no mar, mandando fazer preſtes as couſas neceſſarias pera ſua embarcação; e ſendo quinze de Janeiro ſe embarcou, entregue por mandado do Governador a Antonio de Brito, que hia rico de Maluco, e era hum Fidalgo muito honrado, que depois de ſer em Portugal caſou com huma irmã de Martim Affonſo de Souſa, que depois foi Governador da India, de quem teve huma filha, que caſou com D. João da Silva Conde de Portalegre, de quem elle não houve filhos. Primeiro que Pero Maſcarenhas ſe embarcaſſe, mandou citar Lopo Vaz pera em Portugal requerer contra elle a Governança da India, aſſi pelos ordenados, como por todos os prois, e percalços. Caſtanheda diz, que depois houvera ſentença contra elle pelos ordenados, e o meſmo diz Pero Maphco, que o ſegue; e accreſcenta mais, que fora condemnado o meſmo Lopo Vaz em vinte mil cruzados, que era o ordenado de dous annos, que gover-

nou

nou depois de abertas as ſucceſsões que vie-
ram do Reyno. João de Barros, ſe nos não
lembra mal, diz, que foi aleive que Caſta-
nheda alevantou a Lopo Vaz; e parece-me
que diz mais, que buſcára os cartorios pe-
ra ver eſta ſentença, e que em nenhum a
achára. Pero Maſcarenhas foi bem recebi-
do d'ElRey, que teve ſempre muita conta
com ſuas couſas, e lhe deo a capitanía de
Azamor, e depois de eſtar alli alguns an-
nos vindo pera o Reyno perdeo-ſe em hu-
mas caravelas. Foi eſte Fidalgo filho ſegun-
do de João Maſcarenhas, e neto de Nuno
Maſcarenhas irmão do Capitão dos Gine-
tes Fernão Martins Maſcarenhas: foi ca-
ſado com D. Maria filha de Fernão Pe-
reira Barreto, de que houve duas filhas,
Dona Catharina Pereira Barreta mulher de
D. João de Caſtel-branco filho do Conde
D. Martinho, e D. Elena Maſcarenhas, que
caſou com D. Pedro Maſcarenhas, que foi
por Embaixador a Roma, e depois por Vi-
ſo-Rey da India. Teve mais dous filhos baſ-
tardos, João Maſcarenhas, e Jeronymo Maſ-
carenhas, foi natural da Villa de Loulé no
Algarve. Depois deſtas differenças (porque
não houveſſe outras na India) mandou El-
Rey D. João hum regimento, em que diz,
que abrindo-ſe as ſucceſsões da Governança
da India, ſe o que nellas ſuccedeſſe não eſ-
ti-

tiveſſe deſde o Cabo de Çamorim até a porta de Dio, não ſe eſperaſſe pela tal peſſoa, e ſe abriſſe a outra ſucceſsão, (o que já aconteceo quando ſuccedeo D. Diogo de Menezes, como em ſeu lugar diremos.) Lopo Vaz, depois de deſpedir as náos pera o Reyno, tendo já ſabido que a Armada dos Turcos ſe tornára a recolher a Suez, tratou de a ir buſcar, e queimar naquelle porto, o que poz em conſelho, e foi contrariado de todos por cauſa da Armada que o Çamorim tinha feita, aſſentando-ſe, que ſe mandaſſe o Capitão mór áquelle eſtreito a ſaber a certeza dellas, e que não vindo pera o anno Governador do Reyno, então as poderia ir buſcar com mais poder, e cabedal. Aſſentado iſto, deſpedio logo Antonio de Miranda com ſeis galeões, e huma caravela, huma galé, dez navios de remo, em que hiam os Capitães ſeguintes. No galeão S. Diniz, elle: Fernão Rodrigues Barbas no galeão S. Rafael, Antonio da Silva no Reys Magos, Ruy Vaz Pereira no galeão S. Luiz, Henrique de Macedo no Çamorim grande, Lopo de Meſquita no pequeno, Ruy Gonçalves na caravela bicha, Ruy Pereira na galé baſtarda. Nos navios de remo Franciſco de Vaſconcellos, Pero Celas, Franciſco Alvares, e outros. Iriam neſta Armada mil homens d'armas, e

deo

deo esta Armada á véla quasi juntamente com as náos do Reyno. Logo poucos dias depois mandou o Governador seu sobrinho Simão de Mello ás Ilhas de Maldiva esperar as náos de Méca, e levou hum galeão, huma caravela, e dous, ou tres navios de remo, e de sua jornada adiante diremos. Em quanto o Governador fica em Cochim, entendendo em algumas cousas necessarias, tornaremos ás de Maluco que nos chamam.

CAPITULO II.

Do que passou D. Jorge Capitão de Maluco com D. Garcia Henrique sobre certos apontamentos que levava: e de como mandou a Malaca pedir soccorro, e prendeo D. Garcia em ferros.

ATrás temos dado conta das cousas que em Maluco succedêram com a chegada de D. Jorge, e de como ficou correndo em tregoas com os Castelhanos. Vindo a moução em que D. Garcia se quiz embarcar pera a India, lhe mandou D. Jorge notificar, que se fosse pela via de Borneo, conforme a hum regimento que levava de Pero Mascarenhas, porque desejava de se fazer sempre aquella derrota por ser mais apressada, que a que se fazia por via de

Ban-

Banda: que por ser mais apressada, mandou Antonio de Miranda de Brito, sendo Capitão de Maluco, descubrir o anno de vinte e tres por Antonio de Abreu seu parente, que foi o primeiro que por ella navegou, o que Pero Mascarenhas desejava se continuasse, assi por ser mais breve a jornada, como por grangear o commercio, e amizade daquelles Reys, e senhores das Ilhas de Borneo, porque tinha por noticia que havia nellas muito ouro; e a principal razão era, porque queria tolher aquella navegação aos Castelhanos. D. Garcia tomou mal a notificação, porque recebia mui grande perda não indo por via de Banda, porque esperava de achar alli hum junco que o anno passado mandára a Malaca, e mandou dizer a D. Jorge, que de muito boa vontade fora pela via de Borneo, mas que era jornada duvidosa, porque já a comettêra em tempo de Antonio de Brito, levando muito bons Pilotos, e que, depois de andar muitos dias perdido por antre aquellas Ilhas, tornára arribar a Maluco. D. Jorge o escusou, ordenando de mandar outrem descubrir aquelle caminho. D. Garcia tratou de o estorvar, porque indo alguem que não fosse elle, ficava culpado com o Governador, e disse a D. Jorge, que lhe parecia escusado mandar navio a Malaca, porque

que se era a pedir ſoccorro, que elle tinha já mandado a iſſo Manoel Lobo, que devia de ſer já lá, e que a reſpoſta não poderia tardar, porque como ſe ſoubeſſe dos Caſtelhanos, forçado ſe haviam de apreſſar: e que vendo lá outro navio com gente, haveriam que a neceſſidade não era grande, pois a podia eſcuſar, e ainda o faria mais vagaroſo ſe lhe levaſſe recado, que ficavam em tregoas com os Caſtelhanos: que elle tinha por novas que Martim Inhegues ordenava hum navio pera mandar com recado á nova Heſpanha a pedir náos, e gente: que elle queria ir eſperar eſte navio, que havia de levar o recado, e tomallo, que lhe mandaſſe armar pera iſſo o ſeu navio, e outros alguns. D. Jorge não lhe acceitou os cumprimentos, ſobre o que D. Garcia lhe fez grandes proteſtos; com o que Dom Jorge deſiſtio do navio, que queria mandar a Malaca, e D. Garcia ſe começou a negociar pera ſe partir; e porque receou não lhe deixar D. Jorge embarcar vinte homens de ſua obrigação, pela neceſſidade que havia delles, lhe deo cem bares de cravo, e paſſou-lhe huma eſcritura, que em Malaca os daria a ſeus procuradores, por eſtarem já embarcados, com tanto que lhẽ deixaſſe embarcar a gente de ſua obrigação, o que lhe elle prometteo, (couſa mui ordinaria.

na

na India em alguns Governadores, e Capitães, dar-lhes pouco de a deixarem em trabalhos, e perigos, porque não tratam mais que de si, e de levárem com que comprar rendas no Reyno, e depois em suas quintas aos soalheiros, quando vam as novas da India, perguntam se ainda vive, e se está ainda em pé: no que tem muita razão, porque os mais delles a deixáram, e suas fortalezas pera espirar.) E tornando a Dom Jorge, depois de ter feito aquelle partido tão affrontoso, cahio que fazia erro em não obrigar a D. Garcia a ir pela via de Borneo, como lhe mandára Pero Mascarenhas, pelo que lhe tornou a mandar fazer novo requerimento sobre isso. E porque de todo lhe pareceo ser obrigação avisar o Capitão de Malaca das cousas dos Castelhanos, mandou huma corocôra mui ligeira, e nella tres Cavalleiros mui honrados, chamados Vasco Lourenço, Diogo Cão, e Gonçalo Velloso, e hum Piloto Castelhano, a que não achámos o nome, dando por regimento a estes homens que fossem por Borneo, e notassem bem aquella derrota, e se vissem com aquelle Rey, e assentassem com elle pazes, e amizades, mandando-lhe por elles hum presente de brincos, e cousas curiosas, em que entrava hum panno de raz de figuras antigas, e grandes muito rico;

es-

escrevendo ao Capitão de Malaca, e ao Governador muito largamente todas as cousas succedidas em seu tempo naquellas Ilhas: nesta volta foram tambem cartas de Dom Garcia, e de Cachil Daroez pera o Governador, em que lhe diziam muitos males de D. Jorge, e desta jornada adiante daremos razão. D. Garcia ficou negociando hum junco seu pera se ir pera a India, e succedeo no mesmo tempo falecer Martim Inhegues Capitão dos Castelhanos, e ser eleito hum Fernão de la Torre, que D. Jorge mandou visitar, e saber delle se queria guardar as tregoas que estavam feitas, o que elle não quiz, porque era homem alterado, e de não muito governo, com o que se tornou a atear a guerra, mandando o de la Torre armar huma galeota pera fazer guerra aos nossos. Sabido por D. Jorge, por não ter nenhum nàvio de remo possante pera contra aquella galeota, mandou logo armar outra, a que fez dar muita pressa, tomando pera isso quantos carpinteiros havia na terra, em que entravam alguns que trabalhavam no junco de D. Garcia, sobre o que tiveram muito ruins palavras, em que chegou D. Garcia a punhar da espada, e mettendo-se muitos no meio, se recolheo D. Garcia pera sua casa. D. Jorge induzido de homens mal inclinados, (que sempre nes-

neste negocio assopram bem o fogo,) mandou pelo Ouvidor tomar a menagem a Dom Garcia, e que se viesse metter na fortaleza. D. Garcia zombou do Ouvidor, ao que acudio D. Jorge a repique de sino, negociando-se pera o ir prender, mandando diante o Alcaide mór a lhe requerer que se fosse pera a fortaleza. D. Garcia estava com quarenta homens postos em armas: dando-lhe o Alcaide mór o recado, dizendo-lhe que D. Jorge hia por caminho, que havia de escusar pendenças, respondeo, que se elle lá fosse, que elle o sahiria esperar fóra. Sabido por D. Jorge, mandou assestar algumas peças de artilheria nas casas de D. Garcia pera lhas derribar, mandando-lhe fazer primeiro notificação pelo Alcaide mór, e por Tristão Vieira, que era amigo de Dom Garcia, que lhe disse tantas cousas, que se sahio só de casa, e chegando á fortaleza, disse a D. Jorge: *Eis-me aqui, que me quereis?* D. Jorge lhe tomou a menagem, e mandou fazer de tudo hum auto pelo Ouvidor, ficando na fortaleza alguns dias prezo, em que o Rey de Geilolo por parte dos Castelhanos começou a fazer guerra aos nossos com Armadas pelo mar, dando nos lugares d'ElRey de Ternate. D. Jorge acudio com algumas corocoras que mandou em busca dos inimigos. Visto por todos

dos

dos os da fortaleza a guerra travada, pedíram a D. Jorge soltasse D. Garcia, que era hum Fidalgo tão honrado, e que acabára de ser Capitão daquella fortaleza, e que os Mouros andavam escandalizados de ver antre elles aquellas dissensões; mas como Dom Jorge estava teimoso, disse que assi prezo o havia de mandar á India: com o que Dom Garcia lhe mandou requerer que o soltasse, e quando não, que o prendesse em ferros; senão que se havia de ir pera sua casa; (isto lhe mandou dizer, porque sempre cuidou que D. Jorge não quizesse chegar com elle ao cabo:) Mas D. Jorge, que estava com sua paixão, lhe mandou lançar hum bom grilhão, com o que os amigos, e criados, que seriam perto de sincoenta, se amotináram, tratando de o ir tirar da fortaleza; mas não pudéram: pelo que se determinráam de se irem pera hum lugar forte do Sertão, do que deram conta a Cachil Daroez, pera de lá mandarem requerer a D. Jorge soltasse D. Garcia, senão que se passariam pera os Castelhanos. Estes tratos descubrio hum delles a hum Fernão Baldaya, por saber que o havia de dizer logo a D. Jorge, como fez: pelo que determinou de prender os principaes da conjuração, a que acudio Simão de Vera, e outro, dizendo-lhe que melhor sería soltar D. Garcia,

cia, e dissimular-se tudo, como logo fez, fazendo-se amigos, e rompendo as devassas ficáram correndo em amizade.

CAPITULO III.

De como os de D. Garcia o induzíram que prendesse D. Jorge, e de como o fez, e se metteo na fortaleza.

OS amigos de D. Garcia, e todos os que pretendiam ir com elle pera a India, não ficáram satisfeitos destas amizades, receando que se durassem até se embarcar, não levasse todos, nem era razão, porque ficaria a fortaleza só. Pelo que começáram a semear novas zizanias, persuadindo a Dom Garcia se não fiasse de D. Jorge, que por derradeiro era amigo reconciliado. Tanto lhe disseram disto, que fizeram com elle andasse com o olho sobre o hombro, começando a andar acompanhado dos induzidores. Por outra parte, alguns que se mostravam familiares de D. Jorge, o avisavam, que não se fiasse de homem a quem tinha escandalizado, porque a todo o tempo que pudesse se havia de satisfazer; e que sabiam que D. Garcia dava muitos avisos aos Castelhanos, e trabalhava tudo o que podia por Cachil Daroez se alevantar contra a fortaleza, e que provocava os Ternatezes ao

odiarem. E não parando aqui o negocio, succedeo vir ElRey de Bachão á nossa fortaleza a negocio, e tendo suas estancias fóra, huma noite deram huns poucos nellas, e matando-lhe quatro, ou sinco homens, e ferindo-lhe muitos, tudo a fim de o omiziarem com D. Jorge. Ao outro dia indo ElRey á fortaleza a fazer queixas daquillo, lhe sahíram Tristão Vieira, Affonso Gentil, e Luiz Dias, (que diziam foram os da alhada;) e como sabiam ao que hia, o tiráram disso, affirmando-lhe que D. Jorge lhes mandára fazer aquillo em vingança da morte de certos Portuguezes, que em Bachão matáram a seu irmão D. Tristão de Menezes, e dos juncos, e cravo que lhes tomáram, como na terceira Decada se conta, o que tudo foi facil a ElRey de crer, e deixou dalli por diante de ir á fortaleza, e esteve de todo pera se conjurar com Cachil Daroez, e darem de sobresalto na fortaleza, e tomarem-na; mas ordenou Deos que fosse D. Jorge avisado deste negocio, e de todas as mais cousas, em que o culpavam, de que logo mandou tirar huma devassa, em que se acháram culpadas as pessoas que assima nomeámos, e outros que foram avisados, e se acolhêram pera o mato: pelo que D. Jorge se vio com ElRey de Bachão, e lhe contou as cousas como

pas-

passáram, com o que ficou desfalivado, e quieto, e tornou a correr em amizade com elle. Não cessáram por aqui as maldades dos da parte de D. Garcia, pelo que determinou D. Jorge de o mandar pera Talangame, que era outro porto da Ilha onde as náos surgem: e disto deo conta ao Alcaide mór, e ao Baldaya, que ou por serem amigos de D. Garcia, ou por quererem ver paz, e quietação, lhe aconselháram, que devia de dissimular com aquillo por não renovar chagas passadas, o que elle fez, porque tambem desejava quietação. Mas os máos homens que não descançavam em quanto não vissem aquelles dous Fidalgos baralhados, lançáram pela povoação huma fama surda d'amigo em amigo, que D. Jorge mandava matar D. Garcia. Depois de se isto divulgar, succedeo que hum negro, que D. Jorge levou da India chamado Miguel Nunes, induzido parece por estes tecedores, em muito segredo foi dizer ao Feitor, que D. Jorge lhe mandava matar D. Garcia, e que por lhe não parecer aquillo bem, se queria ir pera os Castelhanos. O Feitor parecendo-lhe aquillo muito grave, aconselhou ao negro que avisasse Dom Garcia, o que elle disse que não havia de fazer, mas que tambem não havia de commetter hum tão grande crime. O Feitor lhe

disse que dissimulasse, e não se passasse aos Castelhanos, por não saberem lá aquellas desavenças, ficando suspenso naquella materia, sobre que deo mil voltas, cuidando se seria verdade, ou não; e porque tudo podia ser, determinou de o descubrir a Dom Garcia, debaixo de graves juramentos, pera andar recatado, porque queria atalhar tamanha desaventura, se era verdade que D. Jorge atentava: e assi lho disse, duvidando porém poder conceber D. Jorge em seu peito cousa tão fea; mas como as cousas que tocam á vida de hum homem não he bem ficarem em dúvida, quiz-se segurar D. Garcia. E dando conta daquelle negocio a Manoel Falcão, a Diogo da Rocha, e a Manoel Botelho, (de quem era mui grande amigo,) e como parecia que o demonio andava nas cousas desta Ilha, entre os nossos semeando zizanias, e discordias, aconselháram-lhe estes, que cumpria a sua vida matar D. Jorge, tirando Manoel Falcão, que lhe disse, que muito melhor era prendello: e que tirasse devassa de suas culpas, e o mandasse á India, e que ficasse elle por Capitão até o Governador prover aquella fortaleza. Isto soou melhor a D. Garcia, e dando conta de tudo a Cachil Dâroez, e a ElRey de Bachão, pedindo-lhes favor pera isso, que lhe elles promettêram (ficando

con-

contentes, e alegres de verem antre aquelles dous Fidalgos tamanhas discordias, porque por derradeiro eram Mouros, e folgavam com o nosso damno.) Succedeo neste tempo, em que estas meadas se ordíram, mandar D. Jorge a Cachil Daroez que fosse de Armada á Ilha de Maquuse, com quem se embarcáram a mór parte dos criados, e amigos de D. Jorge. O que vendo D. Garcia, pareceo-lhe que o tempo lhe dava todas as occasiões pera sua pretenção; pelo que não quiz descuidar-se nellas, traçando com os amigos o modo de como prenderia D. Jorge; e porque tinha mui grande inconveniente no Alcaide mór, ordenou com hum Francisco de Castro, que o convidasse o dia que elle tinha aprazado, como fez, e o levou a huma quinta no lugar que chamam Odoloco, huma legua da fortaleza, e na sua envolta foram a mór parte dos moradores, e criados de D. Jorge, que ficava só na fortaleza. Sabendo D. Garcia que D. Jorge acabára de jantar, mandou Manoel Falcão que se fosse pera elle, e armassem jogo de tavolas, (como muitas vezes faziam.) E estando D. Jorge embebido no jogo, bem descuidado do que se lhe ordenava, entráram pela fortaleza Pero Botelho, Tristão Vieira, e Affonso Gentil (que já eram perdoados do caso d'ElRey de Bachão) levando

do ordem do que haviam de fazer, hum que tomasse a porta da fortaleza, e outro a escada, porque não subisse alguem, e outro que fechasse as portas por fóra a alguns criados que estavam em suas casas dormindo, porque não pudessem acudir ao reboliço. Feito isto, entrou D. Garcia com outros armados; e logo os que tinham cuidado das portas as fecháram, e subindo assima, chegando-se a D. Jorge, liou-se com elle, dizendo: *Estai prezo*, e Manoel Falcão, e os mais o ajudáram liando-se com elle, e os outros com alguns criados que alli estavam. D. Jorge começou a bradar: *Traição, traição.* Hum pagem escapulindo dalli teve tal acordo que foi repicar o sino. D. Garcia, e os outros, que estavam ferrados em D. Jorge, tiveram muito trabalho em o derribar, porque era homem de grandes forças, e de grande animo, e com a paixão de se ver assi tratado, bracejava, perneava, e mordia de maneira, que quasi o não podiam ter, e sempre bradou, dizendo: *Traidores, matai-me, não me affronteis*; mas em fim como os outros eram muitos, depois de grande espaço deram com D. Jorge no chão, e lhe deitáram o proprio adobe, que elle mandou lançar a D. Garcia, e tomando-o nos ares deram com elle em huma masmorra debaixo do chão, onde o amarrá-

ram

ram a humas camaras de falcão pera estar mais seguro.

CAPITULO IV.

Do que fizeram os amigos de D. Jorge sabendo sua prizão: e das cousas que succedêram até o soltarem: e do que aconteceo aos que D. Jorge tinha mandado a Borneo.

AO repique do sino, que o moço fez acudio o Feitor, que pousava fóra, e outros Portuguezes com armas, sem saberem o que aquillo era, e achando as portas fechadas, cuidando ser traição, começáram a lhe dar vaivens, e outros trazerem escadas para subirem por ellas, fazendo huma grande matinada. Aqui acudio D. Garcia ao muro, vendo aquelle alvoroço, e lhes disse: *Senhores, assocegai; que a fortaleza está por ElRey de Portugal, e todos somos seus vassallos, e por desejar a paz, e socego della, fiz este negocio*; contando-lhes tudo o que passava, com outras cousas que mais accrescentou: *Por isso vos peço que hajais por bem o que tenho feito, e desta fortaleza eu tómo entrega, e della darei conta a ElRey, e ao seu Governador da India.* O Feitor por se achar culpado naquelle negocio em lhe descubrir a velhacaria do

do negro, com muita paixão interrompeo a falla a D. Garcia, queixando-se delle a grandes brados, e destemperando-se bem em palavras. D. Garcia lhe pedio se recolhesse, e que corresse com seu officio, que da prizão de D. Jorge elle daria conta a ElRey, com o que todos se recolhêram, por não haver alli que fazer. Não tardou muito o Alcaide mór, e os mais amigos de D. Jorge, que eram idos ao banquete, e sabendo o que passava, foi a sua paixão tão grande que tratáram de entrar a fortaleza, e soltar D. Jorge, e assi se armáram, e foram demandar a fortaleza com escadas, machados, e outros petrechos pera quebrarem as portas, começando de subir ao muro. A isto acudio D. Garcia com os da sua valia, e entre todos se começou huma grande briga. ElRey de Bachão com muita gente acudio logo por parte de Dom Garcia, com dissimulação, mostrando que vinha apaziguar, e trazia huma adarga embraçada, e huma lança nas mãos, requerendo ao Alcaide mór, e aos mais, que se recolhessem, que aquelle negocio não se havia de fazer por armas: e que pois todos eram naturaes, e vassallos d'ElRey de Portugal, entendessem que não era serviço aventurarem-se tantos homens por hum só, podendo-se pacificar tudo sem tanto damno,

co-

como se ordenava, que o tempo curava tudo; que não se cansassem, que aquillo se acabaria em bem de D. Jorge. Com isto se recolhêram todos muito tristes. Estas novas corrêram logo por aquellas Ilhas até chegarem a Cachil Daroez, que andava de Armada. Os amigos, e criados de D. Jorge, que com elle andavam, que eram quasi todos os que tinha em as sabendo, logo lhe requerêram que se fosse pera Ternate pera acudirem áquellas cousas, o que Cachil Daroez fez. O Alcaide mór em chegando a Armada ajuntou todos os amigos da obrigação de D. Jorge, que com elle andavam, que seriam quarenta, determinou de o ir soltar, e quando o não pudesse fazer, passarem-se todos pera os Castelhanos, que se gloriavam deste successo. Nisto os favorecia hum irmão d'ElRey, chamado Cachil Viaco, (hum dos sete bastardos que Bolufe teve,) que era grande amigo de D. Jorge, e inimigo de Daroez, por lhe entender suas velhacarias. A primeira cousa, que o Alcaide mór fez, foi impedir huma devassa que D. Garcia tirava de D. Jorge, em que testemunhavam todos os da conjuração de Dom Garcia, vindo com embargos a ella, protestando por parte de D. Jorge de lhe não prejudicar. Os da parte de D. Garcia tambem se ajuntáram contra aquelle bando, de

que

que era cabeça o Alcaide mór, tratando de o matarem, porque os outros todos sem elle não fariam cousa alguma. Aos da parte contraria favorecia ElRey de Bachão, e ficava o partido muito de ventagem, pelo que o Alcaide mór tratou com Cachil Viaco de se irem todos os de seu bando pera a Serra, e de lá requererem a justiça de D. Jorge, e quando lha não quizessem fazer, passarem-se aos Castelhanos. O Viaco se foi com elles pera os agazalhar lá, posto que nisso houve algumas differenças com os da terra, por não levarem licença de Cachil Daroez, que era Regedor do Reyno. Da Serra começáram a fazer seus requerimentos, assi a D. Garcia que soltasse Dom Jorge, como a Pero Botelho Capitão do navio, em que D. Jorge foi de Malaca a Maluco, pera que se ajuntasse com elles, pera soltarem D. Jorge, ao que lhe não deferiam; e vendo que seus protestos não aproveitavam, mandáram hum Embaixador a ElRey de Tidore, e a Fernão de la Torre, que lhes deo conta de tudo o que era passado: pedindo-lhe da parte do Alcaide mór, e dos mais, mandasse requerer a Dom Garcia soltasse logo D. Jorge, e que quando o não quizesse fazer lhes dessem licença pera se passarem pera elles. ElRey, e o Castelhano tomáram muito mal as cousas que

D.

D. Garcia tinha feito : e logo lhe mandáram fazer hum grande requerimento ſobre aquillo, proteſtando de dar conta a ElRey de Portugal de todas as perdas, e damnos, que da prizão de D. Jorge ſuccedeſſem. Com eſte requerimento ficou D. Garcia atalhado, porque bem vio que ſe elles inſiſtiam em favorecer D. Jorge, que lhe dariam trabalho, e lhe fariam guerra, e receou muito aquella carga; e reſpondeo ao requerimento, dando-lhe muitas razões ſobre a prizão de D. Jorge, e rogou a Cachil Daroez que logo ſe foſſe com o Alcaide mór, e com os outros á Serra, e diſſimuladamente ſoubeſſe dos que lá eſtavam ſua determinação, e ſe viſſe que todavia inſiſtiam a ſe paſſarem a Tidore, os ſeguraſſe. Cachil Daroez o fez aſſi; vendo-ſe com elles lhes eſtranhou o que fizeram, porque D. Garcia era ſeu amigo, e não havia de bulir com elles; ao que lhes reſpondêram que não queriam couſa alguma delle até não ſoltar D. Jorge, e que ſoubeſſe certo ſe o não fazia, que ſe haviam de paſſar aos Caſtelhanos, e que D. Garcia daria conta a Deos, e a ElRey dos males que diſſo ſuccedeſſem. Eſtando neſtas praticas chegáram as corocoras de Tidore, que Fernão de la Torre mandava em favor do Alcaide mór com alguns Caſtelhanos, e Tidores, e da praia lhes mandáram di-

dizer que eſperavam por elles. Eſte recado lhes deram preſente Cachil Daroez, com o que ſe alvoroçáram fazendo-ſe preſtes pera ſe irem embarcar. Viſta por Daroez ſua determinação, lhes pedio, que ſe não abalaſſem até elle ir fallar com D. Garcia, e que faria com elle que ſoltaſſe D. Jorge: elles lhe diſſeram, que eſperariam aquelle dia, mas que ſe logo o não ſoltava, ſe haviam de embarcar. Daroez ſe foi mui apreſſado a D. Garcia, a quem deo conta do negocio, accreſcentando, que ſe paſſavam a Tidore lhe fariam todos guerra, a que elle não poderia acudir, aſſi pela pouca gente que tinha, como pela falta de mantimentos, e que ſobre tudo ſe não poderia ir daquella fortaleza, (porque ſua determinação era embarcar-ſe, e levar comſigo D. Jorge,) e deſiſtindo de ſua teima tratou de ſua ſoltura, mettendo-ſe em meio Cachil Daroez, que foi fallar com D. Jorge, com quem depois de gaſtar com elle alguns dias em razões ſobre o compôr com D. Garcia, o veio a render, aſſentando com elle, que o ſoltaſſe, e o tornaſſe á ſua poſſe, e que elle lhe déſſe o navio de Pero Botelho pera ſe ir pera a India, e lhe deixaria levar os da ſua valia com ſuas fazendas, e que ſe rompeſſem todos os papeis que de parte a parte eſtiveſſem feitos, o que tudo ſe havia de

ju-

jurar por ambos, e que depois de D. Garcia ido pera Talangame com todos os ſeus, Simão de Vera Alcaide mór ſoltaria D. Jorge. Aſſentado iſto com D. Garcia, mandou embarcar ſua fazenda, e aſſi todos os mais. Primeiro que ſe ſahiſſe da fortaleza, mandou encràvar a artilheria, porque lhe não atiraſſem com ella, e partio-ſe pera Talangame, deixando a fortaleza entregue a alguns caſados. Logo ſe vieram os da ſerra, e ſoltáram D. Jorge com grande prazer de todos, mas nenhum ſeu, pelas affrontas que lhe tinham feito. E logo mandou de novo fazer autos de tudo pelo Ouvidor, e tirou hum inſtrumento de como no tempo de ſua prizão ſe apoderáram os Caſtelhanos da Ilha de Maquuſe, por não haver quem lha defendeſſe, no que ElRey de Portugal recebêra notavel perda, mandando fazer requerimentos a Pero Botelho, que ſe foſſe pera a fortaleza, porque tinha muita neceſſidade do ſeu navio por cauſa da guerra dos Caſtelhanos, a que não podemos negar o primor com que corrêram com eſtas couſas, porque bem pudéram elles atiçallas de feição, que lhes ficára aquella fortaleza nas mãos. Sobre eſtes requerimentos de D. Jorge tornou a haver novas revoltas, e por fim de tudo D. Garcia ſe embarcou no navio de Pero Botelho, e de tudo tirou Dom

Jor-

Jorge instrumentos, e fez suas reclamações, dizendo, que consentíra em tudo por remir sua vexação, fazendo hum auto contra Dom Garcia, em que o havia por alevantado a elle, e a todos os que com elle hiam: e tudo mandou a Malaca por hum Vicente da Fonseca, pera que chegasse juntamente com D. Garcia, e de suas viagens adiante daremos razão, e concluiremos agora as cousas de Maluco com a jornada de Vasco Lourenço, e dos outros, que D. Jorge despedio pera Borneo, como atrás temos contado: que tomando sua derrota, em que passáram muitos trabalhos, e perigos, e cançados, e enfadados da viagem, foram tomar a Cidade de Borneo, onde acháram hum junco, de que era Capitão hum Affonso Pires, que hia pera Maluco, que era muito conhecido daquelle Rey, e como vio os Portuguezes lhos levou, e elle lhes fez gazalhado, dizendo-lhe elles, que não vinham a mais, que a visitallo da parte do Capitão de Maluco, que lhe mandava pedir quizesse ter com elle paz, e amizade, e que corresse antre ambos trato, e commercio, do que ElRey folgou muito, dando os agradecimentos a D. Jorge daquella vontade. Vasco Lourenço lhe apresentou as peças que levava, e abrindo-se o panno de raz, em que estava afigurado o casamento

d'

d'ElRey de Inglaterra com a tia do Emperador, (estava ElRey muito pelo natural com suas vestiduras Reaes, Sceptro, e Coroa, e outras figuras á roda:) vendo ElRey cousa tão desacostumada, perguntou o que era aquillo, e dizendo-lho, suspeitou ser engano, e que os nossos eram feiticeiros, e que aquillo eram figuras encantadas, que lhe queriam metter em sua casa, pera de noite o matarem, e lhe tomarem o Reyno, e muito torvado disse, que lhe tirassem logo aquillo dalli, e que se fossem os nossos do seu porto, que não queria em sua terra outro Rey senão elle, e que se alli estivessem mais, que os castigaria. Os nossos se víram assombrados. Affonso Pires, e alguns Mouros quizeram tirar a ElRey aquella imaginação, mas não pudéram, e Affonso Pires se tornou pera Malaca, indo com elle Vasco Lourenço, e os mais se tornáram na corocora pera Maluco, aonde chegáram a salvamento. Este anno indo hum Gomes de Siqueira por mandado de D. Jorge buscar mantimentos pelas Ilhas de Mindanao, desgarrando com o tempo, descubrio muitas Ilhas juntas em nove pera dez gráos do Norte, que delle se chamáram as Ilhas de Gomes de Siqueira.

CA-

CAPITULO V.

Das couſas em que o Governador provêo, em quanto eſteve em Cochim: e das Armadas, que deſpachou pera fóra: e da grande vitoria, que D. João Deça houve de huma Armada de Calecut: e de como Chriſtovão de Mendoça foi entrar na fortaleza de Ormuz, e da morte do Guazil Rax Hamede.

DEixámos o Governador em Cochim, depois de deſpedir as náos pera o Reyno, com quem he neceſſario continuemos. A primeira couſa que fez foi deſpedir Dom João Deça pera Capitão mór do Malavar com huma galé, e dezeſeis navios, com regimento, que como ſe acabaſſe o Verão, foſſe tomar poſſe da capitanía de Cananor, por cumprir ſeu tempo D. Simão de Menezes. E por ſer já chegado Franciſco de Mello com o recado do ſucceſſo da Sunda, (que ElRey encommendava tanto, que hum dos principáes pontos do Regimento do Conde Almirante, quando veio por Viſo-Rey, era, que logo mandaſſe fazer aquella fortaleza,) ſabendo o modo de como Franciſco de Sá ficava em Malaca com a mór parte da gente morta, commetteo à Martim Affonſo de Mello Juzarte, irmão de Garcia.

Ju-

Juzarte de Evora, Fidalgo de muitas partes, pera ir a Malaca ajuntar-se com Francisco de Sá pera irem fazer aquella fortaleza. E o que diz Castanheda, que o Governador mandava a Martim Affonso ir fazer esta jornada, e que elle que se escusára por ser aquella empreza de Francisco de Sá dada por ElRey, e mais estando o outro lá em caminho, havemo-lo por duvidoso, porque nem o Governador havia de tirar a hum Fidalgo tão honrado a empreza, que tinha nas mãos, pois não deixou de a acabar, senão por falta de gente; nem Martim Affonso havia de acceitar tal jornada, porque nem havia de ir debaixo da bandeira do outro, nem o outro havia de consentir igual com elle. Mas o que disto podemos alcançar he, que andando o Governador ordenando mandar gente a Francisco de Sá, chegou hum Embaixador d'ElRey da Cota, vassallo d'ElRey de Portugal, a pedir ao Governador da parte d'ElRey lhe soccorresse, porque o Madune seu irmão lhe queria tomar o Reyno com o favor, e ajuda do Çamorim, que lhe tinha mandado huma grossa Armada, com que o tinha em muito aperto. O Governador pondo aquellas cousas em conselho, assentou-se que se devia soccorrer áquelle Rey com muita presteza: ao que o Governador despedio o mesmo Martim Affon-

ſo de Mello com onze vélas, em que entrava huma galé real, e huma galeota, e os mais navios de remo, de cujos Capitães não achámos os nomes mais que a tres, Thomé Pires, Duarte Mendes de Vaſconcellos, e João Coelho: dando-lhe o Governador por regimento, que paſſaſſe a Ceilão ſoccorrer aquelle Rey, e que dalli ſe foſſe invernar á coſta de Choramandel, e em Agoſto foſſe a Malaca, e entregaſſe a Armada a Franciſco de Sá, lançando fama que havia de ir no verão ás prezas á coſta de Pegú, porque eſtava a viagem da Sunda tão deſacreditada, que não havia ſoldado, que quizeſſe receber ſoldo pera lá; e deſta maneira, pela fama que ſe lançou, ſe embarcáram quatrocentos homens. Partido Martim Affonſo, deſpedio o Governador Pero de Faria pera ir entrar na capitanía de Malaca; porque deſejava o Governador de tirar Jorge Cabral, que eſtava provído por Pero Maſcarenhas, e foi em hum galeão, e em ſua companhia mandou o Governador Simão de Souſa Galvão, filho de Duarte Galvão, pera ir entrar na fortaleza de Maluco, e tirar D. Jorge de Menezes, que era do bando de Pero Maſcarenhas, e lhe deo huma galé em que foi com ſetenta homens, e com elle D. Antonio de Caſtro, que hia provído da capitanía mór daquelle

Ar-

Archipelago, e da Alcaidaria mór da fortaleza. E assi mandou o Governador outro galeão entregue a Pero de Faria com cento e sincoenta homens, pera lá o dar a Francisco de Sá pera a jornada da Sunda, pera que com a gente, e Armada, que Martim Affonso havia de levar, fosse fazer aquella fortaleza. Assi despachou o Governador a Christovão de Mendoça pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, a quem deo hum galeão, huma caravela, e dous bargantis, em que mandou muitos provimentos pera aquella fortaleza, muita fazenda d'ElRey pera se lá vender, (porque neste tempo não tratavam os Governadores, nem tinham o dinheiro d'ElRey debaixo de suas camas, antes o meneavam em proveito da fazenda d'ElRey, e não no seu.) Esta caravela, e bargantins hiam deputados pera guardarem aquelle estreito. Com Christovão de Mendoça foi embarcado Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, que Manoel de Macedo trouxe prezo, como atrás dissemos, que hia livre de todas as culpas que lhe puzeram; e porque era mortalissimo inimigo de Rax Hamede, que ficou em seu lugar, chegando a Mascate ordenou, por recado que diante mandou, com que o matassem, no que dizem que foi culpado ElRey, pelo grande medo que tinha do Xarrafo. Partidos todos estes Ca-

pitães, de cujas jornadas adiante daremos razão, o Governador se foi pera Goa, ficando D. João Deça na costa do Malavar continuando na guerra contra os Mouros; e tendo aviso que em Mangalor estava huma Armada do Çamorim, foi áquelle porto, e não a achando deo naquella Cidade, e a queimou, e abrazou; e voltando pera o Malavar, encontrou sessenta parãos, que era a Armada de Calecut, de que era Capitão hum valente Mouro chamado Chinacotiale, que vinha de proposito buscar a nossa Armada pera pelejar com ella. D. João tanto que os vio chegou os navios á galé, tantos de huma parte como da outra, e encadeando-se, e preparando-se pera pelejar com os inimigos; que a foram commetter com muito grande determinação. D. João tinha a artilheria dos seus navios mui bem carregada, e deixando chegar perto os inimigos deram-lhe aquella primeira surriada, de que lhe mettêram alguns no fundo, e baralhando-se todos, começou-se huma aspera batalha, que foi da nossa parte mui bem pelejada, e muito arriscada por serem os inimigos tão differentes em número de navios, e gente, que havia dez para hum. Hum Capitão de hum navio, a quem não achámos o nome, ferrou com Chinacotiale, e abordados ambos pelejáram com muito valor,

ma-

matando-lhe muitos dos inimigos; e quiz Deos que dessem no Mouro duas espingardadas, de que cahio, trazendo já duas cutiladas mui grandes. Os do seu navio em o vendo cahir, logo se lançáram ao mar. D. João Deça fez nesta jornada o officio de muito bom Capitão, e de valente soldado; pelejando, e governando com muito valor, e prudencia. O Capitão que rendeo Chinacotiale, logo lhe tirou a sua bandeira da quadra, e a abateo. Correndo a nova pela Armada que era morto, logo se poz em disbarato, e fugida, ficando todavia em poder dos nossos quarenta navios. Foram mortos dos Mouros mil e quinhentos, e quasi outros tantos cativos. Chinacotiale, que ainda estava vivo, foi levado a Dom João Deça, que o estimou muito, e se recolheo a Cananor, com perda de vinte homens, e muitos feridos, que mandou curar mui bem; e em Chinacotiale mandou ter grande resguardo, por ser Mouro muito principal. E porque já era o verão gastado, desarmou os navios, mandando a galé para Cochim, em que foi D. Simão, que lhe entregou a fortaleza. Com esta perda ficáram os Mouros mui quebrantados, porque além della, lhe custáram outros vinte paraos, que se lhe tomáram por vezes, em que lhe matáram tambem mais de mil homens.

mens. Chinacotiale ſarou de ſuas feridas, e tratou de ſeu reſgate, que ſe veio a concluir em dar doze Portuguezes, dos que eſtavam cativos em poder do Çamorim, e quinhentos cruzados em dinheiro, de que logo fez entrega, e com iſſo jurou em ſua lei, e deo fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portuguezes, e com iſto ſe cerrou eſte Inverno.

CAPITULO VI.

Do que aconteceo a Antonio de Miranda no eſtreito do mar Roxo, e das prezas que fez.

PORque ha muito que deixámos Antonio de Miranda de Azevedo partido do mar Roxo, ſerá razão que continuemos com elle. Partido de Goa (como diſſemos) foi ſeguindo ſua derrota até o Cabo de Guardafú, tendo huma grande tormenta no caminho, e chegando a monte de Felix, repartio a Armada em tres partes, mandando tomar as paragens, que as náos coſtumavam ir demandar pera buſcarem o eſtreito. Alli ſe deixáram andar ao pairo, por não poderem ſurgir, por ſer aquelle mar de muito fundo. E andando em huma das paragens Henrique de Macedo com outros dous navios, hum dia pela manhã houve viſta de

hum

hum galeão mui formoſo, que vinha mui proſpero de gente, e artilheria, e o navio em ſi muito grande, e poſſante. Os Mouros que hiam confiados na força do navio, e na muita gente, vendo os noſſos, os foram demandar. Henrique de Macedo deo hum bollo de véla, e preparou-ſe, pondo-ſe em armas pera o eſperar, o galeão o foi investir. A eſte tempo eſtava ſó Henrique de Macedo, porque os outros navios tinham-ſe apartado. Inveſtidos os galeões deitáram logo dentro ſeus arpeos começando-ſe a travar huma muito cruel batalha, porque os Mouros eram mais de trezentos brancos, e a mór parte delles Rumes. Os noſſos trabalhavam de entrar no galeão dos inimigos, e elles o meſmo por ſe baldearem no noſſo, ſobre o que fizeram grandes cavallerias, lançando-ſe de parte a parte muitas panellas de polvora, lanças de fogo, e outros arremeſſos mortaes. O vento acalmou, ficando as vélas aos pés dos maſtos; e como de quando em quando dava humas lufadas, com que ſe ſacudiam as vélas, acertou de dar huma lança de fogo na do noſſo galeão, ateando-ſe nella o fogo, e dando a lufada de vento, quiz Deos que ao levantar da véla foſſe com tanta força que ſacudiſſe a lança de fogo no galeão dos inimigos, (que ainda eſtava ardendo,) e dando na véla grande tomou fogo, que

ate-

ateou tão bravamente, que foi forçado aos nossos, por se não queimarem, cortar a balroa, e acudirem ao fogo, que andava nas suas vélas, que apagáram com muito trabalho. Na náo dos Mouros foi o seu crescendo de feição, que se apoderou de toda ella, com tanta braveza, que por não terem outro remedio se lançáram ao mar. Neste tempo chegáram os dous navios da companhia de Henrique de Macedo, que ao tom das bombardadas acudíram, e vendo o negocio daquella maneira, lançando-se aos batéis foram a pescaria dos Mouros, que andavam no mar, matando nelles á sua vontade, e cativando alguns que lhes melhor parecêram. Os mais galeões que andavam pelas outras paragens vieram-lhe cahir nas mãos per vezes vinte vélas, em que entravam oito náos grossas carregadas de fazendas, e posto que houve alguma defensão, foram logo rendidas. E como foi tempo de se recolherem, foi-se o Capitão mór a Caixem esperar por toda a Armada por lhe ter dado regimento que alli se ajuntassem com elle, como fizeram todos. Estando alli o Capitão mór, teve aviso que ainda se esperava por algumas náos do Achem. Pelo que deixando alli parte da Armada, e Ruy Pereira Quadrilheiro mór pera vender as fazendas das náos, elle com alguns

na-

navios ſe foi a monte de Felixra eſperar eſtas náos, que por tardarem muito ſe tornou pera a Armada, e foi tomar Adem, onde achou Ruy Pereira, que alli viera a chamado dos Regedores: que ſabendo eſtar a noſſa Armada em Caixem, como corriam comnoſco em amizade, mandáram-lhe pedir ſoccorro contra os Turcos, que andavam pela terra dentro deſtruindo-lhe o Reyno, e ElRey não eſtava então na Cidade. Chegando Antonio de Miranda ao porto, mandou fazer aos Governadores ſeus offerecimentos, que eſtava preſtes pera favorecer, e ajudar ElRey contra ſeus inimigos, o que elles eſtimáram muito, mandando-lhe agradecimentos, e alguns refreſcos. E porque os Turcos ſouberam logo ſer alli chegada a noſſa Armada, recolhêram-ſe, e deſapreſſáram a terra. Eſtes eram os da companhia de Moſtafá, ſobrinho do Soltão Soleimão, que (como diſſemos) ſe alevantou com as ſinco galés: que depois que ſoube ſer a Armada recolhida pera Sués, ſe foi pera Camarão, ou pera huma enceada, que eſtá na boca do eſtreito da banda de Arabia, donde com o favor d'ElRey de Xaél pertendêo Moſtafá conquiſtar aquelle Reyno. Antonio de Miranda ſoube das galés, que eſtavam na boca do eſtreito, mas não de ſerem ſinco, e cuidou que era toda a Ar-

Armada; e não tendo alli mais que fazer, deo á véla, e foi tomar Zeyla com tenção de destruir aquella Cidade, que achou despejada, e lhe mandou pôr o fogo, em que toda se consumio. E por ser tempo de se recolher a invernar, o fèz, e foi tomar Mascate, onde deixou os navios grossos; e por Capitão mór Antonio da Silva, e elle com os de remo se foi invernar a Ormuz.

CAPITULO VII.

De como Simão de Sousa Galvão, que hia pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem: e da grande, e espantosa batalha que teve com huma Armada sua, em que foi morto, e a galé tomada.

PArtido Pero de Faria de Cochim com toda a mais companhia, de que atrás démos razão, apartou-se no golfo de Nicubar a galé de Simão de Sousa com hum tempo que lhe deo muito grosso, com que foi correndo com vélas pequenas, abatendo toda artilheria, porque o comião os mares, vendo-se muitas vezes perdidos, e alagados; mas como Deos os tinha guardados pera outra morte mais gloriosa, largou o tempo, estando já sobre a barra do Achem, onde elle os levou já tão cansados todos

do

do trabalho passado, que não podiam comsigo. E sabendo onde estavam, trabalháram por se affastarem daquella costa, por saberem que aquelles Mouros eram os móres inimigos que na India tinhamos; mas o tempo lho não deixou fazer por ser o vento travessia. Os da terra tanto que víram a galé, mandou ElRey visitar o Capitão della com muito refresco, e dizer-lhe que folgava muito de o ver náquelle seu porto, porque desejava de tratar amizades com os Portuguezes: que lhe pedia quizesse entrar pera dentro, onde estaria mais seguro, e sería melhor provído, porque desejava de se ver com elle, e que se quizesse que o mandaria pelas suas lancharas metter pera dentro. Simão de Sousa, que era homem precatado, e sabia a malicia daquella gente, mandou-lhe agradecer aquella mercê, escusando-se de não acceitar seus offerecimentos, porque hia muito apressado, e que logo havia de navegar. ElRey como sua tenção era damnada, quando vío que por cumprimentos o não podia levar, mandou de noite embarcar mil homens em vinte lancharas, e a hum seu Capitão, que lhe trouxesse aquella galé pera dentro, (o que teve por facil, porque já sabia o modo de como estava destroçada, porque o presente, e recado foi mais pera espiar, que

por

por cuidar que acceitaſſem os noſſos ſeus cumprimentos.) Preſtes as lancharas, mandou ElRey diante hum calaluz, e ellas apôs elle, que chegou á galé, e diſſe a Simão de Souſa que todavia lhe tornava ElRey a pedir quizeſſe recolher-ſe dentro; porque o tempo não caſſava, e que pera o revocarem lhe mandava aquellas lancharas (o que fez ElRey por ſe os noſſos deſcuidarem.) Simão de Souſa tornou-ſe a eſcuſar, e vindo-ſe as lancharas chegando, vendo nellas tanta gente, tomáram depreſſa armas. Os Achens, tanto que foram perto, arremettêram á galé com grandes gritas, e alaridos, e a cercáram á roda. Hum Fidalgo que alli hia, chamado Manoel de Souſa, foi tão acordado, que remetteo a hum falcão, que hia em cima já cevado, e o apontou nas lancharas pondo-lhe fogo, e foi tão bem encaminhado o pelouro, e huma roca de pedras que levava, que dando em meio dellas matou muita gente, deſaparelhando algumas, as mais começáram de longe a combater os noſſos, dando-lhes formoſas ſalvas de eſpingardaria; algumas dellas, em que vinha o ſeu Capitão mór, ferráram a galé por popé, por onde ſe lançou dentro hum mui grande número delles, a pezar de quantos golpes lhes deram os noſſos com que lhes derrubáram muitos. Dentro na galé

lé se ateou bravissimamente a briga com os daquella parte; porque como todos os mais estavam repartidos por partes, nenhum largou a sua, porque por todos estavam bem apertados dos inimigos. Simão de Sousa, que com poucos ficou de fóra pera soccorrer aonde houvesse necessidade, acudio á popa, e remetteo com os inimigos com tamanha furia, que matando alguns os levou de arrancada até o toldo, aonde apertou com elles de feição, que os fez lançar ao mar com grande damno seu. A batalha por todas as partes estava muito arriscada, porque os inimigos eram muitos, e muito determinadamente commettiam a entrada da galé com muitos, e amiudados tiros. Os nossos vendo que a salvação estava só em Deos, e no esforço de seus braços, fizeram todos tamanhas maravilhas, que passmáram os inimigos, de que já eram mortos mais de trezentos. Os mais desconfiados de entrarem a galé, e admirados da valentia daquelles homens, que pareciam leões famintos, affastáram-se pera fóra, e recolhêram-se destroçados, e desbaratados, ficando dos nossos dous mortos, e mais de vinte e sinco feridos, sendo por todos os que hiam na galé setenta. Simão de Sousa mandou curar os feridos mui depressa, porque bem entendeo que havia de ter maior

tra-

trabalho, porque o tempo pera nenhuma parte o deixava caminhar, e sobre a amarra estava soffrendo sua importunação, receoso tambem de dar á costa. As lancharas entradas dentro, indo o Capitão a ElRey, lhe perguntou pela galé, e elle lhe contou o que vio. ElRey apaixonado cavalgou em hum elefante, e mandou chamar o seu Capitão mór, e lhe jurou por Mafamede que se lhe não trazia aquella galé, que o havia de espedaçar com aquelle elefante, mandando lançar mais lancharas ao mar, com que prefez sincoenta, em que embarcou dous mil homens, e todos foram demandar a galé. O Capitão da Armada despedio diante huma lanchara com huma bandeira de paz pera segurar os nossos, que chegando á borda da galé, fallou hum homem em Portuguez, e perguntou pelo Capitão, dizendo que ElRey estava mui agastado, sendo tão amigo de Portuguezes, e desejando de lhes fazer honras, e gazalhados, não os quererem acceitar delle: que lhe fazia a saber, que aquelle Capitão que com elle pelejou estava prezo, porque o agravou, e offendeo em lugar de o servir, como lhe elle tinha mandado; e pera que visse o castigo que por isso lhe queria dar, lhe pedia entrasse pera dentro, pois não havia tempo pera fazer sua viagem. Alguns fo-

foram de parecer, que deviam acceitar aquelles cumprimentos, que pola ventura seriam verdadeiros, porque elles já não estavam pera mais, e que não podia haver tamanha maldade em hum homem, que tinha nome d'ElRey, que tratasse mal os homens, que o buscavam de paz, e confiados em sua palavra entravam em seu porto. Simão de Sousa lhes disse que se não fiassem daquillo que diziam, porque aquelle barbaro era o mais cruel, falso, e fementido Mouro, que havia em toda a India, e que entendessem que se os acolhia, os havia de martyrizar: que muito melhor lhes era, pois haviam de morrer, ser antes com as armas nas mãos, vingando bem suas mortes; e que quando não pudessem salvar as vidas, o fariam as almas, que Deos por sua misericordia lhes receberia, pois acabavam pelejando por sua Santa Fé. Animados todos com estas palavras, disseram que o seguiriam em tudo, e logo se puzeram em armas. O Capitão mór da Armada fez aquella diligencia, tanto por recear acontecer-lhe outro desbarate, qual o passado, quanto por lhe encommendar ElRey muito que lhe levasse todos aquelles Portuguezes vivos, do que elle hia desconfiado, porque bem sabia que elles não se entregavam a ninguem senão despedaçados. E vendo que os não podia

le-

levar por cumprimentos, investio a galé por todas as partes com tamanho estrondo, que puderam espantar muitos homens, e muitos navios, dando muitas, e mui apressadas salvas de artilheria, e de arcabuzaria; mas os nossos como estavam determinados a morrerem, postos em seus lugares rebatêram os inimigos, que queriam entrar a galé, dando com huma somma delles ao mar bem escandalizados; mas como as lancharas eram muitas, e os inimigos tantos, que no lugar donde cahiam dez se punham trinta, a pezar dos golpes dos nossos entráram huns poucos na galé, que logo foram atassalhados, porque não achavam homens, senão leões, que remettiam com elles aos dentes pera os comerem, fazendo aquelles poucos, e cansados homens tamanhas cavallerias, que de cada hum delles se puderam encher muitos capitulos, quanto mais de tantos, que nós abbreviamos neste pequeno, por nos faltarem palavras pera os engrandecer, como merecem. Os que estavam feridos do dia dantes, como homens escandalizados, não davam golpes, que não cortassem pernas, braços, cabeças pelo meio, não lhes dando cousa alguma de se lhes renovarem as feridas com outras de novo, que o furor lhes não deixava sentir. E posto que (como dissemos) todos fizeram tanto,

to, Simão de Sousa, e Manoel de Sousa andavam taes, e tão encarniçados dos inimigos, fazendo tão espantosas façanhas, que deixavam muitos Mouros de pelejar pelos olhar, porque não podiam crer, com o verem que em braços humanos havia tantas forças, nem em homens mortaes tão pouco receio da morte; porque onde elles viam mór perigo, alli se arremeçavam, cortando, ferindo, e destruindo tudo a que chegavam. Durou isto tempo de quasi tres horas, em que os nossos assi os escandalizáram, que se começáram a alargar da galé, ficando todos taes, que se não podiam menear, sendo já alguns mortos, e todos os mais feridos em muitas partes. Indo-se já os Mouros affastando, pasmados do que víram, permittio Deos que se desaferrolhasse hum Mouro, que andava a banco na galé, que se lançou ao mar, e foi ferrar huma lanchara, indo já affastada, e disse aos Achens que porque deixavam aquella galé, que os mais dos Portuguezes eram mortos, e todos os outros tão feridos, que não escapariam. ElRey, que estava da terra vendo a briga, não fazia senão cevar os seus com mais gente; e vendo affastar as lancharas, lhes mandou outras de refresco, com o que tornáram a voltar, e investíram a galé, não achando os nossos no estado em que o Mou-

ro lhes pintou, senão tão vivos, e espertos, como da primeira vez; e postos em defensão da galé, pelejando como desesperados, faziam novas façanhas: mas como o partido era tão desigual, e muitos dos inimigos que vinham de refresco, apertáram tanto que entráram á galé, não sendo mais os que pudessem pelejar que Simão de Sousa, Manoel de Sousa, D. Antonio de Castro, Antonio Caldeira, e Jorge de Abreu, todos homens Fidalgos (que tinham feito obras memoraveis, e dignas de se recitarem por espanto) que todos tinham mortalissimas feridas. E como estes que entráram de tropel eram mais de trezentos, foram levando estes Fidalgos até o pé do masto, fazendo todos cousas façanhosas. Aqui pregáram as mãos com huma frécha a D. Antonio de Castro na hastia de huma chussa com que pelejava, que tinha ensopada nas barrigas de mais de quarenta daquella seita: e com as mãos encravadas pelejou hum pouco como hum leão, mas com as forças das pancadas se lhe foi tanto sangue, que cahio morto. Os outros ficáram tendo o impeto aos inimigos, matando nelles como se foram mosquitos: e tão grande medo lhes tinham todos, que não ousando chegar a elles, de longe os combatiam com lanças, e dardos darremesso, de que hum deo pelos peitos a

Si-

Simão de Sousa, que rompendo-lhe as armas o passou de parte a parte, cahindo logo morto. Aqui acabáram de morrer em serviço de Deos, e d'ElRey quatro filhos de Duarte Galvão, Jorge Galvão, Manoel Galvão, Ruy Galvão, e este esforçado Cavalleiro Simão de Sousa Galvão, que veio ter o fim tão peculiar a elle. Os tres que ficáram estavam já em estado, que de não poderem menear as armas se rendêram, ficando os inimigos senhores da galé, em que acháram ainda vinte e sinco dos nossos vivos, estirados, e cheios todos de muitas feridas. Esta foi a maior, e mais bem pelejada briga no mar (com tão grande desigualdade) que lemos, nem ouvimos, e certo que se pudera este successo contar entre os casos famosos do Mundo, e muito mais pera louvar, e engrandecer, que o daquelles Heroes que acompanháram à Jasão, que as fabulas tanto louváram, e alevantáram. Os Mouros magoados de verem alli tantos parentes, e amigos seus mortos das mãos dos nossos, quizeram vingar-se nos que ainda estavam palpitando; mas acudio a isso o seu Capitão, que lhes tirou das mãos, porque desejou muito de os levar assi vivos. ElRey esteve vendo como entrava a galé, desembarcando o Capitão, mandando levar os nossos ás costas dos seus (porque se não po-

diam bolir) lhos apreſentou. ElRey por diſſimular ſua maldade moſtrou pezar-lhe de os ver tão maltratados, e ſentio a morte de Simão de Souſa: e mandando recolher os feridos, pera que os curaſſem, lhes diſſe, que como ſaraſſem, elegeſſem entre ſi hum, pera que foſſe a Malaca dizer ao Capitão, que mandaſſe buſcar a galé, e aos mais companheiros, porque deſejava muito de ter paz, e amizade com os Portuguezes, mandando ter delles muito bom cuidado, porque queria ver ſe com aquelles podia caçar outros.

CAPITULO VIII.

De como Gonçalo Gomes de Azevedo, que hia pera Maluco, chegou a Banda, e do que alli paſſou com D. Garcia Henriques: e de como chegou a Tidore Alvaro de Sayavedra Ceron, que partio da nova Heſpanha, e do que aconteceo a D. Jorge com elle.

PArtido de Malaca Gonçalo Gomes de Azevedo com o ſoccorro pera Maluco, como atrás contámos, foi com bom tempo tomar a Ilha de Banda, onde achou ainda D. Garcia Henriques, que eſtava com tranqueira, e em terra, que o recebeo bem, e ſe agazalhou em outra tranqueira, que mandou

dou fazer, pera onde ſe paſſou Manoel Falcão, porque deſejava de ſe tornar pera Maluco, e ſoldar-ſe com D. Jorge, dando-lhe conta de tudo o que era paſſado antre aquelles dous Fidalgos, de que elle ficou mui eſcandalizado de D. Garcia. Poucos dias depois chegou Vicente da Fonſeca, que hia pera Malaca com as cartas de D. Jorge, com os autos, e papeis contra D. Garcia, e foi agazalhar-ſe com Gonçalo Gomes, a que tambem contou ao que hia pera Malaca, requerendo-lhe que prendeſſe D. Garcia, do que ſe elle eſcuſou; mas diſſe que lhe tomaria o navio por ſer da obrigação da fortaleza. Iſto ſe começou logo a romper, o que D. Garcia não pode crer. Tanto que foi tempo de ir pera Maluco, foi-ſe Gonçalo Gomes deſpedir de D. Garcia, que foi com elle até a praia, e embarcado nos batéis chegou ás náos, e prepaſſando pela de D. Garcia, lhe metteo dentro Ruy Figueira com alguns Portuguezes, que fez logo levar a amarra, e deo á véla juntamente com Gonçalo Gomes. D. Garcia, que andava ſobre aviſo, e tinha já enſaiado o meſtre do que havia de fazer, e eſtava preſtes com alguns batéis, em que logo ſe embarcou, foi demandar a náo, que ficava detrás por artificio do meſtre, que deo com ella por davante. Vendo Ruy Figueira vir os

os batéis, entendeo o negocio, e capeou a Gonçalo Gomes que hia diante, que voltou, e vendo ir os batéis, lhes atirou com hum camelo, que foi dar em hum delles, em que hia Manoel Lobo, e lhe matou alguns remeiros. Ruy Figueira acudio ás vélas, e as fez preparar, e tornou a náo a seu caminho, com o que D. Garcia se tornou muito triste, e magoado, havendo aquillo além de perda, por affronta mui grande. As náos foram sua derrota, em que os deixaremos, por continuar com D. Jorge. Depois de D. Garcia embarcado, ficou continuando na guerra contra os Castelhanos, a quem os Reys de Tidore, e Geilolo favoreciam, e ajudavam, lançando suas Armadas no mar, com que defendiam os mantimentos, que hiam pera a nossa fortaleza, com o que a puzeram em muito grande aperto. E pera pôr os nossos em mór cuidado, chegou a Tidore hum navio de Castelhanos, de que era Capitão Alvaro de Sayavedra, que tinha partido da Nova Hespanha por mandado de Fernão Cortés, cujo parente era, porque se lhe offereceo a descubrir dalli Maluco. Partio dia de Todos os Santos do anno de mil quinhentos e vinte sete com tres navios, de que desapparecêram dous, sem se saber onde, nem como. Este chegou a salvamento pera dar tantos

tra-

trabalhos áquella fortaleza, e foi o primeiro navio, que da nova Hespanha navegou pera Maluco, e poz no caminho tres mezes pelas grandes correntes d'aguas, que achou per antre aquellas Ilhas em seu favor. Foi este soccorro muito festejado dos seus, e ainda mais o estimáram, por saberem a navegação daquellas Ilhas pera a nova Hespanha, porque assi podiam brevemente ser soccorridos: e assi ficáram tão soberbos, que houveram que tinham pouco que fazer em tomarem a fortaleza. E logo os Reys de Geilolo, e Tidore negociáram suas Armadas pera irem tomar a Ilha de Moũtel, que era d'ElRey de Ternate, do que foram avisados os seus sangajes, e moradores, e mandáram pedir soccorro a Cachil Daroez. Dom Jorge mandou em sua companhia Fernão Baldaya por Capitão da galeota nova, que já estava acabada, e lhe deo trinta e sinco Portuguezes, e regimento a Daroez que andasse no mar da Ilha de Moutel pera a de Maquiem, e que fizessem aos inimigos toda a guerra que pudessem. Desta Armada foram os Castelhanos avisados: e Fernão de la Torre mandou logo Alvaro de Sayavedra na galeota nova que tambem fez, com quarenta Castelhanos, e no caminho de Moutel se encontrou com Fernão Baldaya, que hia apartado de Cachil Daroez; e co-

e como ambos eram esforçados Cavalleiros, logo se commettêram desparando primeiro sua surriada de bombardadas. E envestindo-se, começáram huma mui travada batalha, e nos primeiros encontros matáram Fernão Baldaya com oito Portuguezes; os mais (que era gente muito coitada) logo se rendêram aos Castelhanos, tanto que se víram sem Capitão. Sayavedra se recolheo com a galeota, levando sinco mortos, e todos os mais feridos, e em Tidore foi recebido com muita festa, e affirmavam os homens de Maluco que houveram os Castelhanos esta vitoria por culpa do nosso Condestabre, porque não metteo pelouro no camelo da coxia, ou por esquecimento, ou peitado. Este ruim successo sentio muito D. Jorge, porque lhe não ficavam na fortaleza mais de sincoenta Portuguezes. Cachil Daroez havendo-se por tão affrontado daquelle caso succeder estando elle ausente, de anojado deixou a Armada em Moutel, e se foi a Ternate. Foi isto aos quatro de Maio; e aos oito, quando os nossos estavam mais desconfiados, chegou Vicente da Fonseca, (que se tornou com o soccorro que achou em Banda,) e deo novas ao Capitão da vinda de Gonçalo Gomes de Azevedo, e do que passára com D. Garcia. Fernão de la Torre, tanto que soube do soccorro, determi-

nou

nou de o mandar eſperar ao caminho, e armou pera iſſo as duas galeotas, e hum bargantim, em que mandou embarcar Sayavedra com cento e vinte homens. Gonçalo Gomes vindo ſua derrota chegou á Ilha de Bachão, e vio-ſe com aquelle Rey, de quem ſoube o eſtado em que a noſſa fortaleza eſtava; e deixando alli Manoel Falcão, até que o ſaneaſſe com D. Jorge, foi ſeguindo ſua jornada. E indo na volta de Ternate, houve viſta da Armada Caſtelhana, que logo conheceo, e mandou embandeirar o ſeu navio, por lhe moſtrar o alvoroço, que tinha de ſe encontrar com elles, porque viſſem o pouco que os receava; e pondo-ſe em armas com ambos os navios juntos, tocando ſeus inſtrumentos de guerra, os foi demandar. Sayavedra vendo tanta confiança, foi paſſando de largo, tocando as trombetas, como que o ſalvava. Gonçalo Gomes ſem fazer caſo mais delles foi ſurgir em Ternate no porto de Talangame, e dalli ſe paſſou á fortaleza, onde foi mui bem recebido de D. Jorge, que logo lhe entregou a capitanía mór do mar, e a Alcaidaria mór da fortaleza; e ſabendo de D. Jorge o damno que tinha recebido dos Caſtelhanos, pareceo-lhe bem tratarem de pazes, e aſſi o aconſelhou a D. Jorge, pelo que enviou hum Cavalleiro honrado a Fernão de la Torre,

re, mandando-lhe dizer, que ſempre deſejára de ter com elle paz, e amizade, aſſi por ſerem Chriſtãos, como por vaſſallos do Emperador, tão liado em parenteſco com ElRey de Portugal, e que já agora podia cuidar que não commettia aquellas amizades por neceſſidades que tiveſſe, pois eſtava com ſoccorro freſco; mas porque lhe parecia ſerviço de Deos, e d'ElRey eſtarem amigos: que ſe quizeſſe acceitar as pazes com aquelles apontamentos, que lhe mandava, eſtava preſtes pera as fazer, ſenão que de todas as perdas, males, e damnos, que da guerra ſuccedeſſem, daria conta ao Emperador. Fernão de la Torre recebeo bem a Jorge Goterres, (que aſſi ſe chamava aquelle Cavalleiro,) e vio os apontamentos, que eram os ſeguintes. » Que Dom » Jorge era contente de fazer pazes com os » Reys de Tidore, e Geilolo por amor de » Fernão de la Torre, e que daria hum Caſ» telhano, que lá eſtava cativo do tempo de » D. Garcia, e que Fernão de la Torre lhe » havia de dar todos os Portuguezes, que fo» ram cativos na galeota, e tornar-lhe a me» tade da Ilha de Maquiem, e que não aju» daria aquelles Reys contra elle: e que os » Portuguezes, e Caſtelhanos, que ſe paſſaſ» ſem de huma parte pera outra, não ſendo » por caſo crime, ſe entregaſſem, e o meſ-

» mo

» mo os efcravos: e que Cachil Daroez, e » ElRey de Bachão não fariam mais guerra » aos Reys de Tidore. » Fernão de la Torre confentio em tudo, fómente na reftituição da metade da Ilha de Maquiem, porque dizia que era já do Emperador, e fem fua licença o não podia fazer. Jorge Goterres refpondeo, que pois affi era, que ficaffe como dantes; e defpedindo-fe delle fe foi pera Ternate, ficando a guerra aberta. Vendo D. Jorge que Fernão de la Torre eftava alterado, determinou de lhe fazer toda a que pudeffe, em que fobre efteve, porque entendeo em Gonçalo Gomes de Azevedo Capitão mór do mar, que mais folgaria de fazer cravo, que guerra: e que pelos poderes que levava, o não podia obrigar a coufa alguma. E por fe não vir depois a achar em faltas, defpedio Simão de Vera em hum navio com as cartas, e papeis contra D. Garcia, que eram os que Vicente da Fonfeca tornou a trazer, pedindo affi ao Capitão de Malaca, como ao Governador da India, que o foccorreffe com gente, navios, roupas, e munições, dando-lhes conta do eftado em que aquella fortaleza eftava. Simão de Vera fe fez á véla, e foi tomar a Ilha de Mindanao pera tomar mantimentos, e alli foi morto pelos da terra, e quantos hiam com elle. Fernão de

la

la Torre foi logo avifado do navio, que D. Jorge mandava a pedir foccorro, pelo que tambem defpedio Sayavedra na fua naveta pera a nova Hefpanha, efcrevendo aquelle Vifo-Rey o eftado em que ficava, pedindo-lhe foccorro. E pera teftemunhas das vitorias, que tinha havido dos noffos mandou embarcar com elle alguns dos Portuguezes, que foram cativos na galeota, em que entrava hum Fernão Moreira, patrão da ribeira, hum Comitre, e hum Efcrivão do público judicial da fortaleza, e outros dous, que por fuas vontades quizeram ir naquella jornada, hum chamado Simão de Brito Patalim, e outro Bernardo Cordeiro. Sayavedra fe fez á véla a quatorze de Junho, e fazendo fua derrota foi tomar a Ilha Hamei, cento e fetenta leguas de Tidore, onde furgio pera fazer agua, e lenha. Os noffos que hiam contra fuas vontades, determináram de lhe queimar o navio, porque não pudeffe ir á nova Hefpanha: e não podendo achar commodo pera iffo, furtáram huma noite o batel, e com quatro efcravos, que tomáram da náo, fe foram caminhando pera Ternate, de Ilha em Ilha, foffrendo tantas fomes, trabalhos, e infortunios, que de canfados fe deixáram ficar tres delles em huma daquellas Ilhas: os outros tres foram feguindo fua derrota

até

até chegarem á Ilha Grandij do ſenhorio de Tidore, onde foram conhecidos, prezos, e mandados a Fernão de la Torre, que ſabendo quem eram, os mandou metter a tormento, e confeſſando o que paſſava, mandou degollar Simão de Brito Patalim, e enforcar Fernão Moreira, o outro ficou cativo. Deſtas couſas teve aviſo D. Jorge, que ſentio muito, e quiz fazer guerra aos Caſtelhanos; mas Gonçalo Gomes de Azevedo ſe eſcuſou diſſo, porque não tratou mais que de cravo, e largou os cargos, pera que os proveſſe em quem quizeſſe, ficando como mercador particular, forrandoſe de todas as obrigações. D. Jorge deo os cargos a hum Leonel de Lima, que fez tambem tanto como o outro: pelo que ficou pairando até lhe vir o ſoccorro que mandava pedir. Alvaro de Sayavedra vendo-ſe ſem batel, eſteve a riſco de ſe tornar, mas commetteo a jornada até tomar humas Ilhas, que por terem muitas arvores, e ſerem freſcas, lhe poz nome Bel-jardim, que eſtam em altura de dez gráos do Norte, quaſi duzentas e ſincoenta leguas donde tinha partido. Os naturaes daqui são homens alvos, de olhos pequenos, poucas barbas; parecem-ſe muito com os Chins, e preſume-ſe que ſe perderia alli algum junco ſeu, e que a gente ficaria na terra, de

que

que ſe veio a povoar muito, (porque todos trazem comſigo ſuas mulheres per onde vam;) e como ficáram naquellas Ilhas ſem converſação, fizeram-ſe os que delles procedêram tão barbaros, que pareciam ſalvagens. Não havia naquellas Ilhas criação de aves, nem de gados; veſtiam huns pannos que faziam de hervas: não tinham ferro, porque em ſeu lugar uſavam de caſcas de amexas, e de oſtras, com que cortavam as couſas que queriam: peſcavam em humas almadias de madeira de pinho, de que havia muitas nas Ilhas: o ſeu pão eram cocos ſeccos ao Sol, a que na India commummente chamão copra. Comião hervas pizadas, e não uſavam fogo, porque nunca o víram, ſenão depois que eſtes da companhia de Sayavedra lho enſináram a fazer, e comêram até então o peixe crú. Sayavedra deixou-ſe ficar alli alguns dias, em que lhe entráram os Ponentes, com que foi forçado arribar a Maluco, como adiante diremos. Certo que são muito pera conſiderar eſtas couſas, e parece que foi permiſsão Divina o máo fim que tiveram eſtes dous homens que hiam pedir ſoccorro, o Sayavedra, e o Simão de Vera, hum por parte dos Portuguezes, e outro da dos Caſtelhanos: no que moſtrou Deos clariſſimamente quão deſervido era daquellas guerras, que

huns

huns Chriſtãos faziam a outros, entre o mais apartado paganiſmo do Oriente, e onde a lei de Mafamede ſe começava a atear, e que depois accendeo tamanhas labaredas por aquellas partes: mas eſtes aviſos de Deos não deixa entender a cubiça humana, que ſempre mede as couſas mais por ſeu appetite, que por razão. Deixando eſta materia, tornemos a D. Garcia Henriques, que eſtava em Banda. Tanto que Gonçalo Gomes de Azevedo ſe partio, elle ſe embarcou em hum junco, e foi ſua derrota pera Malaca: no caminho tomou huma embarcação de Mouros Jaos com alguma fazenda, e chegando a Malaca, antes de ſurgir, mandou pedir ſeguro a Pero de Faria pera elle, e pera todos os que hiam com elle, pelo negocio de D. Jorge que lhe elle mandou, e deſembarcando em terra, lhes tomou a fazenda a todos, dizendo que elle lhes não ſegurára mais que as peſſoas, mas depois lha tornou com fiança de ſe apreſentar em Goa, o que lhe concedeo por acudir a huma briga de Amoucos, que em Malaca houve, que elle apazigou com morte de oito.

CA-

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a Antonio de Miranda, que invernou em Ormuz: e de como Diogo de Mesquita foi cativo da Armada de Cambaya, e foi mettido em huma bombarda, pera que se fizesse Mouro, e da grande constancia que teve: e de como esta Armada pelejou com Henrique de Macedo, e da brava batalha que tiveram.

RE colhido, como atrás dissemos, Antonio de Miranda de Azevedo pera Ormuz com as prezas que tinha tomadas, mandou vender toda a fazenda das náos que tomou, em que se fizeram sessenta mil cruzados: pagou aos soldados, e deo-lhes mezas. Como entrou Agosto foi-se a Mascate, e negociou a Armada toda, com que se fez á véla pera ir esperar as náos de Méca (que haviam de ir pera Cambaya) na paragem da ponta de Dio, onde todas vam demandar. E fazendo sua jornada, tanto que deo na costa da India, achou o tempo tão grosso, que não se atreveo andar ao pairo, porque o comiam os mares. E fazendo sinal á frota foi-se na volta de Chaul, pera onde todos o seguíram. Sómente Henrique de Macedo, e Antonio da Sil-

Silva, que se deixáram ficar na paragem de Dio por soffrerem melhor o pairo. Os da Armada de Antonio de Miranda hiam trabalhados: o Camorim pequeno, de que era Capitão Lopo de Mesquita, desvioú-se da Armada, e os ventos, e aguas o leváram á enseada de Cambaya com mares que os comiam, onde quiz a Fortuna que encontrasse huma náo de Mouros mui bem artilhada, que trazia duzentos homens de peleja, que tambem hia correndo com tempo, levando hum bolso de véla, com que hia demandando Surrate. Lopo de Mesquita, posto que não tinha mais de trinta soldados, armou-se, e dando o traquete foi demandar a náo, e a investio, e da primeira pancada que lhe deo se lançáram dentro Lopo de Mesquita, e Diogo de Mesquita seu irmão com alguns vinte soldados, que foram recebidos dos inimigos com muito esforço, travando-se dentro huma bem formosa batalha. As náos como estavam asidas huma da outra, davam tamanhas pancadas com os mares que eram banzeiros, que abríram por algumas partes, por onde começáram a fazer muita agua: e sempre se desfizera huma com a outra, se com a força não quebrára a balroa com que estavam prezas, com o que se apartáram cada huma pera sua parte, ficando Lopo de Mesqui-

quita com os ſeus pelejando na náo dos inimigos com muito valor, ferindo, e matando nos Mouros cruelmente. Os do galeão não puderam tornar a ferrar a náo, e foi-lhes forçado (pela muita agua que faziam) dar á véla pera Chaul. Os que ficavam na náo vendo que ſua ſalvação eſtava em ſeus braços depois de Deos, determináram de ſe livrar por elles, pelejando como leões famintos, fazendo tamanha deſtruição nos Mouros, que depois de terem os mais delles mortos, e os outros feridos, entregáram-ſe-lhe, ficando os noſſos tambem com muitas feridas. A náo com a muita agua que fazia hia-ſe ao fundo, a que os noſſos acudíram, huns ás bombas, outros a tapar os buracos, mas a couſa hia em creſcimento: pelo que Lopo de Meſquita mandou a ſeu irmão Diogo de Meſquita, que ſe metteſſe no batel com alguns Portuguezes com elle, e mandou metter muitos caixões de ouro, e prata que a náo trazia; porque ſe ſe ella foſſe ao fundo, ſe ſalvaſſe aquillo, e não deixou de trabalhar por vencer a agua. Os do batel havendo que a náo não poderia deixar de ſe ir ao fundo, receando-ſe que os ſorveſſe com ella, e que os outros ſe quizeſſem metter no batel, que era pequeno, o que ſería cauſa de ſe perderem todos, affaſtáram-ſe da náo, e de-

e deram á véla, sem Diogo de Mesquita (que gritava tal não fizessem) lhe poder valer; e foram governando pera Chaul, fazendo-lhe Diogo de Mesquita seus requerimentos, e pedindo-lhe que o puzessem na náo onde ficava seu irmão, de que lhe aquelles deo muito pouco. Lopo de Mesquita que ficou na náo com outros tantos como hiam no batel, que seriam oito, ou dez, tanto trabalháram ajudados dos Mouros, que tomáram algumas aguas por partes, com que ficou a náo perá poder governar; e deram á véla pera Chaul, onde ao outro dia surgio, achando já alli Antonio de Miranda, que soube do que passava, e ficou muito agastado pelos do batel, que se não sabia delles. A fazenda desta náo se tirou, e vendeo, dando-se as partes aos soldados, e ficáram a ElRey forros mais de sessenta mil pardáos, a fóra o ouro, e prata que hia no batel, que montava mais. Os do batel, que tomáram o caminho de Chaul, quiz Deos pagar-lhes sua deshumanidade, (porque não cuidem que ha quem possa fugir a seus castigos,) e assi foram dar com a Armada de Dio, que já andava fóra, que seriam trinta e tres galeotas mui bem petrechadas, de que era Capitão mór hum valente Mouro chamado Alixá. Este vendo o batel se foi a elle, e o tomou, recolhen-

do-se com huma preza tão folgada, e que aos nossos custou tanto; e fazendo-se na volta de Dio, encontrou com o galeão de Henrique de Macedo, (que como já dissemos se deixou ficar com o de Antonio da Silva naquella paragem, de quem se tinha apartado com o tempo.) Alixá vendo o galeão, o rodeou com sua Armada, começando-o a bater com sua artilheria de camelos, e falcões de metal, de que trazia muitos. Henrique de Macedo negociou mui bem o seu galeão, repartindo o trabalho delle pelas pessoas de mais confiança, e recebeo os inimigos com muito animo, dando-lhes suas salvas com a artilheria que trazia léstes: com que lhes desapparelhou muitas das fustas por sima, porque como o galeão era alteroso, passavam-lhe os mais dos tiros por alto; por serem as galeotas rasteiras, que se mettiam debaixo da sua artilheria, batendo o galeão ao lume d'agua, por onde lhe abríram muitos rombos, e se houvera de ir ao fundo, se não fora a muita diligencia de Henrique de Macedo, que acudia a tudo com muita presteza, mandando tapar os buracos com colchas, colchões, e com outras cousas. A bateria dos inimigos era cada vez maior, e o galeão estava já todo desapparelhado, os mastos quebrados, as obras de sima desfeitas de sorte, que

fi-

ficava razo, e os nossos no convés descubertos a seus tiros, sem deixarem seus lugares, pelejando todos com muito valor: Henrique de Macedo corria o galeão de poppa á proa, animando, esforçando os seus, tendo em baixo alguns homens de muito recado com escravos, e marinheiros pera acudirem aos buracos que se abrissem. Todos este dia merecêram hum grandissimo louvor, porque com andarem feridos de rachas, e fréchadas, por huma parte pelejávam com suas espingardas, com que tinhám mortos muitos dos inimigos; e por outra ajudavam a bornear as pessas da artilheria, fazendo os mais delles o officio de bombardeiros, carregando as pessas, e atirando com ellas como se toda a vida o usáram, soffrendo, e pelejando como homens que se viam tão destroçados, e perdidos, e que queriam vender mui bem suas vidas. Alixá vendo o galeão todo arrazádo, determinou de o abalroar, e entrar, o que accommetteo com grándes gritas; mas custou-lhe caro este accommettimento, porque achou nos nossos tal resistencia, que com morte de muitos o fizéram affastar, e assi por outras algumas vezes que os tornáram a commetter. Durou esta briga quasi oito horas; sendo cada vez mais cruel, e apertada, estando os inimigos admirados

do

do trabalho, que os nossos tinham soffrído, e do novo animo com que, cada vez que os accommettiam, os achavam. Estando neste risco, e o Alixá determinado de os não largar até os render, soccorreo-os Deos com a chegada do galeão Reys Magos, de que era Capitão Antonio da Silva, que acudio ao tom das bombardadas, e vinha com as vélas dadas, e postos em armas; e vendo o nosso galeão tão piedoso, deo graças a Deos pela mercê que lhe fizera em o trazer aquelle tempo; e pera alegrar a todos, mandou com muito alvoroço tocar as trombetas, que começáram a tanger: *Alegrai-vos, alegrai-vos, que aqui vem os tres Reys Magos.* Chegando ás galeotas, metteo-se em meio dellas, e as começou a varejar com sua artilheria, em que fez mui bom emprego. Alixá tanto que vio o soccorro, tomando o remo em punho, se foi sahindo, e Antonio da Silva seguindo-o ás bombardadas, fazendo-lhe o Alixá sempre rosto com algumas galeotas, e atirando-lhe tambem muitos tiros, de que quiz a desaventura que acertasse hum Antonio da Silva, de que cahio morto, não perigando outrem no seu galeão. Os seus soldados ficáram muito tristes, e voltáram pera o outro galeão. E sabendo Henrique de Macedo tamanho desastre, o sentio em extre-

tre-

tremo; e porque o seu galeão não tinha mastos, deo-lhe os Reys Magos huma toa, e com muito trabalho o poz em Chaul tão destrocado, que não apparecia mais que hum pequeno de casco sobre a agua; e assi apparece ainda hoje das varandas da Igreja das Chagas em Goa, onde está esta batalha pintada, e cada anno se renova por memoravel. O Alixá se foi recolhendo pera Cambaya, onde chegou, e apresentou ao Sultão Badur os cativos, com que elle folgou muito. E como era fraco, e cruel, (cousas que sempre andam juntas,) e sobre tudo malissimo, mandando levar aos Portuguezes diante de si, os persuadio a se fazerem Mouros, apertando muito com Diogo de Mesquita, que soube ser homem Fidalgo, e grande Cavalleiro, do que elle sempre zombou, com lhe fazerem muito grandes promessas, e mimos. E vendo que por aqui o não vencia, o quiz fazer por tormentos que lhe mandou dar, de quem se elle moveo menos; o que visto pelo tyranno, mandou levar huma bombarda muito grossa, e o mandou metter nella, estando elle presente, a quem o Cavalleiro de Christo com grande constancia disse: *Fazè, cruel, o que quizeres, que eu por nenhum temor da morte hei de deixar a Fé de meu Senhor Jesus Christo, pela falsa, e menti-*

ro-

rósa lei de Mafamede: manda pôr o fogo; que a morte he breve, e eu gozarei dos bens eternos, que se não acabam. Tomára que o tormento fora maior, e mais cruel, e comprido, pera mostrar o gosto com que desejo de passar todos pela honra de meu Deos. Pasmado o Badur daquelle animo, e constancia, o mandou tirar da bombarda. Os mais companheiros convencidos daquella firmeza; não houve em algum delles, a quem promessas, e ameaças mudassem, e foram todos mettidos em huma cruel prizão, donde depois sahíram com honra, porque Deos não desampara os seus servos. E de Diogo de Mesquita sabemos que lhe deo ElRey D. João só por isto as fortalezas de Çofala, e Moçambique, como em outro lugar se verá.

CAPITULO X.

Do que aconteceo na jornada a Martim Affonso de Mello Juzarte: e de como se perdeo na costa de Bengala: e dos grandes trabalhos que passou até ser cativo.

COm todos os que no cabo do verão partíram pera fóra, temos continuado; sómente com Martim Affonso de Mello, que guardámos pera este lugar, por não con-

contarmos suas cousas por pedaços. Partido este Capitão de Goa, foi tomar a Ilha de Ceylão, como levava por regimento, pera soccorrer áquelle Rey da Cota, que estava já desapressado da Armada de Calecut; porque tanto que teve rebate da nossa, logo se recolheo, e o Madune levantou o cerco que tinha posto ao irmão. E porque a causa desta guerra, e a origem destes Reys adiante em principio da quinta Decada damos razão, por nos parecer alli melhor lugar, o deixamos agora. Estimou aquelle Rey da Cota este soccorro muito, e ficou mais obrigado ao serviço d'ElRey de Portugal, cujo vassallo era. Martim Affonso não tendo alli mais que fazer, deo á véla, e passou os baixos á outra banda, e foi invernar a Paleacate, onde mandou desarmar os navios, e concertallos, e alimpallos muito bem, pera na entrada de Agosto seguir sua jornada pera Malaca. O segredo della não pode estar tão cuberto, que se não viesse a romper pelos soldados, de que ficáram tão enfadados (cuidando que hiam ás prezas) que se amotináram, e alteráram, chegando a cousa a tanto, que tratáram de queimar a Armada pelo avorrecimento que tinham todos á jornada da Sunda: e assi lhe puzeram fogo, a que Martim Affonso acudio, e quiz Deos que o apagassem, sem

nun-

nunca se saber donde lhe veio. Vindo Agosto, embarcando-se Martim Affonso, deixáram-se ficar na terra muita parte dos seus soldados, e elle foi seguindo sua jornada. E por ter novas que na costa do Pegu andavam algumas fustas de Rumes, a foi demandar, e surgio na ponta de Nagramale, onde se deixou estar por ver se vinham as fustas dos Rumes dar com elle. Aqui lhe deo tamanho temporal, que não podendo soffrer a amarra, levantáram-se, e fôram correndo com os traquetes por onde cada hum pode. Ao outro dia achou-se Martim Affonso sem os navios, e como a tormenta cessou, tornou a voltar pera Negramale aos esperar. E navegando per antre humas Ilhas, deo a galé em hum baixo onde logo adornou. Castanheda diz que era caravela; mas nos livros velhos dos provimentos das Armadas deste tempo achámos nomeada galé, que naquelle tempo eram carracas na grandeza, e no pezo, e não se remavam mais que pera se revocarem. Martim Affonso teve tal tento, que por sentir reboliço na gente, poz cobro na bateira, e mandou metter nella André de Sousa, mandando-lhe que se affastasse, e não deixasse metter pessoa alguma dentro, porque tratou de ver se os podia salvar em jangadas, que logo mandou ordenar de páos, tavoas, e remos.

mos. E por ſer de noite eſcura, e medonha, com as pancadas acabou a galé de ſe abrir, ficando alguns pedaços grandes no ſecco, em que os Portuguezes ſe deixáram eſtar, fazendo-ſe preſtes alguns pera ſe lançarem ao mar, ao que lhes foi á mão Martim Affonſo, esforçando-os, e animando-os, affirmando-lhes que com o favor Divino elle trabalharia por ſalvar todos. E chamando a bateira, metteo-ſe nella, e recolheo hum, e hum, os que elle chamou, e depois de ſe encher, ficando ſó ſeis Portuguezes, e os eſcravos todos, ſe affaſtou por recear que ſe os tomava ſe perdeſſem, ficando os da galé pedindo miſericordia, com palavras piedoſiſſimas, que cortáram bem a Martim Affonſo; mas não pode fazer outra couſa, promettendo-lhes, que tanto que lançaſſe aquella gente numa terra que apparecia, tornaria a voltar por elles. E foram remando com muito trabalho até chegarem a huma Ilha, diſtancia de huma legua de caminho. E por ſer de noite, e o mar fazer grandes eſcarceos, temeo chegar-ſe a terra; e lançou dous marinheiros a nado, pera verem ſe havia alli praia, ou penedia, que não tornáram mais, nem ſe ſoube o que foi delles, pelo que tornou Martim Affonſo a voltar pera a galé, e tomou os Portuguezes que nella ficáram, e

tor-

tornou-se pera a terra, onde tomou conselho sobre o que faria, e assentou de se ir de longo della até Arracão; persuadindo, e esforçando a todos a soffrer os trabalhos da fome, e sede, porque não levavam mais que hum pouco de biscouto que puderam salvar, sem agua alguma; e todo aquelle dia por causa da sede não quizeram comer. E indo seu caminho houveram vista de huma aldea affastada da praia. Martim Affonso mandou á terra hum homem Fidalgo chamado Francisco da Cunha, e com elle hum João Fialho, pera irem á aldea ver se lhe queriam dar agua, e chegados a terra foram cativos dos naturaes, que á vista dos nossos os leváram amarrados. E porque o vento, e o mar crescia, e elles estavam sem agua, e havia dous dias que não bebêram, requerêram todos a Martim Affonso, que os lançasse em terra, porque antes queriam ser cativos, que morrerem á sede. Martim Affonso trabalhou de os tirar deste proposito, com os persuadir a soffrerem mais hum dia de trabalho até chegarem a Arracão, (que era terra onde os Portuguezes hiam todos os annos commutar, e vender;) mas elles sem ter respeito a cousa alguma se puzeram em desembarcar, o que Martim Affonso sentio muito, e fez grandes estremos. Visto este caso por alguns

Fi-

Fidalgos Cavalleiros, como Simão Ferreira, André de Sousa, Gonçalo de Mello, Nuno Freire, e outros dous Cavalleiros, lançáram-se da parte de Martim Affonso, e fizeram com os mais, que desistissem de seu proposito, e que se fossem até Arracão, e que permittiria Deos que achassem alguns dos navios de sua companhia, e assi foram correndo a costa. Os dous que alli ficáram foram depois resgatados com Francisco da Cunha, que viveo depois muitos annos no Algarve casado. O batel foi de longo da terra até darem em hum ribeiro, que sahia ao mar, de agua doce, de que mandou Martim Affonso encher huma jarra, ao que foram Diogo Pires Deça, e Nuno Fernandes Freire, com outros dous companheiros, porque Martim Affonso sempre se guardou de chegar a terra porque se não sahissem todos pelo risco a que se poriam. Alli foi ter com elles hum negro dos naturaes, com huma panella pequena de arroz cozido que lhe resgatáram, com que se recolhêram pera a embarcação, aonde se repartio por todos; e como eram perto de sessenta pessoas, coube a cada hum seu bocado, e com esse pouco de biscouto que tinham, como tiveram agua ficáram satisfeitos, e foram seu caminho com provisão na jarra, que era pequena, de que se

ſe não dava mais ração, que quanto ſe podia molhar o padar tres vezes ao dia. Com eſtes trabalhos chegáram a Arracão, e tomáram dous Ilheos que eſtavam á entrada, onde acháram logo na praia dous ſacos de biſcouto todo molhado, e hum caixão com alguns guingões dentro, e pareceo-lhes que ſería de algum dos navios de ſua companhia. Neſtes Ilhèos acháram agua roim, e ſalobra, e humas favas como as noſſas, humas verdes, e outras ſeccas, de que alguns comêram, e no meſmo inſtante lhes deo humas deſinterias, a que na India chamam corruptamente mordexim, havendo-ſe de chamar morxis, e a que os Arabios chamam ſachaiza, que he aquillo que Raſis chama ſahida, que he hum mal, que em vinte e quatro horas mata, cujos effeitos são ficar logo o pulſo ſubmerſo, muito delgado, com hum ſuor frio, com grande incendio por dentro, e ſede grandiſſima, os olhos mui ſumidos, grandes vomitos, em fim deixa a virtude natural tão derribada, que parece hum homem morto, como todos os que comêram as favas ficáram. Martim Affonſo acudio a eſte negocio, defendendo aos outros que as não comeſſem. E porque não havia com que remediar os pacientes, ficáram deitados por eſſa praia, eſperando pela hora em que eſpiraſſem. Mar-

tim

tim Affonſo anojado de ver dez, ou doze companheiros naquelle eſtado ſem lhes poder valer, toda a noite paſſeou, e o meſmo fizeram os ſãos. E andando Nuno Fernandes Freire, e Franciſco Mendes de longo da praia, porque fazia luar, vigiando ſe viam alguma embarcação, víram ſahir d'agua huma grande tartaruga, e baqueando-ſe, foram mui eſcondidamente apôs ella, até a verem recolher em huma parte onde tinha os ovos, e chegando a ella a tomáram com trabalho, e achàram duzentos ovos, que com muito alvoroço leváram a Martim Affonſo que os eſtimou muito, e logo mandou eſcalfar as gemas em huma bacineta de latão, que por acerto hia no batel, e elle com a ſua mão os foi dar aos doentes, que eſtavam taes que não ſentiam couſa alguma, e a tartaruga fazendo-a em pedaços a mandou cozer em hum capacete, de que todos comêram com eſſe pouco biſcouto que tinham. Com iſto cobráram os doentes algum alento. Ao outro dia tomáram outra tartaruga com outra ſomma de ovos, que ſe deram aos doentes, e com iſto ſaráram ſem perigar algum; no que ſe cumprio bem aquelle noſſo adagio antigo (que a quem Deos quer dar a vida, a agua da fonte lhe he mézinha.) Alli eſtiveram tres dias, e Martim Affonſo ſe em-

bar-

barcou com determinação de passar a Chatigão, porque hia alli hum companheiro que já estivera naquella Cidade, e navegando pera lá, foram tomar a praia de huma Cidade chamada Suquriá, de que era senhor hum Mouro chamado Codavascan. Alli estiveram tres dias comendo palmitos de que havia muitos. Codavascan foi logo avisado de sua chegada, e desejou de os haver, por se ajudar delles em huma guerra que tinha contra hum vizinho: e mandou a isso hum Capitão com duzentos homens que os tomáram, sem os nossos lhes poderem fugir, levando-os soltos com muitas promessas de honras, e mercês. Codavascan os recebeo mui bem, consolando-os de seus trabalhos, e que fizessem conta que estavam em Portugal, porque tudo se lhes daria de que tivessem necessidade; e que elle lhes promettia de os mandar pera a India; e deo cuidado a pessoas de recado que os agazalhassem, mandando-os logo vestir, porque hiam quasi nús. Ao outro dia que isto passou chegáram áquella barra duas fustas da companhia de Martim Affonso, de que eram Capitães Duarte Mendes de Vasconcellos, e João Coelho, que souberam de huns pescadores como alli tinham chegado huns poucos de Portuguezes que estavam na Cidade: pelo que lançáram em ter-

ra hum Negro em trajo dos naturaes pera ir ſaber quem eram, que fallou com Martim Affonſo, e ſabendo dos ſeus Capitães, ficou muito alvoroçado; e foi-ſe logo a Codavaſcan; e lhe pedio licença pera ſe ir, lembrando-lhe a promeſſa que lhe fizera. Codavaſcan lhe diſſe que lhe não negaria ir-ſe pera a India como lhes promettêra, mas que por então tinha neceſſidade de ſua ajuda pera contra hum vizinhō ſeu; e que mandaſſe recado aos Capitães dos navios que ſe deixaſſem eſtar, que elle os mandaria prover de tudo. Martim Affonſo os mandou aviſar do que paſſava, pedindo-lhes ſe deixaſſem ficar, como fizeram, mandando-lhes ElRey dar mantimentos, e logo ſe partio pera a guerra, dando armas aos noſſos, que levou pera guarda de ſua peſſoa. E vindo á batalha com o inimigo, fizeram Martim Affonſo, e os companheiros tamanhas cavallerias, que elles ſós desbaratáram os inimigos, e Codavaſcan lhe tomou a ſua Cidade; e terras, e recolheo-ſe vitorioſo. Martim Affonſo lhe pedio, que, pois o tinha ſervido no que queria, o deixaſſe embarcar nos ſeus navios, que os eſperavam por ſeu mandado; como todos os Mouros não amam a Chriſtão ſenão por neceſſidade, ou intereſſe, lhes diſſe, que ſe reſgataſſem, e que então os ſoltaria. Martim Af-

fonso ficou muito enfadado, dizendo-lhe que com que se havia de resgatar se estava alli perdido como elle via? que puzesse elle o preço ao resgate de todos, e mandasse com elle hum homem, que no primeiro porto de Portuguezes lho daria sem lhe faltar hum real. Codavascan zombou daquillo. Vendo Martim Affonso, e os mais aquella tyrannia, determináram de fugir, pera o que mandáram recado aos Capitães das fustas pelo mesmo Negro que lho trouxe dellas, em que lhes pedia, que em hum certo dia (que lhes limitáram) mandasse pelo rio assima algumas almadias até hum certo lugar pera os recolher. Vindo a noite aprazada sahíram de casa, porque não tinham guardas, e espalhados foram demandar o lugar das almadias, que era dalli a quatro leguas. O caminho era mui roim, e comprido, em que se perdêram alguns, que não tiveram outro remedio senão tornar-se pera a Cidade, onde entráram ainda de noite; e achando que não foram sentidos, se deitáram nas suas camas pera dissimulação, e antre estes era Diogo Pires Deça hum delles. Martim Affonso com os mais foram por diante, e como o caminho era pestifero, tardáram tanto, que lhes amanheceo nelle, e foi-lhes necessario embrenharem-se. Ao outro dia soube-se de sua fugida, e

man-

mandou Codavascan levar perante si Diogo Pires Deça, e os mais, a que perguntou pelos companheiros; elle lhe disse que não dera fé de cousa alguma, nem os achára menos, senão pela manhã quando acordára. Codavascan despedio logo quatrocentos hômens apôs Martim Affonso, e appellidando a terra foram dar com os nossos embrenhados, e os tomáram. Martim Affonso disse ao Capitão (cuidando que Codavascan lhes mandasse fazer algum mal) que elle só tinha a culpa daquella fugida, e não seus companheiros, porque como seu Capitão os levava, que se merecia castigo, que a elle só se désse. O Mouro lhe disse, que não se perturbasse, porque não havia culpa em pertender sua liberdade: que Codavascan não deixaria de lhe fazer muitos gasalhados, e de cumprir a palavra que lhe tinha dada. Estando nestas praticas, chegáram alguns Bramenes, e peitáram aquelles Mouros pera que lhes déssem hum dos Portuguezes pera o sacrificarem a seus Idolos, porque lhe tinham feito promettimento, que se lhos deparavam, de lhe sacrificarem hum delles. Hum Capitão dos Mouros lhe entregou hum Gonçalo Vaz de Mello, que nas guerras passadas tivera humas palavras, em que affrontára o Mouro, porque se quiz vingar delle. Martim Affonso

prometteo por elle grande resgate, mas não pode acabar com elles cousa alguma, e logo alli á vista de todos o degolláram, mostrando grandes actos de Christão, e muita firmeza na Fé de Christo. Do sangue deste, e de outros muitos Martyres estam todas as praias do Oriente banhadas, pelo que ainda ha Deos de permittir, que por todas ellas se vejam Templos levantados, onde elle seja venerado, e louvado. Martim Affonso ficou muito triste do caso, e assi foi levado com os mais a Codavascan, que o tornou a mandar pera sua casa, como dantes, sem mais prizão, dando-lhe todo o necessario. Vendo Martim Affonso que este negocio não tinha remedio, escreveo aos Capitães das fustas tudo o que lhe tinha acontecido, mandando-lhes huma carta pera o Governador, em que lhe pedia os mandasse resgatar, (como depois fez, mandando a isso hum Mouro chamado Coge Çabadim, que os trouxe a Goa já em tempo de Nuno da Cunha.) Dos mais navios da Armada de Martim Affonso não achámos em lembrança o que foi delles, nem Castanheda o diz; mas quanto a nós, a mór parte delles se perdêram.

DE-

DECADA QUARTA.
LIVRO V.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey D. João mandou por Governador da India Nuno da Cunha: e do que aconteceo na jornada.

PElas náos do anno de vinte e seis, que chegáram da India em Agosto de vinte e sete, de que eram Capitães Tristão Vaz da Veiga, Francisco de Anhaya, e outros, teve ElRey D. João novas das differenças dantre Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio; e assi mesmo por via de Veneza as teve da Armada que o Turco fazia, e mandava ordenar pera passar á India. E sendo-lhe necessario acudir áquellas cousas com huma grossa Armada, elegeo pera Governador da India Nuno da Cunha seu Veador da Fazenda, pessoa de muita confiança, e em quem concorriam as partes, que o cargo requeria, ordenando-lhe

on-

onze náos, e quasi, ou mui perto de quatro mil homens. Correo logo a fama, e por ser Armada contra Turcos, acudíram muitos Fidalgos, e Cavalleiros á Corte a se offerecerem a ElRey, despachando-os, e fazendo-lhes mercês a todos: mandando dar tanta pressa á Armada, que quando foi em Março, estava toda posta em Belém, onde ElRey foi estar alguns dias pera despachar muitas cousas. Alli deo a Nuno da Cunha grandes regimentos; cujos principaes pontos eram, que logo fizesse huma fortaleza na Ilha de Dio pera segurança da India, pera os Turcos não virem alli ter receptaculo, porque dariam grande oppressão ao Estado. E que assi mesmo fizesse outra no Reyno do Camorim, na parte que lhe melhor parecesse, pera ter enfreado aquelle Rey, e pera credito do Estado, em lugar da outra que D. Henrique largou de Calecut; e que lhe mandasse prezo Lopo Vaz de Sampaio, e lhe fizesse inventario de sua fazenda, que fosse em mãos de pessoas abonadas. Que se os Turcos passassem á India, ajuntasse todo o poder, e se puzesse na barra de Goa ao mar, até saber aonde hiam demandar, e que depois de saber onde os tinha seguros, fosse pelejar com elles; e outros da fazenda, e justiça, que não são da nossa historia. Embarcados todos, e

a Armada prestes pera dar á véla, faltou-lhes o tempo, por onde não pode sahir pera fóra senão aos dezoito de Abril deste anno de vinte e oito, em que Nuno da Cunha se fez á véla com onze náos, de que eram Capitães; elle, que hia embarcado na náo Rosa; Simão da Cunha Copeiro mór d'ElRey em Santa Maria do Castello; e Pero Vaz da Cunha Estribeiro mór d'ElRey irmãos do Governador na náo Santa Catharina. D. Fernando de Lima em Santa Maria do Espinheiro; Francisco de Mendoça em Santa Maria de Monserrate; Antonio de Saldanha em Santa Maria da Ajuda; Garcia de Sá na náo Vitoria, e hia provído da capitanía de Malaca; e Dom Francisco Deça, João de Freitas, Bernardim da Silveira, Affonso Vaz Zambujo. Nestas náos mandou ElRey duzentos mil cruzados em Portuguezes, e outras moedas pera as necessidades da India, e pera a carga, que hiam repartidos por todas as náos. Seguindo sua derrota, indo todas em conserva na volta das Canarias, a náo de Simão da Cunha, que hia por poppa da de João de Freitas, por se não querer desviar o seu Piloto (que nisto são todos mui teimosos) lhe deo duas pancadas tamanhas, que logo a abrio em dous pedaços, e por levarem o esquife em sima se lançou com mui-

muita pressa ao mar, onde se metteo João de Freitas com alguns que puderam, sobre o que houve muitas cutiladas, e mortes, e se foram pera a náo de Simão da Cunha, que logo amainou sentindo bem aquelle desastre, e mandou lançar o batel fóra pera recolher a gente, que andava já a nado onde perecêram muitos: entre estes foi hum homem casado, que na náo hia com sua mulher, e tres filhas moças, que vendo a náo aberta, abraçando-se todos sinco, com hum pranto piedosissimo, e gritos que penetravam os ares, assi liados todos se fo-ram com a náo ao fundo; expectaculo, que fez arrebentar a todos em lagrimas, com ter cada hum bem que chorar sua desaventura. Succedeo isto ás dez horas do dia, e foi tão supito, que as outras náos que hiam á vista não souberam de cousa alguma senão quando víram submergir-se a náo debaixo do mar, e acudindo todos com esquifes fóra salváram ainda muitos, e affogáram-se cento e sincoenta pessoas. Nuno da Cunha sentio em estremo este roim successo, e seguindo sua viagem foram todas as náos (tirando a de Bernardim da Silveira que se apartou) tomar a Ilha de Sant-Iago, onde fizeram aguada, e se provêram de mantimentos em duas caravélas que hiam carregadas delles pera isso. Dalli as

des-

despedio Nuno da Cunha com cartas pera ElRey, em que dava conta do successo da viagem até li. E tomando sua derrota dêram na costa de Guiné, onde acháram grandes calmarias: e por a náo de Antonio de Saldanha ir muito zorreira, e andar tão pouco, que toda a viagem foi Nuno da Cunha sem vélas de gavea por esperar por elle, lhe requerêram os Pilotos que a deixassem, porque melhor era perder huma náo viagem, que todas. Nuno da Cunha mandou disto recado a Antonio de Saldanha, e que trabalhasse por arrumar a náo, e compassar-se, porque lhe era necessario adiantar-se por não perder viagem. Antonio de Saldanha lhe mandou dizer, que se fosse muito embora, que elle trabalharia tudo o que pudesse por ver se havia remedio no andar da náo. Com isto deo Nuno da Cunha com as outras náos os traquetes, e em pouco tempo desapparecêram. Antonio de Saldanha ficou triste, e todos os da náo por se verem alli ficar sós. Hia com elle embarcado o pai de Fernão Lopes de Castanheda, que ElRey mandava á India pera escrever os feitos daquellas partes, porque foi Rey que se não contentou de pagar a seus Vassallos os muitos serviços que nellas lhe fizeram, com outras muitas honras, e mercês, mas ainda com lhes ordenar,

nar, que vivessem perpetuamente por fama na escritura. Este homem andou na India quasi dez annos, correndo a mór parte della, até chegar a Maluco, escrevendo as cousas daquelle tempo mui diligentemente, que recopilou em dez livros, acabando o seu decimo com o Governador D. João de Castro. Este volume nos disseram algumas pessoas dignas de fé que ElRey D. João mandára recolher a requerimento de alguns Fidalgos, que se acháram naquelle raro, e espantoso cerco, porque fallava nelle verdades. A estes, e a outros riscos se põem os escritores, que as escrevem em quanto vivem os homens de quem o fazem; e por isso com menos receio escrevemos as cousas passadas (como ElRey nos mandou) que as presentes, que tambem temos escritas, e assi em humas, como em outras, nem por respeitos, nem por temor deixaremos de as fallar: e posto que tambem em algum tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro virá em que se ellas manifestem. E tornando a Antonio de Saldanha, os Officiaes da sua náo andáram vendo donde nascia o defeito della, mudando humas vezes a carga á proa, outras á poppa, andando com os mastos, ora a ré, ora avante, e tantas cousas destas fizeram até lhe acertarem o compasso; e começou a

náo

náo a andar dalli por diante muito differentemente; e ſeguindo ſua derrota, encontrou com a náo de D. Franciſco Deça, que ſe feſtejáram bem, acompanhando-ſe ſempre até irem na volta do Cabo de Boa Eſperança, onde encontráram as náos de Nuno da Cunha, de Pero Vaz da Cunha, de Dom Fernando de Lima, e a de Affonſo Vaz Zambujo, porque todas as mais eram eſpalhadas, indo cada huma ſeguindo ſua derrota, que logo contaremos. Nuno da Cunha, tanto que conheceo as náos, foi o ſeu alvoroço mui grande, e chegados á falla ſouberam o que lhes tinha acontecido, e aſſi todos juntos foram demandar o Cabo. No roſto delle, a ſeis de Julho, lhes deo tamanho temporal, que não podendo ſoffrer o pairo por ſerem os mares mui groſſos, e cruzados, foram arribando em popa com pequenos bolſos de véla, ſalvo Antonio de Saldanha, que por ter náo nova, pode ſoffrer o trabalho; dos mais foi cada hum correndo por onde melhor pode. Ao outro dia acalmou o vento, e Nuno da Cunha, e D. Fernando de Lima vindo á falla ſobre o que fariam, aſſentáram que foſſem por fóra da Ilha de S. Lourenço, porque era já tão tarde que por dentro não podiam paſſar á India. E ſeguindo ſeu caminho, eſtando já do Cabo pera dentro,

fo-

foram governando a Lesnordeste, pera se deitarem por fóra da Ilha, onde os deixaremos por continuarmos com as outras náos. D. Francisco Deça, Francisco de Mendoça, Affonso Vaz Zambujo, depois de passada a tormenta dobráram o Cabo, e tomáram o caminho por dentro, e foram demandar Moçambique, por irem faltos de agua, e mantimentos; e chegando áquelle porto ao entrar da barra, a náo de Affonso Vaz Zambujo deo na Ilha de S. Jorge, onde ficou pera sempre, salvando-se toda a gente, e por ser tarde ficáram alli invernando. Bernardim da Silveira, que ao sahir do Reyno se apartou logo, foi seguindo sua derrota, passando alguns temporaes, que lhe deram muito trabalho, e depois de dobrar o Cabo de Boa Esperança, indo demandar Moçambique, foi o seu Piloto encalhar no parcel de Çofala, onde se perdeo, affogando-se muita parte da gente, e a outra mais, que se salvou em terra, foi morta pelos Cafres, o que depois se soube por alguns da terra.

A-

CAPITULO II.

Do que ſuccedeo ás mais náos da companhia do Governador Nuno da Cunha: e de como elle ſe perdeo na Ilha de S. Lourenço: e do que aconteceo á gente da companhia de Manoel de Lacerda.

JÁ temos dado relação do ſucceſſo de ſinco náos, agora continuaremos com as mais; e como eſta viagem foi deſaſtrada, e teve varios ſucceſſos, he neceſſario que relatemos todos: e aſſi o faremos agora do que aconteceo á náo de Garcia de Sá, e á de Antonio de Saldanha, que de toda eſta Armada ellas ſós paſſáram á India. A náo de Garcia de Sá, depois que fez ſua aguada na Ilha de Sant-Iago, logo ſe apartou da conſerva, e foi ſeguindo ſua derrota, achando no roſto do Cabo o meſmo tempo que as outras, com que eſteve de todo perdida. Paſſado o Cabo foi tomando o caminho por fóra padecendo muitas fómes, ſedes, e infortunios, de que lhe morreo muita gente, e chegou a eſtado, que não havia na náo mais de huma pipa de agua, mas foi em paragem que ao outro dia houve viſta da coſta do Malavar, como adiante diremos. Antonio de Saldanha depois de paſſada a tormenta, que elle eſperou ao pai-

Capairo, foi ſeu caminho até dobrar o Cabo, achando muitos temporaes, e contraſtes, que lhe deràm bem de trabalho. E paſſando á viſta da Ilha de S. Lourenço na paragem do rio de Sant-Iago, onde eſtava a gente das náos de Manoel de Lacerda, e de Aleixo de Abreu, que ſe alli perdêram o anno paſſado, como diſſemos, onde todos tinham padecido graviſſimas fómes, e trabalhos, eſperando que Deos os ſoccorreſſe com alguma náo que por aquella paragem paſſaſſe, pera lhe fazerem ſinal, encommendando-ſe ao meſmo Deos em ſeus corações, pedindo-lhe os tiraſſe daquella terra: e como ſuas eſperanças eſtavam em elle trazer por alli alguma náo, não tiravam os olhos do mar, onde de continuo os eſtendiam por verem ſe viam vélas, e acertando de verem eſta de Antonio de Saldanha, em todos fez grande alvoroço, parecendo-lhes que já eſtavam remidos. E porque hia anoitecendo fizeram grandes fogos em cruzes, pera por elles moſtrarem aos da náo, que eſtava alli gente perdida, que foram logo viſtos de todos, e bem entendêram que eram Portuguezes os que lhe faziam aquelle ſinal; e tomando os traquetes, puzeram-ſe de noite á trinca. Como amanheceo foram na volta da terra a que não ouſáram de chegar por não ſer ſabida;

eſ-

esperando que da terra lhes viesse algum em alguma almadia com recado do que era : e assi affastando-se de noite da terra, e tornando a ella de dia, andáram alli oito, sem se determinarem a mandar o esquife á saber daquella gente, e no cabo dos oito dias dando-lhes hum tempo rijo desappparecêram. Os da terra ficáram desconsoladissimos tanto que deixáram de ver a náo, e tomando conselho sobre o que fariam, assentáram que se passassem á outra banda, assi porque lá teriam mais mantimentos, como por serem por lá as náos mais continuas, e poderiam ser vistos de algumas que se dispuzessem a tomallos, ou pela ventura achariam alguma embarcação da terra, em que se pudessem passar a Çofala, ou a Moçambique : fazendo dous esquadrões em que haveria trezentas pessoas, tomáram o caminho do sertão, ficando alli hum mancebo doente por não poder seguillos. Estes homens todos desapparecêram neste caminho, e até hoje se não soube delles cousa alguma, por onde parece que foram mortos pelos da terra; porque aquelles do sertão são barbarissimos, sendo o remate de todos seus trabalhos outros tanto maiores como foram os que lhes custáram as vidas. Vejam agora os Reys se ha na vida cousa com que se satisfaçam tamanhos trabalhos, como

seus

seus vassallos passam nesta Conquista da India: e que preço ha com que se pague hum só risco da morte, quanto mais tantos, quantos são os em que cada dia se vem, no mar tanta tormenta, e perigos; na terra tanto risco entre pelouros, e fogo: comendo mal, dormindo peior: pelejando todas as horas por honra de seu Deos, e de seu Rey. Por onde haviam de trabalhar, que os homens que fossem repartidores dos galardões, fossem aquelles que tem visto, e experimentado os mesmos riscos, e trabalhos, porque dem com compaixão, e não taxem com escaceza, tendo mais respeito aos merecimentos dos homens, que á pretenção que muitos tem de quererem valer com os Reys por hum muito mal entendido meio, como o de quererem accrescentar em sua fazenda; porque nunca ella cresce mais, que quando justamente se pagam merecimentos. Antonio de Saldanha foi seguindo sua derrota com tantos trabalhos, fómes, e sedes, que lhe morrêram sessenta homens, e lhe adoecêram quasi todos, indo mais de hum mez a quartilho de agua por dia a cada pessoa. E em fim de todos estes trabalhos, havendo-se cada dia por perdidos, foram a ferrar a costa da India, como adiante diremos. E tornando a Nuno da Cunha, e Pero Vaz

da

da Cunha, e D. Fernando de Lima, depois de passada a tormenta, foram sempre em companhia com roins tempos, e com calmarias que lhe deram, e com muito trabalho foram ferrar terra na Ilha de S. Lourenço, na paragem do rio de Sant-Iago, já no fim de Outubro, onde lhes foi forçado surgirem pera fazerem aguada, de que hiam muito faltos. O Governador Nuno da Cunha mandou o esquife a terra pera verem aonde havia agua, e sendo na praia, acudio a elle aquelle mancebo que atrás dissemos ficára da companhia de Manoel de Lacerda por doente, (que parece que ordenou Deos ficar alli pera se salvar.). Este tanto que vio o batel em terra, remetteo aos que hiam nelle cómo doudo abraçando-se com todos, chorando com prazer de os ver; e elles de dó, de o verem daquella maneira arrebentáram todos em lagrimas, e soluços, e tomando-o no batel o leváram a Nuno da Cunha, a cujos pés se lançou, contando-lhe sua desaventura, e a perdição daquellas duas náos; e como havia mez e meio que Manoel de Lacerda, e Aleixos de Abreu com todos os da sua companhia se partíram dalli desesperados de poderem alli vir náos tão cedo. Nuno da Cunha sentio muito a desaventura daquella gente, e houve-se por mofino em não chegar a tem-

po que os pudera ſalvar a todos, mandando a ſeus criados que agazalhaſſem bem aquelle moço, e o curaſſem, que depois viveo muitos annos caſado em Goa, e foi Meirinho. Nuno da Cunha, e os mais Capitães mandáram fazer aguada em abaſtança. E havendo quatro dias que alli eſtavam, deo-lhes hum temporal traveſsão tão rijo, que a náo de Nuno da Cunha, que eſtava ſobre huma ſó ancora, começou a caſſar pera a terra, e largando outra que deo ſobre pedra, foi logo cortada, e o meſmo fizeram outras até ſeis, que todas foram trincadas do rato, (fallando ao modo marinheiro,) de maneira, que foi a náo encalhar em terra ſobre hum areal, aonde ſe encheo de agua até a cuberta debaixo da ponte. As outras duas náos quiz Deos que tiveram amarras de cairo, que ſe não cortáram, e puderam ter, e ſoffrer o tempo, eſtando porém muito arriſcadas. Eſtavam a eſte tempo os batéis em terra fazendo aguada, e querendo acudir á náo, não puderam ſahir pera fóra, porque o vento fazia na boca do rio mui grandes eſcarceos. A gente da náo ficou toda ſobre os caſtellos, e na ponte, onde eſtiveram até o outro dia, andando Nuno da Cunha toda a noite vigiando, e mandando tirar aſſima o cofre do cabedal, e algumas couſas, que

mais

mais puderam, porque se não perdesse tudo. Ao outro dia acalmou o vento, e vieram os batéis, em que o Governador mandou embarcar o cofre, e a mais fazenda que pode, e a artilheria que hia por sima: e depois de ter recolhido o que havia, elle se passou com parte da gente pera a náo de seu irmão Pero Vaz da Cunha, e a outra mandou pera a de D. Fernando de Lima. Dalli se fizeram á véla, com tenção de se irem pôr dentro de Moçambique; tomando aquella derrota, em que os deixaremos por continuarmos com as cousas, que neste tempo succedêram na India, por guardarmos a ordem dos tempos.

CAPITULO III.

De huma Armada nossa, que partio de Cochim, e se perdeo no rio de Chatuá: e de como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio pera Cochim, e desbaratou huma grande Armada do Çamorim.

AFfonso Mexia Veador da Fazenda, que estava em Cochim, foi avisado que o Çamorim fazia algumas náos prestes pera mandar a Méca carregadas de pimenta, que tinha a carga em differentes rios, e querendo impedir que não sahissem pera fóra, armou com muita pressa treze navios

de remo, a cujos Capitães não achámos os nomes, e a oito de Setembro se fizeram á véla, e indo pera a costa de Calecút, deolhes huma tormenta, a que chamam a Vara de Choromandel, tão grossa, e grande, que deo com todos os navios á costa no rio de Chatua, sem escapar hum só; affogando-se a mór parte dos nossos, e os que se salváram em terra, delles foram mortos pela gente della; e delles cativos. Çamorim ficou soberbissimo com este successo, e mandou com muita pressa preparar huma grossa Armada, ajuntando todos os seus navios de seus portos, pera sahirem a dar guarda ás náos que havia de lançar fóra em fim de Setembro. Os Mouros de Cananor que estavam de pazes, com esta desaventura começáram-se a alterar. De tudo foi logo o Governador Lopo Vaz avisado, e com muita presteza despedio Simão de Mello em hum galeão, e seis fustas pera guarda daquella costa, e elle se ficou preparando pera acudir a ella em pessoa, primeiro que os movimentos dos Mouros de Cananor fossem por diante, esperando por Antonio de Miranda, que sabia que estava em Chaul, que não tardou muito. O Governador o recebeo muito bem, pedindolhe ficasse em Goa descançando dos trabalhos, e elle se fez á véla com seis galeões,

in-

indo elle embarcado em S. Diniz, e dos outros eram Capitães: Heitor da Silveira, Fernão Rodrigues Barbas, Lopo de Mesquita, Henrique de Macedo, e Antonio de Lemos da Trofa, a que deo o galeão Magos, que foi de Antonio da Silva, que as galeotas de Dio matáráin. Levava o Governador mais fete fuftas, de cujos Capitães não achámos os nomes de mais que de D. Triftão de Noronha. E fazendo fua jornada tanto ávante como monte Deli, achou Simão de Mello com fua Armada, de quem foube, como D. João Deça Capitão de Cananor lhe mandára recado, que em Tremapatão eftava huma frota do Çamorim de cento e trinta vélas, feffenta paraos bem artilhados, e as mais náos e pagueis de carga, que hiam pera Méca carregadas de drogas; e que os paraos lhe hiam dando guarda. Defta frota era Capitão hum Mouro, natural do Reyno de Tanor, chamado Cotiale, havido entre elles por homem fanto, que aquelle verão paffado tinha vindo de Méca de fe offerecer á cafa do feu Sancarrão. Tanto que o Governador foube efta nova, havendo confelho com aquelles Capitães, affentou-fe que fe lançaffem ao mar defronte de Cananor, que alli havia a frota de ir dar com elles, porque fe os tomaffem a terra haviam todos de fugir della.

la. O Governador mandou as fustas de longo da costa vigiar a Armada inimiga, e tanto que foi noite, surgio com os galeões, e mandou Serqueira o Malavar no seu navio, que era muito ligeiro, espiar os inimigos, e saber que derrota tomavam. Cotiale sabendo que Simão de Mello estava a monte Deli, não tendo ainda novas do Governador, determinou de ir pelejar com elle, e tomallo, e voltar sobre a fortaleza de Cananor, e commettella, havendo que seria facil levalla nas mãos, e vinha com toda aquella frota, que cubria o mar á véla. O Serqueira em a vendo voltou ao Governador, e lhe deo de noite a nova, e logo se preparou pera pelejar com elle, mandando recado aos galeões pera que se fizessem prestes. Cotiale de madrugada houve vista da Armada do Governador, e cuidando que era Simão de Mello, assi á véla como hia a foi demandar. Os nossos vendo tamanha frota ficáram embaraçados, porque tudo o que viam em tanto navio era multidão de gente que os cubria, muita, e grossa artilheria, que por suas proas apparecia, e muitas, e bastas armas de todas as sortes que reluziam; muitos, e muito differentes instrumentos de guerra que vinham tocando: em fim tantas carrancas, e ameaços de morte, que pudera espantar outra

mui-

muito maior Armada que aquella. O Governador chamou a si os Capitães, e lhes disse, que elle havia de pelejar com os inimigos, que se fizessem prestes. Alguns dos Capitães lhe disseram que pareceria temeridade, que o bom seria ajuntarem-se os galeões, e encadearem-se, e fazerem-se fortes pera se defenderem, se os inimigos os fossem commetter. Outros foram de parecer que pelejassem, porque os navios inimigos eram rasteiros, e que forçado haviam de receber muito damno. E baralhando-se o negocio em porfias, chegou Serqueira o Malavar, e como era muito esforçado, e sabia bem da guerra daquella costa, e conhecia aquelles Mouros, disse ao Governador: » Senhor, que esperais, que vagar he » este? Porque não commetteis aquelles ini» migos que vem chegando? Porque assi he » muito peior, que como são muitos, e se » vos sentirem, receio hão-vos de fazer » damno. Commettei os inimigos, que vem » espalhados por huma ilharga daquellas com » as fustas, e primeiro que os outros lhe » acudam, os desbaratareis, e chegaráõ os » galeões com a tormenta de sua artilheria, » e tudo faráõ franco. » Ao Governador pareceo-lhe bem, e levantando-se, disse: » Ora sus, hei de pelejar a elles com o » nome de Jesus; e quem quizer acompa-

» nhar

» nhar o seu Governador; e a bandeira de » seu Rey, siga-me.» E tomando huma espingarda ás costas saltou em huma fusta, de que era Capitão João Fernandes o Tafur, valente soldado, e dos do seu galeão saltáram com elle Ruy Vaz Pereira, Dom Sancho Manoel, João Rodrigues Pereira, Braz da Silva de Azevedo; Garcia de Mello, Duarte Coelho, Fernão da Silva, Nuno Pereira, André Casco de Evora, Manoel de Brito Cabral, Francisco de Bairros de Paiva, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. Embarcado o Governador, achou-se com treze fustas, porque áquella hora lhe chegáram tres de Cananor, cheias de muita, e boa gente, cujos Capitães eram Francisco Mendes de Braga, Martim da Silva, e Jorge Vaz, que D. João Deça lhe mandava de soccorro; porque tanto que teve vista da Armada do Governador, e vendo arrancar a do inimigo da terra, despedio os navios. De todos fez o Governador duas batalhas, ou alas, dando huma a Simão de Mello, a quem encommendou a dianteira; e com elle Lopo de Mesquita, e Fernão Rodrigues Barbas nos batéis de seus galeões, e nesta ordem foram demandar os inimigos, que vinham espalhados, e os commettêram por huma ponta, dando-lhes a primeira salva de bombardadas, de que des-

tro-

troçáram alguns, e sem quererem investir, tornáram a metter cargas nos falcões, e deram outra surriada, com que tambem mettêram alguns no fundo. Sete navios nossos investíram logo com outros tantos dos inimigos; sendo os primeiros que ferráram, Serquêira Malavar, Francisco Mendes de Braga, e Martim da Silva todos de Cananor. E deitando logo nos inimigos huma somma de panellas de polvora, os abrazáram de todo. O Governador com o seu terço chegou tambem áquella quadra, e deo sua salva, de que desbaratou muitos, e ferrou com outros com muito animo, sendo elle dos primeiros que os investíram, e tal pressa lhes deo, que rendeo toda aquella quadra, primeiro que Cotiale lhe soccorresse. Os galeões hiam em meio da Armada, ficando-lhe toda a inimiga descuberta, com que tiveram lugar pera jogarem com sua artilheria; e como a Armada vinha muito estendida, e a nossa pelejava em huma das quadras, empregáram seus tiros de maneira, que mettêram muitas náos no fundo. Os nossos tinham já axorados mais de vinte navios; e vendo os mais tamanho damno, começáram-se a desmandar, e recolher pera a terra. Andava já neste tempo o mar coalhado de corpos mortos, e os galeões já baralhados com as náos inimi-
gas.

gas. Durou isto até ó meio dia que a viração começou a ventar, com que os inimigos deram á véla, e se foram fugindo pera a terra. O Governador os não quiz seguir, porque estava com alguns feridos; e todos cansados, e contentou-se com a vitoria que lhe Deos tinha dado, que era tamanha, que ficáram dos navios dos inimigos, antre mettidos no fundo, e tomados; trinta e sinco, e foram tomadas sincoenta pessas de artilheria; e Mouros antre cativos, e mortos foram dous mil, sem da nossa parte haver mais que alguns feridos: o que pareceo milagre pela multidão das fréchas, e pelouros grossos, e miudos, de que os navios todos estavam encravados; e o mar parecia de côr de sangue. A Armada inimiga que hia fugindo hiá tal, e com tamanho medo, que alguns navios varáram na primeira terra que acháram, sem irem buscar rios, ou barras. Foi esta grande vitoria defronte de Cananor, cuja praia estava cuberta de Mouros, esperando ver o desbarato dos nossos; e vendo a presteza com que os seus com tamanha Armada fôram desbaratados, ficáram pasmados, e em todo o Malavar se fez hum geral pranto, porque poucas casas houve em que não faltasse marido, filho, ou irmão. Isto quebrantou tanto a todos, e atemorizou o Çamorim

rim de feição, que receando que ElRey de Cochim, com o favor do Governador Lopo Vaz lhe tomasse Cranganor, despedio com muita pressa o Principe herdeiro pera ir segurar aquella fortaleza. O Governador parecendo-lhe que Cotiale se quizesse desaffrontar, e que ajuntasse pera isso mais Armada, como estava com a mão leve da vitoria, deixou-se estar dous dias esperando por elle, e vendo que não vinha, determinou de ir por todos os rios em que os seus navios haviam de estar recolhidos, pera os acabar de abrazar, e assolar, mandando diante Simão de Mello, que levou comsigo o Serqueira por espia, porque sabia todos aquelles rios; e achando em hum delles doze paraos varados, entráram de madrugada de supito, e puzeram-lhe fogo, em que todos ardêram. E desembarcando Simão de Mello em terra, cortáram todos os palmares que havia ao derredor da povoação, a que tambem se deo fogo. Dalli se passou ao rio de Chatua, onde a nossa Armada se perdeo, pera dar hum castigo a seus moradores pela morte que deram aos nossos, e entrando nelle de madrugada queimáram quatorze paraos, que estavam varados, e a povoação, com morte de muitos Mouros: e assi foram destruindo outros lugares até chegarem a Cranganor,

on-

onde acháram huns navios nossos em guarda daquelle rio, que Affonso Mexia tinha mandado, depois que soube que o Principe de Calecut era chegado, pera defenderem a passagem daquelle rio aos seus.

CAPITULO IV.

De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio destruio o Arel de Porca: e da Armada que do Reyno partio: e do que lhes aconteceo na jornada até chegar a Cochim.

CHegando o Governador a Cranganor, lembrou-lhe que tinha adiante o Arel de Porca, que havia vinte annos vivia a despeito do Estado, recolhendo muitos ladrões, e lançando outros de seus portos, que faziam muita guerra aos Portuguezes, e lhe tinha dado muitos trabalhos, sem Governador algum o poder castigar, tendo por isso cobrado tamanho bico, que publicamente deitava Armadas fóra, que correndo a costa até a de Choromandel roubavam os Portuguezes, com o que se tinha feito poderoso, e rico. E pelos descuidos dos Governadores, de pobre pescador se fez senhor de terras, e Estados, e inimigo declarado da India, o que se lhe dissimulou pelo muito perigo, e pouca honra

que

que se ganhava com o quererem destruir: e tinha feitos tantos damnos por estar bandeado com o Çamorim, que quando o Governador D. Henrique estava em concerto de pazes com elle, a primeira cousa que lhe pedio foi que lhe entregasse este Arel. E isto não foi só agora, porque ainda depois nossos descuidos deixáram crescer de nada inimigos, que deram bem de trabalhos ao Estado, como pelo decurso da historia apontaremos: o que nasceo dos Governadores da India estarem com o olho em seus respeitos particulares, e com o tento em se lhes virá successor, ou não, a quem como chegava lhe lançavam (como lá dizem) o gato nas barbas: e disto tem nascido todas as miserias da India. E certo que parece hum jogo de dochelo vivo, que de mão em mão se vai apagando hum pouco, e praza a Deos que o não faça de todo. E deixando esta materia, Lopo Vaz de Sampaio como hia vitorioso, não quiz deixar arrefecer sua Fortuna, e determinou de dar hum castigo a este Arel, porque não vivesse tão folgado. E dando rebate aos Capitães pera que se fizessem prestes, mandou a Simão de Mello, que com a gente dos navios de remo levasse a dianteira, e elle com toda a mais dos galeões a retaguarda. E chegando de madrugada sobre

aquel-

aquella barra, desembarcáram todos em terra em dous batalhões de quatrocentos homens cada hum: e Simão de Mello sem ser sentido entrou á povoação, e deo nas casas do Arel, que eram de madeira; pondo-lhe logo o fogo por muitas partes, que começáram a arder com grande braveza. O Arel escapou por desastre, e queimou-se-lhe a mulher, e mais familia, e a povoação foi mettida a ferro, e a fogo, e lhe tomáram trezentos paraos mui bem feitos, e muitas pessas de artilheria de bronzo, falcões, berços, e dous camelos, hum de metal, e o outro de ferro, e lhe cortáram todos os palmares que puderam, de sorte que ficou destruido de todo. Feito este negocio, que foi muito honroso, embarcáram-se os nossos a seu salvo, e a outro dia entráram em Cochim, onde o Governador foi muito bem recebido. Foi isto aos dezeseis de Outubro, e aos dezesete chegáram as náos de Garcia de Sá, e de Antonio de Saldanha com muita gente menos, e todos os mais doentes, que o Governador mandou desembarcar, e curar muito bem, e festejou aquelles Fidalgos muito. Delles soube como Nuno da Cunha era partido por Governador com huma grossa Armada, e que não sabiam delle, mas que conforme ao tempo que se tinham apartado, pois o não acha-

achavam na India, que não poderia já aquelle anno vir a ella. O Governador se deixou ficar até quinze de Novembro esperando por elle pera se embarcar pera o Reyno, se elle viesse: e vendo que tardava, affirmando-lhe que estaria em Moçambique, despedio em busca delle hum Bastião Freire em huma naveta com regimento, que tomasse a costa de Melinde, o mais assima que pudesse pera Guardafú, e que dalli fosse discorrendo por ella abaixo até Moçambique, pera ver se havia algumas novas do Governador Nuno da Cunha. Bastião Freire se fez á véla a vinte de Novembro; e de sua viagem adiante daremos razão. O Governador ficou despachando as náos pera o Reyno, e depois de tomarem a carga as fez á véla entrada de Janeiro de vinte e nove, em que com o favor Divino entrámos, e não achámos lembrança alguma, de quem foi por Capitão dellas, porque os que trouxeram ficáram na India. Partidas as náos, o Governador se embarcou, e foi correndo a costa do Malavar, na ordem que levou quando foi pera Cochim, mandando diante Simão de Mello com a fustalha, e o Serqueira por espia, que entrava todos os rios, e tomava falla donde havia paraos; e sabendo que em Marabia (que he hum rio do Reyno

de

de Cananor) eſtavam recolhidos quatorze navios de Calecut, dando rebate a Simão de Mello, (que de madrugada entrou áquelle rio) poz fogo a todos; por ſe não embaraçar em os tirar, tendo huma muita arrezoada briga com os da terra; que acudíram aos defender, (por eſtarem a mór parte delles abicados em terra,) em que os noſſos ſaltáram pera os queimarem á ſua vontade; e depois de feitos em cinza, ſe embarcáram a ſeu ſalvo, e ſe foram pera o Governador que chegou a Goa, e mandou ordenar huma Armada grande, em que mandou Antonio de Miranda pera o Malavar, de cujos Capitães não achámos nomes, ſómente Chriſtovão de Mello que hia em huma galé, e Franciſco de Mello em huma galeota; e do que lhes aconteceo, adiante daremos razão.

CAPITULO V.

De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio foi aviſado de huma Armada de Cambaya que andava fóra: e de como a foi buſcar, e pelejou com ella, e a desbaratou de todo.

HAvendo poucos dias que o Governador era chegado a Goa, lhe veio hum recado apreſſado de Franciſco Pereira

de

de Berredo Capitão de Chaul, em que o avisava como ficava a Armada de Cambaya sobre aquelle porto, e que receava o quizessem commetter, e que lhe podia acontecer hum desastre pela pouca gente com que estava. O Governador como tinha ainda os galeões no mar, mandou-lhes metter mantimentos, e munições, e negociar as fustas que havia com muita brevidade: e começou-se a embarcar contra parecer de todos os Fidalgos, e Capitães por dizerem que era descredito do Estado ir a pessoa do Governador da India buscar hum Capitão d'ElRey de Cambaya, o que podia fazer outro Capitão com o mesmo poder que levava, e deixar-se ficar em Goa por opinião do Estado; porque sempre se havia de cuidar antre os inimigos, que ficando elle, ficava mais cabedal. O Governador por sima de todas as razões se embarcou, e se fez á véla entrada de Fevereiro, levando sinco galeões, duas galés, e quarenta e quatro navios de remo. Os Capitães que foram nesta jornada nos galeões, e galés foram: Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Heitor da Silveira, Simão de Mello, Henrique de Macedo; e os Capitães das fustas adiante nomearemos os mais delles. Dando á véla despedio Heitor da

Silveira com todos os navios de remo, pera que fossem cingindo a ribeira, e elle com os galeões, e galés se foi ao mar. Chegando a Chaul não achou os inimigos, pelo que despedio hum navio ligeiro a espiallos: e elle com toda a Armada surgio a hum Ilheo, que está huma legua ao Norte daquella barra. Alixa Capitão mór da Armada de Cambaya estava com toda ella (que eram sessenta e quatro galeotas) mettido no rio de Bombaim, e sabendo da Armada do Governador despedio treze fustas, pera que fossem haver vista della. E o dia que o Governador surgio no Ilheo, lhe apparecêram à balravento, estando Heitor da Silveira a terra com as fustas surtas. Os inimigos depois de notarem tudo, chegáram-se ao Governador a tiro de falcão, e lhe deram huma boa salva. Heitor da Silveira tanto que os vio, arrancou donde estava apôs elles, que como o víram se foram recolhendo. O catur, que o Governador tinha mandado a espiar os inimigos, chegou o mesmo dia, e lhe disse, como todos estavam mettidos em huma enceada na boca do rio de Bombaim, o que sabido pelo Governador chamou todos os Fidalgos, e Capitães a conselho, e lhes disse que lhe parecia bem fazerem-se na volta de Dio, porque havia de estar fraca aquella fortaleza, e sem gen-

te,

te, porque toda andava na Armada, e que seria muito facil tomarem-na; e que os de dentro quando o vissem sobre aquella barra haviam de cuidar que deixava a sua Armada desbaratada, e que sem dúvida o não esperariam, e lhe largariam a fortaleza, e que depois se buscariam os inimigos. Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá que votáram primeiro, disseram que lhes não parecia bem aquillo, que muito melhor seria ir buscar aquella Armada, e pelejar com ella, e que depois de desbaratada se poderia fazer o que elle dizia; mas que assi, vendo Alixá que desapparecia, cuidaria que lhe fogiam, e cobraria animo, e voltaria sobre Chaul, que lhe seria tão facil de tomar, como elle o fazia a Dio, e que seria muito grande perda, e affronta; que se não podia suspeitar que estivesse Dio tão desapercebido, que se pudesse tomar com a facilidade que dizia: e que tambem lhes não parecia bem ir sua pessoa buscar as fustas de Cambaya; que se deixasse alli ficar, e mandasse hum daquelles Fidalgos áquelle negocio, e que todos o acompanhariam, e que isso bastava pera os inimigos; e seria maior credito, e reputação dizer-se, que hum Capitão desbaratára tamanha Armada, que não que a pessoa do Governador se achára nisso. Com este parecer

ſe foram todos os mais Capitães. O que viſto pelo Governador, deo-lhe a deſconfiança de cuidar, que cada hum pertendia aquella honra pera ſi, e tomar-lha a elle, e diſſe, que elle havia de ir pelejar com os inimigos, e que quem o quizeſſe acompanhar o fizeſſe: e deſpedio dalli Heitor da Silveira, que foſſe com as fuſtas todas diante a pôr-ſe na barra, e o Governador á ſua viſta hum pouco ao mar foi demandar o rio de Bombaim. Eſta noite ſe vio huma couſa no Ceo maravilhoſa, que foi hum ſinal branco, e luzente, comprido á feição de eſpada larga, que corria do Noroeſte a Sueſte, e ficava com a ponta pera a parte em que eſtava Dio. Os Mouros notáram iſto a roim ſinal. A eſtes cometas chamam os Gregos Xiphia, porque xiphos he o meſmo que eſpada; e os que eſcrevem deſtes cometas dizem que são de côr luzente, e que acabam em ponta, como eſte tinha, que era aquella que cahia ſobre Dio. O Governador amanheceo ſobre Bombaim aos ſeis de Fevereiro, que foi ao outro dia logo, em que cahio dia de Cinza, e houveram viſta da Armada do inimigo, que eſtava na ponta daquella barra. O Governador metteo-ſe em hum navio ligeiro, e foi correr as noſſas fuſtas, e fez a todos huma muito breve falla, pondo-lhes diante ſuas

obri-

obrigações, facilitando-lhes a vitoria, affirmando-lhes que estava só no commettimento: que lhes mandava da parte d'ElRey, que nenhum navio tirasse bombardada, sob pena do caso maior, ao tempo do commettimento, porque se não estorvassem os marinheiros, que os afferrassem primeiro, e que ganhassem aquella honra á espada, porque assi ficaria a vitoria mais formosa, e ao primeiro que investisse navio lhe prometteo cem cruzados, e o navio, tirando artilheria, encommendando a dianteira a Heitor da Silveira, que poz todos os seus navios em ordem. O Governador receando que os inimigos lhe fugissem pera o rio de Bandora, que estava diante meia legua, mandou a hum Capitão, que tanto que a batalha se travasse, fosse com oito navios, (que lhe nomeou, e a quem mandou recado,) e tomasse a boca daquelle rio. Heitor da Silveira escolheo os melhores navios pera a dianteira, de que eram Capitães Diogo Coelho, Gaspar Paes, Francisco Alvares, João Rodrigues o Chatim, Pedralvares de Mesquita, Antonio Correa, Lourenço Botelho, Christovão Lourenço Carracão, o Calafate de Chaul, Diogo Quaresma de alcunha o Malu, Pero Barriga, Antonio Colaço, Christovão Correa, Jorge Dias, e Antonio Fernandes; com este hiam embarca-

cados estes Fidalgos Christovão de Mello de Sampaio, sobrinho do Governador, D. Francisco de Castro, João Pereira, Manoel Rodrigues Coutinho, André Casco, Francisco de Barros de Paiva, Luiz Coutinho, Duarte Coelho, João de Mello, Antonio Barbudo, João da Silveira, Manoel do Carvalhal, Nuno Pereira, Lançarote de Alpoem. De todos os navios de remo fez o Governador tres batalhas, e nas duas hiam as duas galés, e pera as fustas se passáram todos os Fidalgos, e Capitães da Armada; e assi nesta ordem foram demandar o rio. Alixá vendo ir os nossos navios os sahio a receber com grande determinação, e chegando a tiro de bombarda, deram sua salva sem os nossos fazerem caso della, com choverem sobre todos os navios nuvens de pelouros, e passando os nossos pelo meio de todos estes perigos, e bombardadas, os foram afferrar, dando-lhes ao mesmo tempo a sua surriada, de que lhes matáram muitos, investindo-os logo. E o primeiro que poz a proa em huma galeota muito formosa foi Antonio Fernandes, com quem hiam embarcados os Fidalgos, que assima nomeámos, onde se baldeou logo Francisco de Barros de Paiva, que hia no esporam, e da pancada que a fusta deo, tornou a recuar pera fóra, ficando elle só dentro so-

bre

bre a poſtiça, que era de appellação, onde ſe defendeo com muito valor de muitos que o commettêram. A fuſta tornou logo a ferrar a galeota, e os noſſos trabalháram pela entrar; mas foi-lhes mui bem defendida, ficando Francifco de Barros em grande aperto, porque carregavam ſobre elle muitos tiros, e golpes, de que ſe defendia com muito trabalho. Os noſſos trabalhavam pelo ſoccorrer, commettendo a entrada, ſobre o que ſe fazia huma muito aſpera batalha, porque os inimigos eram muitos. Eſtando a couſa mui baralhada, acertou de cahir da meia gavia da galeota dos Mouros huma panella de polvora na meſma galeota do maſto á poppa, que quiz Deos déſſe em outras, que todas tomáram fogo, com que a fuſta arrebentou, deitando por eſſes ares a todos quantos nella havia. Franciſco de Barros quiz ſua ventura que cahiſſe dentro na noſſa fuſta ferido de huma pezarguncha da. Ficáram mais feridos João Pereira de huma fléchada no roſto, D. Franciſco de Caſtro de huma pedrada na cabeça. Heitor da Silveira, que foi dos primeiros que abalroáram, trabalhou por chegar á galeota do Alixá, mas por eſtar na retaguarda afferrou em outra que logo axorou, e o meſmo fizeram os mais Capitães cada hum á ſua, apertando tanto com os inimigos,

gos, que os fizeram lançar ao mar depois de mui bem eſcalavrados. Alixá vendo o eſtrago dos ſeus mudou-ſe a hum navio pequeno, e tomando o remo foi-ſe acolhendo. Os mais da ſua companhia vendo-o ir, trabalháram por ſe ſalvar, e ſeguindo-os os noſſos, os foram alcançando, e axorando, ficando-lhes deſta feita nas mãos quarenta, e ſeis galeotas, em que ſe tomáram oitenta bombardas groſſas, e outras miudas, e das outras foram queimadas tres. Das quinze que eſcapáram recolheo Alixá ſete, com que ſe foi pelo rio dentro até Taná, as outras ſe mettêram pelo rio de Nagotana, onde foram tomadas pela gente do Melique Rey de Chaul. Venceo-ſe eſta batalha ſem cuſtar da noſſa parte mais que hum homem que cahio ao mar. Perdêram-ſe dos inimigos antre mortos, e cativos oitocentos homens brancos Turcos Rumes, e mais de duzentos bombardeiros, e da gente da terra mais de dous mil. Foi couſa milagroſa, que o cometa, com ſer dia claro, ſempre appareceo no Ceo até aquella hora que ſe a batalha venceo, que ſe eſcondeo. O Governador Lopo Vaz de Sampaio deo muitas graças a Deos por tamanha mercê, e armou muitos Cavalleiros; e pondo em conſelho dos Capitães ſe voltaria pera Dio com tamanha vitoria, cuja fa-

ma

ma havia de ter os inimigos espantados, e atemorizados, foram muitos de parecer que sim; mas Garcia de Sá, e Antonio de Saldanha foram do contrario, antes lhe requerêram da parte d'ElRey que não roubassem a honra a Nuno da Cunha, que vinha só áquelle negocio, pedindo ao Secretario que lhe désse instrumento daquillo, e o Governador tambem lhe pedio outro, de como quizera commetter aquella jornada, e que os seus Capitães lha estorváram. E certo que se entendeo que se voltára a Dio, tomára aquella fortaleza, segundo todos ficáram quebrantados com a perda de tamanha Armada, em que elles tinham toda sua força, e cabedal. Vendo-se o Governador contrariado, determinou de ir dar em Taná, e destruir aquella Cidade, pera dar hum sacco grande á sua gente, por irem cheios de honra, e de proveito; e caminhando com todas as fustas pelo rio dentro, lá nos passos que são perigosos, deo em secco toda a Armada, onde ficou aquella maré a risco de se perder, trabalhando todos até lhes rebentar o sangue das mãos. A alguns Capitães que ficáram em nado, deo-se-lhes pouco do trabalho em que o Governador estava, porque como esperavam por outro novo, já lhes não tinham muito respeito. Como a maré tornou a encher,

cher, alevantáram-se os navios do secco, e sahíram-se pera fóra. O Governador por não experimentar outra desobediencia, e por ser já fim do verão, determinou de se ir pera Goa, deixando Heitor da Silveira com vinte e sete navios de remo pera ficar na costa de Cambaya, fazendo toda a guerra que pudesse, e elle se recolheo a Chaul, e dalli a Goa.

CAPITULO VI.

Da guerra que Heitor da Silveira fez na costa de Cambaya: e de como destruhio a Cidade de Baçaim, e as Villas de Taná, Bombaim, e outras: e do que o Governador Lopo Vaz de Sampaio fez em Goa, e do que aconteceo no Malavar.

PArtido o Governador Lopo Vaz de Sampaio pera Goa, determinou Heitor da Silveira de ir tomar huma fortaleza affastada da agua duas leguas por aquelle rio de Nagotana dentro, em que estava hum Capitão d'ElRey de Cambaya com seiscentos homens de cavallo, e dous mil de pé, e indo demandalla não pode chegar a ella, porque o estreito que entrava até lá era baixo, e de pouca agua; mas desembarcando onde pode chegar a Armada, queimou seis povoações muito grandes que havia naquel-

quella parte em que desembarcou. O Capitão que estava na fortaleza soube de como os nossos andavam em terra, acudindo com toda a gente que tinha, foi a tempo, que os nossos tinham já tudo feito, e se começavam a embarcar. Os de cavallo que hiam diante remettêram a elles com grandes gritas, e apupadas, chamando-lhes nomes. Heitor da Silveira, que ainda estava em terra, foi-lhe forçado fazer rosto aos inimigos, pera terem os seus tempo de se embarcarem; e tomando cem espingardas, teve-lhes o encontro, derribando-lhes alguns, com que os fizeram parar. Hum soldado dos nossos, homem não conhecido, e sem nome, (a que muito desejámos de o saber, pera lho darmos muito honrado nesta historia,) adiantando-se hum pouco com huma lança, e rodela, esperou hum Mouro de cavallo a pé, que des que vio nelle romper seu encontro com a lança alta, o soldado correo a sua, e o tomou por debaixo do braço da lança, e passando-o todo, deo com elle no chão; e ainda não estava bem nelle, quando já o soldado (que lhe levou logo as redeas do cavallo na mão) saltou em sima com muita ligeireza, e ar; e enrestando a lança, voltou a outro de cavallo que remettia com elle, e o levou pelos peitos, dando com elle de pernas

nas aſſima muito mal ferido, a que os noſſos deram huma grande apupada, e logo ſurriada da eſpingardaria. O ſoldado em derribando o Mouro, remetteo ao cavallo, e o tomou pelas redeas, e com muita confiança ſe veio recolhendo pera Heitor da Silveira, cavalgado em hum, e com outro a deſtro; e chegando a elle lhe pedio o armaſſe Cavalleiro, o que elle logo eſtava. Louve agora Livio o ſeu Marco Corvino, por matar hum Francez em deſafio, por cujo feito lhe mandou Octaviano Auguſto alevantar eſtatua em meio de ſeus apoſentos. Engrandeça o ſeu Torquato pelo colar que tomou a outro, que eu não farei mais que contar ſingelamente eſtes, e outros feitos ſemelhantes, mais dignos de eſtatuas, que os dos ſeus Romanos. Mas o tempo que deixo de gaſtar em ſeus louvores, gaſtarei em eſtranhar o deſcuido dos Reys neſta parte, que a eſtes taes nem com eſtatuas, nem com pão ſatisfizeram nunca ſeus feitos: pelo que muitos, e muito valeroſos Cavalleiros, que obráram façanhas dignas de memoria eterna, eſtam hoje tão poſtos em eſquecimento, que até os nomes ſe lhes não ſabem, como a eſte noſſo Cavalleiro, que por eſte feito não teve mór galardão, que em quanto Lopo Vaz governou depois diſto chamar-lhe o ſeu Caval-

valleiro, e tello na Igreja apar de si em pé; e depois que acabou, póde bem ser que o acabasse tambem a fome. E tornando a Heitor da Silveira, com aquella boa ventura do soldado carregou sobre os inimigos, e os fez affastar, e elle, e todos se embarcáram a seu salvo, e se tornáram a sahir do rio. Dalli foram pela costa assima até a Cidade de Baçaim do Reyno de Cambaya, e chegando áquella barra, mandou Heitor da Silveira sondalla, e reconhecer o sitio da Cidade por Christovão Correa Capitão de hum Bargantim, que foi entrando pelo rio, e notou que antes de chegar á Cidade estava huma tranqueira de madeira de duas faces entulhada com tres baluartes grandes, e fortes, em que havia sessenta pessas de artilheria; e por huma almadia que tomou soube estar Alixá Capitão das galeotas, que depois de desbaratado se recolheo áquella Cidade, e a fortificou, com receio que o Governador fosse dar nella, e ajuntou tres mil homens de pé, e quinhentos de cavallo que comsigo tinha. Informado Heitor da Silveira de tudo, poz em parecer dos Capitães se daria na tranqueira, em quanto o conselho durou, os soldados da Armada todos bradavam que dessem na Cidade, e concluio-se que se désse, e negociando-se pera de madrugada desembarcarem, tanto

que

que rompeo a alva, entráram os nossos pelo rio dentro, e chegando á tranqueira, que estava estendida de longo da praia, em que haviam de desembarcar pera commetterem a Cidade, puzeram os proizes em terra por meio de muitas, e mui amiudadas bombardadas, que lhes atiravam dos baluartes: e os primeiros que saltáram em terra, foram duzentos Canarins, que ficáram na Armada, de que era Capitão Malu, Mocadão mór dos marinheiros, que Heitor da Silveira lançou diante pera quebrarem nelles aquella primeira surriada dos inimigos, que deo por antre elles sem lhes fazer damno. Heitor da Silveira desembarçou muito á sua vontade, mandando diante hum Capitão com huma companhia pera commetter as tranqueiras, e elle com a bandeira de Christo, e toda a mais gente foi na retaguarda. Chegados os nossos á tranqueira, a commettêram com muito animo, achando os de dentro postos em defensão, antre quiem se ateou huma muito crespa briga; de que os de dentro ficáram de ventagem, porque de sima lançavam sobre os nossos toda a cousa que achavam de páos, pedras, fogo, polvora, e todos os mais instrumentos mortaes; os nossos sem temerem cousa alguma ás espingardadas, fizeram affastar os Mouros de alguns lugares

com

com morte de alguns, com o que outros muitos ajudados huns dos outros cavalgáram pelos lugares vaſios a tranqueira, e de ſima appellidáram *Portugal*, *Portugal.* Os Mouros vendo os noſſos em ſima largáram tudo, e ſe recolhêram á Cidade até onde os noſſos os ſeguíram, entrando de volta com elles. Alixá não eſtava na tranqueira, porque entendendo, que ſe os noſſos deſembarcaſſem a haviam de cavalgar, foi-ſe pôr em ſilada fóra da Cidade, porque quando os noſſos accommetteſſem lhes ſahiſſem, e os desbarataſſem. E aſſi foi, que indo os noſſos no alcance dos ſeus até a Cidade, arrebentou da ſilada com a gente de cavallo, e detrás toda a de pé, e foi demandar os que entravam na Cidade. Heitor da Silveira que eſtava fóra, vendo os inimigos tocou a recolher, e ordenou hum eſquadrão com toda eſpingardaria á roda, ajuntando todos a ſi, que logo voltáram, tanto que ſentíram os inimigos, e aſſi ſe poz com propoſito de pelejar com elle. Alixá cuidou que os noſſos fugiam, vendo-os recolher ao eſquadrão, e os foi ſeguindo até chegar a Heitor da Silveira, que os de cavallo foram commetter com grande determinação, cuidando que rompeſſem o eſquadrão; os noſſos deſparando ſua arcabuzaria, derribando muitos, fizeram voltar os

mais;

mais; porque os cavallos com o estrondo espantados voltavam pera trás rompendo os seus de pé, que vinham chegando, e assi huns, e outros se desbaratáram deitando a fugir, e sem pararem na Cidade se foram recolhendo huns pera a serra, outros pera outras partes. Os nossos não os quizeram seguir por estarem cansados, e mandando-os espiar, sabendo que desampararam a Cidade, a entráram, e saqueáram, roubando muita fazenda, ouro, e prata, porque estava rica, e prospera; e depois de se fartarem bem, lhe puzeram fogo em que toda ardeo. Heitor da Silveira esteve sempre á porta com a bandeira de Christo, e tocando a recolher foi-se á tranqueira, e mandou embarcar toda a artilheria della, e puzeram fogo a tudo, que ardeo até os alicesses. No rio tomáram tres Taurins carregados de madeira mui formosa, que logo mandou pera Goa, que o Governador estimou pera o concerto das Armadas. Os Tanadares vizinhos ficáram disto tão amedrontados, que o de Taná mandou offerecer a Heitor da Silveira quatro mil pardaos de pareas cada anno, que lhe elle acceitou, de que se fizeram papeis, que não apparecem, nem são necessarios, porque o direito senhorio destas terras ficou depois melhor pela doação, que o Soltão Badur Rey de Cam-

Cambaya fez dellas aos Reys de Portugal, como adiante diremos. Heitor da Silveira deo outra volta pela enceada de Cambaya, e deſembarcou em alguns lugares que deſtruio, e abrazou, e como foi tempo ſe recolheo a invernar a Chaul. O Governador, tanto que chegou a Goa, deſpachou Garcia Deça pera ir entrar na capitanía de Malaca, mandando provimentos pera Maluco; e pera Ormuz mandou tres galeões carregados de fazenda d'ElRey, de que eram Capitães D. Franciſco Deça, Antonio de Lemos, e Lopo de Meſquita. Antonio de Miranda ſabendo no Malavar, onde andava, que no rio de Chael eſtava huma náo carregada de pimenta, entrou dentro, e a tomou, e tirou pera fóra, e a mandou a Cochim, e queimou aquella povoação, e quatro paraos que eſtavam varados, e tomou outros quatro que eſtavam no rio; e depois deſte ſucceſſo, andando correndo a coſta, ſuccedeo andar Chriſtovão de Mello ao longo da terra com a ſua galé, e ſeis navios mais, e Antonio de Miranda ao mar delle, não ſabendo os Mouros do Capitão mór, e vendo aquella galé, e poucos navios de longo da terra, armáram ſincoenta paraos, e o foram demandar. Chriſtovão de Mello tanto que houve viſta delles, foiſe remando pera o mar, aſſi pelos affaſtar

da terra, como pera chegar ao Capitão mór. Os inimigos cuidavam que lhes fugia, e foram-no feguindo até haverem vifta do Capitão mór, que vendo aquella Armada ir após a noffa, como tinha o balravento, dando á véla defcarregou fobre elles, e o mefmo fez Chriftovão de Mello. Os inimigos vendo o Capitão mór ficáram embaraçados, e voltáram pera a terra; Chriftovão de Mello, que lhes ficou mais perto, lhes chegou com feus navios, e pondo-lhes as proas os foi axorando, ficando-lhes nas mãos quatorze navios, e os mais por ligeiros efcapáram. Efta vitoria foi a derradeira defte verão, e Chriftovão de Mello fe recolheo a Goa, e Antonio de Miranda a Cochim.

CAPITULO VII.

De como Chriftovão de Mendoça Capitão de Ormuz mandou Antonio Tenreyro por terra ao Reyno com as novas das galés, e da jornada que efte homem fez pelo deferto de Arabia: e de como chegou ao Reyno, e ElRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz a prender Rax Xarrafo.

ATrás temos dito como Chriftovão de Mendoça foi entrar na capitanía de Ormuz, levando em fua companhia Rax Xar-

Xarrafo, que como era homem alterado, e soberbo, tornou logo a usar de sua natureza, e a se levantar contra ElRey, revolvendo aquella Cidade, e tyrannizando-a, pelo que deixavam as Cafilas de vir a ella, e a Alfandega a render menos. E porque no mesmo tempo em que chegou a Ormuz succedeo o caso de Rax Soleimão, porque se desfez a Armada, que era sahida contra a India, pareceo-lhe a Christovão de Mendoça obrigação avisar ElRey de tudo, escrevendo-lhe assi isto, como as cousas de Rax Xarrafo; e elegeo pera esta jornada hum Antonio Tenreyro, natural de Coimbra, homem nobre, que já fora com Balthazar Pessoa ao Xeque Ismael, donde tomou o caminho pera Jerusalem, e foi prezo pelos Turcos, cuidando ser espiá, e levado ao Cairo, onde foi depois solto, e dalli passou a Chipro, e por hum caso que lhe naquella Ilha aconteceo, se tornou pera a India; e desembarcando em Trypoli atravessou o deserto, e foi ter a Bassorá, e dahi a Ormuz, onde havia pouco que era chegado desta jornada. Este homem sabia bem a lingua Turquesca, e Persica, e pelo muito que importava levar-se recado a ElRey, acceitou a jornada, e a vinte deste Setembro passado partio de Ormuz pera Bassorá, até onde poz quarenta dias, por

causa dos ventos que achou contrarios. Nesta Cidade se deteve vinte dias, porque não achou já a Cafila que hia pera Damasco, e o Xeque que era nosso amigo o não queria deixar atravessar o deserto só, nem darlhe pera isso guia; e foi tão importunado delle, que lha houve de conceder. E comprando duas camelas de leite, huma pera elle, outra pera o Piloto, provendo-se de mantimentos, de tamaras, biscouto, farinha, alguma carne de fumo, e odres de agua, partíram entrada de Novembro deste anno de vinte e nove, depois de meia noite, porque não fosse visto. Caminhando o que restava della, ao outro dia se mettêram por aquelle espantoso deserto, por onde tudo o que alcançavam com os olhos eram nuvens, e serras de arêas soltas, e movediças, que com qualquer vento eram levadas de huma parte pera a outra, como fazem as ondas do mar com grandes tempestades, não encontrando por todo o caminho senão ursos, tygres, leões, lobos, e alimarias bravas, de que Deos sempre os guardou, governando-se o Piloto pela estrella do Norte de noite, e de dia por algumas balizas que os caminhantes tinham postas em paragens que os ventos as não pudessem arrancar, e assi caminhavam vinte e sinco leguas por dia, dormindo em sima das camelas,

on-

onde tambem comiam, sem se descerem; assi por amor das alimarias bravas, e feras, como por se não enterrarem, e sumirem naquelle mar de arêas; dando a cada camela huma quarta de farinha huma vez ao dia, e alguma pouca de agua, e cada quatro, cinco dias as fartavam della em charcos, que a paragens havia em partes duras, e seccas, em que as aguas do inverno se recolhiam. E em certas paragens como estas se acham alarves, grandissimos ladrões, que vivem de saltear as Cafilas. Ao derredor destes charcos se criam alguns cardos bravos de que as camelas comiam. Antonio Tenreyro foi commettido duas vezes das alimarias, de que Deos, e a ligeireza das camelas o livráram. E huma madrugada fugindo á redea solta de dous leões, corrêram daquella feita duas leguas, ficando a camela de Antonio Tenreyro manca de hum pé dum estrepe que se lhe metteo, e foi-lhe forçado deter-se, descer-se, e tirar-lho, e curallo como pode, e desta feita esteve tres dias sem caminhar, e no cabo delles tornáram á sua jornada, padecendo grandes fómes, sedes, e medos; e a cada oito dias achavam aquellas partes seccas, em que se refaziam de agua ainda que roim, e em cada huma dellas se detinham hum dia, por dar folga ás camelas. Em duas partes des-

destas acháram dous Castellos arruinados, onde já se agazalháram Alarves; e a cabo de vinte e dous dias de caminho chegáram a huma pequena Villa acastellada, cercada de muro, e taipas grossas, e povoada de Alarves, na entrada della estava huma formosa fonte, de que regavam suas sementeiras, e por derredor havia alguns palmares de tamaras. Aqui acháram huma Cafila já de caminho pera Damasco, em que se metteo Antonio Tenreyro, despedindo dalli o Piloto, tendo-lhe bem pago seu caminho. Este dia que partio a Cafila, foram dormir a outra fortaleza perto, e desta a quarenta leguas sahíram do deserto, e entráram pelas terras de Alepo Cidade grande de Soria, cercada de muros, prospera de tudo, povoada de muitos, e mui ricos mercadores, que alguns presumem que fosse edificada das reliquias da muito antiga Hierapoly de Alepio Prefeito do Emperador Juliano, e que della tomou o nome. Mas o Bispo D. Ambrosio, Penitenciario que foi do Papa Julio Terceiro, que veio á India por Turquia, e Arabia, e esteve nesta Cidade de Goa, no Convento de S. Domingos, de cuja Ordem era, homem douto nas letras Divinas, e nas linguas Chaldea, e Arabia, disse que quando Deos livrára Abrahão de Ur Cidade dos Chal-
de-

deos, fora ter a Alepo Cidade cabeça de Soria, e como trazia muitos gados, e era homem de grande caridade, estando aqui aposentado dava cada dia aos pobres do leite de seus gados, e tinham já esta ração por ordinaria, que acudiam pela manhã aos criados de Abrahão, e lhe perguntavam, *Jelep*, que na lingua Chaldea quer dizer, *ordinhaste já?* e que daqui ficou este nome a esta Cidade; e que os mesmos Arabios doutos de Alepo, que assi o tinham em suas escrituras, e que sem dúvida esta Cidade fora habitada, e senhoreada de Abrahão. Isto contava elle aos Padres de S. Domingos, de quem o nós soubemos. Este Bispo morreo em Cochim, indo-se embarcar pera o Reyno, e segundo a nossa lembrança em tempo do Conde do Redondo. Aqui nesta Cidade se deixou ficar Antonio Tenreyro pera esperar por hum Venezeano chamado Micer Andreas pera quem levava cartas, e letras pera lhe dar dinheiro, e aviamento pera passar á Europa, que era ido a Constantinopla, e ficou esperando por elle; e tambem porque o inverno era grande, e de grandes neves esteve aqui trinta dias, até vir Micer Andreas, que o aviou, e se metteo em huma Cafila que hia pera Tripoli de Soria, onde se embarcou, e foi ter a Chipro, e dalli se passou a Vene-

neza , paſſando muito grandes trabalhos, e tormentas; e tomando o caminho por terra , chegou a Portugal pouco depois de ſer partido Nuno da Cunha pera a India. ElRey eſtimou muito as cartas de Chriſtovão de Mendoça , e as novas das galés ſerem deſarmadas ; e por ſaber que por terra , e em eſpaço de tres mezes podia ter recado de Ormuz , porque não poz eſte homem no caminho ordinario mais , que todo o outro tempo foram detenças por impedimentos que lhe ſuccedêram. Eſta viagem , e chegada de Antonio Tenreyro poz grande eſpanto no Reyno , por ſer o primeiro que a commetteo ſó com hum Piloto. Succedeo-lhe no cabo de todos eſtes trabalhos , que o primeiro dia que chegou ao Reyno , que eſteve com ElRey até bem de noite , dando-lhe novas da India , ſahindo dos Eſtaos onde ElRey pouſava pera ir deſcançar , indo veſtido em hum albernoz , que todo o caminho levou , ſaltáram com elle no Rocio , e lhe deram dezeſete , ou dezoito cutiladas , e eſtocadas , de que o deixáram por morto , e foi dalli levado , e curado. Soube-o logo ElRey , mandou ao ſeu Surgião mór que o curaſſe como ſua peſſoa , e que ſe inquiriſſe aquelle negocio , ſobre que as Juſtiças fizeram mui grandes diligencias , ſem ſe alcançar couſa alguma ,

nem

nem elle suspeitou nunca donde lhe aquillo podia vir. Viveo este homem depois; mas ficáram-lhe algumas fontes que lhe purgavam; em que trazia canudos de prata. Aposentou-se em Coimbra onde casou, e viveo de tenças, e comedías, que lhe ElRey deo. ElRey pelas novas que teve das inquietações do Guazil, vio que lhe era necessario acudir ás cousas de Ormuz primeiro que Rax Xarraso acabasse de as damnar; pera o que mandou ordenar huma náo pera partir em Outubro pera a India, porque determinou de mandar prender Rax Xarraso, e levallo pera o Reyno; e este negocio encarregou a Manoel de Macedo, que chegou da India nas náos da viagem, depois do Tenreyro chegar, pelo ter por homem determinado pera todo o negocio, e lhe deo por regimento que fosse tomar Ormuz, e como entrasse do estreito da Persia pera dentro abrisse hum regimento que levava, e que fizesse o que lhe nelle mandava, porque nem delle quiz fiar aquelle negocio por se não vir a romper. Esta pressa, e segredo metteo em confusão Tristão da Cunha, pai de Nuno da Cunha, porque fez todas as diligencias possiveis por saber ao que hia Manoel de Macedo, sem nunca o poder alcançar. Pelo que escreveo huma carta por elle ao filho, que continha

es-

eſtas palavras : » Filho Nuno; lá vai hum » mancebo em huma náo mui apreſſado por » mandado d'ElRey , nunca pude ſaber ao » que vai , deixa-lhe fazer tudo o que lhe » ElRey manda, ſem lhe ires á mão a couſa alguma , manda pimenta, e deita-te a » dormir. » Ha-ſe de ſaber, que Triſtão da Cunha a todos os ſeus filhos nomeava pelos nomes , e ſobrenomes, e lhes fallava por vós ; ſó a Nuno da Cunha com ſer o mais velho Veador da Fazenda d'ElRey , do ſeu Conſelho, e Governador da India , nunca o nomeou ſenão por Nuno, e não lhe fallou ſenão por tu. Manoel de Macedo deo á véla em Outubro, e de ſua viagem adiante daremos razão.

CAPITULO VIII.

Das couſas que acontecêram em Malaca até chegar Garcia de Sá: dos ardís de que o Achem uſou com Pero de Faria, por ver ſe podia colher em ſeu porto algum navio: e de outras couſas que mais paſſáram.

COm a tomada da galé de Simão de Souſa, como atrás temos contado, ficou o Achem muito ſoberbo; e como era maliſſimo, e falſo, pareceo-lhe que podia á con-

conta daquelles Portuguezes que tinha cativos, colher naquelle porto algum navio nosso, pera o tomar. Pera isso determinou de usar de ardís, e manhas com o Capitão de Malaca, como logo diremos. Andava elle neste tempo em guerra com ElRey de Aru, que era nosso amigo, e como este tinha mandado a Malaca a pedir soccorro ao Capitão, do que logo o Achem foi avisado, e receou que com o nosso soccorro lhe désse aquelle Rey grandes trabalhos, pelo que determinou de atalhar, e estorvar o soccorro que mandava pedir. E tomando hum dos Portuguezes cativos da galé de Simão de Sousa, chamado Antonio Caldeira, com outro companheiro, lhes deo hum bantim, mandando-lhes que fossem a Malaca, e dissessem da sua parte ao Capitão, que elle desejava muito de ter com elle paz, e amizade, e que pera princípio della lhe queria dar todos os cativos Portuguezes, e a galé com toda a sua artilheria, e a que tomára na fortaleza de Pacem, e a de huma náo nossa que dera á costa, e que bem podia mandar logo por tudo. Chegado este homem a Malaca, (estando naquella Cidade o Embaixador d'ElRey de Aru, com promettimentos da ajuda que pedia,) e dando recado ao Capitão Pero de Faria, que o grangeou muito, parecendo-

lhe

lhe que Deos lhe abria o caminho pera haver aquellas couſas em que ganhava mais que no ſoccorro d'ElRey de Aru, que já negociava, tendo commettida aquella jornada a Diogo de Macedo Capitão mór do mar de Malaca, que eſtava com toda a Armada que tinha no mar, pelo que determinou de a recolher, e fazer pazes com o Achem. Iſto não pareceo bem a Martim Correa, que conhecia a maldade daquelle Rey, e diſſe a Pero de Faria que tanto offerecimento parecia invenção, que aquillo era mais eſpiar a fortaleza, que commetter pazes, e ver ſe dava ſoccorro ao Rey de Aru, pera o fazer ſobreeſtar nelle; porque bem ſabia elle a grande cauſa que havia pera eſtarem eſcandalizados delle pela tomada da galé; e que forçado ſe havia de tratar de ſatisfação, e vingança por todas as vias: que elle havia de temer, e arrecear que a mór, que por então ſe podia tomar delle, era dar-ſe ajuda a ElRey de Aru pera o poder desbaratar, e que entendeſſem que Mouros não commettiam nunca pazes, ſenão por intereſſe, ou neceſſidade, e que eſta não tinha elle agora por parte dos Portuguezes, mas que receava tella, ſe mandaſſe Armada contra elle ao Aru; e que tantas promeſſas juntas ſem ver ainda o flagello ſobre ſi, era couſa que dava bem a en-

entender ſua tenção. Eſtas razões parecêram bem a Pero de Faria, e diſſe a Antonio Caldeira perante o meſmo Martim Correa, o que lhe tinha dito, pedindo-lhe que lhe diſſeſſe o que ſuſpeitava, e ſe ſe podia arrecear ſerem aquillo invenções do Achem? Antonio Caldeira lhe diſſe que o que entendia eram tamanhos deſejos no Achem de pazes, que ſem dúvida daria tudo o que tinha offerecido; e quanto a elle em nenhuma fórma deixaria de ſe tornar pera elle, pela vontade que ſentia pera com todos os Portuguezes, e porque lho promettêra, que lhe déſſe reſpoſta, porque logo havia de voltar. Com eſta confiança deſte homem ficou Pero de Faria mais crente que o Achem lhe fallava verdade. Pelo que determinou de acceitar as pazes, porque deſejava de haver ás mãos os Portuguezes, e tanta artilheria como lhe offerecia, pelo que o deſpachou logo, e eſcreveo ao Achem que acceitava ſua amizade em nome d'ElRey de Portugal, e que dalli por diante o havia por amigo, e que como a eſſe, o ajudaria em tudo o que lhe foſſe neceſſario, e que logo mandaria pelos Portuguezes, e mais couſas, e que não favoreceria ElRey de Aru, e que logo mandaria recolher a Armada que pera iſſo tinha preſtes, e mandou com eſte homem hum caſado de Malaca, que

que ſabia a lingua Malaya, com procurações baſtantes pera aſſentar as pazes com o Achem, mandando-lhe por elle algumas peças, e brincos. Eſtes homens foram tomar huma Ilha na coſta do Achem, que era povoada de Mouros, que vendo os dous Portuguezes ſós os matáram. O Embaixador de Aru que eſtava em Malaca eſperando pelo ſoccorro deſpedio Pero de Faria com deſculpas pera ElRey de lhe não mandar ſoccorro, porque pera haver aquelles Portuguezes, e mais couſas que o Achem offerecia, lhe era aſſi neceſſario; mas que eſle era ſeu amigo, e aſſi o moſtraria em todas ſuas couſas que lhe cumpriſſem. Com eſta reſpoſta ſe foi o Embaixador deſcontente, e ſe embarcou ſem ſe deſpedir de Pero de Faria, de que elle ficou hum pouco pejado, porque deſejava de poupar a amizade deſte Rey, porque era muito fiel amigo; pelo que logo deſpedio Fernão de Moraes, que alli eſtava por Capitão de hum galeão, pera ſe ir ver com aquelle Rey, e temperallo, e dar-lhe ſatisfações das cauſas por que então o não ajudára contra o Achem. Fernão de Moraes chegou ao porto de Aru poucos dias depois do Embaixador, e como ElRey eſtava tomado de Pero de Faria, mandou que nenhuma peſſoa foſſe a bordo do galeão. Fernão de Mo-

raes

raes esteve quatro dias sem vir recado da terra, pelo que entendeo que nascia aquillo do aggravo d'ElRey, e como era homem de muito animo, muito arriscado, contra o parecer de todos se metteo em hum balão com alguns criados, e foi a terra, e caminhou pera os Paços, e entrando muito confiado aonde estava ElRey, lhe fez sua cortezia. ElRey vendo aquella confiança o agazalhou com bom rosto; Fernão de Moraes lhe deo todas as satisfações que pode, e os respeitos por que Pero de Faria o não ajudava por então contra o Achem, e que quanto ás obrigações que lhe tinham, essas lhe não podiam negar, porque bem sabiam quão leal amigo fora sempre do Estado. ElRey pareceo por então que ficava desalivado com o que lhe elle disse, mas era ao contrario, porque o escandalo que dentro tinha era tal, que determinou de prender a Fernão de Moraes, e tomarlhe o galeão; mas quiz por então dissimular até ver o que succedia á sua Armada, que havia poucos dias era partida a Pacem a buscar a do Achem; porque se viesse com vitoria, então faria o que determinava, e quando não, pela necessidade dissimularia; e por esta razão deteve Fernão de Moraes oito dias, sem no galeão se saber novas delle, e o tinham já por morto, e estive-

ram

ram algumas vezes pera ſe irem pera Malaca. Paſſados eſtes dias chegou a Armada d'ElRey, que teve com a do Achem huma grande batalha, de que ſe apartáram ſem vitoria de nenhum: eſta Armada trazia outro Portuguez dos que eſtavam no Achem, que o meſmo Rey tornava a mandar a Pero de Faria, porque lhe tardava o recado de Antonio Caldeira, e lhe mandava por eſte dizer que mandaſſe logo buſcar a galé, e Portuguezes, e artilheria: eſte Portuguez foi tomado em hum balão. Vendo ElRey a Armada ſem vitoria, lançando ſuas contas, vio que lhe não vinha bem quebrar com os Portuguezes, porque pela ventura os haveria ainda miſter, ou ao menos porque ſe não ajuntaſſem com o Achem, pelo que largou Fernão de Moraes, e lhe deo o Portuguez. Fernão de Moraes chegou ao galeão, onde achou todos deſconfiados delle, e fazendo-ſe á véla pera Malaca, deo conta a Pero de Faria de tudo o que lhe ſuccedeo. Os Reys ambos como eram Mouros houve pouco que fazer em ſe concertarem fazendo pazes, com cócegas que ambos tinham hum do outro do favor dos Portuguezes. E como o Achem ſe vio deſapreſſado, não quiz mais nada de Pero de Faria, que ſem dúvida ſe acudíra com huma Armada áquelle negocio, houvera-lhe

de

de entregar tudo ; ao menos a galé, e os Portuguezes, porque receára que não o fazendo, se fosse ajuntar com ElRey de Aru, e o destruissem; e assi se perdeo esta occasião, e os Portuguezes morrêram em cruel cativeiro.

CAPITULO IX.

De como ElRey do Achem tomou por engano hum galeão, de que era Capitão Manoel Pacheco: e de como foram descubertos huns tratos que Sinaya de Raya Chely de Malaca trazia com o do Achem, e de como foi morto.

NEste tempo chegou Garcia de Sá áquella fortaleza, e tomou posse della, do que logo foi avisado o Achem, e houve que com o Capitão novo faria melhor seu negocio. E porque de ambos os recado que tinha mandado a Malaca não tinha resposta alguma, nem sabia o que se lá tratava, mandou hum homem seu áquella Cidade em muito segredo a saber do Bandorá Sinaya de Raya (com que tinha intelligencias secretas) o que se lá praticava sobre as offertas que mandára fazer, e que gente haveria na fortaleza, porque desejava de a tomar. Este homem se vio com Bandorá, que lhe deo conta de tudo o que

Pero de Faria passára com Antonio Caldeira, e como seguro em sua amizade mandava fazer pazes, e buscar os Portuguezes; e que sempre segundára, se não chegára Garcia de Sá. Com este recado despedio o Achem logo hum Embaixador a pedir pazes, e chegado áquella fortaleza desembarcou em sima de hum elefante com grande acompanhamento que trazia, e foi correndo a Cidade de fóra com hum prato de ouro nas mãos, em que levava a carta, que o Achem escrevia ao Capitão, e diante delle hia hum homem, como Rey darmas, que ao som de alguns instrumentos hia gritando, e publicando alto, que ElRey do Achem mandava commetter pazes, e amizades aos Portuguezes: (esta ordem guardava em todas as que commettia,) e assi foi levado ao Capitão, que o recebeo com apparato. Elle lhe deo sua embaixada, cuja conclusão foi desculpar-se do que fora feito a Simão de Sousa na sua barra pelos seus sem o elle saber, e que estava prestes pera emendar aquelle aggravo, assi em castigar os culpados, como em restituir a galé, Portuguezes, e artilheria, e que lhe pedia corressem em amizade, e commercio; e que seguramente podiam os Portuguezes ir, e vir a seu porto, comprar, e vender, sem receberem aggravo algum. Garcia de Sá ouvio

vio tudo muito bem, não lhe parecendo que pudesse haver tamanho fingimento, e maldade em homem que tinha titulo de Rey, cuja obrigação era guardar verdade, e justiça. E acceitando-lhe as offertas, negociou hum casado, que mandou em companhia do Embaixador com procurações, e apontamentos pera concluir as pazes com o Achem. Chegados áquella Cidade, foi o nosso recebido d'ElRey com muitas honras, dando-lhe peças a elle, e a todos os que com elle hiam. E praticando nas pazes lhe concedeo tudo o que levava por apontamentos, como quem se não queria desconcertar no preço, pera ver se podia effeituar seus concertos. Assentadas as pazes, mandou-as pregoar por toda a Cidade com grandes solemnidades. Feito tudo isto, despedio o nosso Embaixador com mostras de amor, e amizade. E embarcado na barra de noite, foi salteado, e morto elle, e todos, e o balão sumido por mandado d'El-Rey em tanto segredo, que nunca se soube, e Garcia de Sá presumio que se perderiam no mar. O Achem foi logo avisado de tudo por Sinaya de Raya, que lhe mandou dizer que nada suspeitavam, antes o Capitão estava muito satisfeito das honras, que elle fizera ao seu Embaixador, com o que o Achem despedio logo outro Embai-

xador a Garcia de Sá com o peza-me do desaparecimento do seu, que lhe pedia mandasse confirmar as pazes por algum homem honrado, já que o outro se perdêra com os papeis, e capitulos dellas. Garcia de Sá enganado com estas mostras, mandou fazer prestes hum galeão, e Manoel Pacheco pera ir nelle, avisando-o alguns da maldade daquelle Mouro, que elle nunca cuidou que houvesse tanta em nenhum peito humano, como houve neste. Negociado Manoel Pacheco, embarcáram-se com elle mais de oitenta Portuguezes mercadores com muitas fazendas pelo proveito que esperavam daquelle novo commercio. Sinaya de Raya avisou logo ao Achem, aconselhando-lhe, que tomasse o galeão, porque depois seria facil ir tomar aquella fortaleza, pela pouca gente com que ficava, porque a mór parte della hia nelle. Manoel Pacheco foi tomar a barra do Achem, e andando aos bordos lhe sahíram muitas lancharas, poucas, e poucas, que o foram demandar, como que hiam de paz; e assi carregáram tantas que pareceo mal a alguns, que disseram a Manoel Pacheco, que bom seria precataremse, e armarem-se, que aquillo era alguma manha do Achem. Já no galeão havia alguns Achens, e derredor delle muitas lancharas, que vendo a confiança dos

Por-

Portuguezes arremessáram-se dentro, e remettêram com elles, e primeiro que tomassem armas foi morto Manoel Pacheco, e os mais delles, e todos os outros foram tomados ás mãos, sem escapar hum só. O galeão foi levado dentro, e entregues os Portuguezes a ElRey, que logo os fez matar a todos, e aos que lá tinha, e com isto mandou dizer a Garcia de Sá, que lhe agradecia muito o galeão que lhe mandára, que lhe não faltava mais que hum bargantim que lá tinha, que lhe rogava lho mandasse, senão que cedo o *iria tomar.* Garcia de Sá vendo *tamanho engano, e* maldade *ficou pasmado*, e *parecia que queria* arrebentar de pezar, do que lhe tinha acontecido. Sinaya de Raya mandou dizer ao Achem que mandasse huma Armada, que elle cumpriria a palavra que lhe tinha dado de lhe entregar aquella fortaleza, o que o Achem fez, mandando setenta lancharas com tres mil homens, que foram dar vista a Malaca. Garcia de Sá com essa pouca gente que tinha se fechou na fortaleza, tendo grande guarda, e vigia nella. Os Achens andáram por aquella costa aguardando recado de Sinaya de Raya; e permittio Deos pera evitar tamanho mal, que sahissem hum dia em terra, e se puzessem ao longo de hum tanque, que chamam

mam d'ElRey, a comerem, e beberem os Achens com os Malayos de Sinaya de Raya; e foi o banquete de feição que ficáram os Achens bebados, e contáram aos Malayos todos os tratos, que ſeu amo trazia com o ſeu Rey, e de como tinha ordenado hum Domingo (eſtando o Capitão com todos os homens na Igreja) ter levado hum camelo, que eſtava defronte da porta principal, e borneallo pera dentro, e dar-lhe fogo, com que mataſſe todos, e abrir-lhes as portas da fortaleza; e aſſi lhe contáram da morte do Embaixador, e de Manoel Pacheco. Recolhidos daqui, inſpirou Deos no coração de hum Malayo daquelles, que ſe foſſe logo á fortaleza, e contou ao Capitão tudo o que ouvíra, de que Garcia de Sá ficou ſobreſaltado, e eſcondendo o Malayo mandou chamar Sinaya de Raya, que logo foi com hum enteado ſeu chamado Tuão Mafamede, e recebendo-os bem, recolheo-ſe com Sinaya pera ſima, onde tinha homens que o tomáram, e deram com elle de huma janella em baixo, onde ſe fez em pedaços, porque cahio de altura de ſinco ſobrados. E vindo pera baixo diſſe a Tuão Mafamede o que fizera, e o porque; ao que lhe elle reſpondeo, que ſe tal era que fizera muito bem. Garcia de Sá o ſegurou, e lhe diſſe, que ſerviſſe ElRey de Portugal,

gal, que elle lhe faria muitas honras, e mercês, e que se recolhesse, e quietasse, mandando-o acompanhar até sua casa, e fez mercê ao Malayo que lhe descubrio a traição, que teve em segredo, sem se saber que veio delle: Logo correo a nova da morte de Sinaya, pelo que os Achens se recolhêram, e o seu Rey ficou mui magoado do successo. Tuão Mafamede assombrado do que víra, logo desappareceo com mulher, e filhos, e se passou a Viantana, onde estava o Rey que Pero Mascarenhas desbaratou em Bintão.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA IV.

00141115

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 16 June, 2016